

CHRIS PAVONE

“Livros que não consegues parar de ler é coisa que não existe,
mas este está quase lá.” — **STEPHEN KING**

DUAS NOITES EM LISBOA

Um rapto
em Lisboa
que abala
a Casa Branca



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CHRIS PAVONE

"Livros que não consegues parar de ler é coisa que não existe,
mas este está quase lá." — **STEPHEN KING**

DUAS NOITES EM LISBOA

Um rapto
em Lisboa
que abala
a Casa Branca



Ficha Técnica

Título: Duas Noites em Lisboa
Título original: Two Nights in Lisbon
Autor: Christopher Pavone
Revisão: Filipa Soares
Capa: Rui Rosa
ISBN: 9789892354798

Editorial Lua de Papel
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Chris Pavone
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
www.leya.pt

Capa

Ficha Técnica

PARTE I - O Desaparecimento

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11

PARTE II - O Rapto

- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21

PARTE III - O Resgate

- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31

PARTE IV - A Fuga

- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

PARTE V - A Recompensa

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Epílogo

Três Meses Depois

Agradecimentos

Duas Noites em Lisboa

Chris Pavone

Tradução de Inês Fraga

A justiça é a verdade em ação.
Benjamin Disraeli

PARTE 1

O DESAPARECIMENTO

CAPÍTULO 1

LISBOA, PORTUGAL

Dia 1. 7h28

Ariel acorda, sozinha. O sol jorra pela fenda entre as portadas, projetando uma coluna de luz na parede, quase dolorosa de contemplar.

Sente calor. Atira os lençóis para a outra ponta da cama, onde o marido deveria estar, mas não está. Os olhos saltitam-lhe pela divisão, como se por pedras ao longo de um riacho, em busca de sinais de John, sem, contudo, os encontrar, o que a mergulha na veloz água gelada de um pânico que conhece tão bem: e se estiver enganada acerca dele? Acerca de tudo aquilo?

* * *

O relógio da mesa de cabeceira exhibe 7h28 num vermelho perigoso. Muito mais tarde do que a hora a que por norma acorda, particularmente naquela altura do ano, os meses mais atarefados na quinta, quando os pássaros começam a chilrear por volta das quatro da madrugada, o trabalho no campo se inicia ao alvorecer, com os cães a ladrarem e os homens a gritarem acima do ruído das máquinas, que roncam. Seria difícil dormir com toda aquela algazarra, mesmo que quisesse.

Ariel tornara-se madrugadora após o nascimento de George, de início, por necessidade, quando ele era bebé, mas a verdade é que o hábito se mantivera, mesmo depois de o miúdo deixar de acordar. Madrugara tornara-se uma questão de atitude, de carácter. Ela queria ser conhecida por isso, nem que fosse apenas por ela própria: deitar cedo e cedo erguer, trabalhando com afinco no entremeio, uma pessoa séria e responsável, depois de uma juventude desperdiçada. Pior do que desperdiçada.

Apesar da batida acelerada no peito, Ariel ainda se sente atordoada, a cabeça num torvelinho. A noite anterior deve tê-la arrasado, a desidratação e fadiga generalizada de uma viagem além-fronteiras, o *jet lag*, a comida, o vinho e o sexo, o saporífero que John acabara por lhe impingir.

Ele levantara-se da cama, alagado, como ela, em suor. Voltara-se para contemplar Ariel, admirá-la nua, esparramada, uma flor rosada a alastrar-se pelo peito palpitante e subindo-lhe para o pescoço na direção das faces, como uma infecção veloz. Inclinar-se, mas parara mesmo antes de os seus lábios tocarem nos dela, olhara-a nos olhos, fazendo-a ansiar, até ao momento em que ela não aguentara mais e esticara o pescoço para um beijo longo e profundo, quase demasiado, que disparara uma nova vaga de formigueiros para acompanhar os que ainda não haviam desaparecido por completo. A pele dela parecia tão viva, com todas as terminações nervosas ativas, excitação pura.

Ariel observara-o caminhar lentamente pelo quarto às escuras, acautelando-se para não tropeçar, nem bater com um pé. Permanecia à janela, mexendo nas portadas até encontrar a ranhura e ouvir o clique que abria tudo aquilo. Cada mão agarrara uma portada e afastara suavemente os dois painéis até que a janela ficasse completamente a descoberto. Um gesto familiar, um suavíssimo toque com as pontas dos dedos, como quem pede licença.

Tal qual Ariel sempre desejara. Precisamente o que recebera em menos. Até então.

* * *

Ariel ouviu algo lá fora, para lá da confusão matinal do quarto.

– John?

Ninguém responde.

Caminha cuidadosamente na direção do som, estacando à porta da *suite*, ciente de que só está a usar uma *T-shirt*. Olha para baixo, a fim de ver até que ponto a cobre. Não o suficiente. Ouve o mesmo ruído de novo, vem de certeza dali, mesmo do outro lado da porta.

– John?

– *Desculpe*. – É a voz de uma mulher, abafada pela porta. – *Serviço de limpeza*.

Ariel espreita pelo olho mágico: avista uma camareira a organizar o carrinho.

– *Desculpe* – repete.

Ariel afasta-se. Olha em volta, para a saleta, cujas paredes se encontram pintadas num tom de cinza-claro tão luminescente que lembra o interior de uma concha de ostra. Os olhos detêm-se nos copos da bebida da véspera, nas almofadas do sofá espalhadas pelo chão, nos sapatos atirados ao acaso. Foi no sofá que começaram, ainda vestidos, mas já com os fechos abertos e os botões fora das respetivas casas, acariciaram-se, lamberam-se e chuparam-se, com os

joelhos magoados e vermelhos até que John disse “Vamos para a cama” num tom tremendo de excitação. Ariel nem conseguia falar.

Verifica o telefone: nada. Nenhuma notificação, nenhum alerta, apenas a fotografia de fundo de um rapazinho a abraçar dois cães grandes, uma fotografia que já tem quatro anos, mas é tão perfeita que Ariel não suporta substituí-la por outra mais recente e não tão idílica.

Ainda só são duas e meia da manhã na Costa Leste, onde vive quase toda a gente que conhece. Ariel ainda nem recebeu *spam* novo. Ativa a aplicação que localiza os telemóveis da família: o do filho, o do marido e o dela. Os dados demoram muito tempo a carregar, a determinar as geoposições díspares. A primeira bola que surge é a sua, AP, mesmo ali, no centro de Lisboa. De seguida, surge o filho, GP, exatamente onde deve estar a meio da noite, a mais de seis mil quilómetros dali, a dormir, decerto com pelo menos um dos cães – *Scotch* – na cama, provavelmente com o *Mallomar* também. Os cães são muito fiéis a George e vice-versa. A cama estreita consegue ficar muitíssimo apinhada, uma pilha de mamíferos malcheirosos, todos encostados uns aos outros, a sonharem.

A aplicação ainda não encontrou John, o ícone JW continua a “Localizar”, até que, de súbito, admite a falha. “Localização indisponível” num tom neutro, como se ela devesse culpar o dispositivo, a pessoa ou os caprichos do éter, tudo menos a aplicação. Nem as aplicações querem aceitar culpas.

Ariel está acordada há três minutos.

* * *

Quando deixou o primeiro marido há quase, quinze anos, Ariel abandonou tudo o resto também. Esvaziara a sua vida por completo e recomeçara do zero, enchendo a sua nova existência aos poucos – uma nova casa velha num local novo e sossegado, um bebé novo, um cão novo e louco e depois um segundo ainda mais doido, um novo penteado e guarda-roupa, uma nova carreira, uma área nova, novos amigos e passatempos, uma nova maneira de se comportar, de interagir com o mundo e de convidar o mundo a interagir consigo. Já não pretendia andar pela vida apenas enquanto uma mulher atraente.

Só pouco tempo antes é que se apercebera de que estava pronta para acrescentar a nova peça final, para cumprir a sua nova vida, que já não era assim tão nova e talvez não tão repleta quanto isso. Não consegue deixar de se questionar se conjurou John através do seu desejo ou precisamente o contrário.

* * *

Na véspera, ele permanecera à janela por um longo momento, iluminado pelas lâmpadas de rua que projetavam uma sombra longa no teto, uma forma assustadora, que parecia saída de um quadro de Munch na fantasmagórica luz

azulada da noite na cidade, provocando em Ariel um veloz espasmo de medo, uma velha sensação indesejada que a apanha de surpresa, de vez em quando, e ataca nos momentos mais inesperados. Ela pressente-os, mas não consegue prever quando a assaltarão ao certo.

Ariel fechara os olhos com força e inspirara fundo, tentando focar-se nas sensações físicas imediatas – a brisa quente que lhe chegava do Tejo, o grito distante de uma gaivota, uma lufada de maresia, salgada e talvez com um ligeiro odor a peixe, a pele arrepiada e quente. Exalava pela boca, lenta e longamente, com total controlo. Tudo tinha que ver com controlo.

Abrira os olhos, dando por findo o pequeno drama que existira tão-só na sua mente, um mundo de pânico privado.

Quando era mais nova, Ariel era destemida, momento em que as pessoas tendem a ser corajosas. Fora atriz, ora essa. Que pode ser mais destemido? Mas depois a vida conspirara contra a sua audácia, sugara-lhe a coragem, despedaçara-lhe a confiança de que poderia andar em segurança pelo mundo. Não podia. Não pôde.

John ainda permanecia à janela, a silhueta nua simultaneamente familiar – sentia que explorara cada milímetro do seu corpo, com a ponta dos dedos, a ponta da língua – e tão estranha, como qualquer outro corpo o é, como o é qualquer outra pessoa. Ela poderia saber como ele era, qual o seu sabor, e assim acontecia, mas não como ele se sentia, o que pensava.

Anos antes, Ariel perdera toda a fé na sua capacidade de ver os outros com clareza. Tivera tantas certezas acerca do primeiro marido e estivera tão errada, um erro surpreendentemente óbvio ao olhar em retrospectiva. Vira apenas o que Bucky quisera que visse, o que lhe colocara à vista. Fora um acessório involuntário da sua deturpação até ser tarde de mais. Não só demasiado tarde para aquele relacionamento, mas para todos os seus relacionamentos. Perdera confiança nos seus discernimentos, na sua capacidade de ver o verdadeiro eu de quem quer que fosse. Durante muito tempo, nem sequer tentara.

Aprendera alguma coisa? Claro. Mas todas as aprendizagens se perdem se não se continuar a estudar. Cálculo, Francês, História Colonial, Mitos Gregos, Ariel já não se lembra de nada disto. Já nem se lembra do que *é* cálculo. Há uns anos, foi pesquisar a palavra no dicionário, mas não ficou nem um pouco esclarecida.

– Em que estás a pensar? – perguntara.

John voltara-se para ela, a cara oculta pela luz da rua. Naquele instante, ainda lhe via menos a expressão. Nada, na verdade.

– Bem – replicara ele –, em amanhã.

O amanhã chegara. Era agora.

* * *

Vai tomar um duche, é isso que irá fazer. Vai tomar um duche e vestir a

indumentária de hoje, que escolheu há uma semana, passando o roupeiro em revista com uma pequena lista das roupas de que precisaria, para que fins, em que dias da curta viagem. Hoje será uma saia *midi* com uma blusa simples e descomplicada, mas *sexy*. A sua indumentária usual passa por umas calças de ganga, uma *T-shirt* e não costuma usar qualquer tipo de maquilhagem. Mas esta viagem a Lisboa não é habitual, logo, ela vai aplicar maquilhagem e usar um colar comprido com um pendente, acentuando partes do seu corpo que ela não costuma realçar.

De seguida, abrirá a porta e encontrará o jornal americano no capacho, com artigos sobre o serviço fúnebre do vice-presidente e o homem que foi nomeado para o suceder, notícias que têm dominado os meios de comunicação americanos nos últimos meses.

Ariel pegará no jornal e descerá com cuidado as escadas do hotel, demorando-se no mármore escorregadio, a mão a percorrer a balaustrada de madeira alisada pelo polimento e brilhante após dois séculos de fricção, os estragos a longo prazo da mão humana. Entrará numa luminosa sala de pequeno-almoço, empoleirada sobre a praça agitada e orlada de edifícios elegantes, por entre os quais os perigosos e velhos elétricos cham e guincham nos carris, repletos de turistas matutinos e dos habitantes locais de olhos ainda sonolentos a mastigarem pastéis, a contemplarem a elegante fachada do hotel, onde as cortinas ondeiam pelas portas francesas do primeiro andar, mesmo em frente à mesa baixa onde Ariel e John tomaram o pequeno-almoço dois dias seguidos, que passou a ser a mesa deles, e é aí que o marido estará, sentado com o café e os jornais, esperando por ela, erguendo o olhar com aquele seu sorriso...

Não está.

CAPÍTULO 2

Dia 1. 7h49

Onde é q tá?

O dedo dela paira sobre o ícone ENVIAR, mas não lhe toca. Ariel não é uma pessoa histérica e não quer ser vista como tal. Já fora acusada de histeria. De reações desproporcionadas. Fora desacreditada em assuntos sérios mais do que uma vez. Tornara-se relutante no que toca a defender quaisquer reivindicações que não possam ser provadas absolutamente, com provas infalíveis; nada de diz-que-diz. Já dera a sua palavra. Não fora o suficiente.

Só uma outra mesa se encontra ocupada na sala dos pequenos-almoços, o casal australiano com aspeto aposentado que também ali estava na véspera; nem consegue imaginar com que tipo de *jet lag* estarão eles a lidar. Por detrás do bar, uma televisão pequena passa um noticiário por cabo com um logotipo desconhecido no canto do ecrã, onde surge a história familiar, as filmagens do serviço fúnebre em Washington – senadores, ex-presidentes, uns quantos juízes do Supremo Tribunal, e, claro, o presidente.

Ariel desvia o olhar do grande ecrã, atentando novamente no seu ecrã pequeno. Carrega em ENVIAR e espera que o som confirme que a mensagem foi enviada com sucesso, contemplando-a no seu pequeno balão de diálogo, o *pathos* de uma missiva a um ser amado, que fica por responder.

João, o empregado de mesa, está a limpar copos enquanto um ajudante transfere os bolos de um tabuleiro para uma travessa. O pequeno-almoço é *self-service*. Não faz sentido a Ariel continuar sentada sozinha, ali, à mesa, sem comida nem bebida. O melhor é beber um café. Deveria ficar ali, bebericá-lo e ler o jornal enquanto espera pelo marido.

Isso é o difícil num relacionamento intenso, certo? Uma das coisas mais difíceis. A espera. Talvez fosse mais fácil antes, quando a única maneira de comunicar era por carta, transportada em mão, a cavalo, por navios de três mastros. Seriam necessários meses para trocar algumas linhas, não havia a possibilidade de um amante, independentemente do seu ardor – real, potencial

ou puramente imaginado –, responder de imediato. Não havia razão para esperar, torcendo as mãos, os olhos sempre fixos, uma e outra vez, naquela pequena tábua de salvação, aguardando, esperando que aquilo se iluminasse, que a janelinha surgisse: *Aqui estou eu, sim, ainda te amo!*

Ariel senta-se à mesa com o café e o seu jornal americano, forçando-se a olhar para a primeira página, a manchete, a única nos últimos dias. Há muito que aprendeu a sentir-se confortável sozinha em cafés e restaurantes, por norma, com um dos policiais que nunca para de devorar, projetando-se no papel de detetive ou de culpado maquiavélico, perdendo-se na ciência forense e nos meandros legais.

Mas hoje não. Hoje olha fixamente para o jornal, mas não consegue lê-lo. Hoje não se sente minimamente confortável.

– Posso ajudá-la? – É João, muito solícito, como de costume.

– Não, *obrigada* – replica ela, recorrendo a uma das doze palavras portuguesas que sabe. Estudou o pequeno compêndio de vocabulário no final de um guia, mas não avançou muito.

– Tem a certeza?

Ariel não quer ser uma mulher que se questiona por onde andarás o marido, um arquétipo tão comum da insegurança. Mas onde está ele? Não tem escolha.

– Viu o meu marido esta manhã?

Por um instante, João não sabe o que dizer, decidindo-se depois por um “lamento” com um sorriso indulgente, do tipo que qualquer um esboçaria naquela situação lamentável, àquela criatura lamentável.

– Hoje não, minha *senhora*.

– Ah, já deve ter ido trabalhar – replica Ariel, atabalhoada, quase num murmúrio, como quem não se quer comprometer muito com aquela mentira óbvia.

– Posso perguntar aos meus colegas. – João parece genuinamente preocupado, o que a deixa ainda mais envergonhada. Naquele momento, preferiria a falsa preocupação americana, uma preocupação que é mais serviço ao cliente do que interação pessoal, uma preocupação completamente fingida.

– De manhã temos duas... como é que se diz?... *camareiras*...

– Que simpático da sua parte, mas, por favor...

– ...e o Duarte na receção e...

– Meu Deus, por favor, não se incomode. – Ariel abana a cabeça vigorosamente. – A sério.

– Não é incómodo nenhum...

– O meu marido precisava de trabalhar cedo hoje. – Está a cavar um fosso maior nesta conversa. – E eu adormeci. – Lançando tolices por cima do ombro, não convencendo quem quer que seja.

– Tem a certeza?

– Sim. – Quer esconder-se debaixo da mesa. – Muito obrigada pela ajuda.

– Se mudar de ideias, já sabe.

– Avisá-lo-ei logo. – Não fará tal coisa. – Muito obrigada.
Só passaram vinte e quatro minutos desde que Ariel acordou.

* * *

– Que é que aconteceu? – pergunta Rodrigo.

João não quer espalhar rumores; não mexerica sobre os hóspedes do hotel nem sobre o que quer que seja. Mas algo o preocupa na mulher americana, na maneira como passa a vida a olhar para o telemóvel, na sua angústia mal disfarçada. Ainda ontem parecia tão feliz.

– Conheces o marido daquela senhora?

– Claro que sim.

O hotel só está com metade da capacidade. É fácil ficar a par dos convidados, especialmente dos que se deixam ficar muito tempo à mesa do pequeno-almoço, a fazerem olhinhos um ao outro.

– Viste-o esta manhã? – pergunta João.

– Não, porquê?

– Ela também não.

* * *

Ariel examina minuciosamente a *suíte*. O carregador de telemóvel de John está ali, mas não o telefone. Abre o computador portátil, que lhe exige de imediato uma palavra-passe; nem se dá ao trabalho de adivinhar. John não trouxe papéis para a viagem, nem ficheiros, nenhuma pasta repleta de tabelas e gráficos. Nada exceto as roupas, o telemóvel, aquele computador inacessível e... que mais...?

Regressa à casa de banho, o armário, com o cofre lá dentro, de teclado, através do qual ela o destranca...

Sim, ali está o passaporte dele e o seu também, juntamente com as chaves de casa, do carro e dinheiro americano, tudo coisas importantes, mas desnecessárias.

* * *

Quanto tempo passou? Catorze minutos desde que Ariel mandou aquela SMS. Tempo suficiente para ele responder, se pudesse. John responde sempre às chamadas ou mensagens o mais depressa possível. Essa é umas das coisas que ela sabe acerca dele. Sabe que os seus vinhos favoritos são tintos encorpados do sul de França, sabe a data do seu aniversário e o número que calça, uma miríade de pequenas coisas. Ele sabe o mesmo tipo de coisas sobre ela. A maior parte delas não vale de nada.

Esperou tempo suficiente. Chegou a hora de passar para um telefonema, que vai direto para o atendedor de chamadas sem um único toque. Não é que o

marido se esteja a recusar a atender; é que não pode. Nem sequer sabe que ela está a tentar ligar-lhe.

* * *

– *Bom dia* – diz Ariel, contemplando, na receção bem equipada, as antiguidades e peças de arte, a pele e a seda, todos os símbolos de luxo.

– Bom dia – responde o funcionário em inglês.

– Estou hospedada com o meu marido, John Wright, na *suite* Embaixador.

– Sim, *senhora* Wright. Chamo-me Duarte. Como posso ajudá-la?

Ariel pensa em corrigi-lo no que respeita ao apelido, mas para quê?

– Quando acordei esta manhã, o meu marido não estava no quarto e não consigo ligar-lhe.

Duarte parece incomodado, provavelmente está a pensar no que lhe pedirão para fazer. Há gente que parece ter gozo nisso – a água está demasiado quente, a eletricidade, demasiado audível, as toalhas, demasiado fofas, não há *Splenda*. Duarte está preparado para a loucura.

– O João mencionou que haverá empregados a quem posso perguntar por ele. Será que poderia?

– Poderia o quê?

– Perguntar-lhes se viram o meu marido.

– Sim, é possível. Vou já tratar disso. – Duarte, não compreendendo a urgência, espera que Ariel se afaste. Ela cruzou as pernas, deixando claro que se prepara para esperar.

– Ah – afirma o jovem. – Compreendo. – Pega no auscultador, troca umas breves palavras e dirige-se novamente a Ariel. – A Maria e a Leonor estão a caminho. Um minuto, por favor.

Ariel aquiesce com um movimento de cabeça.

– Está tudo bem com o seu quarto, *senhora* Wright?

– O meu nome... – começa ela, mas não continua.

Quando casara com John, Ariel já tinha mudado de apelido duas vezes. Nada a faria abdicar da sua nova identidade tão meticulosamente construída. John não discordara; nem sequer se punha isso em causa.

– Sim – replica –, obrigada. O quarto está ótimo.

Maria e Leonor entram juntas; Maria é a rapariga que Ariel vira no corredor uns minutos antes. Os três colegas falam rapidamente em português, que, aos ouvidos da estrangeira, parece um russo mesclado com espanhol. Não apanha uma só palavra. A única coisa que Ariel consegue detetar naquela língua é o tom – bom ou mau, sim ou não. Deve ser isto que um cão sente. Está a pressentir um não. Mau. Se tivesse cauda, estaria entre as pernas.

– A Maria sabe quem é o seu marido, mas não o viu esta manhã e a Leonor não sabe quem ele é.

Ariel percorre as fotografias no telemóvel – castelo, catedral, pedras de calçada, e, sim, ali estão: umas quantas *selfies* com um pano de fundo

pitoresco, o tipo de imagem que Ariel postaria nas redes sociais se fosse pessoa disso.

– Aqui está o meu marido.

A camareira olha para a imagem, depois para Ariel e de volta para o ecrã, como que a confirmar que a mulher diante de si é, de facto, a mesma que surge na fotografia. Ariel sente vontade de gritar *Isso não é importante!*, mas controla-se, ouve mais um pouco daquele português ininteligível.

– Desculpe – diz Duarte –, a Leonor não viu este homem hoje.

Agora, três gerações de empregados de hotel contemplam Ariel, todos questionando-se se podem continuar com as suas tarefas, longe da americana.

– Obrigada – diz Ariel, e todos esboçam um sorrisinho de alívio, libertos do desconforto de um problema marital que lhes é alheio.

* * *

A ausência de pistas é, em si, uma pista.

CAPÍTULO 3

Dia 1. 8h58

Antes de Ariel sair para a rua, altera a sua postura endurece a expressão no rosto, uma armadura que visa dissuadir o olhar masculino, desencorajar interações indesejadas ou, pelo menos, minimizá-las. Por um curto período de tempo, mostrara com facilidade o dedo médio, murmurara palavrões, soltara respostas tortas, mordendo a língua apenas em situações em que não tinha saída ou testemunhas. Sabia, porém, que as respostas belicosas nunca haviam melhorado nada e que, de quando em quando, até pioravam as situações. Numa cidade pequena como a sua, até perfeitos desconhecidos em carros de passagem poderiam tornar-se inimigos que ela teria de confrontar de novo num parque de estacionamento, numa praia deserta ou até na sua própria casa.

Portanto, Ariel engole o orgulho e controla os seus instintos militantes, apontando antes para a evasão, a atenuação, o apaziguamento, uma indignidade, é certo, mas preferível à agressão agravada ou pior. Porque os homens que se atiram agressivamente a mulheres no passeio são os mesmos que lhes batem, as violam, as espancam até à morte com chaves de roda.

* * *

O sol forte da manhã espalha-se pela fachada brilhante do hotel. Ariel olha pela colina abaixo, para onde John estaria se tivesse ido ao escritório dos seus clientes, os quais se localizam algures perto da enorme Praça do Comércio, com o seu imponente arco a dominar um lado e o longo estuário a espalhar-se do outro. Aquela praça fora, em tempos, o coração de Portugal, um dos mais importantes centros comerciais na Europa, em todo o mundo. Já não o era. Hoje, os negócios são feitos em torres de vidro duplo em bairros mais afastados.

A praça é para sul. Ariel dirige-se para norte, pela encosta íngreme do

Bairro Alto, ao longo das ruas estreitas repletas de lanternas de papel e estendais, panos de cozinha e camisolas de futebol a esvoaçarem acima de mesas diante de *cervejarias* e *tabernas*, pequenas lojas de conveniência, lojas que vendem sapatos, sardinhas e uma seleção impressionantes de artigos feitos de cortiça.

É segunda-feira de manhã. A cidade acorda mais depressa do que no fim de semana, com as lojas a abrirem e os cafés a encherem-se, com gente a caminho do trabalho a percorrer passeios e calçada, árvores frondosas por todo o lado, paredes grafitadas com nomes e iniciais, sinais de paz, grandes sorrisos de dentes à mostra e cães saídos de *cartoons*. Nada de armas, nada de RIP, nada de símbolos de ganges. Os grafítis de Lisboa são um sinal de exuberância, não de desespero.

Ariel caminha com o telemóvel na mão, carregando no ícone da casa uma e outra vez, passando o dedo pelo ecrã e nada recebendo, nada, nada, nada.

As padarias estão todas abertas, exalando diferentes aromas, o da suculência de açúcar e manteiga dos bolos e o da farinha e do trigo, aqueles odores europeus que, como as bancas de rua que vendem marisco e os vendedores de sumos naturais, não fazem parte da vida no seu país. A América tem outros cheiros de comida, envolvendo a maior parte deles carne de animal ou fritos.

Ariel continua a subir a colina íngreme, as pernas cada vez mais cansadas. Sente uma pontada no tornozelo esquerdo, que torceu no outono passado quando foi derrubada pelo labrador de alguém no relvado da vila. O ferimento foi apenas o insulto mais recente: o polegar entalado numa caixa pesada de livros, o pulso aberto a mudar uma lâmpada, a fascite plantar em ambos os pés, só porque sim, o disco comprimido no pescoço pela mesma razão injusta.

“Nem sei que lhe diga a não ser... Bem-vinda à meia-idade”, replicara o quiroprático.

Por uns tempos, Ariel convenceu-se de que um dia se livraria de todas aqueles incómodos: o tendão iria curar-se, a ortopedia iria funcionar, a prática regular de ioga iria mitigar-lhe a dor de costas, isto ou aquilo iria melhorar e tudo ficaria bem. Mas a verdade é que se passaram anos de queixas concomitantes e ininterruptas, e Ariel começou a aceitar que nunca mais estará totalmente livre de dores. Terá de lidar com pequenas lesões umas atrás das outras, aumentadas por alguma mazela mais intensa e ocasional, sem falar das doenças cada vez mais graves, uma implacável deterioração conducente a uma morte inevitável. Tal como as alterações climáticas, uma tendência que só segue numa direção e culmina na forçosa catástrofe, sem fins alternativos.

Apercebeu-se de que o que quer que tivesse para fazer teria de começar já.

* * *

As colinas íngremes de Lisboa oferecem paisagens por todo o lado – o castelo medieval, as ruas estreitas da velha cidade em baixo, a grande curva

do rio, a Ponte 25 de Abril entre os dois lados do estreito a apertar. Dali, Lisboa parece imensa, tantos bairros se espalham ao longe.

Ariel já não está habituada às cidades. Quando a sua vida se desmoronou em Nova Iorque, foi tudo por atacado, já não queria estar em parte alguma da cidade – todas aquelas pessoas, todos aqueles homens, a opressão constante de tudo aquilo. Deixou para trás o ruído, as multidões, os cheiros e o assalto sensorial generalizado, toda aquela dimensão imensa. É raro visitar cidades, apenas uma ou outra viagem de negócios, de duas noites, para as quais pede à mãe para vir da Carolina do Sul para tomar conta de George e dos cães, tal como está a fazer naquele momento.

Ariel tenta ligar de novo a John e, uma vez mais, o telefone não toca, vai diretamente para o atendedor de chamadas.

Na rua, contempla o local onde irá entrar. Não quer fazer aquilo que precisa de ser feito naquele momento, não quer que os dissabores comecem. Aquilo lembra-a de um momento no inverno passado em que acabara de adormecer quando, de súbito, o peito lhe começara a doer e todo o corpo lhe parecera frio. Tateara em busca do telemóvel, ligara para a melhor amiga com uns dedos perigosamente dormentes.

– Ariel? – A voz de Sarah soara roufenha de sono. – Está tudo bem?

– Acho... – Ariel quase não tinha fôlego para falar. – Preciso... Urgências.

Não queria uma ambulância, ouvira histórias terríveis de preços exorbitantes.

–Oh, meu Deus. Estou já a caminho.

George encostara-se no banco traseiro do *Subaru* de Sarah, com um casaco em cima do pijama, apertando o seu peluche, enquanto Ariel tremia no lugar do passageiro, cada vez mais assustada à medida que se aproximavam do hospital, onde a sua vida poderia mudar para sempre: podia estar a ter um ataque cardíaco, um aneurisma, quem sabe? Era uma mulher jovem – relativamente – e só lidara com os sintomas de uma maleita potencialmente fatal na televisão e no cinema. Não fazia ideia do que o corpo lhe poderia estar a dizer. Precisava de um intérprete. Ora, os intérpretes do corpo trabalhavam em hospitais.

Segundos depois de chegar às Urgências, fora levada numa maca por um corredor luminoso, as pessoas perguntavam-lhe o nome e a data de nascimento uma e outra vez, testes e mais testes, contraste bombeado pelo seu sistema circulatório, as horas a passarem George dormitando numa sala de espera, ao lado de uma máquina de venda automática, a repetição da frase terrível “embolia pulmonar” até que, por fim, às duas e meia da manhã, um médico se aproximou da sua cama com um sorriso amarelo e um propósito bem marcado; Ariel não tinha a certeza se seria o sorriso de conforto ou de alívio.

– Ms. Pryce, tem pneumonia.

Ao fim de dois dias de descanso e antibióticos, estava ótima. Porém, se

não tivesse ido às Urgências, poderia ter morrido naquela mesma noite. Por vezes, consegue-se a adiar a nossa hora; outras, não.

Sobe as escadas íngremes e entra.

– *Bom dia* – diz ao sargento no balcão principal. – O meu marido desapareceu.

* * *

Ariel está a tentar compreender a longa tirada da polícia fardada em português, que lhe parece ser composta por afirmações, acusações e talvez umas quantas perguntas.

– *Desculpe* – diz-lhe, recorrendo à palavra que aprendeu com outras pessoas a desculparem-se. – Não percebo português. Haverá alguém que fale inglês?

A polícia lança-lhe um olhar furioso.

– *Desculpe* – repete Ariel, tentando parecer triste, patética, digna de empatia.

Mais olhares furiosos. Como pode ela resolver aquilo?

– Ah! – Ariel ergue um dedo, o sinal universal para *um segundo, por favor*. Embora não tenha aprendido muito português antes daquela viagem, comprou uma aplicação. A típica abordagem americana a qualquer problema: comprar algo. Essa era uma das coisas que mais detestava no povo que mais detestava: a propensão para gastar dinheiro em tudo, de forma rotineira.

Mas ali estava ela, a digitar demasiado depressa no telemóvel, a digitar com demasiadas gralhas, quando uma só já é mais do que a conta. Não há maneira de uma aplicação de tradução conseguir adivinhar ideias com erros ortográficos. Volta a erguer o dedo, murmura uma nova desculpa, após o que carrega no ícone TRADUZIR, estendendo o telefone.

A agente olha para o ecrã, demora alguns segundos a ler. De seguida, olha para Ariel, reavalía aquela mulher que entrou na esquadra da polícia logo no início de uma manhã de segunda. A expressão no rosto dela suaviza-se e pede: *Um momento*.

* * *

– O meu marido. – Ariel alterna o olhar entre os dois detetives.

– Diz que desapareceu? – pergunta o agente. António Moniz tem um rosto caloroso e franco, mas Ariel consegue ler-lhe o ceticismo no sobrolho, no ligeiro semicerrar dos olhos.

– Bem, não sei se estará *desaparecido*. Mas não o consigo encontrar. Moniz acena.

– Quando o viu pela última vez?

– Por volta da meia-noite.

A última memória que Ariel tem da noite anterior é a de John de pé, junto

da janela aberta, olhando para a distância, para o seu dia seguinte. Não sabe a que horas ao certo terá adormecido, mas meia-noite parece-lhe razoável.

– Meia-noite? – Moniz parece surpreendido. – Meia-noite de hoje?

– Sim.

– Quer dizer que foi... – Verifica o relógio. – Há dez horas?

– Correto.

O agente respira fundo. É obvio que não sabe o que dizer, o que dizer àquela mulher. Lança um olhar de viés à colega, uma mulher atraente, mas austera, chamada Carolina Santos, que até então nada dissera.

– Compreendo que não decorreu muito tempo – diz Ariel.

– Não – concorda Moniz, talvez demasiado depressa, de forma demasiado sincera. – Não decorreu.

– Mas não é mesmo nada dele.

– Claro – replica Moniz. – Claro – repete, mas não parece uma reiteração, parece mais uma contradição, talvez sarcasmo.

Esta conversa ainda não é sobre John. Ainda é sobre Ariel e a sua credibilidade.

– Estou preocupada. – O olhar de Ariel saltita pelos dois polícias, em busca de apoio, não o encontrando. Não só a detetive Santos não falou, como nem sequer pegou na caneta. O seu papel ali parece ser o de olhar fixamente para a visitante. Ariel sente um ligeiro receio de Santos.

– O seu marido corre? – pergunta Moniz. – Quer dizer, faz corrida, como exercício físico? Será possível que tenha ido correr?

– Não. – Ariel abana a cabeça. – Os ténis de corrida estão no quarto.

– Tem o... como é que o posso dizer, tem dificuldades em dormir?

– Insónias? Não.

– Desculpe, não era a isso que me referia. Por causa da viagem? Das alterações horárias.

– *Jet lag*?

Moniz estala os dedos.

– Sim. *Jet lag*. Porque talvez, devido ao cansaço da viagem, tenha acordado muito cedo e ido dar um passeio. É possível?

– Talvez, mas porque não me deixaria um recado? Ou não telefonaria? Ou não atenderia o telefone?

– Não faço ideia, senhora. Consegue pensar nalgum motivo?

Ela abana a cabeça.

– Além disso, o John tomou um soporífero ontem à noite. Eu também. Para nos ajudar a ajustar. Para que estivesse em condições de trabalhar hoje.

– Trabalhar? Está em Lisboa em negócios?

– O meu marido é consultor e veio visitar um cliente.

– Já contactou o cliente? Talvez ele já esteja no escritório.

– Não posso. Não sei quem é o cliente. O John disse-me, mas não me lembro. Deveria ter apontado, bem sei. Não o fiz.

– E a senhora? – pergunta ele. – Veio em trabalho?

– Não. Estou só a acompanhá-lo.

Ariel repara que Moniz tem uma nódoa na gravata, gordura ou molho, algo oleoso.

– Faz alguma ideia, senhora Pryce, de onde o seu marido possa estar?

– Não, estou só preocupada.

– Está preocupada com o quê?

Poderiam ter acontecido tantas coisas más, não é? John poderia ter sido vítima de algum crime ou acidente, estar no hospital, atropelado por algum daqueles elétricos ou por um carro, uma carrinha, qualquer veículo. Ou poderia estar caído num beco, após ter sido assaltado, a esvair-se em sangue, inconsciente. Podia estar morto num mercado do peixe abandonado, junto do Tejo, amarrado a um cano enferrujado, o sangue a escorrer para esgotos industriais, juntando-se ao rio salobro.

Talvez tenha sido injustamente acusado de algo e esteja preso numa esquadra qualquer ou a ser interrogado numa embaixada. Ou esteja em Tânger, detido por seguranças, acusado de ser espião, contrabandista, um foragido à justiça.

Talvez a acusação não seja falsa. Ariel não conhece cada recanto das vivências de John. Talvez tenha um passado questionável que finalmente o tenha apanhado ou um presente questionável, que seja muito bom a esconder. Poderia estar envolvido em lavagem de dinheiro, fraude, evasão fiscal, escondendo-se por detrás do disfarce de consultor; quem diacho sabe o que faz um consultor?

Ou, claro, poderia estar ótimo. Ariel dará a impressão de ser demasiado protetora, insegura, tola. Precisamente aquilo de que já fora acusada: inacreditável.

– Não sei – admite.

Moniz bate com a caneta no papel, que Ariel repara estar quase em branco. Não disse grande coisa que mereça ser registada.

– Senhora, espero que compreenda que é impossível que a polícia procure todos os homens cujas esposas não os encontram pela manhã. Não faríamos outra coisa! – A tentativa de piada não produz o efeito desejado, algo de que se apercebe imediatamente, prosseguindo. – Tenho a certeza de que não será nada. O seu marido está no trabalho e regressará ao hotel ao final do dia.

Aquele é o tipo de otimismo infundado que Ariel abomina, lembrando o de um treinador desportivo. Não suporta aquelas palavras animadoras.

– Ele terá uma explicação boa ou uma explicação que não lhe agradará, mas não será uma explicação relacionada com crime. Nada de sério. E, de qualquer forma, vai voltar.

Moniz estendeu as mãos, chegando ao fim da história.

– Mas e se não voltar?

– Se o seu marido continuar desaparecido amanhã, por favor, regresse. Ou telefone-me. – Moniz retira um cartão de uma caixa de latão e dá-o a Ariel.

– Oiça, bem sei que só passaram algumas horas. Bem sei que não tenho

qualquer prova. Sei que não tenho muitas informações a fornecer. Sei tudo isso. Mas estou mesmo preocupada. Ele não está a atender os meus telefonemas nem me responde às mensagens, não me deixou nenhum recado. Não é esse tipo de pessoa. Por isso, não podemos começar a procurá-lo *já*?

Moniz aquiesce com um gesto de cabeça, percebendo a falta de compreensão dela.

– Senhora, estas informações que nos deu não são indícios de crime, não indiciam nada. O tempo decorrido desde que viu o seu marido pela última vez não é o suficiente para alarme. Neste momento, há centenas, talvez milhares, de pessoas em Lisboa que não veem a família ou um amigo desde ontem à noite. Pessoas cuja mulher ou marido não atende o telefone nem responde às SMS. Atualmente, esperamos que toda a gente esteja sempre disponível, contactável a todas as horas do dia e da noite, apenas porque é possível. Mas lá porque é possível, não faz disso desejável. Não a todas as horas, não para toda a gente.

Moniz tem toda a razão em relação a isso.

– Então, é só isto?

Não vale a pena discutir com ele, pois não? Não com um homem que já tem uma ideia fixa.

– Lamento que não possamos fazer nada neste momento. – O agente levanta-se, estende a mão para um cumprimento. – Espero que compreenda.

Ariel pode muito bem vir a precisar da ajuda da polícia, pelo que não quer entrar numa batalha perdida.

* * *

António Moniz contempla a americana a afastar-se.

– O que é que te parece?

A parceira só responde ao cabo de alguns segundos.

– Acho que esta mulher não conhece o marido tão bem como julga.

Segundo a experiência de Moniz, todos os polícias são cínicos, mas Carolina Santos eleva isso a um outro patamar.

– O que vale para quase todas as mulheres – continua Santos. – Mentem-nos a todas. Constantemente.

Moniz não discute com Santos, cujo pavio é muitíssimo curto no que toca a esse assunto. Além disso, não discorda.

– Ei, Érico – grita ela. A algumas secretárias, um detetive mais novo olha para cima, afastando o olhar das páginas de futebol do jornal. – Viste aquela americana que acabou de sair?

– Sim.

– Segue-a.

CAPÍTULO 4

Dia 1. 10h44

– Bom dia, chamo-me Saxby Barnes. – Estende a mão para um cumprimento, que dura ligeiramente mais do que o expectável. – Por favor, faça o favor de me seguir.

Barnes é um homem muito pálido, que exhibe quer a lapela com um *pin* da bandeira quer o sorriso forçado de um político. Um sorriso que toda a gente sabe que é falso, mas todos fingimos que não o é, os indivíduos que sorriem e os sorrisos, um pacto de ignorância simulada.

Passa um cartão magnético, conduzindo de seguida Ariel para uma grande sala, olhando por cima do ombro umas quantas vezes, provavelmente para se certificar de que ela não perdera a cabeça. Há muita segurança na embaixada dos EUA, formulários, formalidades e filtragem, uma ênfase na prevenção para que algo negativo não pudesse ocorrer ali, em vez de se proporcionar uma sensação positiva aos visitantes.

Do outro lado da sala, Ariel sente um olhar insistente. Contempla a figura que a observa tempo suficiente para fixar o homem de meia-idade com uma barba curta, uma camisa amarrotada e algo que parece um crachá de imprensa.

– Portanto, não consegue localizar o seu marido – diz Barnes, mal dobram a esquina.

– Isso mesmo.

– E é certo que, pura e simplesmente, não a *deixou*.

Barnes volta-se com um sorriso, e Ariel mostra-lhe uma expressão perplexa.

– Como poderia um homem deixar uma mulher como a senhora? – Agora sorri, orgulhoso de si, de ter encontrado uma maneira de se atirar a uma mulher casada e preocupada nem um minuto depois de a ter conhecido.

– Decerto nenhum homem com juízo – acrescenta, observando-a expectante. Quer que ela se sinta grata pelo elogio.

Ariel faz um esforço consciente para ver a humanidade em todos os que se

lhe cruzam no caminho. Tenta começar cada nova relação com o benefício da dúvida. Mas aquele tipo está a complicar-lhe a vida.

Engole o orgulho e esboça um sorriso.

– Por aqui – diz ele, abrindo-lhe a porta para um gabinete pequeno e arrumado. Enquanto Ariel passa por ele, sente o cheiro de álcool no seu hálito. De hoje? Ou ainda da noite passada? Conhece o género de indivíduo, que nunca recusa uma oportunidade para um copo e nunca bebe só um.

– Portanto, Mrs., hum...

– Ariel Pryce. Ms.

– Certo, Ms. Pryce – emenda ele com um esgar. – Posso oferecer-lhe algo para beber? Água?

– Não, obrigada – replica ela o mais cuidadosamente possível. Um não com um tom de sim.

– Parece um pouco, hum...

Demorara algum tempo a encontrar um táxi no sol inclemente e o ar condicionado no veículo era pouco convincente. Depois, precisara de aguardar no exterior da embaixada e, de seguida, numa saleta apinhada de pessoas frustradas. Provavelmente, tem o ar de quem esteve a transpirar em bica.

– Está imenso calor lá fora – diz ela.

– Portugal em julho! É expectável. Mas este calor é-me muito familiar. Sou da Georgia.

Claro que é, Saxby Barnes de faces vermelhuscas e voz melosa com sotaque sulista, no seu fato justo em tons de azul, com a típica gravata e sapato branco. O traje completo.

– Tem a certeza? Nem água?

É óbvio que Barnes não entende como uma mulher poderia rejeitar aquele gesto de delicadeza corriqueira que lhe está a tentar impor, espontâneo e indesejado. Ariel aprendeu que é nos tipos excessivamente educados que se deve confiar menos, aqueles que tentam convencer-nos do seu cavalheirismo e da sua generosidade.

– Está bem – concede. – Ficar-lhe-ia muito grata.

Barnes sorri ante a pequena vitória de uma solicitude agressiva, daquela arma retórica: impingir um favor com a expectativa de lhe extrair algo mais tarde.

“Não aceites um não como resposta”, dissera-lhe decerto a mãe, ensinando-lhe como se comporta um anfitrião educado. “Não aceites um não como resposta”, dissera-lhe o pai, ensinando-o a ser bem-sucedido nos negócios, na política, em qualquer profissão. “Não aceites um não como resposta”, disseram-lhe os companheiros de faculdade, ensinando-o a confiar no seu próprio juízo relativamente ao que uma rapariga quer, dissesse ela o que dissesse. Portanto, ei-lo agora, a tentar fazer tudo isso ao mesmo tempo, tal qual lhe foi dito durante a sua vida inteira por toda a gente.

O cavalheirismo pode ser só mais uma forma de hostilidade. O

cavalheirismo pode até ser a arma.

– Pode ser com gás? Já não tenho mineral.

Claro: dar algo, tirar algo.

– Com gás está muito bem.

Parece que Barnes quase acaricia a maçaneta. Ariel apercebe-se de que o frigorífico deve ser uma aquisição recente. Algo que Barnes teve de merecer ou pedinchar. Está orgulhoso daquele pequeno eletrodoméstico.

– Obrigada – diz ela. – É muito amável.

– Não tem de quê. – Senta-se. – Ora bem, precisamos de alguns, hum, pormenores...

Barnes abre a gaveta da secretária, tira dois objetos de *nylon* acolchoado, envolvendo o pulso esquerdo com uma daquelas engenhocas.

– Síndrome do túnel cárpico – explica ele.

O olhar dela pousa no jornal americano que não conseguiu ler naquela manhã, uma cobertura geral dos acontecimentos no seu país. Na primeira página, surge uma grande fotografia de um homem a quem foi atribuída grande proeminência nacional, de início enquanto conselheiro do seu velho amigo, o presidente, e, de seguida, com um cargo inesperado, mas irrepreensível no Gabinete. Porém, após o AVC do vice-presidente, o novato político está de repente na calha para entrar no palco mundial. Com o fim do mandato do presidente dos EUA a aproximar-se, é provável que aquele homem se torne um candidato à presidência dos Estados Unidos.

Barnes aperta o velcro, mas volta a abri-lo e a apertá-lo, certifica-se de que está bem feito. Repete o processo para o pulso direito, voltando-se de seguida para Ariel e anui, agora perfeitamente protegido dos danos quer da tendinite quer da gravidade. Ariel não consegue deixar de sentir alguma pena daquele indivíduo. Mas só um pouco.

– Poderia descrever o seu marido, por favor? Altura, peso.

– Tem cerca de um metro e oitenta. Não sei quanto pesa; não o vejo pesar-se.

– Mas por norma?

– É magro e estreito. – Não sabe descrever o corpo de John. É perfeitamente proporcional, belo. – Atlético, mas não demasiado musculado.

– Certo. – Barnes claramente não quer ouvir a descrição de um físico agradável de outro indivíduo. Insegurança e homofobia encontram-se tão estreitamente interligados que Ariel suspeita que sejam a mesma coisa.

– Que mais? Vejamos, cabelo?

– Castanho-escuro, ondulado e espesso. Olhos verdes.

– Tem sinais distintivos? Cicatrizes? Brincos? Tatuagens? Barba ou bigode?

Ariel abana a cabeça. John é um dos poucos homens singelos que conhece, com um guarda-roupa desprovido de marcas, sem peças de *merchandise* de equipas desportivas ou de faculdade, sem joias ou bonés de basebol. Até o seu carro é genérico, o que não é uma afirmação, mas chega a

ponto de ser uma afirmação explícita.

– Idade?

– Trinta e seis.

Barnes olha rapidamente para cima e de novo para o teclado do computador. Ela consegue vê-lo a calcular mentalmente num mero relance: Ariel é uma década mais velha, uma diferença que é mais do que uma coincidência quando ocorre com a mulher em relação ao homem.

– Seria considerado atraente?

– Sem dúvida.

Sabe que Barnes se debate com algo naquele momento, que presunções foram as suas quando ela chegou, que narrativa adicional está ele a construir: não foi Ariel que casou com um homem mais novo, foi John que sou com uma mulher mais velha. Barnes tem mais ou menos a idade de John. Talvez ele esteja a questionar-se sobre o que o faria casar-se com uma mulher mais velha. Aquela mulher mais velha.

Ariel estuda-o enquanto ele a estuda a ela. O tecido do fato está retesado, enruga nos lugares errados; o botão da camisa não fecha. Engordou recentemente, mais do que um quilo ou dois, e o guarda-roupa não se atualizou. Talvez esteja em negação, repetindo para si mesmo que aquele peso que ganhou rapidamente desaparecerá quando abdicar da sobremesa. Na próxima semana, quem sabe? Ou na outra a seguir.

– Ora bem, esta manhã não houve qualquer comunicação, certo?

– Certo. Não respondeu às minhas SMS nem aos *emails*. Quando tento ligar, o telemóvel vai logo para o atendedor de chamadas. Deixei umas quantas mensagens de voz.

Barnes olha de relance para a documentação em papel de Ariel, cujo preenchimento mais lembrou o de um seguro médico, algo que se faz numa prancheta com uma esferográfica com a marca de uma nova medicação para a diabetes.

– Então, o que têm estado a fazer em Lisboa?

– Coisas normais de turistas.

– Tais como?

Haviam feito a viagem de *segway* logo pela manhã, passeado pela zona do cais em busca de diversão – restaurantes e bares separados de marinas por uma pista para corrida e ciclistas, lembrando o sonho de revitalização urbano do século XXI. Haviam andado nos velhos elétricos, no famoso 28, vacilando em esquinas apertadas, para cima e para baixo ao longo das colinas íngremes, qual montanha-russa *vintage*, apinhada, desconfortável e bastante assustadora.

Barnes não digita muito bem, usando apenas uns quantos dedos, que espreitam por baixo das ortóteses, os olhos saltitando entre o teclado e o ecrã com relances ocasionais para Ariel, para os seus seios. Ela olha para baixo para se certificar de que está tapada.

– Contacto com alguém?

– Claro que sim, com imensa gente. No hotel, em restaurantes, nuns

quantos museus.

Tinham visitado a Gulbenkian, uma carcaça brutalista com uma das maiores coleções de arte privadas, os despojos de uma riqueza quase ao nível de uma nação. Também haviam ido a um convento que fora convertido num museu de azulejos, omnipresentes em Lisboa – encontram-se nas fachadas dos edifícios em padrões geométricos fantásticos, nas paredes de lojas e cafés, no chão de átrios. As pessoas sentiam-se mais frescas só de olhar para aquela suavidade em tons de azul e branco.

– Com alguém conhecido? Ou alguém que o seu marido conhecia?

– Não. – Ariel não vai falar a Barnes da mulher no café. – Temos um jantar formal marcado para amanhã à noite com os parceiros da empresa do cliente do John e as respetivas mulheres. Foi por isso que o John me pediu para o acompanhar nesta viagem; esse tipo de empresários pelos vistos gosta de conhecer as esposas.

– Que tipo de empresários?

– Os europeus.

Barnes lança um sorriso entendido, que provavelmente acha encantador. Não é. Todos os aspetos do encanto sulista daquele homem irritaram Ariel desde o início.

– O seu marido viaja muito em trabalho?

– Faz algumas viagens por mês, por norma, de duas ou três noites, a maior parte para a Europa.

– Acompanha-o com frequência?

– Esta é a primeira vez. Temos vidas ocupadas e não é fácil conciliar agendas para viajarmos juntos. A única outra viagem que fizemos foi em lua de mel.

– E quando foi isso?

– Há três meses.

Ariel consegue ver pelo sobrolho franzido de Barnes que a sua teoria está a tomar uma forma cada vez mais concreta – vocês são recém-casados, talvez conflituosos, a senhora não conhece, de facto, esse homem, que talvez a tenha deixado. Quem o poderia culpar? O pobre tipo só desapareceu há umas horas e ei-la já aqui, na embaixada. Tome lá alguma coisa para os nervos, minha senhora.

– Então porque veio desta vez? – pergunta. – A viagem de negócios de alguém não costuma ser divertida.

– Verdade – diz Ariel. – Mas nunca estive em Portugal e para esta viagem só precisava de comprar um vestido novo.

– Não foi um castigo *grande*, pois não?

Ariel, na verdade, não quisera comprar o vestido. Por norma, tinha muito cuidado com dinheiro, sendo avessa à ideia de moda em geral. Quando era nova, lia, naturalmente, todas aquelas revistas que nos recomendam o que comprar e como nos sexualizarmos – a maquilhagem, as roupas, os sapatos, a depilação –, mas já nem olha para essas parangonas, OS SAPATOS DE VERÃO

MAIS ATRAENTES E SENSUAIS, DEZ PASSOS PARA UM RABINHO MAIS FIRME, FAZ-LHE O MELHOR B**CHE DA SUA VIDA. Já não.

– Já verificou o seu saldo bancário hoje?

Ariel fica surpreendida com aquela reviravolta, embora, por outro lado, fosse expectável.

– Não.

– Não acha que deveria fazê-lo?

Não. E também não haveria muito para levantar, mesmo que o que Barnes está a insinuar seja verdadeiro. Mas é impossível.

– Porque é que não verificamos já? – sugere Barnes. – Para não pensarmos mais nisso.

Ariel sabe que a única razão para não o fazer seria se tivesse medo do que pudesse encontrar, coisa de que definitivamente não tem.

– Quer usar o meu computador?

– Não, obrigada. – Pega no seu telemóvel. – Qual é o *wi-fi*?

Barnes escrevinha qualquer coisa, passa-lhe um papel. Ela digita os números, abre a aplicação bancária, espera que carregue, o ecrã...

Ariel consegue sentir a pulsação a acelerar. Estará a ficar nervosa? Não é coisa para isso. Ela *sabe-o*.

O sinal da Internet parece forte, mas a resposta do telemóvel é fraca. Ariel suspeita de que se trata do oposto a uma ligação segura, trata-se provavelmente de uma rede concebida para capturar o histórico de *browsing*, toques nas teclas, palavras-passe de qualquer convidado que a use. Não se sente preocupada com a possibilidade de o Estado lhe roubar quatro mil dólares da conta bancária, mas está a ficar ansiosa com o facto de a página não carregar, espera, espera...

O ecrã carrega e revela o saldo tal qual deveria estar.

– Está tudo bem.

– Ótimo! – exclama Barnes. – São ótimas notícias. – Mas está claramente desapontado por se ver obrigado a descartar aquela teoria: um jovem atraente casa com uma mulher mais velha, limpa-lhe a conta bancária e desaparece num país estrangeiro, fora do alcance do sistema jurídico americano. Talvez Ariel tivesse presumido isso mesmo, se estivesse daquele lado da secretária, a confrontar uma mulher como ela, que aparece numa situação assim.

Ariel está bastante ciente de que está a ser observada ali, por câmaras, por pessoas que podem estar a espiar. Não conseguiu deixar de reparar em todas as lentes à medida que avançavam; não consegue agora deixar de imaginar que uma se encontra naquela sala também.

As câmaras não são novidade na sua vida. Ariel foi atriz na juventude, sempre hiperconsciente do seu físico, do que estava a comunicar, não só através das palavras e dos tons de voz, mas também da linguagem corporal, dos dedos a tamborilarem, dos joelhos a saltitarem ou dos desvios do olhar, dos muitos sinais que constantemente emitimos, não só quando estamos em palco ou diante de uma câmara, mas sempre, porque somos sempre

observados seja por que lente for. Por vezes, conseguimos abstrair-nos disso, ignorá-lo ou fingir que o fazemos. Todavia, outras, há mesmo uma câmara ali para no-lo lembrar, num canto de uma sala como aquela. Estamos a ser observados. Estamos a ser filmados.

* * *

Ao cabo de mais algumas deixas de um interrogatório superficial, Barnes deixa claro que não se sente tentado a recorrer à polícia local ou a envolver mais pessoal da embaixada na busca de John.

– Não há *alguma coisa* que possa fazer? – Ariel lança-lhe o seu olhar mais suplicante. Era algo para que costumava ter bastante talento, usando a sua aparência para encantar homens, sobretudo os que não eram astutos o bastante ou autoconscientes a ponto de reconhecerem que estavam a ser manipulados. Alguns homens desconfiam instintivamente de mulheres bonitas e excessivamente simpáticas; Saxby Barnes não é um deles.

Ariel aproxima-se; consegue ver-lhe os olhos a pousarem na abertura da blusa.

– Por favor?

Trata-se de uma habilidade que permitiu que se atrofiasse, uma habilidade que gostaria de não ter nem de precisar. Uma habilidade que ela desejava que não existisse. No entanto, admite a contragosto que pode ser útil no que toca a negociar com o patriarcado.

– Olhe, Ms. Pryce, não sou polícia. Não somos...

Ela baixa a cabeça desalentada e quase sente que ele aproveita a oportunidade para lhe olhar por baixo da blusa.

– Não é isso que aqui fazemos – continua ele. – Não encontramos pessoas que se afastaram dos seus, hum, companheiros há algumas horas. Isso é tarefa para a polícia, se é que é mesmo caso para tal, o que espero sinceramente que não. Mas está nesse estado apenas porque o seu marido saiu do hotel esta manhã sem lhe dizer nada? É que isso não faz dele uma pessoa desaparecida. Faz só dele um homem apressado... ou pouco atencioso... ou distraído. O que é muito mais provável do que lhe ter acontecido algo, sendo que nenhuma destas coisas é crime. Portanto, neste ponto, não podemos...

Barnes faz uma pausa, esperando que Ariel concorde, mas ela nada diz. O indivíduo levanta-se, estende a mão e esboça outro sorriso.

– Lamento não poder ajudar mais.

– A sério?

Ele anui com um aceno de cabeça, tentando parecer muito sincero na sua insinceridade evidente.

– Sim.

Ela está desapontada. Não só com o facto de ele não a ajudar, mas por não ter conseguido convencê-lo, por os seus encantos terem sido resistíveis por um homem que parece render-se tão facilmente.

Saxby Barnes não vai ser seu aliado. Ariel estará mais bem servida com o polícia português, que pelo menos tem uma expressão empática e uma parceira mulher. Não é muito, mas sempre será melhor do que nada, que é o que o funcionário americano lhe está a oferecer. Nada, com uma garrafa de água. Gaseificada.

Ariel está mais do que desapontada. Sente-se subitamente zangada – com aquele homem, consigo, com o mundo. Aquela fúria apanha-a desprevenida. Como um vulcão a irromper ao fim de anos num crescendo de pressão.

– Que raio de nome é Saxby, afinal de contas?

– Nome de família. Remonta a dez gerações.

Como se o mero facto de algo ser tradicional fazer disso admirável ou defensável. A mesma justificação foi usada para praticamente toda a injustiça na história do mundo.

– Então é orgulho na sua herança sulista? Dos bons velhos tempos?

O sorriso falso esmorece.

– Isso mesmo.

Ariel acha que é uma treta. Tem muitas experiências em primeira mão com os efeitos insidiosos e corrosivos da transformação da tradição em fetiche.

– Como o chá doce?

Barnes baixa a mão que ela não apertou.

– Ou a escravatura?

O seu peito enche-se de ar, ergue o queixo, desejoso de defender a sua honra e frustrado por não poder discutir com aquela mulher. É um cavalheiro! Mais: faz parte das suas funções mostrar-se amável.

Ariel gira sobre os calcanhares, encaminha-se para a porta.

– Oh, Ms. Pryce?

Algo no tom dele a preocupa. Olha para trás por cima do ombro.

– Por acaso, não será conhecida por outro nome? Ou o seu marido?

CAPÍTULO 5

Dia 1. 11h27

Encontra-se diante da embaixada, esperando que o batimento cardíaco abraque, que a mente volte a dominar o corpo. No passeio, uma mulher com uma mochila às costas ergue o telemóvel ao alto, tirando uma fotografia à embaixada, com Ariel em primeiro plano.

Ariel desbloqueia o seu próprio telemóvel e abre as diversas aplicações de comunicação, uma atrás da outra. Tem idade suficiente para se lembrar muito bem de uma vida antes destes apetrechos, de aplicações, de carros computadorizados, televisões inteligentes e termostatos remotos. Não acredita na infalibilidade da tecnologia, alimenta sempre a suspeita de que o despertador falhe, o boletim meteorológico esteja errado, a mensagem de voz não tenha chegado.

Mas não, não há nada de John. Nada de ninguém, de lado algum.

– Desculpe?

De repente, um homem está ao seu lado e Ariel retrai-se.

– Desculpe – repete ele. – Peço desculpa por a estar a incomodar. – É o homem de barba que viu enquanto atravessava a embaixada. – Chamo-me Pete Wagstaff. Sou jornalista. Talvez a possa ajudar.

Ariel estuda-o com os olhos semicerrados na luz ofuscante. Já sente gotas de suor formarem-se-lhe na parte de trás do pescoço.

– Sabe, na embaixada, estão muitas vezes de mãos atadas. – Mergulha a mão no bolso e retira um cartão de visita. Ariel reconhece o logotipo da agência noticiosa, CORRESPONDENTE EM LISBOA, números de telefone, *email*, uma morada de escritório.

– Obrigada – diz. – Não quero parecer ingrata, mas não posso falar consigo. Lamento.

Aquele homem não é tão velho como parecia do outro lado da sala. Também é mais bonito, com uma doçura tranquilizadora no olhar.

– Alguém lhe disse para não o fazer?

Ariel abana a cabeça.

– Simplesmente... não posso. Não leve isso a peito.

Ele sorri.

– Está bem. Mas, se se lembrar de uma maneira em que lhe possa ser útil, seja qual for o problema, contacte-me. Conheço bem a cidade e estou sempre disponível.

– É muito amável – replica ela, concedendo-lhe o seu sorriso mais terno. Ariel sabe que não pode recorrer a um jornalista, está fora de questão. Mas isso não quer dizer que este não lhe seja útil de alguma maneira, em determinado momento. – Não me esquecerei de si.

* * *

Ariel verifica as horas: sim, agora é uma boa altura. Ou, se não boa, pelo menos mais aceitável para lhe mandar a seguinte mensagem: ESTÁS BEM HOJE? Não consegue controlar-se quando estão separados, mesmo sabendo que deveria fazê-lo.

O telemóvel apita quase de imediato e o coração acelera-lhe no peito enquanto pega no aparelho.

SIM, MÃE, TUDO FIXE.

Bem, pelo menos respondeu. Porém, não é suficiente, repara ela. Faz uma chamada internacional.

– Olá – responde o filho. – Como é Lisboa?

– Quente. – Não quer contar ao miúdo o que está a acontecer. Só lhe apetece ouvir a voz dele. – Como vão as coisas por aí?

– Ótimas.

Agora é assim que George responde à maior parte das perguntas: *ótimo*. Por vezes: *bem*. A taciturnidade de adolescente a condizer com a silhueta trangalhada de adolescente. Contudo, de quando em quando, ainda lhe diz algo que a lembra de que é um miúdo, apesar do corpo. “Os cães são cidadãos?” Essa fora na semana passada, estavam eles no carro, a ouvir pela rádio uma notícia sobre imigrantes ilegais.

“Não, querido”, respondera ela, tentando não rir, o que era bastante difícil. “Os cães não são cidadãos.”

Ariel não conseguia imaginar que direitos, privilégios e responsabilidades os cães cidadãos imaginários de George poderiam ter. Votariam? Pagariam impostos?

– Como estão os cães? – pergunta agora, sabendo que é o único assunto de que sentirá vontade de falar.

– Bem. Estão a comer picalminças – responde, usando o termo para pequeno-almoço da linguagem privada que fingem que os cães falam. Jantar é jantaminças. Dentes é dentaminças. Há um tema. – O *Mallomar* pegou num pedaço da ração e está a sair da sala para o ir mastigar. O *Scotch* decidiu ignorá-lo.

– O *Mallomar* é louco.

– Muito. Agora, ouve, mãe, tenho de ir. O autocarro para a colónia de férias está a chegar. Adoro-te.

É isso, apercebe-se. Eis o que pretendia com aquele telefonema. Ouvir que ele ainda está disposto a dizer “adoro-te”, embora apenas em privado, e quem sabe só para terminar uma chamada. Mas ela agarra-se ao que pode.

* * *

A chefe dos serviços secretos, Nicole Griffiths, sente uma presença à porta do seu gabinete. Pousa a ponta da caneta na página para não perder o ponto onde está, após o que olha para cima, deparando com Saxby Barnes, um papel na mão esquerda, a mão direita erguida.

– Posso? – pergunta ele, fazendo o gesto de quem bate a uma porta imaginária e achando que está a ter piada.

Barnes aparece regularmente por ali, julgando que desenterrou informações importantíssimas, o que, por norma, não é verdade. Nicole espera que isso se deva a um certo fascínio pela ideia da CIA, não por ela.

– Se tiver de ser.

Barnes fecha a porta atrás de si.

– Uma turista americana acabou de reportar que o marido, um empresário, desapareceu. Acordou hoje de manhã e ele não estava lá, não atende o telefone.

– Interessante – replica Nicole, num tom de voz que sugere o contrário. Há gente no consulado em que ela confia, mas Barnes não é uma dessas pessoas. Falha-lhe completamente a inteligência para isso em mais de uma maneira. – Disse-lhe para ir à polícia?

– Já lá tinha estado. Disse que a polícia não ia fazer nada, que ainda é muito cedo.

Aquilo é normal. Nicole não responde.

– Parece uma cidadã exemplar – continua Barnes. – No papel, o marido também. Exceto por um pequeno pormenor: ambos mudaram de nome, separadamente, anos antes de se conhecerem.

A ponta da caneta continua pousada na página diante de si, um relatório ridiculamente denso acerca da vaga de travessias ilegais de Tânger através do Estreito de Gibraltar, uns meros quinze quilómetros de água que separam África da Europa. O autor daquele relatório deve pensar que vai ser pago à palavra. Como Dickens, para quem Nicole nunca teve grande paciência. Diz o que queres de uma vez por todas.

– Ele, há poucos anos; ela, há mais de uma década. Verifiquei-os rapidamente enquanto ela esperava. – Barnes parece orgulhoso do seu interrogatório de rotina. – E vê isto – continua. – A mulher não sabe da alteração de nome do marido.

Por uma vez, é possível que Barnes tenha encontrado alguma informação

secreta. Esta é uma das razões pelas quais se encontra um responsável pelos serviços secretos na embaixada, bem como pessoal de diversas agências. Também é por isso que a sua identidade não é secreta.

– Então, Mr. Barnes, o que pode a agência fazer por si?

Ele coloca a folha de papel diante de Nicole, já assinada pelo seu chefe no consulado.

– Será que pode encontrar o telefone deste cavalheiro?

– Claro que sim.

– E posso pedir-lhe para me manter informado?

– Naturalmente – replica Nicole, embora não tenha qualquer intenção de o fazer. Barnes não é nem esperto nem discreto, o que, no mundo dela, constitui uma combinação perigosa.

* * *

Ariel caminha pelo bairro de Alfama, que parece uma cidade completamente diferente, um labirinto de ruas estreitas e escadarias íngremes, edifícios vetustos pintados de branco com telhados de telha vermelha, a única parte de Lisboa que permaneceu intacta depois do terramoto, maremoto e incêndio de 1755, que destruiu oitenta e cinco por cento dos edifícios da cidade e matou cerca de um quinto da população. Ali, o ambiente lembra o de uma pequena aldeia, os vizinhos a conversarem nas vielas estreitas, os miúdos a chutarem bolas contra a parede, o odor de guisados de peixe, de amêijoas e de porco, gatos a deslizarem pelos parapeitos das janelas e cães a passearem impunemente pelas ruas interditas a carros.

* * *

Há três hospitais na zona da Baixa de Lisboa, e é para esses que ela liga primeiro. Nenhum deles tem registo de um John Wright, nem de qualquer americano por identificar. Tenta uns quantos mais distantes, abaixo do rio, acima do rio, no interior. Não, não, não. Não está num hospital.

* * *

– Vamos lá, meu velho – diz Kayla Jefferson. – Ordens da chefe: temos de encontrar um telemóvel.

– Um telemóvel?

– Bem, estamos à procura do proprietário.

Guido Antonucci pega nos seus óculos à aviador, pendura-os no colarinho do seu polo azul e levanta-se, trémulo. Os pés têm andado a doer-lhe imenso; provavelmente precisa de umas novas palmilhas ortopédicas. Trabalha em Lisboa há mais de dois anos, mas ainda não enfrentou o desafio de encontrar um ortopedista. Que chatice.

– Pelos vistos, o aparelho não se mexe há seis horas – diz Kayla. – Portanto, há grande probabilidade de não virmos a encontrar a pessoa. A menos que esteja morta.

Kayla é uma jovem atlética, saída há apenas alguns anos da pista universitária em Howard. Goza com Antonucci, recorrendo a piadas sobre velhos, carecas, calçado ortopédico. Encontra-se numa fase da vida em que as melhores amigas ainda são as colegas da sororidade, da faculdade, mas há de aprender, muito em breve. A vida na Direção de Operações da CIA provoca um desgaste maior do que se imagina, independentemente do ponto de partida no *continuum* da condição física. Em tempos, Antonucci também fora um atleta universitário, mas já nem vale a pena mencioná-lo. Nem se lembra da última vez em que falou com um colega de fraternidade.

– É para aqui que vamos. – Kayla mostra-lhe o telemóvel, um mapa da cidade, um ponto vermelho a oito quilómetros da embaixada. – Pelo que consigo ver, não há nada ali. O edifício mais próximo é um armazém abandonado.

Antonucci destranca a gaveta de cima, pega na arma, guarda-a no coldre do tornozelo. Armazéns abandonados são quase sempre espaços feitos à medida para atividades ilegais, pelo que fica muito satisfeito por levar um revólver.

– Morto não parece impossível – diz, erguendo-se a custo da cadeira.

– Belo gemido – lança Kayla.

Antonucci sabe que é da velha guarda e que Jefferson definitivamente não, motivo pelo qual muitas vezes lhes é atribuído trabalho em equipa. Gosta da jovem e, geralmente, não se importa com as graçolas dela. Quando entrou para a CIA, não havia praticamente mulheres e quase nenhum ítalo-americano. No entanto, hoje em dia, tem uma parceira, uma chefe e, por vezes, sente falta da camaradagem fácil de trabalhar com homens. Agora, tem de ter sempre cuidado. O que também é exaustivo.

Até o seu nome constitui uma relíquia do passado. Será que ainda haverá miúdos americanos chamados Guido? Duvidava, e que alívio. Detesta o nome, tão caricatural, tão fácil de ridicularizar. Mas a verdade é que estas coisas parecem reciclar-se, renascer com um toque de ironia.

– De quem é o telemóvel?

– De um empresário americano.

– Perdeu-o? – Dirigem-se para a garagem. – O que é que somos agora, um Genius Bar?

– Não, a mulher perdeu-a *ele*. Mas não te preocupes, Guido. Se nos despacharmos, ainda chegamos a tempo da tua sesta da tarde.

1 Trata-se de uma estação localizada dentro de cada loja Apple (N. da T.).

CAPÍTULO 6

Dia 1. 12h48

Ariel estuda a praça apinhada, olhando para os bancos, as lojas, os cafés, o sinal em néon verde da farmácia. Aquele sítio tem sempre movimento ao longo do dia e até muito tarde durante a noite, é um lugar que parece simultaneamente muitíssimo seguro, mas, por vezes, perigoso, um espaço que...

Claro.

Sim, identifica uma ali. E outra acolá, e – boa – uma outra ainda diante do seu próprio hotel, para onde corre agora, entrando e subindo pela escadaria suave, a galgar dois degraus de cada vez; entra de rompante na receção, onde Duarte olha, alarmado, para a americana ofegante, transpirada e com um ar bastante tresloucado.

– Será que posso ver as filmagens de segurança?

* * *

A detetive Carolina Santos desliga o telefone, acaba de tomar nota, após o que se volta para o parceiro. António Moniz é alguns anos mais velho do que ela, mas entrou para a polícia muito mais tarde, depois de ter passado os seus vintes a fazer coisas de que não fala. Ao longo dos anos, Santos tem vindo a suspeitar de que o colega passou essa década na droga e a viajar, talvez a fazer a viagem *hippie* pelo Sudeste Asiático e pela América Latina ou talvez só a passear pela Europa, em Berlim, Praga ou Bucareste, os lugares onde as pessoas desperdiçam a juventude, antes de se aperceberem de que a juventude não é para se desperdiçar. Agora, Moniz é mais um homem de meia-idade com uma fotografia de uma criança na secretária e um trabalho governamental respeitável. Toda a gente se torna, mais cedo ou mais tarde, respeitável. A menos que vão presos. Ou morram.

– Era o Érico? – pergunta Moniz.

Os visitantes presumem, naturalmente, que a criança é sua filha. É para isso que a fotografia ali está.

– Sim. Tem estado a seguir a americana desde que saiu daqui. Esteve mais de uma hora na embaixada dos Estados Unidos. Quando saiu, foi abordada pelo repórter americano que anda sempre por ali. O Érico não se lembra do nome do tipo e eu também não. Tu?

Moniz abana a cabeça.

– Teve uma breve conversa com o jornalista, aceitou o cartão que ele lhe estendeu, andou a passear por um bocado, após o que apanhou um táxi de volta para o hotel. Antes de entrar, ficou por uns minutos no passeio, a olhar em volta, a girar sobre si devagar, examinando toda a praça. Talvez como quem procura pistas.

Essa seria decerto a explicação óbvia. Moniz não tem tanta certeza disso, mas morde a língua. Santos vai desenvolver as suas próprias teorias, baseadas nas suas experiências e atitudes. Moniz fará o mesmo. Com sorte, as teorias de ambos coincidirão, o que acontece nos casos fáceis. No entanto, Moniz suspeita que aquele não vai assim.

* * *

Como nos deveremos sentir quando estamos na iminência de uma crise mortal? Quando fica claro que daqui a nada um fogo incontrollável nos vai devorar o carro, um furacão vai arrancar-nos o telhado de casa, a rixa no bar vai acabar em homicídio? Algo que de início não parece nada de especial, um soluço apenas, mas que, de repente, nos começa a asfixiar e só nos concede segundos para nos salvarmos.

É assim que Ariel deveria estar a comportar-se naquele momento?

No inverno anterior, se não tivesse ligado para Sarah e ido para as Urgências a meio da noite, poderia ter morrido de pneumonia. Por vezes, o que julgamos ser pânico é, afinal, um ato racional de autopreservação.

* * *

– Caramba – diz Guido Antonucci. – Que raio estamos nós a fazer?

– Estamos à procura de um telefone, Guido. Já te esqueceste? Será Alzheimer?

Antonucci continua a examinar de forma meticulosa o lixo.

– Eu sei o que estamos a fazer *literalmente*.

– Então estás a perguntar em termos metafóricos?

– Foi para isto que entrámos para a Agência, Jefferson? Para andar a peneirar lixo português à procura de telemóveis? Como se fôssemos polícias novatos?

– Estás a falar especificamente? Não, admito que não era isto que tinha

em mente.

– Deveríamos ter trazido luvas.

– Aqui, olha.

– Não toques.

– Achas que sou palerma, não achas? Talvez te questiones acerca de quem me ata os atacadores de manhã.

Antonucci afasta-se, pega no seu telemóvel, usa uma ligação segura para telefonar à chefe.

– Encontrámos o dispositivo num caixote de lixo de um armazém abandonado.

– Algum sinal do proprietário? – pergunta Nicole Griffiths.

– Não há sinal do que quer que seja. Estamos perto do rio, no outro lado dos carris.

– Qual é o aspeto do armazém?

– Parece que não foi usado. Há um portão trancado que vai dar à zona de carregamento e não há aqui veículos. Conseguimos espreitar para dentro por uma das janelas voltadas para a rua e parece estar completamente vazio. Embora possa haver coisas ou pessoas lá dentro. Para termos a certeza, teríamos de fazer, hum... – Antonucci cala-se. Ligação segura ou não, não quer falar em quebrar a lei.

– Não – diz Griffiths. – Um telemóvel descartado não estaria mesmo ao lado do motivo para o deitarem fora.

Antonucci olha para o caixote de lixo, estranhamente cheio, tendo em conta o local tão fora de mão onde se encontra. As pessoas devem usá-lo para se livrarem de lixo doméstico ilegalmente.

– O caixote está bastante cheio – diz. Trabalhou em cidades com serviços de saneamento relegados para segundo plano e sem financiamento, com lixo por todo o lado. Lisboa não é uma delas. Os caixotes não podem transbordar.

– Acho que a recolha deve ser em breve. Devemos pegar no dispositivo?

– Sem dúvida – replica Griffiths. – Vamos dar-lhe uma vista de olhos.

* * *

O registo da hora identifica que foi às 6h51 que John passou pelo pequeno átrio, que não é bem um átrio – não tem mobília, nem secretária, é apenas um vestíbulo espaçoso, um espaço fresco, arejado, com ladrilhos no chão, no extremo do qual se encontra a porta principal do hotel e, no outro lado, o elevador e a escadaria que dá a volta ao centro do edifício. A receção é lá em cima, naquele que, na Europa, toda a gente considera o primeiro andar; tal como a palavra *entrée*, tem um significado completamente diferente do que lhe é aplicado na América. Lá de cima, da receção, o vestíbulo é monitorizado através de uma câmara de segurança instalada num canto, perto do elevador, de frente para a porta principal.

Quando John saiu do edifício, alguns dos empregados já haviam entrado:

um ajudante de cozinha, às cinco e meia e, mesmo antes das seis, Duarte, seguido, alguns minutos depois, pelas duas camareiras.

Uma segunda câmara pende do exterior do edifício, encarando obliquamente a porta principal, o que fornece um semiperfil de toda a gente que entra e uma vista decente de uma pequena porção do passeio. É impossível que aquela posição estratégica consiga ajudar muito na identificação de quaisquer caras; o principal benefício da câmara deve ser o de identificar atividade ou tão-só desencorajá-la. Trata-se de uma câmara que seria detetada por quem quer que procurasse uma, coisa que qualquer gatuno faria.

Ainda eram 6h51 quando aquele dispositivo filmou John a abrir a porta e olhar em volta. Deu um passo em frente e ergueu o ângulo da cabeça como se tivesse reparado em algo ou alguém. Nesse momento, estacou, talvez surpreendido, talvez indeciso, sem saber o que fazer. Depois, decidiu-se e deu umas quantas passadas nessa direção, após o que desapareceu de vista.

A filmagem mostra sobretudo as costas de John, com um relance do perfil. Ariel consegue ver que ele está a usar calças de fato e uma camisa branca, embora sem casaco ou gravata, não levando nada consigo – nem pasta, nem jornal, nada. Não parece um empresário a caminho do trabalho.

– Vamos ver isso de novo.

Duarte olha para Ariel. Já examinaram as filmagens duas vezes e não há nada para ver, mas o empregado não vai discutir. Não se discute com os hóspedes e decerto não com um hóspede naquele tipo de apuros. Com aquela personalidade.

Voltaram a assistir a tudo, viram John a sair do enquadramento de novo, aparentemente o fim das provas. Ariel, contudo, permanece com o olhar colado ao ecrã, à procura de algo mais, alguma coisa, algum movimento, alguma mudança, algum...

– Aí – diz a Duarte. – O que é isso?

– Desculpe? O quê?

– Isso. Olhe: recue uns segundos.

O jovem move o cursor.

– *Aqui*. Está a ver? Aquela grande sombra? Mexe-se na mesma direção, uns segundos depois de o John sair de vista. O que acha que é?

– A rua é por ali. Portanto, a sombra deve ser um automóvel. Que mais poderá ser?

– Não sei. Um elétrico?

– Não, um elétrico é muito maior e tem uma forma diferente.

O funcionário afasta-se do ecrã com a expressão satisfeita de quem acabou de resolver um enigma.

– Julgo que aquilo é um carro, *senhora*. E está a afastar-se. Depois de o seu marido ter entrado nele.

Ariel encontra-se no local onde o carro fantasma estaria. O hotel ergue-se num dos lados daquela rua, o parque, no outro. Escrutina o espaço em todas as direções, absorvendo tudo, as árvores, os candeeiros de rua, as portas dos edifícios, as entradas dos escritórios e de casas particulares. Identifica pelo menos uma dúzia de câmaras, mas não lhes consegue ver as lentes; nenhuma delas se encontra virada para aquele lugar. E se dali não consegue ver-lhes as lentes, então, elas também não a verão. Não é assim que funciona? Física ocular? Lógica?

Ser hiperobservador é uma grande parte de ser ator. Quando Ariel abdicou de representar a nível profissional, não se tornou menos observadora; limitou-se a observar novos objetos. Nas décadas que desde então passaram, a sua dieta regular de policiais orientou-a precisamente para aquilo: procurar pistas.

Há demasiadas árvores ali, que obstruem a vista. As árvores abundam em Lisboa, não só em parques e praças, mas em canteiros redondos nos passeios, em vasos diante das lojas, providenciando refúgio do sol inclemente.

Ariel sabe que nenhuma das outras câmaras naquele parque pode fornecer-lhe provas úteis.

Mais um beco sem saída. Estão a acumular-se rapidamente.

CAPÍTULO 7

Dia 1. 13h49

Chegou a hora de almoço. Os passeios da Baixa estão apinhados, mas as pessoas aqui não parecem apressadas, não contemplam, absortas, ecrãs, não tentam obter uma situação favorável nas esquinas, não entram em despique com carros, camiões e outros veículos. Ao invés disso, parecem desfrutar de uma pausa de lazer, caminhando devagar no calor, sem casacos, as mangas arregaçadas, mantendo-se na sombra das ruas orladas com edifícios em tons de pastel, de ameixa e de pêssago, de lavanda, de menta e de todos os matizes possíveis e imaginários de amarelo, com finas linhas negras de candeeiros suspensos, caixilhos de janela e grades de varandas, ornamentação que parece tinta da China sobre aguarela.

Ariel deveria comer alguma coisa. Não chegou a tomar o pequeno-almoço – sentia-se demasiado ansiosa – e não conseguiu acalmar-se desde então. É difícil imaginar-se sentada à mesa, comportando-se como uma pessoa civilizada, à espera da água, da ementa, da conta. São tédios que dificilmente aguenta até nos seus melhores dias.

– Senhora Pryce, que bom é vê-la de novo. Tão depressa.

Há no tom de Moniz um certo desapontamento, mas o que poderia ela esperar?

– Tenho provas. – Ariel pousa a *pen* na secretária do detetive.

– Ai, sim? – O homem semicerra os olhos enquanto estuda o dispositivo.

– Desculpe – diz, apalpando o casaco em busca dos óculos. – Não é nada conveniente perder visão. Desagradável. Já lhe aconteceu?

Ela abana a cabeça.

– Ainda não? Tem sorte.

Sorte é algo que não associaria a si, mas agora não é altura de discutir. Não acerca disso.

Moniz gira a *pen*.

– Por favor, diga-me: o que é isto?

– É um cartão de memória. Uma *flash drive*. Contém filmagens da câmara de segurança do hotel que mostram o meu marido no passeio hoje de manhã.

– Este aparelho... este vídeo... foram-lhe fornecidos pelo hotel?

– Sim.

Ariel percebe que Moniz não está muito entusiasmado para ligar o computador na esquadra de polícia àquele dispositivo que lhe está a ser entregue por uma americana possivelmente perturbada. Pousa-o, afasta-o de si, como se fosse perigoso ou cheirasse mal. Pega no telefone fixo e troca umas palavras breves.

– Um momento. – Indica-lhe a cadeira. – Por favor.

Olham-se nos olhos por uns segundos, após o que ambos desviam o olhar, Moniz apontando-o para baixo, para o seu bloco de notas, e Ariel contemplando a sala, reparando no conjunto habitual de coisas numa esquadra. Há muito tempo que não entrava numa, mas lembra-se vividamente da última visita.

Volta novamente o olhar para Moniz, que também é o que ela esperaria encontrar numa esquadra, o típico agente – nos seus quarentas, cabelo ralo, compensado por um bigode farfalhado, uma silhueta larga com uns quantos quilos a mais, que lhe repousam no ventre, distendido na linha do cinto, a típica barriga de cerveja, que lembra a de uma grávida de seis meses. Quando ali estivera mais cedo, Moniz tinha uma nódoa na gravata. Agora, acrescentou à camisa azul-clara um salpico de algo que lhe parece molho de tomate.

Ao lado do monitor, uma moldura prateada contém uma fotografia de uma menina de cinco ou seis anos, sem a mãe. Ariel olha-lhe para o anelar e não encontra nenhuma aliança.

Chega uma colega fardada, entrega um portátil a Moniz, que insere a *pen* e vê o breve vídeo, aproximando-se de seguida do ecrã e voltando a vê-lo.

– Olhe – diz Ariel –, depois de o John desaparecer do enquadramento, está a ver a sombra?

– Sim.

– Viu-a mexer-se? Julgo que é um carro a afastar-se. Com o meu marido lá dentro.

Moniz não valoriza aquelas conjecturas. Continua a observar o ecrã, uma cena completamente estática, durante cerca de dez ou vinte segundos. Ariel pergunta-se o que procurará ele. Talvez nada, talvez esteja só a tentar ganhar tempo, a tentar descobrir o que dizer àquela mulher para que lhe desampare a loja, o deixe em paz. Ariel não se imagina a ter um trabalho daqueles, passar o dia inteiro a confrontar-se com problemas alheios.

A parceira dele aproxima-se. Santos anui a Ariel, após o que troca umas breves palavras em português com Moniz. Ele aponta para o portátil, e Santos inclina-se. Ambos os detetives observam o vídeo, muito concentrados. Moniz tira os óculos de ver ao perto, pousa-os com cuidado na secretária, ajusta o ângulo.

– Lamento – diz. – Bem sei que está preocupada com o seu marido, mas

este vídeo não me parece, a mim – bate no peito com o indicador –, prova de algo ilegal.

– Mas vê a sombra?

– Sim, vejo-a.

– Talvez o vídeo possa ser aumentado. Assim, poderíamos identificar pormenores acerca do carro.

– Refere-se àquela sombra?

– Não há nenhum programa que se possa usar... não sei... para se descobrir a marca do carro? A partir do formato da sombra?

Moniz morde o lábio inferior, como se mastigasse a ideia. Volta-se para a parceira.

– É possível – diz Santos. Ela fala!

– Certo – replica Ariel à mulher. – Vamos fazer isso.

Os dois polícias debatem-se com a ideia. Não sabem se devem aceitar a sugestão de Ariel ou como a rejeitar e qual dos dois o fará.

– Se esta sombra for um carro, não é possível que o seu marido esteja a entrar nele porque vai para o escritório com o cliente, onde se encontra neste preciso momento a trabalhar?

Ariel quase revira os olhos.

– Não é uma explicação possível? Não é a *mais* provável?

– Sim, claro que é *possível*. Mas olhe: ele não está a usar casaco ou gravata. Trouxe *quatro* gravatas para três dias de negócios. Porque é que traria todas essas gravatas se não tencionasse usar nenhuma para o escritório num dia cheio de reuniões?

Os polícias não têm resposta para aquilo.

– Ele está *desaparecido* – diz Ariel.

– Talvez. Mas estar desaparecido sem casaco ou gravata não é crime.

– Mas... – Que pode Ariel dizer? – Temo que lhe tenha acontecido alguma desgraça.

– Uma desgraça – repete Moniz. – Que desgraça?

Ariel aponta com o queixo para a moldura na secretária.

– É sua filha?

Moniz não responde.

– E se o senhor acordasse esta manhã – continua Ariel – e ela não estivesse na cama, onde era suposto estar, e não lhe tivesse deixado um recado e o senhor não a conseguisse contactar? Que é que faria?

Moniz não responde, pelo que Ariel se volta para a mulher, que permaneceu de pé, sem querer participar na conversa.

– Por favor – pede Ariel. – Não pode fazer *alguma coisa*? – Ariel não gosta daquilo, de apelar à mulher, parece-lhe tão inconsistente, tão redutor. Mas funciona. Funciona quase sempre. Santos anui.

– Está bem – diz Moniz. – Começemos pelo início. Porque é que o seu marido está em Portugal?

Leonor desliga as luzes da casa de banho e volta a sua atenção para o quarto. A roupa de cama está num desalinho, as almofadas estão por todo o lado, os lençóis, no chão. Uma noite louca, pensa ela. E depois, pelos vistos, o marido desapareceu. Leonor quase espera encontrar sangue, drogas, algo. Não confia em Americanos.

Antes de ajeitar o lençol de baixo, ajoelha-se – a parte mais dolorosa do trabalho – para verificar debaixo da cama. É então que vê aquilo.

* * *

– Deveria saber o nome do cliente – admite Ariel uma vez mais. – Tenho noção disso. Deveria saber o nome da empresa, a morada, o nome do contacto do meu marido. Deveria saber todas estas informações ou, no mínimo, algumas.

Assim listadas, todas as coisas que Ariel deveria saber e não sabe parecem-lhe uma grande falha.

– Mas quando o John me falou desses pormenores, não os anotei e pura e simplesmente esqueci-me de tudo. Lamento.

– Mas ele partilhou consigo todas essas informações? – pergunta Moniz. – Tem a certeza?

– Claro que sim.

– Sabe que tipo de empresa é? Talvez consigamos limitar o leque de possibilidades.

– De fabrico.

– Boa, boa, já é alguma coisa. – Moniz anota a palavra. – Fabrico do quê?

– Talvez algo que envolva recursos naturais?

– Boa. Boa! A indústria mineira é muito importante cá. Ferro, zinco, coobr...

– Não me parece que seja isso.

– Pesca? Vinicultura?

– Julgo que me lembraria se estivesse relacionado com minas, pesca ou vinicultura. Não só como recursos naturais.

– Temos uma grande indústria de madeira, especialmente de cortiça. Sabe que Portugal é um dos principais produtores de cortiça no mundo?

– Já reparei.

– Então, cortiça?

Ariel faz uma pausa respeitável antes de encolher os ombros. Não quer descartar a possibilidade, nem menosprezar os esforços dos investigadores da polícia. Estão a tentar. Mais não poderia pedir.

– Julgo que o executivo mais importante se chama Jorge – anuncia.

– Jorge... Muito bem... E o apelido?

Ariel abana a cabeça.

– Bom, também isso é melhor do que nada. Mais alguma coisa?
– O Jorge, tenho a certeza de que é esse o nome dele, é um golfista com um *handicap* baixo.

Moniz aponta a informação.

– Quando é que o seu marido lhe contou estas coisas? – pergunta Santos.
– Há cerca de um mês, quando me convidou para o acompanhar nesta viagem.

– Um mês não é muito. Porque é que não se lembra?

– Quando o John me contou estes pormenores, eu tinha bebido um pouco mais do que a conta. Por norma, sou muito cuidadosa.

Olha para Santos, uma polícia que é mulher, uma pessoa que não precisa de mais explicações. Ariel não consegue deixar de observar a mão do colega, em busca de uma aliança, que não encontra.

– Mas tínhamos comido muito no restaurante, a noite foi longa, o meu copo estava sempre a ser enchido... – Ariel encolhe os ombros. – De qualquer modo, foi a caminho de casa, lembro-me de estar sentada no carro, a sentir-me feliz por não ser eu a conduzir. Foi então que o John me bombardeou com pormenores que não consegui absorver. Presumi que me voltaria a falar dos aspetos importantes, pelo que prestar atenção não me pareceu assim tão importante. Mas a verdade é que ele nunca mais mencionou o assunto.

Santos mantém o contacto visual. Ariel consegue senti-lo a avaliar a história. Aqueles polícias têm estado a avaliá-la desde o início, ao mais ínfimo pormenor. É o que acontece sempre numa situação daquelas, um possível crime reportado por uma mulher, envolvendo um homem com quem ela é íntima. Tem tudo que ver com credibilidade.

– Tem uma fotografia do seu marido? – pergunta Moniz. É evidente que a conversa também está prestes a chegar ao fim. – Podemos partilhá-la com os nossos colegas e pelos hospitais.

Ariel pega no seu telemóvel, escolhe a mesma *selfie* de casal que mostrou às camareiras. Moniz olha de soslaio para a tela, suspira dramaticamente e, depois, volta a encontrar os óculos. A situação dos óculos de leitura está mesmo complicada.

– Talvez uma diferente? – A que lhes mostrou apanha mais a paisagem de fundo, a cidade vista de cima, uma imagem espetacular. – Talvez uma em que se veja melhor a cara.

– Não me parece – Ariel percorre a biblioteca, inutilmente. Sabe que não encontrará outras. – Não tiro fotografias ao John.

– A sério? Porquê?

– O meu marido não gosta deste excesso de fotografias a que as pessoas se dedicam. Eu também não.

* * *

Nada, nada e mais nada; o pessoal do hotel, a polícia e a embaixada.

Ninguém está a levar Ariel a sério, todos a julgam uma mulher emotiva, uma mulher irracional, uma mulher confusa, uma mulher enganada, uma mulher desacreditada. Uma e outra e outra vez.

O sol estival é ofuscante, salta das paredes coloridas, pelas pedras da calçada, todas as superfícies parecem duras e refletoras, todas as estruturas desenhadas para repelirem a luz solar, a fim de manterem os interiores frescos. Ora, isso faz dos passeios fornos a céu aberto.

Ariel arrasta-se para o hotel, escapulindo-se para as zonas de sombra. O suor desce-lhe pelas têmporas, sente comichão no couro cabeludo, tem a pele corada por todo o lado, bochechas e peito.

Só turistas e gente desesperada se encontra na rua com aquele calor. Ariel sente-se as duas coisas, uma turista desesperada, ziguezagueando por entre as abitas de ferro que separam as estradas estreitas dos passeios ainda mais estreitos. Depois de uma esquina, entra num quarteirão sem qualquer sombra, o rosto voltado para o sol inclemente, que cai sobre ambos os lados da rua. Não há refúgio algum à vista. Devem estar uns trinta e sete graus e ainda por cima com humidade e uma luminosidade tal que até com óculos de sol tem de semicerrar os olhos. Aquele calor parece uma agressão física.

Ariel pondera voltar para trás, enfiar-se algures. Sente a cabeça a latejar – o sol, a fadiga, a tensão, a preocupação – e apercebe-se de que está desidratada, não bebeu praticamente nada durante o dia, exceto o café. Está desidratada, zonza, tonta...

Tem de parar, nem que por um minuto. Está prestes a desmaiar. Apoia-se numa parede de pedra. Repara num minimercado no virar da esquina, um lugar fresco onde poderá emborcar uma garrafa de água, esperar por um táxi que a leve ao hotel, tomar um banho frio, deitar-se e emborcar mais água.

Bem, vai fazer isso mesmo.

Volta as costas ao sol e começa a refazer os seus passos, lenta e deliberadamente, talvez lembrando um bêbado cauteloso, alguém que não quer ser visto a cambalear. A desidratação é tantas vezes ignorada e ela...

* * *

Espera.

O homem do outro lado da rua, a caminhar na sua direção? Ariel já o viu antes.

Por detrás da privacidade dos óculos escuros, estuda-o atentamente, os óculos de sol à aviaador, um polo azul a cobrir-lhe um torso em forma de pera, sapatos quadrados de sola de borracha sob umas calças de caqui. Há muito que Ariel não se preocupa com moda e nunca prestou grande atenção ao que os homens usam, mas obriga-se a focar-se na parte inferior da indumentária daquele indivíduo para a memorizar. Seria fácil mudar a parte de cima.

Vira na esquina, para fora de vista, procurando uma janela que lhe possa fornecer um reflexo, e sim, ali está uma grande montra de vidro de uma loja –

boa! – que lhe permite ver que também ele parou no seu encalço.

É difícil descobrir-lhe as feições no reflexo da montra – muitos objetos, muita cortiça – e o ângulo não é lá muito bom, o mesmo acontece com a luz. Ele parece estar a apoiar-se na parede, com a cabeça para baixo, a olhar para... o quê?... deve ser o telemóvel, ou a fingir que o observa, que é só mais um tipo atento àquele aparelho. No entanto, as circunstâncias traem-no. Está parado num lugar sem sentido algum – quente, iluminado, desconfortável –, o que só se poderia explicar se estivesse mesmo a fazer outra coisa. Como esperar pelo próximo movimento de Ariel.

Ela contempla-o por trinta segundos, e ele não se move. Não precisa de mais para confirmar a sua teoria.

Ariel entra no espaço do minimercado com o ar condicionado a funcionar agressivamente, deixa-se ficar no fresco e bebe uma garrafa de água enquanto vigia pela janela. Entrega a garrafa de plástico vazia ao caixeiro, compra uma segunda, sai de novo, fica entre as caixas de produtos que acenam aos transeuntes com a luminosa promessa de laranjas e pêsegos, cerejas e limões.

Espreita uma vez mais para os reflexos da montra: não o encontra em lado nenhum. Escrutina a rua numa direção e depois na outra. O tipo desapareceu. Pelo menos, por ora.

O que deveria ela fazer? Poderia enfiar pela mesma esquina, tentar ver se o localiza, para provar a si própria que foi seguida. Mas correria o risco de lhe facilitar a vida.

Ou? Ou poderia aproveitar aquele momento de liberdade momentânea para o despistar.

Ou poderia confrontá-lo.

A resposta depende, claro, de quem a está a seguir.

* * *

Ariel agarra na maçaneta como se disso dependesse a sua vida. O taxista meteu prego a fundo uma vez mais e gira violentamente para a esquerda, para a faixa com o trânsito em sentido contrário, tentando ultrapassar o elétrico lento, mas vê um outro carro aproximar-se na sua direção e carrega no travão, voltando o volante para a direita...

– Foi por pouco! – grita em inglês, com um tom que lhe parece satisfeito, assumindo de novo o seu lugar atrás do elétrico. Quando carro na faixa em sentido contrário passa por ele, veloz, o condutor esboça um gesto obsceno. O taxista encolhe os ombros, como se aquilo, ter condutores furiosos consigo, fizesse parte do trabalho.

O elétrico amarelo estaca, deixando sair os passageiros enquanto outros entram. Ariel olha para a parede caiada de branco de um edifício, um grande painel, onde são afixados pósteres, anúncios de marcas americanas: uma mulher espetacular a usar umas roupas ridículas; imagens de ecrã de comentários desagradáveis para uma aplicação de redes sociais; uma

influencer a apregoar cosméticos. Cultura americana, comércio americano, mentiras americanas, por todo o lado.

Ariel pede para que a deixe na zona mais afastada da praça, onde pode vigiar o seu hotel antes de sair do táxi. Presta particular atenção a homens sozinhos, fazendo um registo cuidadoso enquanto atravessa a praça, escapando ao calor e entrando no hotel tranquilo, com uma luz fraca e ladrilhos frescos. Sobe no pequeno elevador, que geme, com maquinaria escondida, mas não secreta, não misteriosa.

No seu país, no dia a dia, só anda nos elevadores dos hospitais, com os quais tem uma familiaridade excessiva. Há quem nunca tenha ido para o hospital, mal saiba o que é. Ela gostava de ser uma dessas pessoas, viver numa ditosa ignorância.

George nascera prematuro e passara cinco semanas assustadoras nos Cuidados Neonatais. Foram precisos anos para que o miúdo acompanhasse os da sua idade em termos de desenvolvimento, uma infância inteira definida por testes e tratamentos, médicos e hospitais, especialistas e terapeutas – ocupacionais, da fala e fisioterapeutas. O filho tinha dez anos quando imaginou pela primeira vez que pudesse dormir sob outro teto que não o seu. Até uma noite em casa do melhor amigo, ao fundo da rua, a um minuto de carro e cinco a correr, lhe parecia longe de mais.

O filho era uma das razões pelas quais se sentia sempre em alerta máximo, sempre à espera de que alguma coisa errada acontecesse. Mais alguma coisa.

CAPÍTULO 8

Dia 1. 16:27

– Estou? – Ariel constata que a chamada lhe chega do telefone fixo da sua livraria. Assume que há algum problema.

– Olá! É a Persephone.

– Olá, P. Passa-se alguma coisa?

– Alguma coisa? Não, nada. Estou a ligar para te informar das vendas do fim de semana, como tinhas pedido.

Ariel tinha listado uma enxurrada de indicações de última hora antes de deixar a livraria a cargo dos seus funcionários, um bando de alunos desleixados do secundário a trabalhar a tempo parcial e umas quantas miúdas universitárias que haviam vindo a casa passar o verão, sem contar com Persephone, colaboradora a tempo inteiro, cujo verdadeiro nome é Ember.

– *Detesto* o nome Ember. – É que consta nos seus recibos de vencimento, na sua documentação, na carta de condução; ainda não ganhou coragem para o alterar legalmente. – É que nem sequer é, tipo, um *nome*. Os meus pais são uns idiotas.

Provavelmente, Persephone estava certa, pelo menos no que toca à mãe. Apenas alguns meses antes, Ariel vira-a frente a um juiz chocado a tentar justificar uma infração rodoviária enquanto usava uma *T-shirt* com a frase HORA DO VINHO. Vestira-se assim sabendo que estaria perante um juiz, enquanto arguida.

– É como se eles tivessem tentado chamar-me Amber, o que, já de si, é um bocado estúpido, um nome de *stripper* reles, mas, tipo, se tivessem enganado. *Escreveram mal* Amber.

– Mas até foi com boa intenção, não? – perguntara Ariel. – Uma brasa? Algo incandescente.

– Na realidade, não. É um pedaço quente de fuligem que sobrou depois de o fogo se extinguir. Uma brasa é um bocado de lixo perigoso.

Ariel não discordara, seria indelicado insistir, especialmente durante a

entrevista de emprego, quando as duas ainda não se conheciam. Além disso, também não queria comentar a escolha alternativa que ela tinha feito.

– Per-se-pho-*nee* – repetia ela. Estava sempre a silabar aquele nome, claramente exasperada e até surpreendida com o facto de não haver mais gente versada em mitologia grega. – A rainha do submundo?

– Per-quê? – perguntavam-lhe inúmeras vezes enquanto Persephone, invariavelmente, revirava os olhos.

– Per-se-pho-*nee*. – Arrastava aquela última sílaba juntamente com as suas inúmeras desilusões, as suas frustrações. Terá uma vida longa e difícil.

Mas quem era Ariel para se julgar no direito de questionar as fantasias dos outros? O facto de se reinventarem? Não levava a mal ninguém que mudasse o nome, tentando tornar-se outra pessoa, alguém diferente do que os pais definiram. Fizera o mesmo.

* * *

As últimas horas que passara na livraria antes de ir para o aeroporto tinham sido de alguma ansiedade, maioritariamente no escritório-armazém-copa, na cave, um espaço com teto baixo, sem janelas, potenciador de claustrofobia, no qual só ao fim de anos Ariel se sentira confortável, com plantas de interior sob luzes de crescimento e pósteres promocionais de livros afixados nas paredes.

Finalmente subiu depois da sua pausa para almoço, carregando uma pilha de pesados livros de culinária para repor as prateleiras. Persephone estava na caixa, absorta num livro de fantasia pós-apocalíptica, um género que, de algum modo, se relacionava com a sua frequentemente mencionada pós-graduação, essa era dourada em que tudo parece possível, em que o futuro se afigura tão brilhante. Mas Persephone começava a suspeitar que fora um falso brilho no horizonte, não o sol nascente de um novo dia, mas tão-só os restos de uma fogueira moribunda de realizações académicas sobrevalorizadas, demasiado caras, que acabam por se tornar quase insignificantes no mundo do mercado de trabalho, após vinte anos de escola a tempo inteiro intercalados com trabalhos pagos à hora em lojas, a dobrar camisas, a premir botões de caixas registadoras.

Fora por isso que Ariel contratara a jovem mulher. Não por causa do seu conhecimento enciclopédico sobre quase tudo, especialmente literatura de género, o que até se revelara uma vantagem no que toca à venda de livros, mas porque Ariel reconhecia o terrível peso das desilusões que nos destroem o mundo interior quando o via. Queria ajudá-la.

O sino atrás da porta soou. Persephone disse “bom dia” de forma automática, embora alegre, quando duas mulheres entraram ligeiras, deixando a porta escancarada, apesar do aviso, cuidadosamente pintado à mão, pedindo: O AR CONDICIONADO ESTÁ LIGADO! POR FAVOR, FECHER A PORTA. OBRIGADO!

– Idiotas – sussurrou Ariel, fechando a porta com a anca.

As mulheres pareciam debater as vantagens de diferentes destinos de safári – “Bem, sim, gorilas, mas, por outro lado, Uganda, ‘tás a ver?” – e uma delas disse algo que Ariel não conseguiu apanhar sobre viajar em turística para África, após o que, de súbito, se fez um silêncio. Tinham parado de falar. A pausa pouco natural fez com que Ariel as fitasse.

– Oh. Meu. Deus. – Uma delas observava-a. – Laurel?

* * *

Quando Ariel deixara a cidade, não o fizera de forma discreta, rejeitara tudo vigorosamente e cortara todas as pontes – queimara aquela merda toda – à saída. Durante algum tempo, continuara em contacto com uma mão-cheia de pessoas; passados alguns meses, já não falava com ninguém. Agora, uma década e meia depois, uma daquelas últimas amigas dirigia-se-lhe, boquiaberta, de braços abertos, afetuosamente, com uma mala de dois mil dólares e um anel de noivado com um diamante enorme, uma aliança também com diamantes encrustados e as unhas perfeitamente arranjadas; podia ver-se toda a vida daquela mulher nos objetos que lhe decoravam a mão.

Aquele tipo de encontro quase tinha acontecido umas quantas vezes. Na banca da quinta, onde um tipo emproado saíra da carrinha e sacara de uma nota de cinquenta para comprar milho, acusando Ariel de ser a pessoa que havia sido; ela negara e fugira na sua velha carrinha *pick-up*. No bar de ostras, aonde se chega de barco vindo de lugares mais elegantes, uma aventura rústica, avistara aquele casal – está sempre em estado de alerta, em busca de pessoas com aquele perfil, quando elas nem sequer pensam nela – e evitara terminantemente qualquer interação.

A sua cidade não é sítio onde vive gente abastada nem lugar para segundas habitações. Há alguma prosperidade típica de vila pequena – proprietários de negócios, profissionais liberais, reformados, que se pode ver pelos seus *Mercedes* Classe S, os relógios *Rolex* e as esposas das associações de pais, tal como em qualquer lado. Mas não se encontram celebridades, nem mega-iates, jatos privados ou multimilionários. Não há pessoas como aquela mulher.

– Passou. *Tanto*. Tempo. Meu *Deus*!

Beijos aéreos nas duas faces. Ariel, que ainda carregava os pesados livros, não poderia abraçá-la, deu-o a entender com um encolher de ombros. Tentou perceber se Persephone tinha dado conta do uso daquele seu velho nome. Oh, sim, dera.

Ninguém ali dá beijos nas duas faces. Absolutamente ninguém. Ariel costumava fazê-lo por hábito quando era outra pessoa, quando aquela era a prática comum. Existem coisas piores.

– Como estás?

– Estou ótima, Tory. E tu?

– Fantástica!

Houve um tempo em que via Tory Wasserman constantemente, durante aqueles poucos anos em que Ariel Pryce tinha sido Laurel Turner. As duas mulheres pertenciam ao mesmo círculo no mesmo bairro, ao mesmo clube privado de almoços e festas de beneficência, faziam os mesmos exercícios da moda, saltando de *kickboxing* para *spinning*, do pilates para o ioga, trocando roupa, acessórios e instrutores entre si, os dias movendo-se ao ritmo do cuidado pessoal, bandos de mulheres fazendo-se transportar em táxis e carros – ainda antes de Uber ser usado como verbo – entre o ginásio, o estúdio, o cabeleireiro e a escola, sem esquecer uma ou outra visita ao supermercado. Em casa, a comida chegava majoritariamente pelas mãos das respectivas empregadas domésticas.

Em tempos, Tory trabalhara como publicitária de moda, mas despedira-se para poder planejar o casamento, tarefa que se tornara um trabalho a tempo inteiro. Fora também nessa altura que contratara uma cabeleireira, que se deslocava à sua residência assiduamente para lhe arranjar o cabelo.

– Pago três marcações semanais, embora, por vezes, só use duas, quando quero, bem, ficar em casa a relaxar. Para me recentrar. Mas pago sempre as três como se fosse uma espécie de caução.

Aquilo era explicado enquanto depenicava uma salada de trinta e quatro dólares num restaurante junto a um museu. As outras donas de casa ao redor da mesa anuíam, concordando que era uma ideia formidável, com inveja de não terem sido elas a pensar nisso, era um ponto ganho no competitivo desporto que consistia em gastar dinheiro, em perceber quem atuava de forma mais inteligente, quem era mais original, mais impressionante – carros de golfe da marca *Bentley*, expedições à Antártica, pinturas da Idade Moderna, soalho radiante e aquecido. Na busca incessante da vida perfeita, ficavam surpreendidas e desapontadas por compreender que, aparentemente, ela não pode ser comprada.

Tory olhava agora em volta, como quem procura provas do papel de Ariel ali. De telemóvel na mão, com a aplicação de uma rede social já aberta, tornara-se obviamente uma mulher sempre pronta a registar e publicar o momento, sempre a representar, arqueando as sobranceiras e retocando o cabelo, falando alto e rindo ainda mais alto, a infundável campanha narcísica, posando, fazendo *scroll*, editando, publicando, revendo publicações para poder ser comentada e adorada e chafurdar em validações – OMG, ÉS TÃO BONITA, NÃO AGUENTO – e depois a responder, tudo isto com Taylor Swift ou Lizzo ou talvez Adele como banda sonora, todas elas aconselhando a mesma coisa: ama-te, é o que realmente importa. Mas isso já era sabido, ou não? Tory certamente sabia.

Houve uma altura em que Ariel admirava esta impudência de Tory, esta autoafirmação desavergonhada, esta autopromoção. Ficava espantada com Tory e o seu desejo de ser pouco atraente na sua missão de ser atraente. Ariel nunca conseguira fazê-lo, ser assim. Era uma das coisas que a impediam de ser uma atriz bem-sucedida; era algo de que não gostava em si, antes de se

tornar algo de que se orgulhava.

– Ohmeudeus, tu, tipo, *trabalhas* aqui? – sussurrou Tory, num tom conspirativo.

Ariel teve vontade de responder *Sou a dona*, mas calou-se.

– Sim, trabalho aqui.

A expressão de Tory era de pena pelo seu infortúnio. Um *trabalho*.

– Ai, sim? Hum... fantástico. – Tory gastava trinta mil dólares por ano *a arranjar o cabelo*. – Lembras-te da minha prima Madison? Estamos ambas em East.

Aquilo queria dizer que tanto Tory como Madison passavam o verão em East Hampton.

– Vives aqui perto? – perguntou. – Foi para aqui que vieste quando deixaste a cidade?

Ariel limitou-se a responder com um sorriso. Não pretendia confirmar nem desmentir, não queria explicar-se, não queria começar a desculpar-se por não devolver as chamadas de Tory, por ter desaparecido da face da Terra. Houvera definitivamente um tempo em que Tory teria sido a sua confidente, mas Ariel nunca tinha explicado toda a situação a nenhuma das velhas amigas e não poderia começar a fazê-lo ali e naquele momento.

A porta tilintou novamente e entrou um homem de queixo quadrado, com uma camisa de golfe por baixo de um colete de lã que tinha um estampado no peito, EXCALIBUR CAPITAL, um boné de basebol carmesim da HBS e um grande e reluzente relógio de pulso, certificando-se de que toda a gente perceberia quem ele era com um mero olhar – um tipo mega-bem-sucedido-da-área-financeira. Estavam trinta e dois graus lá fora; o tipo estava mesmo a dar tudo por tudo.

– Laurel, lembras-te do meu marido, o Slade?

Claro que Ariel se lembrava, era impossível esquecer Slade Wasserman, um idiota que disparava veneno como um aspersor de rega, encharcando tudo na sua masculinidade tóxica.

– Olá, Slade – disse Ariel. Quinze anos antes, o primeiro marido de Ariel, Bucky, tinha sido um dos primeiros a adotar a moda do colete-com-fecho-à-frente-por-cima-da-camisa. Agora é praticamente um uniforme para homens de todas as seitas da religião capitalista.

– Ah, olá – disse ele, conseguindo, através do tom escolhido e da sua linguagem corporal, passar a ideia de total desinteresse por Ariel. Era quase uma arte.

– Onde estão os meus bebés? – perguntou Tory.

– Foram buscar gelados.

– Gelados. – Tory olhou para o relógio, que, tal como o de Slade, era uma monstruosidade dourada. Dele e dela. – Às quatro da tarde.

– O que foi? Algum problema, querida?

– Falta uma hora para jantarem.

Slade encolheu os ombros, não queria saber daquilo para nada. O cerne da

sua competência assentava em gerir ativos financeiros, não na gestão de horários de refeições infantis.

Era expectável que Ariel perguntasse pelos filhos de Tory, seria a coisa educada a fazer. Mas ela não suportava a ideia. Não conseguia perguntar à velha amiga o que fazia ela por ali, tão longe da sua ideia de um verão sofisticado. Ariel receava que, se comesse a fazer perguntas, tivesse de responder a outras.

Madison nem fingira que procurava livros antes de se dirigir ao balcão dedicado ao serviço de cafetaria, chamando Persephone.

– Quero um galão descafeinado com leite de amêndoa. – Fez o pedido enquanto utilizava a câmara do telemóvel como espelho, admirando-se deste ou daquele ângulo. Ariel lembrava-se daquela mulher, estava sempre a arranjar desculpas para se contemplar, retocando o batom, o rímel, fazendo beicinho para espelhos, ajeitando o cabelo, era uma pessoa que sacaria facilmente de uma escova para se pentear, não apenas quando o momento se proporcionasse, mas inventando oportunidades onde elas não existiam de modo algum, sempre que tinha uns quaisquer trinta segundos – no carro, quando aguardava que a levassem até à mesa num restaurante ou nos momentos em que esperava junto a uma caixa registadora.

– Lamento – disse Persephone –, não temos leite de amêndoa.

– A sério? – Madison desviou o olhar de si mesma. Ariel sentiu-se estremecer; costumava pedir precisamente aquilo e ficar tão desapontada como agora.

Tory precipitou-se na direção dela.

– Oh, meu Deus, que coisa mais gira, certo? – Era um postal pintado à mão, um previsível cenário náutico.

– Tão fofo!

A loja vivia do banal.

– Prefere leite meio-gordo ou magro?

– *Vaca?* – Madison ficou horrorizada. Era uma mulher com uma mala de pele de crocodilo pendurada no antebraço.

Ariel sentiu que estava a observar uma outra espécie, num género de simulacro do seu *habitat* natural – à semelhança do que acontecia num qualquer jardim zoológico ou num diorama do Museu de História Natural. A pequena placa de latão rezaria: HOMO OBSCENICUS, AMÉRICA DO NORTE, SÉCULO XXI. Contudo, que não restassem dúvidas: Ariel fora um daqueles animais.

Respondeu à sugestão “Vamos almoçar!” de Tory com um “Sem dúvida”, ainda que não tivesse qualquer intenção de o fazer. Ariel já não pertencia à tribo e toda a gente o sabia, mas aquele continuava a ser o protocolo.

– É tão bom ver-te – disse Tory –, *tão* bom.

– A ti também – concordou e surpreendeu-se com o facto de ser verdade. Era bom ver uma velha amiga; sentiu o impulso de tentar voltar a vê-la, mas sabia que não o faria.

Os Wasserman e a companheira Madison saíram, deixando atrás de si um

chorrilho de beijos aéreos e risos agudos, um miasma persistente a *Hermès*, *botox* e gentrificação iminente. Houvera outros sinais de mudança na vila, incluindo a moradora tatuada de Brooklyn, que fizera uma oferta pela livraria, o que a princípio parecera ridículo a Ariel e, depois, intrigante. As coisas estavam a mudar, e Ariel não estava certa de querer fazer parte do que se seguia. De início, tinham sido os proprietários, fartos da corrida de ratos, fascinados com compostagem e adubo, depois os *hipsters* e, quando dermos conta, será a grupeta do *Range Rover* preto. Ela também fizera parte dessa grupeta.

– Sei que muita gente está a vir para cá, a comprar terrenos, a falar de orgânico isto e bens de família aquilo. – Eis o que Ariel dissera uma dúzia de anos antes, da primeira vez que conversara com Pedro. Ele cultivava aqueles mesmos campos para o antigo proprietário, batatas, algum milho, tomates e couves-de-Bruxelas.

Pedro anuía, chapéu de palha na mão.

– Sim, menina. – A renda pagava os impostos, mas não muito mais do que isso. Ninguém enriquecia a cultivar oito hectares por ali.

Naquela fase da sua vida, Ariel desistira de muitos dos seus ideais. Não a haviam ajudado em nada. Tinha muitas batalhas a travar, e o cultivo de produtos orgânicos não seria aquela em que investiria o seu esforço.

– Eu não – disse ela. – Faz o que tens a fazer.

* * *

Ariel olha pela janela do quarto de hotel, estudando a rua em redor e a praça, em busca do tipo que a estava a seguir. Não o vê.

– Persephone, esteve alguém estranho na livraria durante o fim de semana?

– Estranho? Como assim?

– Alguém à minha procura? Ou a perguntar por mim?

– Não, acho que não. Porquê?

– Se alguém o fizer, por favor, toma nota e informa-me.

– O que é que queres dizer com tomar nota?

– Escreve o dia, a hora, o aspeto da pessoa e o que ela disser.

– Isto está, por acaso, relacionado com aquelas mulheres que vieram à livraria na sexta-feira?

– O quê? Não.

– E vais dizer-me de que se trata?

– P., desculpa, mas podes só fazer isto por mim? Não tenho tempo para explicar agora.

Persephone é tremendamente curiosa, está sempre a fazer perguntas, julgando ter direito a respostas. Ariel não a culpa. Persephone cresceu na era da pós-privacidade, uma época em que os limites desapareceram, mesmo no que toca a segredos alheios; talvez especialmente no que lhes toca. Ariel

apanha muitas vezes a jovem a espreitar documentos que não lhe dizem respeito, a fazer perguntas que não são da sua conta. De início, aquilo incomodava-a, mas apercebeu-se de que não pode fazer nada em relação ao carácter de alguém. Portanto, em vez disso, aceita que Persephone vai bisbilhotar e controla as coisas que deixa à sua mercê.

Para quase tudo o resto tem um cofre debaixo da secretária. Não faz questão de o esconder. Se alguém entrar na livraria em busca de objetos de valor, ela dispensa que deixem tudo desarrumado. E, se os ladrões forem capazes de arrombar o cofre, escondê-lo não vai ajudar. Qualquer um que saiba arrombar um cofre não o fará em busca dos recibos do dia.

Ariel também está preparada para isso.

* * *

Entre a torrente final de instruções e perguntas na tarde de sexta-feira e os pequenos pânicos ante o fim de semana prolongado que se aproximava, o olhar de Ariel fora atraído para a montra da livraria, de onde via uma carrinha *pick-up* gigante soluçar os últimos solavancos das manobras milimétricas de um estacionamento em paralelo. Nos últimos anos, aquele tipo de carrinha gigante tornara-se o veículo mais popular na vila. Parecia que tudo o que eram fulanos agressivos, chicos-espertos desagradáveis e aceleras de semáforos estava agora ao volante de um desses monstros, aparecendo atrás do carro dela, de máximos em riste, ameaçando toda a gente na estrada com as suas suspensões elevadas, rodas grandes, tubos de escape exagerados e autocolantes colados na parte lateral, os chamados POWER STROKE³. Mas estavam a falar de que enfarte, a quem deu esse enfarte e porquê?

Tudo acerca daquele veículo em particular lembrava um rufia no recreio da escola, inclusivamente os autocolantes no para-choques – o logotipo carrancudo dos New England Patriots, o desafio implícito naquele em que se lia BLUE LIVES MATTER, a bizarra águia armada da NRA⁴, os tacos cruzados da equipa do clube de viagem de lacrosse, de quem o condutor, Ariel sabia-o, era treinador. Também sabia que era bombeiro voluntário e tesoureiro do clube de pesca e caça. O homem era, como se costuma dizer, ativo na comunidade. Retribuía. Um dito patriota, fazendo questão de o dizer, aliás, os Patriots eram até a sua equipa favorita.

Consegue perceber-se a cultura de guerra logo ali, para-choques contra para-choques, em qualquer estrada na América.

Ele arrastara-se do banco do condutor da viatura, a versão humana da sua carrinha gigante, exibindo uma *T-shirt*, que mais parecia uma tenda, uns calções de basquetebol que lhe chegavam abaixo do joelho e uns chinelos de borracha, vestido da cabeça aos pés como se estivesse num balneário, embora ficasse claro que não praticava qualquer atividade física rigorosa. Equipamento desportivo era uma categoria inadequada para aquele vestuário; tratava-se antes de equipamento não desportivo. Tinha uma longa cicatriz que

lhe atravessava a bochecha e uma barba pouco tratada, que usava para escondê-la. Ariel sabia que ele se recusara a ir às Urgências e explicar o motivo do corte. Preferira ficar com a cicatriz. Tal como qualquer cicatriz, um lembrete perpétuo de algo que corra mal.

O para-choques de Ariel não tinha adornos.

O olhar dele cruzara-se com o dela através da montra da livraria que os separava, atravessando tantas outras coisas que os separavam. Ariel fingira não o ver – nem sorriso, nem aceno de cabeça, nada mais além de um olhar de desprezo.

Ele afastara-se, na direção do que os veraneantes apelidavam de loja de vinhos, lugar que os locais conheciam como loja de bebidas. Nunca tinha sequer entrado na livraria, nem uma única vez.

– Precisas de alguma coisa antes de eu ir? – perguntara Ariel a Persephone.

– Não. Tem umas boas férias.

A rapariga parecia genuína, embora fosse sempre difícil ter a certeza. A resposta-tipo da sua geração era a ironia, sendo que o equívoco não lhe ficava muito atrás; quase todos os sentimentos eram mitigados por um “mais ou menos” ou um “talvez”, uma proteção constante contra qualquer excesso de sinceridade percebida.

– Obrigada – agradecera Ariel. – Vou tentar. – Há muito tempo que não viajava em férias. Naqueles primeiros anos após o nascimento de George, sentira pavor de viajar. Com um recém-nascido, um bebé ou uma criança pequena – com qualquer das versões de uma criança antes da idade escolar –, as birras, o sono imprevisível, a ansiedade, eram tantas as potenciais desvantagens. Ainda para mais com todos os problemas de saúde de que George padecia, Ariel nunca quis que estivesse muito afastado dos seus médicos, do caminho já bem conhecido para as Urgências ou para o especialista no hospital da pequena vila, todos a conheciam, conheciam o filho. Era uma estranha forma de conforto, aquele que tinha no hospital: algo que preferia que não fosse necessário ter.

E o cão – que depois se transfigurou num plural –, aqueles grandes olhos a fixá-la: O que é isso de teres de te ir embora? Porque é que farias uma coisa dessas?

Tudo isto a juntar às eternas preocupações de viver numa casa antiga numa zona rural solitária: nunca se sabe quando a caldeira vai avariar, o telhado vai começar a meter água ou um cano vai rebentar, e só quando a casa estiver destruída irá alguém notar. Furacões, tempestades de neve, infestações de ratazanas, postes de eletricidade derrubados, não se consegue estar tranquilo num sítio assim. Além da casa, a livraria café corre não só o risco de idênticos desastres físicos, como também da panóplia de problemas inerentes aos pequenos negócios – funcionários faltosos ou descontentes ou de pouca confiança, inspeções sanitárias, renovação de licenças, atrasos nas entregas, folhas de vencimento e tarefas contabilísticas, problemas no atendimento ao

cliente, pagamento de impostos, chamadas comerciais e *webinars* sobre *software* de gestão.

Não é simples deixar aquela vida para trás, mesmo que por apenas uns dias, o filho, a casa, a livraria, a quinta e ainda a sua velha carrinha a torrar ao sol no parque de estacionamento de longa duração do aeroporto, deixando a sua mãe, *borderline* e incompetente, a tomar conta da casa. São dezenas as diferentes consequências negativas que preocupam Ariel.

Ainda assim, em todos os anos de preocupações, nunca se tinha confrontado com aquele pesadelo em particular: o marido desapareceu num país desconhecido.

² O jogo perde-se em português. *Ember* significa brasa, carvão ou lenha incandescente. (N. da T.)

³ *Stroke* também quer dizer enfarte. (N. da T.)

⁴ National Rifle Association. (N. da T.)

CAPÍTULO 9

Dia 1. 17h58

Toc toc.

Ariel sente o corpo retesar-se. Que é agora?

– Quem é?

– Senhora Wright? É o Duarte, da receção.

Ariel abre a porta.

– Sim?

– Peço desculpa por incomodar, mas achei que queria saber.

– Sim? O quê?

– Encontrámos uma coisa.

Será mesmo verdade que o coração consegue falhar um batimento? Ariel sente que sim.

– Telefonámos já várias vezes, mas só temos o número do seu marido, não o seu. E o seu marido não está...

– O que se passa? O que é que encontraram?

– Olhe. – O jovem enfia a mão no bolso, retira um pedaço de papel. – A Leonor estava a limpar o quarto e encontrou isto debaixo da cama...

* * *

Nicole Griffiths está a dar o dia por terminado quando percebe que Saxby Barnes se encontra de novo à soleira da porta, à espera de que ela repare nele.

– Olá, Barnes. – Não lhe vai perguntar por que motivo está ali. Se precisar de algo, terá de o pedir.

– Então, sempre encontraste o telemóvel do senhor?

– Sim.

Griffiths está a sair das aplicações uma a uma, certificando-se de que todos os programas ficam fechados. Nos tempos que correm, nunca se sabe o que

poderá revelar-se uma porta de entrada para ciberataques. Os *hackers* tornaram-se muitíssimo espertos no que respeita a invadir a privacidade dos outros.

– Alguma coisa para partilhar comigo?

– Ainda não. – Tranca as gavetas da secretária e ergue-se.

– Onde estava o telemóvel?

Griffiths olha para o relógio.

– Ouve, Barnes, tenho de me despachar.

Precisa de ir para casa, tomar banho e dirigir-se para a Baixa para um encontro com Pietro. Não se quer atrasar.

– Mas pões-me a par do que encontrares? – pergunta Barnes.

Griffiths não quer ativamente mentir ao semicolega, o que seria errado. Mas, seja qual for o problema com o empresário desaparecido, Saxby Barnes provavelmente não fará parte da solução. Especialmente, se sempre houver alguma relação com segurança nacional. O que é muito duvidoso, mas não impossível. Nunca é impossível. É por isso que Griffiths está disposta a envolver-se em algo que, à primeira vista, parece um crime comum, um acidente ou um equívoco matrimonial. A ajuda de Barnes será mais do que bem-vinda para resolver todas essas trapalhadas.

Griffiths sorri. Esboça o seu sorriso mais retesado, frio e insincero, mas sempre é melhor do que nada. Deixará a Barnes o cargo de descobrir o que significa, certa de que ele não o descobrirá.

* * *

– Veja.

Ariel encontra-se à frente da mesa onde os detetives estão sentados, diante dos seus pratos de comida. Ariel quase não comeu nas – quantas? – últimas vinte horas. Está esfaimada.

– Por favor – diz a mulher, Santos, indicando-lhe uma cadeira vazia.

Quando Ariel telefonou ao detetive Moniz uns minutos antes, este, após uma longa pausa, dissera-lhe onde se encontravam.

“Não tem mal nenhum”, declarara, num tom que deixava entrever o oposto.

Agora lê a nota.

– É a caligrafia do seu marido?

– Sim.

Santos arranca o papel da mão de Moniz e lança um olhar hostil, voltando-se de seguida para Ariel.

– Tem a certeza?

Ela não tem. Ariel e John não escrevem muitos recados à mão um ao outro.

– Para ser honesta, não. Mas parece-me que sim. A camareira encontrou a nota debaixo da nossa cama quando estava a arrumar o quarto. Acho que o

John deve tê-la deixado ao pé de mim enquanto eu dormia, mas devo ter atirado os lençóis com força e caiu.

Moniz repara que Ariel olha para a comida e estende-lhe o cesto do pão.

– É servida, senhora? Já comeu?

Ariel abana a cabeça, embora não saiba a que pergunta está a responder. Moniz decide que é à última. Olha por cima do ombro, cruza o olhar com o da empregada, após o que aponta para o seu prato, esboça um movimento circular e aponta para Ariel. A empregada anui com um gesto de cabeça, diz algo pela portinhola ao cozinheiro com um bigode espantoso.

Seis da tarde não é hora de jantar em Lisboa; só há mais uns quantos clientes no restaurante acolhedor e um outro empregado. Ariel sente todos aqueles olhos pousados em si, a mulher que se aproximou da mesa dos detetives.

– Portanto, compreende, certo? O John saiu do quarto, mas tencionava voltar, coisa que não fez.

– Sim – concorda Moniz. – Parece que sim. – Volta a olhar para o recado, apenas umas linhas: FUI DAR UMA VOLTA. REGRESSO ÀS 7H00 PARA O PEQ.-ALMOÇO. AMO-TE.

– Isto é uma prova, não é? – Ariel inclina-se para a frente. – Isto e a filmagem da câmara de segurança.

– Bem, eu não...

– As duas coisas juntas são prova de que algo de mau aconteceu ao John.

A empregada pousa um prato a ferver diante de Ariel, amêijoas, verduras, batatas e pedaços de carne. A americana queima imediatamente a língua.

– Se isto tiver, de facto, sido escrito pelo seu marido, então, sim, é prova de algo. Mas é prova de que saiu do hotel por vontade própria.

– E pretendia regressar. Às sete e meia. Coisa que *não aconteceu*.

Os três comem por instantes. Ariel observa o braço de Moniz subir e baixar para pegar em mais pedaços de batatas enquanto ainda mastiga as anteriores, a boca nunca se fechando por completo. Lambe os lábios e coça a barba, absorto.

Ariel afasta o prato.

– Mas quando é que vai verificar? Quanto tempo precisa o meu marido de estar desaparecido para que acreditem em mim?

– Se preferir – diz Moniz –, podemos ficar com este papel e, se o seu marido estiver efetivamente desaparecido, podemos analisá-lo em busca de impressões digitais. Prefere assim?

Limpa rapidamente a barba com um guardanapo, sem conseguir retirar as migalhas de pão. Cruza o olhar com o de Ariel, não o afastando do dela, da sua tristeza.

Ariel simpatiza com aqueles polícias; não quer antagonizar-se com eles e não pode dar-se ao luxo de alienar aliados; até agora, só se cruzou com uns quantos.

Moniz pega no seu bloco de notas e na caneta, contempla o papel vazio.

Talvez esteja a elaborar as suas perguntas ou a traduzi-las para inglês, peneirando a memória em busca de vocabulário, conjugações verbais. Não pode ser fácil fazer aquele trabalho numa língua não materna. O mero ato de descobrir as formas corretas de se lhe dirigir, de pedir desculpa, deve ser esgotante.

– Já alguma vez visitou Lisboa, senhora?

– Não.

– Mas o seu marido, sim, correto? Tem amigos cá?

– Amigos? Nenhum de que saiba. Conhecidos, talvez. Através do trabalho.

– Sabe o nome de algum deles?

– Desculpe – replica ela pela enésima vez. Passou tanto tempo a pedir desculpa a homens dúbios pelas suas dúvidas.

– Ele não falou com ninguém enquanto cá estiveram? Ninguém?

– Bem, só com uma mulher.

Tinha acontecido no último sábado à noite, numa altura em que toda a Lisboa se junta debaixo de guarda-sóis nas esplanadas dos cafés. Ariel pediu o mesmo que todas as pessoas, uma estranha bebida feita com Porto branco e água gaseificada, uma bebida que ela desconhecia e que se tornava agora a sua favorita, doce e deliciosa e quase sem teor alcoólico, que se bebia como um refrigerante. Pensava se não seria imprudente pedir um segundo copo...

– Luigi!

De súbito, uma jovem mulher encontrava-se junto da mesa deles, sorrindo com uns dentes brancos entre uns grossos lábios vermelhos, com covinhas vincadas no rosto, uma cabeleira afro magnífica e uma pele lisa e lustrosa. Ariel ficara espantada com a presença marcante de brasileiros e com a influência da cultura brasileira, ali, em Lisboa, revelando uma espécie de colonialismo ao contrário, que lhe pareceu acolhedor e esperançoso.

– Olá! – disse aquela mulher lindíssima ao marido pasmado de Ariel.

– Luigi? – John apontou para si. – Eu? Lamento, mas não.

A mulher inclinou a cabeça, franziu o sobrolho. Não se tratava do tipo de pessoa que os homens fingiam não conhecer; a rejeição não era coisa a que estivesse habituada.

– Chamo-me John – explicou ele. – Não Luigi. Esta é a minha mulher, Ariel.

A mulher abriu a boca como quem quer dizer algo, mas logo reconsiderou, esboçando um sorriso encantador. Caramba, era belíssima, num vestidinho simples.

– Ah! – exclamou num encolher de ombros adorável. – Desculpe.

Regressou à sua mesa, onde parecia estar a explicar a troca de palavras à companheira, outra jovem mulher linda com um vestidinho fino. Também ela olhou para John e, de seguida, para Ariel, olhando-a nos olhos, antes de prestar novamente atenção à amiga. Houve naquele olhar um entendimento – eu sei que tu sabes que nós sabemos.

Ambas as mulheres sacudiram a cabeça numa gargalhada, eram jovens e belas, o centro das atenções, das atrações, estava um dia soalheiro, nada poderia ser melhor. Bebericaram aquele vinho com água gaseificada; que divertidas eram as suas vidas, que pouca importância tinha John! Ariel sabia que nem sempre as coisas eram tão divertidas como pareciam. Existem problemas relacionados com excesso de beleza.

Tinha a certeza de que aquela mulher e John haviam tido um caso de uma noite, mas que ele lhe mentira em relação ao nome. Agora, estava de volta a Lisboa com Ariel, cruzara-se com ela e, de repente, decidira fingir que não a conhecia de lado algum.

– É linda – disse Ariel.

– Achas? – John analisou a ementa, evitando o olhar de Ariel, evitando aquela conversa.

– Por favor. Nem eu a tiraria da minha cama.

John soltou uma gargalhada, mas nada disse.

– Não tem mal que a conheças – continuou Ariel. – Nem que tenha acontecido alguma coisa entre vocês. Sabes disso, não sabes?

– Para ser franco – respondeu ele –, nunca a vi na vida.

A cabeça de Ariel zumbia, fruto do álcool, do calor, do *jet lag* e da proximidade com uma pessoa tão absurdamente *sexy*. Sabia que aquilo não fazia sentido, mas não havia dúvida. Sentia uma ponta de ciúmes. E também um pouco de excitação. Talvez mais do que apenas um pouco.

* * *

Que cabra, pensa Barnes. Que cabra convencida, ingrata e condescendente. Mal regressa ao seu pequeno escritório, faz outro telefonema, prontamente atendido com um “Olá, Barnes”.

– Mr. Wagstaff? Como vão as coisas hoje?

– Muito bem – replica o jornalista. – Que posso fazer por si?

Saxby Barnes encara o mundo em moldes rigidamente transacionais: ele faz coisas pelos outros, pelo que estes farão por si. Cada informaçãozinha com que se depara, cada minuto de trabalho seu, tem valor para outrem, e ele tenciona obter algo em troca. Não de imediato, mas no devido tempo.

– Mr. Wagstaff, tenho em minha posse uma informação que talvez gostasse de investigar.

* * *

– Ontem à noite, numa esplanada. Houve uma mulher.

– Ai, sim? – A caneta de Moniz encontra a próxima linha vazia no papel.

– Ela julgava conhecer o meu marido, mas estava enganada.

– Em que esplanada se passou isso? Lembra-se?

– Não me lembro do nome, mas era perto de uma igreja sem telhado. Não

muito longe daqui.

– O Convento do Carmo?

– Sim, é isso. Há uma praça com um café, talvez dois.

– Conheço o sítio. E não há mais nada sobre essa mulher?

– Não, só isso: julgava que conhecia o John, ele disse que lamentava, mas que não a conhecia, ela afastou-se.

Ariel repara que Moniz salpicou um pouco de molho na lapela do casaco, para acrescentar à mancha que fizera ao pequeno-almoço na gravata e à que deixara ao almoço na camisa. O seu cabelo ralo, impecavelmente penteado ao início do dia, está agora espetado em diversas direções. Ariel deteta uma pontada de suor. O dia deixou-o gradualmente menos civilizado. Talvez assim ocorra diariamente e recomece do zero a cada manhã. A americana pergunta-se quanto do seu desleixo é encenação e quanto é genuíno. Ou se há grande diferença entre um e outro.

– Quando foi a última vez que ele visitou Lisboa?

– Há uns meses.

– Antes disso, quantas vezes cá esteve?

– Só mais uma, que eu saiba, mas só o conheço há um ano.

– Um ano? – Não é propriamente suspeita o que paira nos olhos de Moniz, mas algo o assalta. Ariel entende o que ele pensará de tudo aquilo. Caramba, sabe o que ela própria pensa: um namoro curto e apressado; um casal que não se conhece realmente; um desaparecimento que pode ser tudo ou nada.

Moniz pondera se deverá continuar aquela linha de interrogatório. Ariel percebe quando ele decide o que fazer. *Aqui vem*, pensa ela.

– Quão bem conhece o seu marido?

CAPÍTULO 10

Dia 1. 18h33

Ariel esboça uma expressão desamparada como quem pergunta: o que pretende de mim? Volta-se para Santos, que permanece imóvel.

– Admito – diz Ariel – que não conheço o meu marido há muito tempo. Mas é o suficiente.

Moniz deixa a caneta pairar mesmo acima da superfície do papel durante um longo momento. Então, olha para Ariel e sorri complacentemente, não um sorriso de humor, de alegria, mas de pena. Não quer dizer o que tem de dizer de seguida.

– Senhora, lamento, mas tenho de lhe fazer uma pergunta que talvez seja desconfortável.

Ariel sabe que o polícia poderá imaginar uma série de explicações para o desaparecimento de John, e que muitas delas serão, no mínimo, vagamente acusatórias – no que toca a John, a Ariel, a ambos. Não seria muito agradável para aquele polícia expressar tais teorias em voz alta, não diante dela. É delicado, mas Moniz não tem escolha. Ariel consegue vê-lo a debater-se.

– O seu marido usa drogas?

– Não – responde rapidamente Ariel, consciente de que está a ser demasiado ríspida. – Não – repete, num tom mais suave e racional, como se tivesse pensado novamente na pergunta, a tivesse ponderado melhor, chegando a uma conclusão razoável.

– Aqui, em Portugal, todas as drogas recreativas são, como se diz, ilegalizadas...?

– Descriminalizadas.

– Sim. Essa lei mudou há uma série de anos. A marijuana, a cocaína, a heroína... o consumo já não é contra a lei. Foi uma escolha que fizemos para combater os problemas de vício. Problemas de doença, crime, pobreza. Tenho a certeza de que conhece tudo isso na América.

– Certo.

– Um dos efeitos secundários desta alteração é que Lisboa se tornou destino para pessoas que querem desfrutar de drogas. Tal como Amesterdão, percebe? As pessoas vêm cá pelo mesmo motivo.

– Não. – Ariel abana a cabeça. – O John, não.

– É verdade que o consumo de drogas já não é um ato criminoso, mas elas continuam a ser perigosas. Doentias. E as pessoas que vendem drogas, essas pessoas não são lá muito simpáticas. Tal como algumas das pessoas que as consomem não o são. Esse estilo de vida não é criminoso, mas não é bom. Continua a não ser seguro. Percebe?

– Isso não tem nada que ver com o John. Ele não consome.

– É possível que o tenha feito no passado?

Ariel não tem resposta rápida. Na verdade, não tem sequer resposta. Sabe apenas o que John escolheu partilhar com ela. Quando se conheceram, já ele vivera muito, décadas, durante as quais pode ter feito de tudo, em qualquer lugar.

Mas isso é válido para qualquer pessoa, não é? Os passados podem ser reinventados.

* * *

Na primeira vez que se encontraram, Ariel investigara John superficialmente, rebuscando a *web*, procurando nas redes sociais, com cliques aqui e ali. Não encontrara grande coisa. Depois, quando ele se tornara uma questão mais interessante, ela fizera uma busca mais rigorosa – chamadas anónimas, inquéritos por *email* usando pseudónimos. Ariel era dada a momentos de paranoia, principalmente quando estava sozinha, na cama, a desoras. Em particular, depois de ter estado a ler um dos seus policiais; tantos são sobre psicopatas, que fingem ser tipos normais, que afinal andam a fazer coisas impensáveis a mulheres.

De manhã, Ariel reconhecia que muitas das suas suspeitas acerca de John eram absurdas. Mas não todas.

Acabou por admitir que não estava empenhada naquilo: não queria encontrar nada de mau sobre John, não queria descobrir mentiras, decepções e deturpações. Aquela falta de imparcialidade estava a comprometer toda a tarefa. Portanto, contratara um detetive privado para levar a cabo aquilo que ela não conseguia fazer por não ser capaz e por não querer.

O detetive descobriu onde John havia crescido, onde fizera o secundário e a faculdade, o seu Corpo de Treino de Oficiais da Reserva e serviço militar, os seus empregos e as suas casas, os seus falecidos pais e a sua irmã mais velha, que vivia noutro continente. Toda a informação básica que pode ser encontrada em bases de dados, elementos verificáveis, referências averiguadas nos departamentos de recursos humanos, conservatórias e senhorios.

Mas isso pode não ter sido tudo. É difícil procurar excursões de turismo sexual para a Tailândia, fins de semana de farra com cocaína e prostitutas,

uma adolescência abastecida com *Ritalina*, consumo de metanfetaminas, adição a jogos *online*, relações intermitentes com *crack*, pornografia infantil, violência doméstica, violação. A menos que essas atividades cheguem ao sistema judicial, e quase nenhuma delas chega. São quase impossíveis de encontrar, a não ser que se saiba exatamente o que se procurar, onde e quando.

O detetive encontrou algumas coisas que preocuparam Ariel, mas não muitas, e não a incomodaram assim tanto.

* * *

Ela costumava acreditar que era possível saber tudo sobre outra pessoa, pelo menos tudo o que realmente importava. Aceitara um anterior pedido de casamento de um homem que conhecia havia anos, acabara por viver com ele mais uns quantos – bastante tempo – até descobrir que nunca o conhecera, não no que importava mesmo. Talvez também não conheça este novo homem.

Criamos histórias acerca dos outros, acerca de nós, do nosso passado. Construimos as nossas narrativas, começamos com o quadro geral e depois vamos acrescentando pormenores, um a um, como quem faz uma casa, as fundações, os alicerces e o telhado até que de repente se está a colocar as maçanetas, os pontos de luz no teto e as balaustradas, uma casa onde nada havia, algo que parece ter estado sempre ali, apesar de ser uma construção novinha em folha.

Podemos fazer o mesmo connosco. Ariel fizera-o. Quem poderia dizer que John não o tinha feito também? Talvez aquele polícia tenha razão: é possível que não conheça o marido de todo.

* * *

– Porque por vezes – continua Moniz – isso pode acontecer com um velho hábito que se abandonou por motivos de saúde, legais ou financeiros. Mais tarde na vida, chega a um lugar como Lisboa, onde a saúde, a lei e as finanças são diferentes, e pensa: Ah, aqui é muito mais seguro, muito mais barato. Posso experimentar só um bocadinho. E depois...

Moniz abre a mão e ali está: uma farra.

– Percebo o que está a dizer. – Ariel está a tentar não se sentir ofendida com aquela sugestão; sabe que não o deveria estar, mas não consegue impedir-se. Ofendermo-nos não é uma escolha racional. – Não é isso que está a acontecer.

O polícia anui; não lhe cabe a ele convencê-la.

– É possível... E também esta não é uma pergunta muito agradável. Lamento, mas tenho de a fazer. Espero que compreenda...

– Sim, continue.

– É possível que o seu marido esteja neste momento com outra pessoa?

Ariel inclina a cabeça.

– Outra mulher – esclarece Moniz.

Está a ficar frustrada com aquela linha de interrogatório, apesar de expectável e até inevitável. Tal como é inevitável que objete da seguinte maneira: O John não faria isso, não é traidor, não é viciado, não é sociopata. O que deverá dizer em voz alta?

– Oiçam – declara, alternando o olhar entre Moniz e Santos. – O John quase me *suplicou* para o acompanhar nesta viagem. Se fosse para estar aqui com outra mulher, ou para se drogar, porque suplicaria à mulher para vir com ele? *Porquê?*

– É uma boa pergunta. Alguma ideia?

– Porque *não é isso que está a acontecer*.

Santos intervém:

– É possível que tenha vindo para Lisboa sem más intenções, mas essas coisas estejam a acontecer? A vida nem sempre é como pretendíamos.

Isso é bem certo.

– Oiçam – repete Ariel, tentando parecer calma. – Compreendo as vossas suspeitas: ele está com outra mulher, a consumir drogas, a enganar-me. Percebo por que razão todas essas coisas parecem possíveis; percebo o motivo pelo qual têm de seguir essas pistas. Mas digo-lhes que estão todas *erradas*. Portanto, pergunto: Do que é que precisam para começar a acreditar em mim?

Moniz olha em volta, desconfortável. Ariel percebe que elevou o tom de voz, que se pôs estridente.

– Por favor, senhora, fale mais baixo.

– Mas, caramba, porque é que não acreditam em mim?

– Dissemos que não acreditamos em si? Não, não o fizemos.

– Então, porque é que não fazem alguma coisa?

Ariel é impetuosa, sempre o foi, mesmo em miúda. Os pais adoravam contar histórias das reações desproporcionadas da filha quando perdia os brinquedos, cancelavam festas e comia algo estragado. Porém, impaciente é muito diferente de histérica. Os homens tentam amiúde que temperamento passe por histeria, retidão, exagero, hipersensibilidade, irracionalidade.

Portanto, eis a resposta com que Ariel já se deparou, a resposta que espera, aquele olhar indulgente, desdenhoso, nas linhas de: “Que é que quer que nós façamos, senhora?”

É o tom a que o homem recorre quando pensa que está a ser sensato. Um tom que transcende gerações, culturas, linguagens. O tom universal da condescendência.

Moniz inclina-se:

– Por favor, pergunto-lhe: O que pensa que a polícia pode fazer por si, agora? Quando o seu marido saiu do hotel em segurança nesta mesma manhã, quando não há prova alguma de que algo esteja mal? A prova que traz – Moniz aponta para o papel – é, quando muito, reveladora de que o seu marido se encontra ileso, não em perigo algum, não ligado a um crime qualquer.

– Podem localizar o telemóvel.

Moniz recosta-se rapidamente, afastando-se da sugestão.

– Podem pedi-lo à operadora. – O olhar de Ariel saltita de Moniz para Santos.

É Santos quem responde.

– Só com um mandado para tal. Nenhum juiz o emitirá com essas provas que nos traz.

– Os vossos serviços secretos, então. Portugal tem serviços secretos, certo?

– Claro – responde Moniz. – Este foi, em tempos, o centro do mundo da espionagem. Sabia? Durante a Segunda Guerra Mundial. Havia mais espões aqui em Portugal do que em qualquer outro lado.

Quem quer saber disso?

– Portanto, podem fazê-lo – diz Ariel. – Podem... sei lá como se chama isso... triangular a localização do telemóvel do John.

– Sim, podem. Mas não o farão a menos que haja provas de que isto é caso para os serviços secretos internacionais. Há alguma prova assim?

Ariel sabe que não tem uma resposta convincente e é nesse momento que tudo desmorona, o lábio inferior começa a tremer-lhe, o queixo também e, de seguida, toda a parte inferior da cara.

– Não sei – murmura entre soluços. Consegue sentir os outros clientes a assistirem à cena e o pessoal com pena dos polícias – que vão fazer com aquela mulher? Ainda bem que não é responsabilidade deles. Se há coisa de que Ariel tem a certeza é que ninguém quer lidar com uma histérica.

CAPÍTULO 11

Dia 1 18h47

Ariel sai intempestivamente do restaurante para a rua movimentada de uma Lisboa onde a vida fervilha, ouve-se música por toda a parte, desde sertanejo brasileiro a *reggaeton* porto-riquenho, *pop* europeu, *rock* americano e, claro, o tradicional fado, seja em lojas, cafés, bares, discotecas ou mesmo na rua, onde se encontram artistas em cada praça, em frente a cada igreja. Não imagina como seria se uma banda de música *rock* se plantasse, numa segunda-feira à tarde, diante da Igreja Episcopal na rua principal no sítio onde vive.

No passeio diante do restaurante, vê-se uma amálgama de gente, colegas de trabalho de um qualquer escritório talvez, uma dezena de pessoas que parecem ter iniciado já a sua noite de copos num outro sítio e que, bem-dispostas, dão palmadinhas nas costas umas das outras, contam piadas e riem alto, a caminho de um grande...

Claro.

– Com licença – diz, girando sobre os calcanhares. – Com licença – pede enquanto atravessa o grupo à cotovelada. Volta a entrar no restaurante, dirigindo-se para a mesa do fundo, onde os polícias se deliciam com a sobremesa e o café e de onde avistam aquela mulher americana, que não desiste.

– Tem de haver uma reserva para o jantar – declara. – Para amanhã à noite.

Os dois polícias mastigam.

– Não sei qual é o nome do restaurante – continua. – Mas sei que dá para lá chegar a pé desde o nosso hotel e que é um lugar que exigiria que eu me vestisse de forma mais formal, que a reserva seria para seis ou oito pessoas e para as nove horas. Já é bastante informação.

Moniz engole.

– Então, já podem ligar para todos os restaurantes finos perto do meu hotel, perguntar em que nome estão as reservas para um grupo amanhã às

nove e telefonar a esses clientes. Quantas marcações assim poderão existir?

Os polícias continuam em silêncio.

– Um deles será o cliente do meu marido.

Santos concorda; Ariel tem razão, não há como negá-lo.

– Sim – afirma Santos. – Assim faremos.

– Oh, meu Deus, obrigada. Obrigada. Quando o farão?

– Agora mesmo.

* * *

Os homens já a haviam acusado de ser demasiado emotiva. Picuinhas, combativa, hipersensível. Uma cabra do piorio, uma oferecida, uma vaca. Haviam-lhe levantado a mão para a agredir, ao que respondera com um olhar desafiador: bate, idiota.

Certamente não era assim tão mau, tinham-lhe dito. Até algumas mulheres, e não apenas a mãe, naquela vez horrível, aquele momento que lhes destruíra a relação.

Parte, Ariel sabia-o, prendia-se com o facto de ter levado uma vida aparentemente privilegiada, via-se-lhe no cabelo arranjado, na pele cuidada, na dicção, nos diplomas e carimbos no passaporte. Toda a sua vida parecera invejável, segura, como se tudo nela fosse luz, mesmo quando, na verdade, só havia escuridão. Coisas más não podiam acontecer a alguém como ela, não na América; toda a gente acreditava nisso, mesmo quem sabia que era mentira. Aquele país era profundamente dissonante em termos cognitivos. É essa a verdadeira histeria, o fingimento nacional, a ideia de que não somos o que verdadeiramente somos.

O pai de Ariel, a sua mãe, o marido, os amigos, a polícia, anos antes, e aquela polícia agora: toda a sua vida... Fora silenciada por condicionamentos constantes, recebendo a mesma resposta uma e outra vez, como um rato de laboratório sujeito a eletrochoques ou um cão maltratado. Uma mulher descreditada.

* * *

Da primeira vez: tinha treze anos, andava no oitavo ano, e aquele miúdo do décimo, Mackenzie, tinha-a apalpado enquanto ela estava na despensa, à procura de *marshmallows* para fazerem *s'mores* no quintal.

– O Brett Mackenzie? – perguntara a mãe, incrédula, abanando a cabeça. – Tens a certeza, querida? Conheço-o desde pequenino. É bom rapaz.

Ariel virara-lhe costas.

* * *

Da segunda vez: Tinha dezasseis anos, estavam a ver um filme de terror

na sala de convívio na cave de Brittany, toda a gente afogada em cerveja que tinha sido comprada na estação de serviço mais próxima. Era o verão entre o décimo primeiro e o décimo segundo ano do secundário, altura em que se estudava para os exames, se escreviam cartas para a candidatura à faculdade, se faziam estágios, os últimos esforços para parecerem cidadãos sérios enquanto apanhavam pielas aos sábados à noite para aliviar o *stress*.

Liz estava desmaiada numa das poltronas em pele e Jared saíra sorrateiramente da sala para telefonar a Francesca quando, de repente, Don se lançara para cima de Ariel, tapando-lhe a boca.

– Não – dissera ela, mas ele ignorara-a. Tentara afastá-lo, sem sucesso.

– Para – pedira. Fechara as pernas com força. Ele afastara-as.

– Vou gritar – avisara Ariel.

– Não gritas, não – replicara Don. Ela sentia os seus dedos a tentarem abrir-lhe as calças. – Não queres acordar a Liz, pois não? – Fora então que uma ideia lhe aflorara à mente – Ou queres?

Fora nesse momento que ela reunira forças e conseguira esgueirar-se, apenas o suficiente para libertar uma perna, apenas o suficiente para lhe dar uma joelhada com toda a força nos genitais, para o obrigar a mudar de posição apenas o suficiente para escapar de baixo dele. Apenas o suficiente, apenas o suficiente, apenas o suficiente...

Ariel saltara da cadeira. Pensara em fugir ou acordar Liz à força, pensara em esmurrar Don. Mas ele estava de cara enfiada na cadeira, sem se mexer. Inconsciente? Não, ela ouvia um som, talvez um soluço. Magoara-o assim tanto? Julgara que nem sequer o tinha magoado.

Mas não, Don não estava a chorar. Ria-se. Virara-se e Ariel vira a sua expressão de bêbado.

– Foi divertido.

Aquilo tinha sido divertido?

– Estás a falar a sério? – perguntara.

Ele não parecia ter entendido o que ela queria dizer. Estava focado em apertar as calças de ganga e a falhar miseravelmente.

– Queres alguma coisa pra beber? – perguntara-lhe, sem olhar para ela.

Ariel estava atónita e demasiado bêbada para confiar completamente no seu raciocínio. Começava a perder a confiança no seu julgamento sobre o que se passara nos últimos minutos.

– Não? – Ele desistira de tentar apertar as calças, com apenas um dos botões colocado na casa errada. Braguilhas são uma má opção para gente alcoolizada. – Vou buscar uma cerveja.

* * *

No dia seguinte, Ariel contara à mãe. Elaine estava junto da ilha, na cozinha a almoçar uma água com limão e a ler a secção de moda. Embora aquilo não fosse bem ler; era mais escutinar fotografias de festas e

casamentos.

– Estás a dizer-me que o Don te tentou violar. – Não se preocupara sequer em fechar o jornal, olhando para Ariel por cima dos óculos de leitura, perscrutando-a, ao inegável aspeto de adolescente ressacada que saíra da cama ao meio-dia, depois de, pelo menos, uma má escolha na noite anterior. Elas andam sempre em pares. – O Don Williamson.

– Bem, não chegou a tanto. Mas essa era, sem dúvida, a sua intenção, sim.

– Como é que isso aconteceu?

– Como? Acabei de te dizer. Qual foi a parte que não percebeste?

– O que pergunto é: como é que ele chegou tão longe?

Ariel ficara estarecida.

– Provocaste-o?

– Que merda queres tu dizer com *provocaste-o*?

– Não digas asneiras, minha menina, não to admito!

Em adolescente, Ariel fora pródiga em obscenidades, em grande parte porque os pais nunca diziam uma asneira. Anos mais tarde, percebera que as mulheres podem dizer asneiras livremente ou viver na Park Avenue, mas não as duas coisas em simultâneo. Agora, no segundo ato da sua vida, praguejar livremente é uma das coisas de que mais gosta no facto de estar afastada das regras restritivas da sociedade nova iorquina. Que não eram assim tão diferentes das regras com que os pais a educaram. Apenas aplicadas em moldes mais rigorosos.

– Mas porque é que não acreditas em mim?

– Não é que não *acredite* em ti, querida. Mas tens a certeza de que foi isso que aconteceu? Ou é possível que tenha havido algum tipo de mal-entendido?

Ariel estava boquiaberta. Ela e a mãe, ambas incrédulas. Ariel dera meia-volta com a intenção de sair dali.

– Aonde pensas que vais?

– Falar com o papá.

A mãe soltara um suspiro.

– Oh, querida.

Ariel voltara-se.

– O que é que isso quer dizer?

– O teu pai não vai gostar de saber uma coisa dessas.

– Espero mesmo que não, foda-se.

Desta vez, Elaine ignorara o palavrão. Afastara-se do jornal, fazendo uma pausa no entretenimento fútil de invejar as festas dos outros, e abraçara a filha.

– Não foi isso que quis dizer. O teu pai, ele não é um homem muito... moderno. E o Eric Williamson é um dos seus amigos mais chegados. Sabes disso, certo?

– E?

– E, como tal, acho que não vais ver nele a reação que esperas.

Em retrospectiva, Ariel espanta-se com a sua ingenuidade. Agora que ela

própria é mãe, tenta lembrar-se: os miúdos podem parecer maduros, agir como tal, anos antes de saberem como funciona, de facto, o mundo dos adultos.

O escritório do pai encontrava-se repleto de livros e revistas e grandes pilhas de relatórios com um aspeto muito sério, que ela julgara, em tempos, terem que ver com o facto de ele ser um académico, uma espécie de intelectual. Mais tarde, acabara por perceber que tudo se tratava apenas de fazer dinheiro.

O pai pousara o pesado copo cuidadosamente no centro da respetiva base. Bebia o seu uísque com gelo, uma grande pedra de gelo. Tinha cuvetes especiais para fazer estes grandes cubos.

– Lamento muito saber que isso aconteceu – dissera, finalmente, continuando a contemplar o líquido âmbar no copo, longe da filha. Ela perguntara-se se aquela seria a sua primeira ou segunda bebida antes do almoço, num domingo de verão. – O que é que pretendes fazer?

– Não sei. O que achas?

– Suponho que pudesses confrontar o rapaz.

O teor daquela frase atingira-a como um comboio de mercadorias. Não apenas a dubiedade do *suponho*, mas, mais importante ainda, o uso da segunda pessoa do singular: *tu*. Não *nós*.

– Mas do que é que isso adiantaria? – perguntara o pai – No fim de contas?

Ariel percebera que, independentemente do tempo que levassem a discutir o assunto – cinco minutos, dez, duas horas –, a conclusão seria a mesma.

– Acreditas em mim, papá?

– Claro que *eu* acredito em ti, minha linda. Mas sou teu pai. E as outras pessoas? – Cerrara os lábios e abanara a cabeça. – Tenta imaginar como, *exatamente* como, é que isto correria, conversa a conversa.

Ariel mal conseguia ouvi-lo, com a sua ladainha de razões, as suas justificações, a sua relação com o pai de Don, a cidade, os primos, os boatos...

Agora compreendia verdadeiramente o que a mãe quisera dizer. Elaine conhecia o marido e aceitava-o por completo, o bom e o mau, mesmo o que odiava nele. Muito mais tarde, Ariel recusara fazer isso mesmo, fora precisamente esse o tipo de esposa que se recusara ser. A dado momento.

– Claro que fica ao teu critério, minha querida, e eu apoio qualquer decisão tua. Mas queres o meu conselho?

Pousara o copo na base – a casa onde viviam era imaculada, tudo pensado ao pormenor, todos os objetos em harmonia em cada divisão, tudo a condizer – e olhara-a, finalmente, nos olhos.

– Esquece que isso aconteceu.

Ninguém gosta de ter de reconhecer que o pai é um idiota. Portanto, apesar das provas dadas ao longo dos anos, Ariel recusara sempre a ideia, até não lhe restar alternativa, até se tornar inegável, até àquele momento. Tinha dezasseis anos.

– Segue com a tua vida.

* * *

Da terceira vez: Era uma atriz em início de carreira, tentando a sua sorte em audições, *workshops*, a servir às mesas e a fazer *babysitting* em Nova Iorque, vivendo quase na pobreza, um mês de cada vez. Vivia assim há seis anos; estava a ficar sem tempo.

Acontecera em horário de expediente, num escritório em TriBeCa, aonde ela comparecera para uma reunião de negócios. Não havia álcool nem drogas. Não havia histórico, uma relação prévia, nenhum motivo em particular. Fizera tudo certinho, mas ainda assim ele dizia “Compreendes que eu posso fazer com que muitos dos teus sonhos se concretizem”, enquanto desapertava o cinto.

Fora nessa altura que percebera que “fazer tudo certinho” era algo que não existia. Fora, também, nesse momento, que desistira de uma carreira na representação. Queria-a há muito, mas não assim tanto; não estava disposta a tudo. Saía a correr dali, a correr daquela vida.

Sempre quisera ser atriz, porque julgava ser uma profissão sobre arte, criatividade. Mas percebera que era apenas sobre beleza, quando não era sobre sexo.

– E o que pensas fazer agora? – perguntara a sua companheira de casa.

Ariel não queria uma profissão que se girasse em volta da beleza e do sexo. Certamente haveria outras opções.

– Não sei – respondera. – Acho que vou arranjar um trabalho a sério.

* * *

A vida ensinou-lhe que ninguém acreditaria nela, nem mesmo os próprios pais. Aprendera que nunca deveria embebedar-se, nem sequer com os amigos mais chegados. Aprendera que nunca mais deveria considerar um rapaz – um homem – de confiança. Aprendera que não havia nada que pudesse fazer, nem que estudasse toda a vida: aquilo acabaria sempre por acontecer.

E aconteceu.

* * *

– O que achas? – António Moniz retira algumas notas da carteira. É a sua vez de pagar o jantar.

Santos bebe o último gole de café, pausa a chávena cuidadosamente no pires.

– Acho que o marido anda metido em alguma coisa e a mulher não sabe de nada.

Claro, pensa Moniz. Aquele é o calcanhar de Aquiles de Santos: é rápida

no que toca a acreditar numa mulher, igualmente rápida a culpar o homem. E, por norma, tem razão: é muito mais frequente serem os homens os criminosos do que as mulheres. Muito mais. Mas cada caso é um novo lançamento do dado e, a cada lançamento, a probabilidade de ser uma mulher a mentir, a dar o golpe, a ser ela a criminosa, existe. Ou talvez se trate apenas de mais uma esposa histérica.

– Achas que existe outra mulher? – questiona Moniz.

– Duvido. Não me parece que a madrugada seja um horário propício a facadas no casamento. Ou será?

– Por favor. – Moniz sorri. – Eu é que sei qual é a melhor hora?

– Não – diz Santos, ignorando-o. – Acho que a senhora Pryce está certa. O marido entrou num carro. Só ainda não consegui conjecturar uma teoria sobre porque o faria. E tu, António? O que achas?

Moniz hesita antes de responder. Só porque muitas mulheres foram desacreditadas no passado, não quer dizer que esta mulher, em específico, esteja a dizer a verdade. Mas sabe por experiência própria que Santos não vai querer ouvir isso.

– Não achas que ela veio ter connosco demasiado cedo? O marido está desaparecido há duas ou três horas e ela vai logo a correr à polícia, num país estranho, cuja língua nem sequer fala?

– Parece-me perfeitamente normal. Se essas duas ou três horas fossem ao final do dia, nessa altura, sim, poder-se-ia contemplar uma série de explicações inócuas para o atraso. Talvez estivesse num bar, a comprar drogas ou com uma outra mulher, seria possível que se tivesse perdido, ficado sem bateria ou até tido um acidente de viação. Talvez nenhuma destas opções fosse uma notícia boa, mas também não seria motivo para ficar aterrorizada. Mas desaparecer logo ao amanhecer? – Santos abana a cabeça. – No lugar desta mulher, também ficaria preocupada.

– Sim, mas preocupada a ponto de contactares a polícia? E a embaixada? Não achas que foi um pânico exagerado e prematuro?

– Que outra coisa querias que ela fizesse? Que outra coisa *poderia* ela ter feito? Nada?

Moniz não se convence, mas sabe que é importante respeitar – ou, pelo menos, fazer a vontade, de vez em quando – as convicções dos outros. Especialmente quando se trata da sua parceira de ofício.

– Então o que julgas que aconteceu?

– Ficaria muito surpreendido se isto não tivesse qualquer coisa a ver com sexo.

* * *

Ariel encontra-se em mais um dos bairros lisboetas pintados em tons pastel quando sente algo, um arrepio que a obriga a abrandar o passo, e nota um ruído, quase indistinto, mas alarmante que lhe vai chegando em crescendo,

cada vez mais perto, cada vez mais rápido. Volta-se quando a mota está a vinte metros de si, o motor a zunir à medida que o veículo abrandar, as rodas a chiarem; ela desvia-se num salto, consegue sentir ambos os pés a deixarem o chão, o instinto a sobrepor-se ao resto...

O condutor usa calças de ganga pretas, blusão preto e o capacete também é da mesma cor, com uma viseira espelhada, sem revelar o que quer se seja.

A mão enluvada alcança o bolso do blusão de cabedal, e Ariel dá outro salto, desta vez, embatendo contra a parede, onde raspa o cotovelo, que lhe dói como tudo. Solta um gemido, os olhos perscrutando o espaço em busca de um ponto de fuga enquanto a mão do motociclista reaparece, e ela grita “Não!” antes de se aperceber de que aquilo que o homem lhe estende não é uma arma de fogo, nem uma arma branca, não se trata de uma arma, de todo, pelo menos não nas formas tradicionais em que as conhecemos.

Repara que a luva de cabedal lhe estende um objeto: um telemóvel, a centímetros da sua própria mão. Nos dias que correm, a arma mais poderosa de todas.

Olha de novo para onde o rosto do motociclista deveria estar, mas tudo o que lhe é permitido ver na ampla extensão da viseira é um reflexo de si, de olhos arregalados, com uma expressão aterrorizada, o sobrolho franzido, boquiaberta e de ombros descaídos. Um animal encurralado.

A mão do motociclista aproxima-se ainda mais dela, entregando-lhe o aparelho e, no momento em que Ariel o recebe, o condutor acelera, fazendo os pneus chiarem e o motor rugir. Ariel obriga-se a olhar, tentando memorizar o máximo de detalhes, mas a mota não tem matrícula, nenhum pormenor particular que ela possa reconhecer no lusco-fusco, nada que sirva de descrição da mota ou do condutor aos polícias, nada mais do que o facto de se tratar de um tipo com uma banal indumentária preta, numa banal mota de tamanho médio, que, após alguns segundos, desaparece ao virar da esquina. Consegue ouvi-la a ganhar velocidade depois da curva apertada, até que o ruído se desvanece e então que percebe:

O telemóvel está a tocar.

PARTE 2

O RAPTO

CAPÍTULO 12

Dia 1. 18h55

– Oiça com atenção.

– Sim – replica Ariel. Está a tentar controlar as suas emoções, a sua voz, o seu coração acelerado, mas a falhar redondamente. – Diga.

– Temos o seu marido. – A voz no telefone foi alterada; não parece humana.

– Oh, meu Deus. Ele está bem?

– Se quiser vê-lo de novo vivo, tem de nos entregar três milhões de euros em dinheiro...

– Está louco. Eu...

– ...dentro de quarenta e oito horas.

– Mas eu...

– Nada de negociações. Nada de prorrogações. Nada de polícia. Nada de embaixada. Mantenha sempre este dispositivo consigo.

– Quem é?

O interlocutor solta uma gargalhada triste.

– Como é que sei que o John ainda está vivo?

Ariel ouve um som semelhante a um raspar e de seguida:

– Ariel, sou eu...

– John! Meu Deus! Estás bem?

E de novo o mesmo som.

– Aqui tem: está vivo.

– O que é que quer dele?

– Já disse: três milhões de euros.

– Não tenho três milhões de euros, nem o meu marido.

– Mas conhece quem tenha.

– O que é que quer dizer com isso?

– Tem dois dias.

Depois, a chamada caiu.

CAPÍTULO 13

Dia 1. 18h56

Agora já não há possibilidades agradáveis, explicações rebuscadas ou advocacia do diabo, não há qualquer dúvida razoável. Agora é um facto: John não se encontra meramente desaparecido; foi levado. Agora tudo é diferente.

* * *

– Caramba – diz Guido Antonucci. – Têm acontecido umas merdas maradas aqui no Chiado.

Nicole Griffiths tem estado sentada à secretária, passando os olhos pela lista de convidados, à procura de nomes suspeitos. Por vezes, gostaria de ainda ser uma agente dos escalões mais baixos, lá fora, no mundo, todos os dias, a recrutar agentes, a escapular-se por ruas estrangeiras, a abordar ativos em bares, bordéis e nos corredores silenciosos de conferências profissionais, conversas clandestinas escondidas à vista de todos. O trabalho administrativo é aborrecido. Quando se é novo, ouve-se isto, mas é difícil acreditar.

– Conta-me.

– A Pryce estava a andar na rua quando, de repente, um motociclista lhe berrou, lhe passou um telemóvel e desapareceu a alta velocidade. Ela recebeu imediatamente uma chamada naquele telefone, que durou cerca de um minuto. De seguida, ficou paralisada, boquiaberta, como se tivesse ouvido que o cão morrera.

– Ou o marido?

– Não, não me parece. Não gritou, não desmaiou, nem ficou de rastos. Se o marido desta mulher tiver acabado de morrer, ela é uma assassina empedernida.

Griffiths pergunta-se se isso não será uma possibilidade, mas guarda-o para si.

– E depois?

– Ela reagiu e tive de me pigstar dali antes que me visse. Virei a esquina e liguei-te. A Jefferson já está atrás dela a pé.

– Está bem. Mantém-me informada.

Griffiths verifica as horas. Começa a ter a sensação de que aquilo lhe vai estragar o encontro com Pietro. A relação de ambos é puramente transacional, sendo a transação estritamente sexual. Portanto, nenhum dos dois ficará chateado com o cancelamento, mas, ainda assim, não os vai alegrar.

* * *

– Sim. – Ariel suspira de forma audível. – Compreendo que é um pedido invulgar. Por favor.

– É muito disruptivo para os outros miúdos, Ms. Pryce. E também para o seu filho.

Uma mão-cheia de jovens ruidosos passam por ela, a rir alto, a vida continua, abstraída da crise que ocorre ali mesmo.

– Sim, e peço desculpa, mas é importante. – É sempre a coisa mais importante. Aquele homem certamente compreenderá. Afinal de contas, está a coordenar uma colónia de férias. É ali que George passa todos os seus verões, é o que conhece da estação, dos animais de quinta, dos desportos aquáticos, da hera venenosa, dos escaldões, do sono profundo dos justos. A colónia encontra-se a apenas algumas vilas de distância, um percurso de quinze minutos de carro, mas parece que um continente os separa. Um oceano. Como agora.

– É um momento caótico, Ms. Pryce. Estamos a acabar de almoçar, os miúdos...

– *Por favor*, estou a suplicar-lhe. Acho que não deveria ter de o fazer.

Silêncio. Ariel já se deparou com aquele tipo de relutância; está sempre a controlar George, de modo demasiado frequente para o gosto dos diretores da colónia, dos diretores da escola, dos treinadores desportivos. Talvez lhe franzissem menos o sobrolho se ela lhes explicasse por que razão o faz, mas recusa-se.

– Desculpe, não vou passar o telefone ao seu filho só para que possa confirmar que está bem. Já fui lá fora e agora estou no alpendre, de onde vejo perfeitamente o George. Está sentado na relva com mais quatro rapazes. Está *ótimo*. Lamento, mas isto terá de lhe bastar.

Mas não basta.

* * *

– Olá, mãe – diz Ariel. Telefonou imediatamente a Elaine mal desligou a chamada com o diretor da colónia.

– Querida?

- Mãe, estás em minha casa?
- Onde estaria eu?
- Está tudo bem por aí?
- Bem? Que queres dizer com isso?

– Olha, preciso que me faças uma coisa, que te vai parecer estranha: preciso que faças uma mala com umas quantas mudas para ti e para o George, sem esquecer todos os medicamentos dele, leva os cães e alguma comida para eles, vai buscar o George à colónia e...

– Oh, meu Deus, ele está bem?

– Sim, mas preciso que o leves para algum lado em que não o encontrem. Nem a ti.

Elaine fica silenciosa durante alguns segundos.

– Querida, estás a assustar-me. O que é que se passa?

– O John foi raptado.

Elaine sobressalta-se.

– Ainda não percebo bem o que se está a passar – continua Ariel. – Se tem que ver com o John e o pagamento de um resgate ou se tem alguma coisa que ver com...

Ariel não ficaria surpreendida se o seu telefone estivesse a ser vigiado, agora que partilhou a sua preocupação com a embaixada, o que provavelmente não será muito diferente de alertar a CIA. Qualquer comunicação é passível de ser interceptada ou manipulada, gravada e arquivada, roubada ou passada a outrem, transmitida ao mundo inteiro. Qualquer telefonema, *email*, qualquer aplicação totalmente encriptada, qualquer fotografia de teor sexual, informação empresarial ou um pedido de resgate. Ariel tem de partir do princípio de que alguém, algures, está a ouvir.

– Ou se tem que ver com qualquer outra coisa – declara Ariel. – Outra pessoa.

– De que é que estás a falar?

Está a falar de segredos há muito enterrados de homens poderosos.

– Por favor, não vás para um hotel, mãe. Não vás para um sítio onde precisas de usar o cartão de crédito. Não uses o meu telefone fixo para combinar o que quer que seja. Também não uses o teu telemóvel.

– Então, como é que...

– Pede ao Pedro. – Ariel imagina Elaine a deambular pelo campo, a perguntar ao acaso a homens latinos se há ali alguém que se chame Pedro. – Sabes quem é o Pedro, mãe? Usa sempre um chapéu de palha claro, tem cerca de um metro de sessenta e cinco...

– Sim, querida, sei quem o Pedro é.

– Boa, ainda bem. Pede-lhe o telemóvel emprestado e usa-o para ligares a um amigo.

– A quem é que vou...

– Pensa nisso! – grita Ariel. Depois, mais suavemente: – Por favor, encontra um sítio, mãe, mas não me digas para onde vais. Não digas a

ninguém, a não ser à pessoa que vais visitar, e mesmo assim não uses o teu telemóvel. Percebeste o que te disse?

– Sim.

Ariel consegue ouvir um cão a ladrar ao fundo, parece *Mallomar*. Quando ela fala ao telefone, o cão castanho ouve-a atentamente, a cabeça inclinada, e, de quando em quando, tenta responder-lhe. É isso que está a fazer agora.

– O que é que devo dizer ao George?

– Amanhã é quatro de julho – diz Ariel. – Não há colónia; portanto, vocês os dois vão embarcar numa aventura divertida. Talvez visitar alguém que tenha uma piscina? – Elaine não conhece ninguém no sítio onde Ariel vive. Mas a uma hora dali, já o caso muda de figura.

– Acho que consigo encontrar algo... Mas porque é que, de repente, me lembraria de uma coisa assim?

– Desliga a água em casa. É uma razão suficientemente válida.

George compreenderia aquilo. Acontecera uns anos antes. O poço secara e Ariel precisara de uns dias para que tudo regressasse à normalidade; tivera de chamar um fulano – aquele idiota – para lá ir no inverno e cavar um novo poço, mais afastado de casa, conforme as novas regras e, de seguida, mais uns quantos dias para que o canalizador instalasse as ligações. No entremeio, era difícil viver sem água canalizada, pelo que Ariel, George e os cães ocuparam um quarto de hóspedes de um amigo, onde o pequeno dormira num saco-cama no chão, como se estivessem a acampar. Uma experiência memorável.

– Vai à cave e procura a válvula principal.

– Válvula principal? Não sei o que é que isso significa.

Elaine vive num condomínio num campo de golfe com um administrador residente e diversos funcionários, um lugar onde pode pegar no telefone, dizer que a sanita está entupida e um homem de uniforme, com o nome bordado no peito, aparecerá, com uma caixa de ferramentas. Talvez precise de ir à loja de ferragens. No fim, Elaine estender-lhe-á uma nota de vinte dólares, ao que ele dirá “Obrigado, Mrs. Winston”, acartando todo o lixo que tiver feito no processo de conserto, envolvido em papel velho de jornal.

Era assim que Ariel costumava pensar que o mundo funcionava: não lhe passava pela cabeça que a própria pessoa pudesse saber fazer tarefas domésticas; chamava quem o fizesse e, assim que o trabalho estava feito, ainda ouvia um agradecimento do empregado. Fora assim que a sua infância funcionara, o mesmo acontecendo na sua residência universitária, nos apartamentos onde morara em Nova Iorque, de início com outras raparigas e, mais tarde, sozinha, assim como com o primeiro marido.

– Oh, querida, no que é que te meteste? – Uma vez mais, a suposição: a culpa era de Ariel.

– Agora não posso explicar, mãe. Podes, por favor, só fazer isto por mim? Mais tarde, logo te explico.

Ariel consegue ouvir a mãe respirar pesadamente, talvez a fungar.

– Mãe, estás bem?

– Não, definitivamente não estou bem. Estou assustadíssima.

– Desculpa. – Ariel gostaria de poder tranquilizar a mãe, dizer-lhe que não há motivo de preocupação, mas isso poderia ser contraproducente. E talvez falso.

– Está bem. Estou na cave.

– A válvula principal é um puxador vermelho a sair de um cano, perto da bomba no chão; tem um pedaço de arame vermelho à volta e uma etiqueta onde se lê: VÁLVULA PRINCIPAL. Estás a vê-la?

– Sim.

– Agora, fecha a válvula...

– Para que lado?

Ariel ergue a mão direita para se lembrar.

– Vira para a direita, no sentido dos ponteiros do relógio. – Tal como com os pedais do carro, o seu corpo sabe a informação sem que a cabeça a reconheça necessariamente. – Depois de a válvula principal estar fechada, ainda vai haver uma pequena quantidade de água nos canos e uma única descarga em cada um dos autoclismos, mas depois disso eles não se voltarão a encher, não poderás fazer nova descarga. Mostra os autoclismos vazios ao George.

– Queres que eu *mint*a ao miúdo?

– Se *quero*? Não, mãe. Não *quero* que a minha mãe minta ao meu filho. Também não *queria* que o meu marido tivesse sido raptado em Portugal. O que *quero* é que tu e o George fiquem a salvo, que o meu filho não fique em pânico, e este foi o plano que me veio à cabeça. Se tiveres uma ideia melhor, por favor, sou toda ouvidos.

* * *

Comprar uma quinta com duzentos anos não foi a decisão mais racional, de entre muitas outras que lhe definiram a vida, que Ariel tomou naquele ano decisivo. Na verdade, era irresponsável, tal como adquirir um carro antigo quando nem se sabe o que é uma caixa de velocidades. Se não se tiver paciência, dinheiro ou conhecimento, coisas vetustas e complicadas não constituem escolhas sensatas.

Ariel não sabia como a casa funcionava e o mesmo se aplicava ao seu bebé recém-nascido. Nenhum dos dois vinha com um manual de instruções. Já a sua escova de dentes elétrica, essa sim, tinha um manual de trinta e duas páginas.

Aqueles primeiros anos na quinta haviam sido um exercício de frustração quase ininterrupta, com coisa atrás de coisa a estragar-se, a verter ou a falhar. Cada problema era intensificado pelo facto de Ariel se sentir humilhada por nunca conseguir responder a perguntas concretas acerca da sua casa – o aquecimento era de água quente ou vapor, onde se localizava a fossa séptica e quando fora esvaziada pela última vez, qual a potência de contratação elétrica,

de onde vinha a água. Não sabia nada daquilo.

Começara a ficar preocupada porque a água lhe sabia mal. Seria verdade? Por vezes, é difícil avaliar aquilo com que lidamos diariamente. Perguntava a qualquer pessoa que lá fosse; obtinha opiniões divergentes. Chamara um serviço de testagem, que mandara um tipo para recolher uma amostra e enviá-la para o laboratório. O serviço mandara-lhe um *email* com a análise e ela não conseguira perceber patavina; parecia uma língua completamente diferente.

A água era alcalina, explicara o fulano pelo telefone. Um filtro resolveria facilmente o problema.

Algumas semanas depois, Jeb Payne chegara, descera pela porta no chão, que abria caminho para a cave, parcialmente escavada – solo de terra, paredes de alvenaria, uma divisão assustadora repleta de teias de aranha e objetos mecânicos, que ela não percebia, iluminada por uma lâmpada, pendendo de um teto baixo e rodeada por todos os lados por buracos repletos de ratos, ratazanas, guaxinins e opossuns, a lutarem, a copularem, a fazerem ninho e a morrerem, sendo o fedor de roedores mortos uma constante no inverno.

– Ui – dissera Payne, aproximando-se daquela enorme coisa com um formato de bala que parecia uma grelha de churrasco futurista. – Parece que já tem um sistema de filtragem. – Pousara a mão papuda no objeto, os dedos lembrando salsichas, e encarara-a. – Aqui mesmo.

Ariel abominava a expressão de condescendência que ele tinha, como se estivesse a controlar-se ao máximo para não desatar a rir.

– Pelos vistos, está desligado. – Inclinar-se, examinara, examinou uma mangueira, um cano. – Sabe dizer-me porquê? – Olhara de novo para ela, por cima do ombro, com um irritante olhar de lado. – Não, de certeza que não sabe.

Ariel sentira a vergonha assomar-lhe às faces e sabia que ele também o veria.

Nesse momento, detestara-se por ser aquele tipo de pessoa, com um tipo de incompetência secular, uma mulher à mercê de um homem como aquele, cuja arrogância era uma consequência natural das escolhas dela, das escolhas da mãe dela, das escolhas da sociedade no que respeita ao que os homens e as mulheres sabem ou não fazer.

Fora a última gota.

Ariel chamara um canalizador e um eletricista.

– Não – admitira –, não é uma emergência. Na verdade, não há nada de errado. – Pagara a cada um deles uma hora, durante a qual lhe explicavam coisas enquanto ela tirava notas e fazia perguntas: para que serve isto, como funciona aquilo, porque é que esta coisa está aqui. Era embaraçoso, mas valia o investimento, porque lhe evitaria futuras humilhações. Revelava a sua ignorância, mas para a superar.

E fora mais do que isso. Fora tudo: Ariel decidira ter controlo sob a sua vida, descobrir como fazer os serviços pelos quais pagava a outras pessoas. A maior parte das coisas não era complicada. Só precisava de estar disposta a

tentar.

* * *

Ariel nunca quisera ser alguém que olha para tudo pela lente do medo, dos piores cenários possíveis, dos planos de contingência, da autodefesa, da desconfiança e do antagonismo, do evitamento do risco. Queria ser uma pessoa capaz de andar pelo mundo sem medo, mesmo quando não saía de todo; queria ser intrépida, nem que fosse deitada na cama.

A vida oferece-nos tantas escolhas. As superficiais, que dizem respeito à aparência, mas também todas as outras – como educas os teus filhos, como ganhas a vida e gastas o que ganhas, que tipo de amigos tens, o que fazes com o teu tempo livre, gatos ou cães, vinho ou cerveja, vegetariano ou omnívoro, carros ou carrinhas. Inúmeras escolhas. Nem sequer nos apercebemos de que as estamos a fazer; não temos noção de que somos livres de as fazer.

Mas somos. Ariel obrigara-se a olhar bem para as suas opções. Escolher deliberadamente.

Escolhera ser uma pessoa que sabe como a canalização da sua casa funciona. Uma pessoa que compreende o essencial de mecânica ou da carrinha que conduz, da quinta de que é proprietária. Escolhera ser uma pessoa que investigará como fazer quase tudo, fazendo-o – fazer um contrato de subarrendamento, mudar um pneu furado, concertar uma torneira que pinga, tratar das finanças e pagar os impostos, construir uma casa da árvore e fazer uma fogueira, reiniciar uma chama piloto, preparar, estucar e pintar uma parede.

Também uma mulher que se sabe defender. Que até sabe matar alguém, usando apenas as mãos.

CAPÍTULO 14

Dia 1. 19h21

Ariel chega ao cruzamento seguinte e apercebe-se de que não tem a certeza de onde está, onde fica o seu hotel. Vira para a esquerda, dá alguns passos, após o que vislumbra uma nesga de rio ao fundo da colina...

– Que chatice. – Tem estado a seguir na direção errada, num longo quarteirão, o que significa mais cinco minutos na rua, a deambular, exposta, vulnerável. Gira nos calcanhares, refaz o caminho até à esquina, vira...

Ariel fica estarrecida, mas obriga-se a controlar a sua reação.

Ele encontra-se no outro lado da rua, caminhando na sua direção devagar, como se estivesse em passeio.

Ela quase não tem tempo para decidir o que fazer. Uma vez mais, pode fugir. Ou fingir que não reparou nele, não o reconheceu, cruzando-se como se nada fosse. Ou pode confrontá-lo.

Mudou a parte de cima do conjunto, usando agora uma camisola de gola redonda cinzenta em vez do polo azul. Mas as calças são as mesmas, com vincos na parte da frente, embora menos marcados. São os sapatos com aspeto ortopédico que o denunciavam.

Ou pode atacar. Durante grande parte da vida de Ariel, nunca lhe teria passado pela cabeça atacar; ter-lhe-ia parecido extravagante, impossível. Agora, já não.

Sai do passeio, começa a atravessar a rua. Ela consegue. Já o fez antes.

* * *

Fora dois anos antes. George estava a brincar em casa de um amigo e os trabalhadores agrícolas haviam saído da quinta às quatro e meia da tarde, como sempre. Portanto, Ariel estava sozinha quando ouviu uma carrinha parar no trilho de acesso à casa.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que seria a empresa de irrigação; ligara uns dias antes e não tinham conseguido marcar um dia específico para o serviço.

Ariel espetou a cabeça pela janela para espreitar e foi então que viu quem era. Sem ter avisado, sem ser convidado, sem ser bem-vindo.

Uma das coisas de que Ariel sente falta no que respeita a viver na cidade é a fartura de escolha. Para restaurantes e bares, livrarias e lojas, armazéns e ferragens, quebra-luzes e tudo o resto. Se não gostarmos de uma loja, das pessoas que ali trabalham, podemos ir a outra ou a outra ou a outra ainda. Ali não. Naquela vila, não tem opções, nem no que diz respeito às lojas que frequenta, nem em relação às pessoas com quem interage. Só há um ortopedista, uma loja de brinquedos, uma farmácia. Para problemas de canalização, só há um tipo, que é precisamente o tipo de patife com quem Ariel preferiria não ter de lidar, caso tivesse escolha. Não tem.

Encaminhou-se para o alpendre, olhou para o trilho.

– Olá. – Tentou imbuir aquelas duas sílabas com dúvida, relutância e um frio glacial, mas não com hostilidade manifesta. Não queria envolver-se numa disputa, a menos que precisasse, não numa situação daquelas. Sem fuga possível. Sem testemunhas.

Jeb Payne saiu da sua carrinha enorme, ajeitou as calças. Ainda não estava tão pesado como iria ficar mais tarde, mas fizera muito por isso desde que a visitara pela primeira vez para lhe arranjar o filtro.

– Olá. – Caminhou pesadamente até ela com uma grande caixa de ferramentas.

– Não o chamei, pois não? – Ariel tinha a certeza de que não o havia feito, mas sentia a esperança de que expressá-lo sob a forma de pergunta fosse menos confrontativo.

– Nã. Vim para fazer a verificação dos três anos. Faz parte do serviço. Para clientes, hum, *estimados*.

– Não é necessário. – Ariel cruzou os braços, postou-se diante da porta. – Está tudo bem.

– Fico satisfeito por sabê-lo. – Esboçou um sorrisinho. – Mas, mesmo assim, tenho de verificar. Faz parte do negócio – repetiu ele, como se ela não tivesse entendido da primeira vez.

– Mas não é necessário.

– Tenho mesmo de o fazer – anunciou ele. Encontrava-se agora no alpendre. – É só um minuto.

Estava diante da porta de rede, mas não agarrou a maçaneta, como se estivesse a estabelecer fronteira entre a sua chegada inesperada e o crime inegável de entrar sem autorização explícita. Ariel teve a sensação de que Payne aprendera todos os pormenores dos delitos de invasão criminosa com o seu primo polícia.

– Importa-se? – perguntou.

Sim, ela importava-se, mas será que lhe diria: *Na verdade, importo-me,*

pode ir-se embora, por favor? Esperou um segundo, revelando a sua relutância, mas Payne não recuou. Não queria transformar aquilo numa situação de antagonismo evidente, mas parecia ser a única alternativa a deixá-lo entrar.

Ariel afastou-se, permitindo que ele passasse. Permaneceu, porém, no alpendre, debatendo-se. Olhou para a carrinha de Payne, a bloquear-lhe a entrada, Olhou novamente para a estrada isolada, onde só uns poucos carros passavam a qualquer hora do dia. Olhou na direção da casa mais próxima, a algumas centenas de metros de distância, e constatou que o *Buick* não estava estacionado; Cyrus estaria provavelmente no bar dos veteranos de guerras estrangeiras, aonde ia beber uma cerveja quase todas as tardes.

Ela tinha um mau pressentimento. Talvez não fosse coincidência que ela estivesse sozinha.

– Posso pedir-lhe um copo?

– Está no armário à sua direita – disse Ariel, ainda do exterior.

Payne encheu o copo de água e bebeu um gole. Deixou a torneira aberta.

– Sabe sempre assim? – continuava junto do lava-loiças, estendendo-lhe o copo, tentando que ela entrasse.

Ela perguntou-se se não estaria a exagerar; outrora, fora acusada disso. Parecia-lhe pouco provável que aquele homem ali tivesse ido, em plena luz do dia, com a intenção premeditada de a atacar. A ideia, porém, não era de todo impossível.

Ariel entrou. Ignorou o copo na mão estendida, retirando outro da prateleira, que encheu, bebendo. Não tomou, contudo, atenção ao sabor da água.

– Parece-me ótima.

– Hum. – Ele esboçou uma expressão de discordância. – Tenho de ir à cave, verificar, hum, o seu equipamento. Por favor, mantenha a água a correr, para que eu possa obter uma amostra pura. Volto daqui a uns minutos.

Saiu, e Ariel inspirou, aliviada. Regressou aos preparativos do jantar, mergulhando beringelas fatiadas na farinha e, depois, no ovo, envolvendo-as, de seguida, em pão ralado, as mãos glutinosas.

A dado momento, Payne voltou ao alpendre, com os cães no seu encalço. Sentiam-se na obrigação de vigiar as visitas.

– Olhe – disse ele.

Ela lavou as mãos na água corrente, aproximando-se de novo da porta de rede.

– Está tudo bem?

– Posso entrar? Preciso de outra amostra.

Uma vez mais, ela hesitou antes de proferir um “está bem”. Queria que a sua relutância ficasse bem patente.

Payne encheu uns quantos frascos, após o que fechou a torneira.

– Os resultados demorarão uma semana ou duas.

– Certo – replicou ela. – Obrigada por ter vindo.

O homem não revelou qualquer intenção de sair. Olhou para o balcão, para os ingredientes e, depois, novamente para ela, começando pelas pernas e subindo devagar.

– Está na hora de ir – disse ele, carregando no sotaque, como quem quer acentuar que é do campo, distanciando-se dos cidadãos que se mudaram para ali.

– Bem – replicou ela –, obrigada uma vez mais por verificar o estado da água.

– Não estou com pressa – disse ele, com um sorrisinho. – Que tal uma cerveja?

Durante toda a visita de Payne, Ariel pressentira algo, como quem tem uma comichão na garganta, mas escolhe ignorá-la. Até que se tosse e dói.

– Não me parece. Tenho de fazer o jantar; o meu filho chega daqui a nada.

Ariel olhou para o balcão, apercebendo-se de que não havia nem uma faca ao alcance da mão.

– Para ser franca, estou à espera de convidados – mentiu. – Chegam daqui a pouco.

Nada daquilo era verdade, e o sorrisinho de Payne revelava-lhe que ele o sabia.

– Vai dar uma festa, hem?

Ariel aprendera com o passado; claro que sim. Sabia o que precisava de fazer e quando precisava de fazê-lo. Mas é difícil dizer não, dizê-lo alto e bom som, certificarmo-nos de que não há qualquer outra interpretação possível, nenhum equívoco, nenhuma ponta de ambiguidade.

– Não, não é uma festa.

Ele aproximou-se dela.

– Gosto de me divertir.

Dar o corpo às balas e dizer: Por favor, saia.

– Também gosta de se divertir, não é? – perguntou ele.

Dizer: Já lhe pedi e não quero voltar a pedi-lo.

– Oiça – começou Ariel. O fulano já estava demasiado próximo dela. Era um indivíduo grande, com mais uns trinta ou quarenta quilos do que ela, um bom metro e oitenta; não queria que aquilo se tornasse uma luta física.

Dizer: Saia agora ou chamo a polícia.

– Está a deixar-me desconfortável. – Ariel olhou-lhe para os pés, calçados com botas de biqueira de aço.

– Desconfortável? – inquiriu ele, como se aquilo fosse ridículo. – Não seja assim.

– Mas sou. – Ariel olhou-o nos olhos. Ser firme.

– Vá lá. – Payne avançou mais um passo, ficando ela ao seu alcance. Soltou outra gargalhada escarninha como se estivessem a jogar um jogo ligeiramente engraçado.

– Por favor, receio ter de lhe pedir para sair.

Tentou alcançá-la, mas ela afastou-lhe a mão. O sorrisinho enviesado de

Payne transformou-se num esgar e toda a sua cara se ensombrou.

– Então? Deve ser fufa, pá, como as pessoas dizem.

Não havia razão para alimentar nem o antagonismo nem a pacificação. Nenhum dos dois ajudaria.

– Ando eu a dizer às pessoas que não, que não pode ser.

Ariel sentiu o batimento cardíaco a acelerar, o queixo a tremer, todo o corpo a entrar em modo combate. Tinha agora a certeza de que aquilo ia acabar mal; só tinha de entender até onde iria e se alguém iria acabar num hospital ou morto. E quem seria.

– Eu sei que aquela miúda – continuou Payne com um sorriso – gosta de piço.

Dessa vez, a mão avançou depressa, apanhando Ariel de surpresa, agarrando-a pelo pescoço. Era um tipo grande com mãos gordas. Não era elegante, mas era definitivamente forte. Ariel sentiu-se à beira do vômito.

Os cães estavam a ladrar que nem loucos no alpendre, do lado errado da porta fechada.

Ela estava preparada para aquilo, não estava? Tinha treinado e praticado. E não apenas no geral, no abstrato. Preparara-se para aquilo em específico.

Não faria sentido pisar aquelas botas de biqueira de aço; só se magoaria a si mesma. Portanto, saltou esse passo, erguendo veloz e cuidadosamente a perna e apontando o joelho para as virilhas do tipo com toda a sua força, para que o impacto fosse o mais doloroso possível. Ele gemeu e soltou-lhe o pescoço, mas ela não permitiu que o fulano se afastasse e movimentou o braço direito, não para desferir um murro, mas um golpe seco rápido – precisão e ângulo eram muito mais importantes do que a força –, avançando com a palma da mão e não com os nós dos dedos. Apontou, de baixo, para o nariz, num movimento ascendente, com uma extensão total de braço, colocando o impulso dos seus 56 quilos numa colisão violeta com os ossos delicados do nariz do indivíduo. O sangue golfava enquanto ele se vergava em dois. Ariel afastou-se, agarrou numa caçarola de ferro fundido e acertou com ela na cabeça de Payne, que agora estava de joelhos, à altura da anca dela. A panela emitiu um som retumbante no momento do impacto, e ele caiu no chão da cozinha com um baque que abanou todo o chão.

Ariel aproximou-se apressadamente do balcão, retirou uma faca do suporte.

– Devia *matá-lo*.

Estava mesmo ao lado dele, não lhe dando qualquer hipótese de a ferir. Payne contorcia-se com dores na virilha e no nariz; tinha a face vermelha, possivelmente estaria com um maxilar e o nariz partidos.

– Aliás, talvez o faça.

– Não! – Ele tirou uma das mãos da cara, ergueu-a, a palma ensanguentada voltada para Ariel, protegendo-se da faca.

– *Suplica*, filho da mãe. *Suplica-me* para não te matar.

– Por favor – pediu ele, rastejando na direção da porta.

Ariel manteve-se firme, agarrando na faca de cozinha com uma mão e na panela com a outra, ofegante, feroz, lembrando uma personagem louca de um filme de ação, uma Mãe Vingadora.

– Por favor – repetiu ele.

Ela pensou em chamar a polícia. Contudo, não queria distrair-se, dar-lhe tempo ou espaço para agir. Naquele momento, poderia parecer que tinha vencido a luta, mas também era possível que ele estivesse a recobrar forças para se levantar e atacar.

Não podia esquecer a possibilidade de ele ter uma arma na carrinha. Com aquele autocolante com as metralhadoras cruzadas, era certinho, não era? Havia uma arma de fogo naquele veículo e ele voltaria a subir os degraus daquele alpendre com ambas as mãos ensanguentadas a segurar uma semiautomática, atirando indiscriminadamente; primeiro, mataria os cães e, depois, voltaria o cano para ela...

Ariel via aquele desfecho com tanta clareza que lhe parecia inevitável.

* * *

Apressada, desceu as escadas enquanto verificava a posição da carrinha, confirmando que não havia maneira de manobrar a sua, com a saída obstruída pela carrinha dele, pelas árvores e pela garagem. Se fugisse a pé, ele alcançá-la-ia facilmente de carro antes que ela conseguisse chegar algures em segurança. Como o desportista sem desportivismo que, sem dúvida, era, dispararia sobre ela pela janela aberta.

Ariel abriu a porta da carrinha dele, procurou debaixo do assento, encontrando apenas lixo; enfiou a mão na divisória da porta, deparando-se com mais lixo.

Olhou para trás e constatou que Payne se tinha levantado, caminhando, inseguro, pelo alpendre. Como um animal ferido a lutar pela vida, ferido e humilhado, zangado e irracional. Mais perigoso do que nunca.

Não havia arma na consola central.

Descia trôpego as escadas. Os cães flanqueavam-no, ladrando, mas não conseguiam atacar.

Nada de arma debaixo do lugar do passageiro.

Ele caminhava na sua direção pelo trilho de pedra. Apenas a uns metros de distância.

Ela esticou-se ao longo do lugar do passageiro para alcançar o porta-luvas; tentou abri-lo e – raios – não conseguiu, carregou uma e outra vez no mecanismo e nada...

Ele estava a cinco metros.

...Bateu com a palma da mão na pequena porta e – finalmente – ela abriu-se, ejetando um instrumento de medição de pressão de pneus, um frasco âmbar de analgésicos e um *Twix*, que caíram no tapete imundo, deixando o compartimento vazio, com exceção do elemento maior e mais pesado, uma

pistola automática, que não se movera devido ao peso.

Agarrou a arma, lançando-se para trás às cegas, deslizando sobre o estômago e saindo do lugar do condutor, porta fora; um dos pés encontrou o degrau de borracha da carrinha, mas o outro não, pelo que ela se desequilibrou e caiu de rabo no chão, num solavanco violento, batendo, logo de seguida, com a cabeça. Tudo ficou escuro por instantes, mas a escuridão rapidamente se desfez em inúmeras estrelas e depressa conseguiu vê-lo mesmo acima de si, do outro lado do cano da arma que lhe apontava à cara.

Baixou a patilha de segurança.

– Afasta-te – ordenou.

Ariel apressou-se a afastar-se, erguendo-se com o auxílio de uma mão enquanto a outra mantinha a arma bem segura. Desviou o alvo da cabeça de Payne para um ponto mais fácil, no meio do corpo. Tinha pouca experiência com armas, mas parecia-lhe que dificilmente falharia àquela distância de um metro, metro e meio ou dois, que era o que a separava dele quando se levantou.

Uma ideia atravessava-lhe a mente, já a tivera, mas apenas enquanto imaginação, no abstrato, envolvendo outro homem. Agora, a situação era concreta, presente, acerca daquele homem. Sabia que, fosse como fosse, passaria a vida a questionar a decisão.

– Desaparece daqui – disse.

E ele fê-lo.

CAPÍTULO 15

Dia 1. 19h22

Ariel atravessa a rua na diagonal em direção ao tipo de calças caqui, diminuindo o espaço entre os dois rapidamente. O indivíduo faz de tudo para fingir ignorá-la.

Ela já aprendeu esta lição mais do que uma vez: se um homem parece prestes a atacar, vai atacar. Não podemos esperar que surja uma outra explicação; não podemos esperar até que ele nos ataque mesmo para agirmos em moldes defensivos. A maior parte das vezes, a solução passa apenas por fugir. Noutras alturas, porém, isso é impossível, desaconselhado ou contraproducente. Como agora.

Ariel tira uma garrafa de água da mala, desatarraxa a tampa, levando-a à boca. Está a aproximar-se, faltam apenas alguns segundos. Tem a garrafa na mão esquerda; o homem está do seu lado esquerdo.

Só mais alguns passos, mais alguns segundos... Agora...

* * *

O lugar onde Ariel vive é pequeno, especialmente no inverno, sem os veraneantes por perto. Toda a gente se cruza. Na bomba de gasolina, no supermercado, no café, no cinema, na drogaria e na câmara municipal. Vê-se conhecidos na rua principal, no parque de estacionamento do centro comercial, no serviço de *takeout* do restaurante chinês, na pizaria. Todos se cruzam com os mesmos carros e carrinhas na estrada, sabe-se o que todos conduzem, reconhece-se as viaturas dos amigos a léguas de distância. As dos inimigos também.

Ela via a mulher de Jeb Payne constantemente, uma mulher com um aspeto infelicíssimo, a enfiar e a tirar três miúdos de um *Sienna* bege nos treinos de futebol e à entrada da escola. Ariel também conhecia o primo de

Payne, Brooks, o polícia. Os dois haviam crescido juntos e eram unha e carne. Eis o motivo pelo qual não fora à polícia. Um de vários.

Alguns meses depois do ataque, Ariel dera consigo atrás de Beverly Payne e de dois dos seus filhos na fila do supermercado, o mais velho estava na rua, de ombros descaídos, a olhar fixamente para um ecrã.

Ariel sentira o impulso de dizer alguma coisa àquela mulher. Mas o quê? Para quê? Definitivamente queria magoar Payne, claro que sim. Mas queria magoar Beverly?

Sabe como é que o seu marido ficou com aquele ferimento na cara? Era algo que Ariel lhe poderia perguntar. Beverly olhá-la-ia insultada, defensiva. Independentemente de que tipo de mentira lhe tentara impingir, é provável que aquela mulher suspeitasse da verdade. Poderia até já ter acontecido, quem sabe se à própria Beverly. Pelo menos, uma em cada dez mulheres já foi violada pelo marido. Beverly estaria familiarizada com a violência dele.

Não sei do que está a falar, eis o que Beverly lhe responderia, depressa e zangada, após o que giraria sobre os calcanhares, esperando que a troca de palavras se ficasse por ali.

Fui eu quem lhe fez aquilo à cara, diria Ariel às costas de Beverly. *Sabe porquê?*

Os filhos dela ficariam a olhar Ariel, boquiabertos, compreendendo implicitamente que aquela interação no supermercado era importante. Algo passível de definir uma vida. E que a vida a ser definida era a sua.

Porque ele estava a tentar violar-me.

Um dos miúdos deixou cair o copo com palhinha, que rolou na direção de Ariel. Beverly ouviu e voltou-se enquanto a outra se baixava para o apanhar. Permaneceu agachada para o devolver ao miúdo.

– O que é que se diz, Cole?

– Obrigado.

Ariel olhou para Beverly, que também lhe agradeceu.

Não, aquela mulher não era inimiga de Ariel. Era uma camarada de armas.

* * *

A ideia de uma rua principal fora uma das coisas que haviam atraído Ariel para uma pequena vila, a promessa de algo puro, algo inocente em que ela queria acreditar, as personagens excêntricas, as montras envidraçadas dos negócios idiossincráticos, a agradável conversa de circunstância e os pequenos pormenores superficiais da vida num lugar pequeno. Esperara que aquilo servisse de antídoto para tudo que não estava bem na sua vida na cidade e agarrara-se àquela ideia durante muito tempo, demasiado, como quem se agarra a uma última esperança: desesperadamente.

Ariel sentiu-se menos segura por ter sido ela a desancar Payne; ficou preocupada com a vingança. Ele sabia onde ela vivia, trabalhava, fazia compras, comia e atestava o depósito de gasolina, em que escola o filho

andava, onde jogava baseball e nadava. Sabia quando ela estava sozinha, quando ela estava vulnerável. E o seu melhor amigo era um polícia.

Ponderou ficar com a semiautomática para autodefesa, mas conhecia as estatísticas. Ter uma arma só aumentaria a probabilidade de ser alvejada. Portanto, em vez disso, limpou as impressões digitais com óleo mineral e usou arame para atar a arma a um bloco de cimento que encontrou na praia, bloco esse que lançou de uma ponte para um canal fundo. Ariel, porém, não duvidava de que Payne tivesse outras; um detentor de armas tem, por norma, cerca de oito em casa.

Continuou a frequentar as aulas de autodefesa, a praticar situações de confronto com diferentes tipos de perigo físico, usando táticas distintas. Foi ficando mais forte, mais veloz, mais confiante. Aprendeu inúmeras maneiras de se defender.

– Está bem – dissera ao seu instrutor de artes marciais, apenas uns meses antes –, agora quero aprender a atacar.

* * *

Ariel não conseguia deixar de pensar se não deveria ter alvejado Payne. Seria a morte um castigo justo para a violência sexual? Era discutível. Mas enquanto o estupor fosse vivo e andasse livre, ela nunca se sentiria segura. E que castigo seria proporcional a isso?

Não tinha qualquer confiança numa investigação da polícia. Qualquer fé no sistema judicial para fornecer solução. Ariel não queria matar ninguém, mas queria dormir tranquila. Queria justiça. Quem lhe poderia dar isso?

Ninguém.

* * *

Encontra-se a apenas alguns passos daquele homem que a tem estado a seguir. Três passos, dois, agora...

Ariel avança, como se tivesse perdido o equilíbrio e estivesse prestes a tombar, deixando cair a garrafa de água que aterra aos pés do indivíduo; a tampa desatarraxada voa e um jorro encharca-lhe os sapatos ortopédicos. O homem baixa-se instintivamente para agarrar na garrafa, ou limpar a água, pelo que tem os braços para baixo, o tronco curvado, a cara muito mais próxima da cintura do que seria desejável, caso tivesse alguma ideia do que aí vem...

Ariel leva o joelho à cara do tipo e ouve o som de dentes a baterem uns nos outros, um gemido quando ele cai; enquanto o fulano está em baixo, ela pontapeia-lhe o abdómen sem grande preocupação quanto ao sítio onde deve acertar porque irá magoá-lo seja como for. Dá um salto atrás, fugindo-lhe do alcance e equilibra-se novamente...

– Por favor, pare – pede ele, inesperadamente a falar em inglês, mas ela

não se deixa ficar surpreendida, preparando um novo pontapé, desta volta mais cuidado e forte: será este o que o deixará sem sentidos...

– Estou a tentar ajudar... – prossegue ele, dizendo algo ininteligível.

– O quê?

– Sou americano. – O homem cospe algum sangue no passeio. – Estou a tentar ajudar. – Passa a língua pela boca, avaliando os danos que ali ocorreram.

– Quem é o senhor?

– Estou a tentar ajudar – repete o indivíduo, sentando-se.

– Ajudar com o quê?

– Com o seu marido. Sou da embaixada.

* * *

A um quarteirão dali, Pete Wagstaff observa a cena pasmado enquanto Ariel mantém o que parece uma conversa civilizada com o homem da CIA, que acabou de encher de pancada. De seguida, uma carrinha com matrícula de diplomata chega, e Pryce sobe para o banco de trás com o tipo que acabou de sovar. Tudo isto apenas uns minutos depois de uma mota ter surgido de nenhures ou lá o que foi aquilo.

Até uma hora antes, Wagstaff pensava que Ariel seria provavelmente uma perda de tempo. Agora já não.

CAPÍTULO 16

Dia 1. 19h43

Ariel é, novamente, conduzida pelos corredores da embaixada, mas desta vez as pessoas que lhe indicam o caminho são muito diferentes de Saxby Barnes, o cavalheiro idiota. Uma delas é o tipo de meia-idade e mal vestido a quem Ariel, ainda há pouco, deu um festival de pancada num passeio em Lisboa. A outra é uma jovem negra que apareceu ao volante de um SUV, que conduziu como se fosse um carro de corridas até à embaixada, cujos corredores se encontram agora vazios e sepulcralmente silenciosos.

– Por aqui, por favor – pede a jovem, indicando uma sala de interrogatório onde outra mulher se levanta da mesa e se dirige a Ariel de mão estendida.

– Olá, sou a Nicole Griffiths.

– Ariel Pryce.

– Obrigada, pessoal. – Griffiths agradece aos colegas, que saem e fecham a porta atrás de si. Ariel senta-se junto à mesa, onde já se encontram um jarro de água e dois copos. Serve-se. Tem a boca seca.

– Vou direta ao assunto, Ms. Pryce: o seu marido foi raptado?

Ariel não responde.

– Disseram-lhe para não falar com ninguém?

Ariel limita-se a fitar a mulher.

– Claro que sim. Os raptadores dizem *sempre* isso. Porque não o fariam? Mas, se falar, o que é que eles podem, de facto, fazer?

– Oh, não sei, talvez *matar o meu marido*?

– Mas e depois? Depois têm um refém morto. Não haverá qualquer motivo para alguém lhes pagar um resgate. Ficariam sem nada com que negociar. Teriam cometido um homicídio, teriam matado um cidadão americano... – A mulher detém-se. – O seu marido *é* americano, certo?

Ariel assente, acenando com a cabeça.

– Então, teriam matado um americano e, portanto, haveriam de lidar com a ira dos Estados Unidos. Tudo sem qualquer vantagem para eles. Quem

quereria uma coisa dessas?

- Talvez sejam psicopatas.
- Não é bem assim que funciona.
- Como é que sabe como funciona?

A mulher limita-se a sorrir.

– Eles disseram-me, *especificamente*, para não envolver a polícia nem a embaixada.

– Como é que a contactaram? – Griffiths ignora as objeções de Ariel. – Telefonaram para o seu telemóvel?

Até onde deveria Ariel trocar informações com aquela mulher? Quais são as desvantagens? Mais cedo ou mais tarde, alguém tem de a levar a sério. Talvez esse alguém seja Nicole Griffiths.

- Um tipo numa mota deu-me um telemóvel.
- Interessante. Quanto é que pedem?
- Três milhões de euros.

Griffiths reflete sobre o assunto.

- A senhora *tem* três milhões de euros?

Ariel solta uma risada escarninha.

- Há alguma razão para alguém achar que dispõe dessa quantia?

Será que há? De facto, viajou em executiva, o tipo de luxo que a maioria das pessoas nem contempla, um custo equivalente a uma caldeira topo de gama lá para casa, já com instalação – vinte anos de aquecimento –, às contas de veterinário para toda uma vida de um cão ou até ao valor de um carro em segunda mão. Porém, também lhe parecera a escolha lógica. Ficaria em turística, enquanto John dormia totalmente reclinado lá à frente, no avião? Além disso, o bilhete, embora exorbitante, seria a única despesa que teriam. Tudo o resto era pago pela empresa de John.

– Não – responde. – Não somos... – Não sabe como explicar que ela e o marido não são ricos. – A minha carrinha tem quase duzentos mil quilómetros.

Griffiths sorri.

– Mas e aqui, em Lisboa, acha que poderiam estar a passar uma imagem diferente dessa?

– Sim, sem dúvida – admite Ariel. – Estamos hospedados num bom hotel. Comemos em bons restaurantes. É uma viagem de negócios. Não andamos de um lado para o outro na minha *pickup* ferrugenta. Por outro lado, também não somos conduzidos pela cidade em limusinas.

Símbolos de estatuto: analisamo-los constantemente, os de pobreza e os de riqueza, as frequências em que emitimos a nossa classe social, as que recebemos, a forma como somos percecionados. A mala da moda, as férias num safári, o botão por apertar no *smoking*. Chamar-lhe *smoking*.

O motorista que os levou do aeroporto ao hotel fora educado e proativo no seu trabalho – “Faça favor”, dissera, entregando a John o seu cartão de visita. “Contactem-me a qualquer hora, levo-vos a qualquer sítio aonde queiram ir”

–, mas não usava fato, era só um tipo com um *Mercedes* limpo. Relativamente limpo.

– Não andámos a saltitar de experiência exorbitante em experiência exorbitante, visitas guiadas privadas e acessos exclusivos, tudo ultraluxuoso. Não andámos em lojas de artigos de luxo. – Ariel esboça um gesto de desdém relativamente a essas lojas, onde se passa o tempo a comprar sapatos e gravatas, quando não se tem nada melhor onde gastar tempo e dinheiro.

– Considera que o seu marido é bem-sucedido na sua carreira?

Ariel encolhe os ombros.

– Tem um bom emprego.

– Se não levar a mal a pergunta, o que é que isso significa, em termos de rendimento?

– Costuma variar com os bónus que recebe, mas, em média, são umas poucas centenas de milhares por ano.

Griffiths anui: não é que seja pouco, mas também não é uma quantia suficiente para um pedido de três milhões de euros em dinheiro.

– E a vossa vida na América? Acha que pode dar a entender que têm dinheiro? Sem pensar na sua *pickup* ferrugenta?

– Não, não vejo como. Vivo com o meu filho numa pequena quinta, a umas horas de Nova Iorque. O John trabalha na cidade, pelo que costuma ficar lá, na maior parte dos dias de semana, num apartamento modesto. Vai a casa aos fins de semana.

– Disse que vive com o seu filho? Não é filho do John?

– O George tem treze anos. Conheci o John há um ano.

– Compreendo. E no que diz respeito à imagem que o John transmite nas redes sociais? Algo sugere que ele possa ser uma pessoa importante? Ou com ligação a alguém importante? Ou rico?

Há muita gente que se esforça bastante para parecer rico nas redes sociais, especialmente quem não o é. *Selfies* em jatos privados, pelo amor de Deus!

– Não, o John não transmite nada disso. Nem costuma ser ativo nas redes sociais. Somos ambos antirredes.

– Porquê?

– Porque acho que as redes sociais estão a destruir o mundo. E o John concorda comigo.

– Isso parece-me bastante cínico.

– Cínico – repete Ariel – é normalmente o apodo que os ingénuos usam para definir quem é perspicaz.

Griffiths deixa escapar um sorriso.

– Talvez nos estejamos a desviar um pouco do assunto.

– De qualquer forma, o meu marido e eu praticamente não existimos, virtualmente falando.

– Acha possível que ele tenha sido raptado por motivos relacionados com trabalho?

– Não faço ideia. Acredite ou não, esta é a minha primeira experiência

com um rapto.

– Quão avultados são os valores que o seu marido transaciona no trabalho?

– À volta dos dez milhões? Vinte? Qualquer coisa nessa ordem de valores.

– Vinte milhões de dólares é muito dinheiro.

– Sim, é uma pilha de dinheiro. Mas não necessariamente se pensarmos que se trata de um investimento financeiro de uma empresa.

– Faz sentido. Há alguma possibilidade de o seu marido estar envolvido numa rede criminosa?

– Não sei como é que isso poderia acontecer. Ele é um mero consultor.

– E a Ariel? – questiona Griffiths. – Acha que alguém julgaria que há a possibilidade de ter três milhões escondidos algures?

Só uma pessoa seria capaz de acreditar em tal coisa, e ele não é, decididamente, o raptor.

– Não.

– Conhece alguém em posse dessa quantidade de dinheiro? Amigos, família...

Ariel hesita na resposta antes de mentir:

– Não.

– O que planeia fazer a seguir?

– Acho que vou tentar reunir o máximo de dinheiro que conseguir. Que mais posso fazer?

Griffiths continua a olhar para Ariel com uma expressão de vaga suspeita. Embora aquele olhar possa não ter que ver especificamente com a mulher diante de si; talvez seja apenas uma predisposição profissional para a desconfiança.

– E como pensa reunir esse dinheiro?

– Não sei bem. Mas vou começar com o meu ex-marido. Tem algum dinheiro. Provavelmente, não tanto, mas talvez seja um bom começo. Na verdade, devia telefonar-lhe agora. Talvez o possa fazer aqui mesmo? Pode deixar-me sozinha, por favor?

– Claro, fique à vontade. – Griffiths levanta-se. – Enquanto lhe liga, talvez possamos aproveitar para analisar rapidamente o telemóvel que os raptos lhe entregaram.

Ariel está segura de que o aparelho não terá outras impressões digitais além das suas e de que não será possível localizar o proprietário, ligá-lo a um cartão de crédito ou sequer a outros contactos. Nenhum raptor cometeria erros tão óbvios. Mas o telemóvel teve de ser comprado algures, em algum momento, e esses são factos que poderão ser apurados e conduzir a registos de vigilância, a pistas, locais.

– Não demore muito, por favor – pede Ariel – Eles pediram-me que o tivesse sempre comigo.

– Seremos rápidos – responde Griffiths. – Posso perguntar-lhe uma coisa? Tem uma boa relação com ele? Com o seu ex-marido?

– Não, nem por isso – reconhece Ariel –, não falo com ele há catorze anos.

* * *

– Caramba, Guido, pareces um trapo.

– Obrigadinha, chefe.

– Porque é que não vais para casa?

Ele abana a cabeça.

– Não é preciso, estou bem.

Griffiths volta-se para Kayla Jefferson, entrega-lhe o telemóvel.

– Vê o que consegues descobrir. E sê rápida. Ela quer isso de volta o mais rapidamente possível, por razões óbvias. Já agora, metam todos os telefones dela sob escuta, imediatamente. Gravem tudo.

A jovem mulher sai a correr. Jefferson não é uma analista ao nível dos *geeks* dos computadores, mas, para uma agente operacional, percebe bastante do assunto, uma competência que parece abranger toda a sua geração. Ao contrário de Antonucci e da própria Griffiths, ambos de uma geração que se vê aflita perante a simples tarefa de manusear comandos da televisão. Este é um grande divisor de águas entre agentes secretos: a geração mais velha continua a dar prioridade à informação que lhes chega por pessoas, acima de tudo, recolhida em interações cara a cara, em contexto de interrogatório, fruto de manipulações e traições. Para a geração mais jovem, porém, o foco reside no mundo digital. Se conseguem encontrar tudo o que precisam ali, porquê perder tempo de outra forma?

Não há nada de virtual no estado da cara de Antonucci. Tem todo o lado esquerdo visivelmente inchado, como se lhe tivessem arrancado metade dos dentes com um alicate.

– Pelo menos, põe gelo nisso – aconselha Griffiths.

– Estou bem, não te preocupes.

Antonucci sabe o que aí vem. Quando as provocações e a troça vão ser implacáveis. Talvez pense que, se for estoico agora, consiga mitigar algum desse escárnio. Engana-se.

Mas Griffiths não vai atacá-lo neste momento. Nem Jefferson. Antonucci terá descanso durante o decorrer da investigação. Mesmo quando terminar, talvez só lhe vão mandando uma indireta ou outra, de quando em quando, devagarinho. Antonucci terá de esperar, e esperar, e esperar, sabendo que o dia da humilhação está ao virá da esquina. A espera poderá até ser pior do que a humilhação em si.

– Lamento – diz Griffiths. O tipo está realmente está com péssimo aspeto.

– Principalmente se isto acabar por não dar em nada.

Ele encolhe os ombros. Já esteve naquela situação vezes suficientes. Sabe que a CIA investiga muitas situações que acabam por não dar em nada, e esta pode ser mais uma: um rapto de outro cidadão com o único propósito de pedir

um resgate. Não tem qualquer relação com questões de segurança nacional, nem diz respeito à Agência. Podem sempre decidir passar a investigação de volta ao consulado, para que se coordene com a polícia local, a Interpol, o FBI, qualquer força policial que julguem adequada.

Mas se acabar por envolver segurança nacional, espionagem ou terrorismo? Então, nunca é cedo de mais para tomar conta das operações. Griffiths apostaria quase tudo em como não se revelará assunto para a CIA, mas não a sua carreira, fossem quais fossem as probabilidades.

* * *

Como quase toda a gente, nas últimas duas décadas, Ariel tem vindo a comprar um telemóvel novo a cada dois anos, sempre que a bateria se estraga, o GPS começa a falhar, o aparelho cai no lava-loiças cheio de água e sabão ou qualquer outra das obsolescências programadas acontece. A cada nova compra, transfere para o novo aparelho todos os antigos dados, todas as fotografias, vídeos, aplicações, palavras-passe e contactos. É por isso que ainda tem o número de telemóvel de Bucky Turner, mesmo sem saber nada dele nos últimos catorze anos.

Faz a chamada internacional e aguarda, aguarda e...

CHAMADA FALHOU

Ariel tenta novamente, falha novamente. Olha em volta e vê um telefone fixo pousado numa mesa de apoio.

Griffiths aguarda no corredor, à porta da sala.

– Não tenho rede aqui – diz-lhe Ariel. – Posso usar o vosso telefone fixo?

– Claro que sim. Marque zero, sinal de mais, a seguir um e depois o código de zona.

– Obrigada. Há um número marcado no auscultador. Posso dar esse número se precisar que me devolvam a chamada?

– Sim.

Ariel volta a fechar a porta, senta-se, olha para o telefone. Não pode esperar privacidade ao telefonar dali, pois não? Claro que não. Marca o número de Bucky e, desta vez, começa a chamar.

Dois toques.

Três.

Ele não vai atender.

Quatro.

Não está surpreendida: Bucky não conhece o número e não vai atender uma chamada de um número português desconhecido. Qualquer um partiria do princípio de que se tratava de *spam*.

– Bucky – anuncia Ariel no atendedor de chamadas –, sou eu... a Laurel. Preciso mesmo de falar contigo. É uma emergência. Por favor, telefona-me assim que possas. É um assunto de vida ou de morte. – Dita o número rapidamente, repete-o e, mesmo antes de desligar, lembra-se de agradecer.

Não tem dúvidas de que Bucky vai devolver a chamada. O que pôs fim ao casamento não foi o facto de ele deixar de a amar; foi antes o contrário. Ele acabou por se tornar hostil, mais adiante, mas não chegou a nutrir nenhum tipo de ódio por ela. Odiava-se a si mesmo, e foi ela quem lhe mostrou que o devia fazer.

* * *

Griffiths espreita para o cubículo de Jefferson.

– Novidades?

– Não há praticamente nada neste telemóvel. Só foi feita uma chamada, presumo que a do pedido de resgate, efetuada de um outro telemóvel descartável. Ambos foram comprados ao mesmo tempo e no mesmo sítio, há duas semanas. Uma estação de serviço em Málaga.

– Málaga? Estranho.

– Liguei para a loja a pedir as imagens de videovigilância, estou a aguardar resposta. Mas o meu palpite é que não vai haver imagens e que foi por isso que a loja foi a escolhida. E quase aposto que o pagamento foi feito em dinheiro.

– OK. – concordou Griffiths. – Então este telemóvel é um beco sem saída. E sobre o John Wright, já temos alguma coisa?

– Continuo a trabalhar nisso. Já sabes como é a América: nunca nada funciona como habitual na véspera do quatro de julho.

* * *

– Como é que o conheceu? Ao seu ex?

Griffiths encontra-se de novo na sala de interrogatório, com Ariel, enquanto aguardam que Bucky devolva a chamada.

– O Bucky? Meu Deus, foi há tanto tempo. Fui a uma angariação de fundos com uma velha amiga, tínhamos ido viver para Nova Iorque na mesma altura, acabadinhas de sair da faculdade, e tentávamos singrar no mundo do teatro. Ela acabou por consegui-lo, eu não, mas continuámos amigas. Tinha comprado lugares na gala e convidou-me para a acompanhar, o Bucky estava na mesma mesa que nós. Como nos conhecemos ali, numa gala de angariação de fundos, num clube elegante em Upper East Side, apresentados por uma atriz famosa, ele partiu do princípio de que eu pertencia ali, àquele mundo.

– Que mundo? Do dinheiro?

– O dinheiro é só uma parte; é mais do que isso. São as universidades finas, as férias na Europa, em Aspen ou em Palm Beach, hotéis de luxo, restaurantes com estrelas Michelin, encontrar amigos e família aonde quer que se vá, o mundo inteiro encarado como um clube gigante, povoado por, nas palavras do Bucky, pessoas como nós.

– Hum.

– Só que, afinal, eu não era uma dessas pessoas.

– Foi por isso que o vosso casamento acabou?

Foi?

– Sim – replica Ariel. – Era complicado.

– Mas não é sempre?

Ariel sabe que Nicole Griffiths deve ser uma espia. A CIA teria de, mais tarde ou mais cedo, se envolver num rapto, sendo que Barnes constituía a primeira fase e Griffiths, a segunda. Aquela agente da CIA já deveria saber bastante sobre Ariel, Bucky, sobre tudo. Podia estar à procura de que se contradissesse, tentando perceber que mentiras contava. Ariel precisa de ser cuidadosa.

– Percebi que o Bucky não era o homem que eu pensava que era. Que esperava que fosse.

Griffiths espera que Ariel desenvolva, mas acaba por aceitar que não o fará.

– Sente falta daquele estilo de vida?

– Sim, às vezes.

Principalmente quando as coisas se avariavam, quando a vida não funciona em condições, Ariel sente falta da forma como era sempre possível, em qualquer situação, limar arestas, sente saudade de quando as soluções estavam à distância de uma chamada, de quando havia sempre alguém que conhecia alguém, o melhor cirurgião ortopédico, o alfaiate que entregava um trabalho em vinte e quatro horas, o motorista que a levaria a qualquer lado às duas da madrugada, “Claro, estou aí em dez minutos”, sem fazer perguntas.

Mas não dos problemas sérios. Não havia a quem pagar para resolvê-los, antes pelo contrário: os maiores obstáculos resultavam, acima de tudo, da própria riqueza, do privilégio, do facto de se saber que se era imune às consequências. Da própria ideia de que qualquer problema poderia ser resolvido com dinheiro.

– Mas tudo tem um preço, não é? – Ariel fixa a mesa à sua frente. – Nas lojas, nos restaurantes, nos hotéis, o preço está na etiqueta, nas ementas, no preço, à vista de todos.

Continua a guardar memórias físicas daquela vida, quase como se fossem talismãs: o guarda-chuva em madeira trançada daquela loja em Bloomsbury, o lenço com padrão de cornucópias da Rue Saint-Honoré, o relógio da *Tank*, a escova de cabelo com o cabo em osso. Pouca gente alguma vez as vê e quem o faz não reconhece a sua proveniência. Ninguém da sua vida atual alguma vez pertenceu a esse clube.

– Mas alguns preços estão escondidos, são invisíveis. Por vezes, passa muito tempo sem que saibamos sequer que há um preço. Às vezes, nem chegamos a reconhecê-lo, a notar que já o pagámos.

Ariel volta a fitar a agente da CIA.

– Por vezes – diz –, somos nós o preço a pagar.

O telefone fixo começa a tocar, ambas olham para o aparelho e depois uma para a outra.

– Espero lá fora – informa Griffiths, levantando-se. – Abra a porta quando acabar. – Sai e Ariel pega no auscultador.

– Está? Bucky?

– Olá. O que é que se passa?

Fora casada com aquele homem; amara-o mais do que a qualquer outra pessoa. E aquela é a primeira vez que ouve a sua voz em catorze anos. Não sabe o que esperar dele; não sabe o que ele sente em relação a ela, ao cabo de todos aqueles anos.

– Oh, Bucky, é uma situação horrível. – Inspira fundo. – Estou em Portugal e o meu marido foi raptado. Estão a pedir três milhões de euros em dinheiro, querem o pagamento feito em quarenta e oito horas.

– Oh, meu Deus. Lamento muito.

– Agora já é menos, agora são quarenta e sete horas. Não tenho forma de conseguir essa quantia, Bucky. Nem nada que se assemelhe.

Bucky não responde logo. Sempre ponderou com cautela as suas opções antes de se comprometer com o que quer que fosse. Foi por isso que só se casou aos quarenta.

– Não te ligaria se tivesse qualquer outra solução, mas não tenho. Podes ajudar-me?

– *Ajudar-te?* Como é que posso ajudar-te?

– Como é que achas? Preciso do dinheiro, Bucky.

– Oh, caramba, de todo? Não tenho esse dinheiro todo aqui, à mão de semear, nem por sombras. Além disso, amanhã é quatro de julho, os bancos estão todos fechados...

Ariel surpreende-se quando se dá conta de que está a chorar. Limpa uma lágrima.

– Estás bem? – pergunta ele. – Estás em perigo?

– Acho que não. Mas estou mesmo muito preocupada com o meu marido e não sei onde vou... – As palavras perdem-se num soluço. – Isto é tão grave, Bucky. Tão grave. Preciso mesmo de ajuda. Não tens dinheiro em nenhum outro país?

Bucky permanece em silêncio durante um momento e depois pergunta:

– O que queres dizer com isso?

Desta vez, é Ariel quem faz uma pausa e avisa.

– Quero que saibas que estamos a conversar através do telefone fixo da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa.

Primeiro, ele parece não acompanhar o raciocínio dela, mas depois percebe.

– Ah – responde.

Ariel não quer perguntar-lhe diretamente sobre os bens que ele deve

esconder em paraísos fiscais, ciente de que o telefone deve estar – *está* – a ser monitorizado por agentes federais.

– Não – responde ele. – Não tenho.

– Posso pagar-te de volta, Bucky. Depois. Estou certa de que o seguro do John vai cobrir a despesa.

– Tens a certeza? Eu cá não. Mas isso nem sequer importa. Não tenho forma de arranjar esse dinheiro, não num prazo que te seja útil, isso é certo.

– Eles vão matá-lo – implora Ariel.

– Oh, Laurel, calma. Não há como saberes se é isso que vai acontecer.

Ariel pensa por um momento.

– Bucky – diz –, conheces mais alguém que me possa ajudar?

– *Mais alguém?* – Ela consegue ouvi-lo respirar fundo. – Sabes que sim. Mas estou certo de que não vais querer que fale com ele.

Nenhum dos dois proferirá o nome daquele homem numa linha que não é segura.

– Claro que não, Bucky. Mas consegues pensar em mais alguém?

* * *

– Depois desta chamada – informa Griffiths –, estamos despachados. Vou levar a Pryce de volta ao hotel.

Jefferson franze o sobrolho. Os chefes de agência da CIA não costumam fazer serviço de motorista a civis americanos em aflição.

Aquele é o problema de Nicole com a desigualdade de género na Agência. Nem sempre é uma questão política; nem sempre é uma questão de feminismo, de equidade. É uma consideração prática. Há situações que precisam de ser resolvidas por mulheres, e nem sempre as há em número suficiente.

– Já trabalhaste em muitos casos de rapto? – pergunta *Jefferson*.

– Aqui não. É a minha primeira vez, nestes quatro anos em Lisboa. E a Agência não costuma tratar de raptos. Provavelmente, também este não será tratado por nós. Embora isso dependa de quem são estas pessoas.

– Estas pessoas? Queres dizer o homem que foi raptado e... Mais quem?

– E a esposa, Jefferson. Os casais são sempre uma equipa. Exceto quando são inimigos.

* * *

Ariel continua sem rede no telemóvel. Suspeita que a CIA tenha bloqueado o sinal na sala, obrigando-a a usar o telefone fixo, para terem acesso às chamadas. Sabe que nem o seu, nem o telemóvel descartável serão seguros para fazer a próxima chamada que precisa de ser feita. Seria irresponsável fazê-la do telefone fixo da embaixada; quiçá, até ilegal. Não importa a situação extraordinária em que se encontra, não pode baixar a

guarda agora. Especialmente agora.

CAPÍTULO 17

Dia 1. 20h48

Ariel olha pela janela do carro. O sol ainda não se pôs por completo e uma luz dourada banha as fachadas dos edifícios no topo das colinas. Mas ali, no vale central, sem a luz direta, tudo caiu na penumbra, abafando as cores. Os candeeiros de rua acenderam-se, lançando os seus bem delimitados cones de luz. Ariel sente a escuridão, veloz, a instalar-se, como tende a acontecer nas cidades, onde os edifícios bloqueiam os raios mais baixos do sol. No campo, a noite instala-se mais devagar.

– Obrigada – diz ela a Griffiths. – Pode deixar-me aqui. Quero comprar alguma coisa naquele quiosque. – Aquilo não é verdade.

– Tem a certeza? Posso esperar.

– Não, obrigada – replica Ariel. – Mas agradeço-lhe, ainda assim.

– Espere. – Griffiths entrega-lhe um cartão de visita. – Diga-me se tiver novidades.

Ariel pega no cartão e sai do carro. Observa a praça, repleta de pessoas, que comem, bebem, passeiam e se deixam ficar sentadas em esplanadas. Devem estar ali cerca de uma centena, não há meio de escrutiná-las a todas. A americana caminha devagar, a cabeça girando para a esquerda e para a direita, voltando-se para trás e para a frente, na tentativa de identificar os homens que por ali rondam sozinhos. Consegue ver seis, mas dois deles são demasiado velhos, um, demasiado novo e um outro tem um aspeto demasiado ridículo: traz uma roupa garrida que chama muito a atenção para quem está a seguir outra pessoa. Portanto, sobram dois indivíduos; fixa-lhes a indumentária.

Por uma questão de manter as aparências, compra um sumo num quiosque, após o que continua a atravessar a praça crepuscular, sempre a olhar em volta, mas a perder rapidamente a energia, a concentração a esmorecer-se-lhe. Ariel sente que os nervos lhe foram arrancados, as emoções se encontram em carne viva, o espírito exposto e humilhado com a futilidade de todos aqueles encontros e chamadas telefónicas, o grande falhanço de toda e

qualquer interação.

A noite está a cair. Ela está prestes a ficar sozinha, no escuro, numa cidade estrangeira, muito longe de casa, um lugar cuja língua não fala, onde o marido se encontra desaparecido, onde não conhece ninguém. Sente o peso de tudo aquilo sobre os ombros, na mente, em toda si, um peso avassalador, que talvez não consiga suportar. Como será ficar esmagada por tudo aquilo?

Decerto algo similar ao que ocorre agora: estar num passeio a soluçar.

Ariel permite-se viver o momento, não tenta travar o fluxo que lhe corre pela cara, os ombros a agitarem em convulsão. Permite-se sentir a emoção plenamente, todo o corpo agitado pelos soluços intensos. Eles que venham. Que lhe importa que toda a Lisboa a veja chorar? Acolhe o sentimento.

Chora até não ter mais nada para chorar, por agora. Inspira fundo, estica os ombros, peito para fora, cabeça erguida. De seguida, avança na última luz de Lisboa enquanto a penumbra cede lugar à escuridão.

* * *

Griffiths ouve a gravação da conversa de Ariel Pryce com o ex-marido, Bucky Turner, através de um telefone ligado às colunas do carro. As vozes do casal rodeiam-na; o clique final com que termina a conversa parece-lhe a agulha a ser retirada do disco de vinil.

– Meu Deus – diz a Jefferson, que lhe mandou a gravação pelo computador da embaixada. De vez em quando, Griffiths asma-se com toda a tecnologia, a normalidade quotidiana daquelas coisas extraordinárias, impensáveis quando começara a trabalhar para a Agência.

– O que raio foi aquilo?

– É, não é?

– Mete de novo aquela parte sobre o outro homem.

... *“conheces mais alguém que me possa ajudar? / Mais alguém? Sabes que sim. Mas estou certo de que não vais querer que fale com ele. / Claro que não, Bucky. Mas consegues pensar em mais alguém?”*

Houve uma longa pausa antes de o marido perguntar: *“O que é que te leva a crer que ele teria essa quantia de dinheiro à mão?”*

“Por favor. Achas que ele não tem contas em lugares como o Luxemburgo? Ou talvez diamantes em bruto num cofre bancário em Zurique?”, replicara ela.

“Não sei nada disso, Laurel. E tu também não.”

“Sabes bem que ele é do tipo de fugir aos impostos com paraísos fiscais. Para nem falar de outras ações criminosas.”

“Não devias fazer acusações dessas, principalmente se lhe vais pedir ajuda.”

Griffiths pensa naquela troca de palavras uma e outra vez.

– No que estás a pensar? – pergunta-lhe Jefferson.

– Sem dúvida que os dois sentem medo do homem de quem estão a falar.

A primeira ideia que me veio à mente foi a de crime organizado, mas a frase “para nem falar de outras ações criminosas” leva-me a crer que não é um profissional do crime. Apenas alguém que, não sei, infringe ocasionalmente a lei. Um amador.

– Talvez seja um parceiro de negócios do ex-marido.

– É possível. Seja ele quem for, a Pryce odeia-o. Já temos os telefones dela sob escuta?

– Sim. O telemóvel e o pré-pago, assim como o telefone fixo do hotel. Tudo.

– Bem, agora vamos dar uma vista de olhos também ao marido raptado.

– O que é que ele tem?

– Tudo.

* * *

– Preciso de fazer uma chamada – anuncia Ariel à funcionária da noite, Alexandra, de acordo com a chapa com o nome. – Não quero usar o telefone no meu quarto.

– Desculpe? – Alexandra é uma mulher magra e musculada, que parece correr quinze quilómetros todos os dias e fazer *kickboxing* aos sábados à noite.

– O meu marido foi raptado.

– Meu Deus!

– Tenho medo de que o meu telefone possa ter escutas. – Ariel ergue o aparelho. – E, se tiverem posto escutas no meu telemóvel, também o terão feito ao fixo no quarto. Percebe?

A jovem percebeu nitidamente todas as palavras que jorraram da boca de Ariel – a língua não constituía uma barreira –, mas não o que raio se passava com aquela americana.

– Portanto, quero usar o seu – explica, apontando para a consola – para fazer uma chamada muito importante. Para tentar salvar a *vida* do meu marido.

Ariel sabe que a funcionária acederá. Ali, não tem escolha.

– Claro – responde ela, sorrindo placidamente. – Com todo o gosto.

* * *

Só precisa de uns segundos para encontrar o número: uma mera pesquisa *online*, um clique no primeiro *link* e um outro nos CONTACTOS, sem necessidade de fazer *scroll*, porque se encontram mesmo no topo da página. A magia da Internet. É fácil esquecer isto, quando se olha para os efeitos tóxicos das redes sociais, para a devastação económica forjada pelas vendas *online*, para a economia movida pela tecnologia, para o declínio do comércio de rua e para a desinformação que ameaça a integridade da democracia. Bem, na

verdade, a integridade de tudo. A lista de efeitos nefastos é longa, mas estes são fáceis de ignorar quando se quer uma piza ou um carro que nos leve de um bar para casa ou um engate anónimo. Ou o telefone de alguém nos Estados Unidos.

Não é novidade para Ariel que aquele número geral é fácil de encontrar; já fizera aquela mesma busca antes. Chegara inclusive a digitar aqueles mesmos números, tentara falar com aquele homem no escritório, daquela maneira. Falhara. Está preparada para falhar de novo. Sabe como lhe saberá o falhanço. E sabe o que fará de seguida.

* * *

– Ele saberá do que se trata?

– Sim, saberá.

– Um momento, por favor.

Ariel encontra-se agora na sua terceira repetição da mesma conversa na mesma quantidade de minutos, presumivelmente a fazer progressos, estando cada pessoa do outro lado da linha mais próxima fisicamente do alvo. Todos aqueles vigilantes se têm revelado hesitantes – nunca ouviram falar numa Laurel Turner –, mas nenhum quer ser abertamente incrédulo, desdenhoso ou hostil. Nunca se sabe quem poderá estar ao telefone; não se deve irritar o interlocutor errado.

Embora os escritórios americanos estejam, na sua maioria, fechados naquele dia, Ariel tem a certeza de que o homem com quem pretende falar se encontra a trabalhar. Provavelmente, trabalha todos os dias, sem feriados, nem sequer no Dia da Independência.

Ariel está em espera há bastante tempo. Tem a sensação de que aquele é o último posto de controlo, que a pessoa entrou no gabinete do chefe, esperou por uma pausa na conversa, se inclinou para sussurrar: “Tem uma Laura Turner ao telefone. Diz que o senhor sabe do que se trata.”

Ele não responderia imediatamente. Ficaria imóvel por uns segundos, a mente a desenhar diversos cenários, a contemplar as desvantagens de atender *versus* as de recusar a chamada, a especular sobre o que se iria passar a seguir, como poderia aquela ameaça escalar e com que fim.

Acabaria por, inevitavelmente, aceitar que precisa de falar com aquela pessoa, mas não ali, não naquele momento, não naquele gabinete, não entre aquelas testemunhas. “Já lhe devolvo a chamada”, murmuraria, tentando dar a impressão de que aquilo tem pouca importância, sem olhar a assistente nos olhos, esperando que a indiferença revelada fizesse com que o telefonema caísse no esquecimento e que, mais tarde, ela nem se lembrasse do nome da pessoa do outro lado da linha. Isto apesar de a ter contratado precisamente porque ela se lembra de tudo e mantém um registo impecável. Além disso, Ariel tem a certeza de que é bonita.

Debater-se-ia: deveria pedir à assistente – que não é só bonita, mas

lindíssima – para não registar a chamada? Ou será que isso só chamaria ainda mais a atenção? Deveria ser ele a alterar o registo mais tarde? Ambas as escolhas lhe pareceriam más. E aquilo preocupá-lo-ia ainda mais com o que resultaria daquela jogada inicial. A situação é má e ele não tem a menor dúvida de que é só o começo.

Sabe que a sua segurança se encontra reforçada por acordos à prova de bala, pela lei incontestável, pela ameaça de ruína financeira ou até a cadeia. Mas também é possível que nada disso continue a importar. O mundo mudou desde que os acordos foram assinados; a lei perdeu um pouco de vigor, alguma relevância. São factos. Hoje em dia, as meras acusações podem ser tão más – ou piores –, porque as insinuações, os rumores e as falsidades se espalham mais e mais depressa do que a verdade. Para ser honesto, essa mudança beneficiou-o, mas também está plenamente ciente de que o pode destruir.

Talvez chame a assistente de volta e lhe fale baixinho para que a meia dúzia de homens de meia-idade não o ouça dizer: “Isto é um assunto pessoal. Não registre.”

Ela perceberia tudo, anuiria, proferindo “claro”, enquanto uma vaga de pânico a percorreria porque já seria tarde de mais para isso. Pensaria sobre como adulterar os registos, pensaria até que ponto poderiam ser rastreados e por quem, quando, assim como em que tipo de sarilhos se meteria por fazer aquilo, calculando também os sarilhos em que estaria se não o fizesse, se nem sequer tentasse – aquele impasse consumi-la-ia enquanto atravessasse a grande sala, afastando-se de todos aqueles homens, uns quantos dos quais lhe estariam a contemplar o rabo. Usa saias justas porque sabe que é o que se espera dela. E ela quer mesmo, mesmo, mesmo aquele trabalho.

– Desculpe – dirá, já sentada à sua secretária. – Posso ficar com o seu número? Ele ligar-lhe-á de volta.

* * *

Ariel precisa de esgotar todas as possibilidades. Os polícias precisam de fazê-lo, a embaixada, a CIA: há um protocolo para toda a gente, para tudo, um conjunto de respostas para indicadores cada vez mais urgentes, uma série de vistos, assinalados em caixa após caixa.

Liga para o escritório de John, embora ache que não vai conseguir falar com ninguém. No entanto, precisa de fazer aquele esforço e esperar algo em troca, o que quer que seja. Começa pela linha direta, onde um atendedor de chamadas logo a informa: “Fala John Wright, estou fora do país em trabalho e o nosso escritório encontra-se fechado no feriado. Reabrimos na quarta-feira, dia cinco. Por favor, deixe mensagem e devolver-lhe-ei a chamada assim que possível.”

Ariel deixa uma mensagem a explicar a situação, no caso de outra pessoa ouvir aquilo. Repete o exercício com a linha geral da empresa, obtendo a

mesma resposta – fechados no feriado. Contactarão na quarta-feira.

Está a fazer tudo o que pode. Que mais haverá a fazer?

* * *

– Bucky? Ele está a recusar-se a aceitar a minha chamada.

– Bem, não estou surpreso.

– Mas tu podes falar com ele, certo? Ainda são amigos.

Bucky não responde.

– Por favor, Bucky. Preciso de o convencer. *Por favor.*

– *Convencê-lo?* Como?

Ariel sente-se relutante em dizer aquilo em voz alta; sente a gravidade, o crime.

– Tenho uma gravação da nossa última conversa.

– De quem?

– Da minha com ele.

– Caramba! Não vou querer ouvir isto, pois não?

– Estava com uma escuta. Diz-lhe.

– Oh, meu Deus, Laurel. Isso parece-me muito ilegal.

O que lhe parece é que é uma gravação ilícita sem consentimento. Parece chantagem. Trata-se, na verdade, de ambas as coisas.

– Queres mesmo fazer isso?

Ariel solta uma gargalhada escarninha.

– Não, não *quero* ter nada que ver com esse filho da mãe nunca mais na vida; tu, mais do que qualquer outra pessoa, sabe-lo bem. O que *quero*, sinceramente, é vê-lo na cadeia ou, melhor ainda, morto. Mas *preciso*... – Cala-se antes de perder a compostura. – Não tenho escolha, Bucky. Portanto, agora tenho de me certificar de que ele também não tem.

– E se ele ainda assim se recusar?

– Então, torno a gravação pública. E o que acabar por acontecer com a minha situação, com o John, seja *morte* ou a *cadeia*, não importa, porque ele ficará com a vida arruinada.

– Não consigo fazer isto. Não consigo ameaçar...

– Não precisas de o fazer.

– Isto é extorsão. Percebes, não percebes? Quando as pessoas falam do crime de extorsão, é exatamente a isto que se estão a referir. É o que me estás a pedir para fazer.

– Tu só és o mensageiro.

– Achas que a polícia vai concordar?

– Sabes bem que nunca chegará a isso. Ele nunca vai arriscar-se a uma revelação pública. Tu sabes bem porquê, eu sei bem porquê e ele sabe bem porquê. A menos que queira que toda a gente também fique a saber, coisa a que não se pode dar ao luxo, vai atender a minha chamada.

Ariel não está surpreendida com a resistência de Bucky. Ninguém estaria

muito animado para agarrar aquela oportunidade, mas está confiante de que ele acabará por ceder. Ariel também o pode extorquir, se chegar a tanto.

– Não estou nada confortável com isto.

Claro que não. Se Bucky estivesse confortável a confrontar aquele homem, as vidas deles seriam muito diferentes.

– Nem eu, Bucky. Mas conforto é um luxo a que não me posso dar.

* * *

Não há nada a fazer a não ser esperar. No entanto, Ariel já não aguenta ficar ali no quarto do hotel, a olhar o vazio, pelo que liga a televisão nas notícias americanas por cabo.

– ...as audiências devem começar dentro de cinco dias. O governo espera concluí-las e confirmar a nomeação antes do encerramento judicial em agosto, daqui a apenas algumas semanas.

Ariel dirige-se para a *kitchenette*, serve um copo de água gelada, volta para a televisão.

– ...nos negócios do nomeado, claro, mas também na sua vida pessoal...

Será que quer mesmo ver aquilo?

– ...acusações no passado, embora nunca tenha havido processos formais. O que ficaremos a saber acerca destas acusações durante as audiências de confirmação? Ao que tudo indica? Nada.

Ariel muda de canal.

CAPÍTULO 18

Dia 1. 22h03

Ariel verifica o seu telemóvel e o pré-pago: ainda nada. Confirma que a porta se encontra trancada, um gesto instintivo na direção vaga da autopreservação. Deveria ver como está o filho, a mãe. Pensa a que amigo Elaine deverá ter ligado e apercebe-se...

Caramba.

Abre o dispositivo, que localiza o telemóvel de George num lugar desconhecido, a meio-caminho da casa de Ariel e a cidade, numa orla da região suburbana que não reconhece de lado algum.

- Mãe, onde estás?
- Em casa da minha prima Rhoda.
- Rhoda? – Ariel julgava que ela tinha morrido há anos.
- Bem, a Rhoda morreu, mas lembrás-te do marido dela, o Bud?
- O Bud? Hum...
- É aí que estamos. Algum desenvolvimento?
- Não, para ser franca, não. Mas, olha, mãe, tenho de te pedir para desativares o teu telemóvel e o do George também.

Elaine suspira, mas não diz nada.

– Com os localizadores GPS e os sinais, a triangulação das torres, honestamente não percebo a tecnologia, mas, ao olhar para o meu telemóvel, pude ver onde estás. Até consegui ver a piscina em forma de feijão no jardim da Rhoda. Do Bud.

- Então, e isso não é bom? Não queres isso?
- Mas, mãe, o problema é que, se eu vos consigo localizar, então, qualquer outra pessoa também o pode fazer.
- Quem? Estás preocupada com o quê?
- E não estou a falar de não usarem os telemóveis. Desliga-os mesmo e deixa-os sempre assim. Dá-me o número de telefone do Bud, eu ligo quando puder.

– Tens de me dizer o que se está a passar.

– Mãe, por favor.

– Não me trates como se fosse uma criança. Sou a tua mãe.

Ariel inspira fundo.

– Como é que o George está? Está tudo bem com ele?

Também Elaine precisa de uns instantes antes de responder.

– Disse que sentia um nó na barriga.

Diacho.

– Tomou o comprimido hoje de manhã?

– Sim.

– Tens a certeza?

– Sim, meu Deus.

– Está bem. Será que mo podes passar? E, a seguir, depois de desligarmos, por favor, lembra-te do que te pedi acerca dos telefones. Sabes o meu número de cor?

– Estás a brincar comigo? Mal sei o meu.

– Bem, anota-o num papel antes de desligares o telemóvel. Se precisares de falar comigo, fá-lo do telefone de outra pessoa. Ou de um telefone público.

– A sério? Quando é que foi a última vez que viste um telefone público?

Ariel não diz nada.

– A sério que não me vais dizer o que se está a passar?

– Já te disse, mãe.

– Mas o que é que o facto de o John ter sido raptado em Lisboa tem que ver com alguém triangular a localização do meu telemóvel em Long Island? De que é que tens medo? De quem?

– Não te posso dizer.

– Mas como assim?

– Será que não podes apenas acreditar em mim, mãe? – Estão a gritar uma com a outra. As coisas escalam rapidamente com elas. – Não podes pura e simplesmente acreditar em mim? Porque é que te tenho de provar tudo como se estivéssemos num tribunal e tu fosses o juiz?

Caem num silêncio relativo, no qual se ouve as respirações pesadas, quais pugilistas sentados nos respetivos cantos, tratando das feridas, reunindo forças. O *round* que ainda agora terminou não foi o primeiro.

* * *

– Não percebo como consegues viver assim. – Elaine disse isto cerca de cinco minutos depois de chegar a casa de Ariel na sexta à tarde, meia hora antes de a filha precisar de sair para o aeroporto. – A sério que não.

Sempre que a visita, a mãe expressa uma variação deste sentimento, contemplando o pátio, a casa; há sempre algo a ser destruído, substituído ou reconstruído – a casa de banho do piso térreo, com um pedaço de chão aberto para se aceder a um cano roto, o apêndice lateral, com uma balastrada

semiconstruída, o velho ácer abatido ao lado do trilho de acesso à casa e serrado em grandes pedaços, mas ainda não em toros para lenha. Há sempre uma imensa categoria de projetos secundários, passíveis de persistir por longos períodos num futuro inespecífico, à espera de atenção. Ariel aceita aquele estado de semidegradação, mas a mãe adere ao princípio de atuação oposto: tudo tem de estar sempre perfeito. Ou pelo menos assim aparentar. O que é a única perfeição possível: a aparente.

– Parece que um furacão passou por aqui. – Elaine observava *Fletcher* trotar pelo pátio como se o bode se tivesse, de repente, apercebido de que estava atrasado para uma reunião importante. Era suposto que *Fletcher* vivesse no celeiro com os outros animais de quinta, mas amiúde consegue atravessar o relvado e acercar-se do alpendre traseiro, entrando, por vezes, pela cozinha para devorar o que encontrar à mão. Um bode consegue comer doze maçãs num minuto, impassível, olhando para nós enquanto mastiga, quase como se sorrisse, o maxilar movendo-se de um lado para o outro.

– Tem *sempre* este aspeto – suspirou Elaine, repleta de desilusão e desaprovação.

À primeira vista, sim, a existência de Ariel poderia parecer uma manta de retalhos – diferentes tipos de animais, de rendimentos, de mobílias, recheios e acessórios, uma vida aparentemente desordenada. Mas construída nos seus termos, sob o seu controlo. Isso não faz dela algo limpo, mas é um caos compreensível, expectável.

– É uma quinta, mãe. É assim que as quintas são.

Até as galinhas têm um certo encanto. Ariel gosta de como elas andam, abstraídas, metidas na sua vida, sem nada pedir seja de quem for, sem dar nas vistas.

– Mas tu não és agricultora, querida.

– Bem, mãe, na verdade, até sou. Vivo numa quinta, ganho dinheiro com isto, pago impostos por esta propriedade.

– Mas tu não tratas do campo, pois não?

Ariel respirou fundo. Sabia o que a mãe diria a seguir:

– Não *precisas* de viver assim... – Elaine fez um movimento circular com as mãos designando a sala, todo o espaço: as cadeiras desemparelhadas, o soalho lascado, os tapetes baratos, as tigelas de água cheias até à borda, a memória persistente de uma cabra doméstica.

– *Assim*. O que queres dizer com isso, mãe?

– Não te faças de tola. Sabes bem a que me refiro.

Elaine estava convencida de que o maior luxo na vida era ter pessoas que fizessem tudo por si; Ariel considerava que ele consistia precisamente em ser-se livre para se fazer as coisas. Elaine era como Bucky, que acreditava que quanto mais pessoas o servissem, melhor.

Ariel precisara de bastante tempo para se aperceber de muitas coisas que agora lhe pareciam óbvias. É a vida, certo? Apercebermo-nos uma e outra vez de quão errados costumávamos estar.

– Tens outras possibilidades.

– Quais, mãe? Diz-me lá como deveria *escolher* viver em alternativa a isto? E quem deveria *pagar* por essas escolhas? E, em contrapartida, que sacrifícios teria de fazer?

Elaine soltou um ronco desdenhoso.

– Quer dizer, que *mais*?

Aquele golpe final – fundo e retorcido – era um ponto fraco para ambas; o mais doloroso de todos. Não era apenas o facto de Ariel desaprovar o estilo de vida da mãe no geral; isso dizia respeito apenas a Elaine. A verdade é que Ariel considerava a mãe responsável, pelo menos em parte, pelas suas próprias desgraças. Ao longo da vida, vira-a aceitar tanto, de forma tão consistente, com tão poucas objeções, como se tivesse interiorizado as opiniões do marido, as suas preferências, as suas exigências. Elaine pré-aquiescia, era isso que fazia. Em relação a tudo. Ariel tinha sido educada assim, para pensar que ser mulher era aquilo, ser uma esposa era aquilo. Eis porque entrara no seu próprio casamento sem a menor noção de como se manter fiel a si própria. Fora ensinada a não o ser.

Aquilo não era completamente justo, Ariel sabia-o. Mas os sentimentos não têm de ser justos ou genuínos.

Ariel também sabia que não era altura para discutirem sobre aquele assunto, nem sobre qualquer outro, não quando Elaine tinha acabado de percorrer mil e seiscentos quilómetros para fazer aquele imenso favor à filha.

– Olha, mãe, agradeço-te o facto de te teres sujeitado a esta viagem tão longa.

O segundo marido de Elaine fizera questão de que se mudassem para o Carolina do Sul – golfe o ano inteiro – e ela não conseguira, ou não quisera, dissuadi-lo. Cederia, como sempre. De tudo o que Ariel não gostava na mãe – e havia muito –, talvez aquele fosse o traço mais fundamental: receava ter interiorizado uma parte terrível da relutância covarde da mãe em dizer aos homens algo que não querem ouvir.

Ariel sente dificuldade em perdoar os traços desagradáveis das pessoas, o que constitui um desafio em relação à mãe. Sim, pode-se contar com Elaine para mandar uma prenda de Natal ou tomar conta de uma criança sem grandes problemas. Mas também fora ela a primeira pessoa a desiludir Ariel da forma mais surpreendente e imperdoável. Fora por essa razão que se sentira tão sozinha no mundo durante tanto tempo: não podia contar com o apoio incondicional nem sequer da própria mãe.

Depois, quando também Bucky lhe falhara daquela forma terrível, Ariel deixara de permitir que os outros saíssem impunes das situações. Esse tornara-se o traço que mais desejava poder mudar em si: a sua intolerância face à imperfeição. Tentara. Falhara.

Ao invés disso, tentava agora convencer-se de que era possível amar alguém e detestar, em simultâneo, aspetos significativos da sua personalidade. Também aquilo era difícil. Mas a alternativa fora pior.

Ariel inspirou fundo.

– Não quero discutir contigo sobre como vivo a minha vida – disse. – Podemos não seguir por aí?

Os cães assistiam à cena cautelosamente, as caudas a meia haste. Haviām estado em alerta crescente desde que Ariel tirara a mala da garagem. Os cães sabem que não há nada pior do que a bagagem, que aparece mesmo antes de a dona ir embora – e desta vez poderia ser para *sempre*, nunca se sabe quando a mamã não volta, o que seria horrível. Que coisa péssima para se sentir de cada vez que se contempla uma mala de viagem.

Ariel baixou-se e abraçou os cães, o que piorou a situação, deixando-os mais ansiosos; *Mallomar* soltou um pequeno gemido. A mulher reconhece que esse seu gesto é egoísta para com os animais ao seu cuidado: eles dedicam-lhe um amor incondicional e ela quer senti-lo ao máximo. Talvez aquela seja a única forma de amor completamente credível; todas as outras variantes são suspeitas, de pouca confiança, com motivos questionáveis, desfechos inevitáveis e decepcionantes.

Apercebeu-se recentemente de que preferia a companhia de crianças e cães à de adultos. De longe. Não era uma coisa agradável para descobrir sobre si, especialmente a parte que diz respeito aos cães. Ariel obrigou-se a examinar aquilo e apercebeu-se de que o que mais gostava nos cães – a sua lealdade inquestionável e o seu afeto desenfreado, o prazer na brincadeira, o facto de correrem pela mera alegria de correrem, a sua total ausência de autoconsciência – eram, na verdade, traços que surgiam nas crianças pequenas. Quanto mais o seu filho crescia, mais saudades ela sentia daquela inocência. Tinha desaparecido para sempre.

– Está bem. Mas, Ariel, por que diabo tens um *bode*?

* * *

Cyrus, o vizinho, comprara *Fletcher*, o bode, para fazer companhia a *Shadow*, o cavalo, que parecia deprimido, mas, afinal de contas, a letargia e a falta de apetite do cavalo não se deviam a tédio, mas sim a uma anemia viral equídea, e *Shadow* morrera poucas semanas depois de *Fletcher* ter chegado. Logo depois, morrera Cyrus, deixando o bode completamente sozinho, o que, por sua vez, deixara Ariel tristíssima.

– Está a brincar? Está a perguntar-me se pode adotar o bode daquele idiota?

Tinha sido a ex-mulher de Cyrus a falar-lhe assim ao telefone, de Scottsdale. Haviām-se divorciado duas décadas antes, depois de os filhos terem saído de casa, quando finalmente admitiram que se detestavam.

– Sim, estou a perguntar-lhe isso.

Aquela era, pelos vistos, a proposta mais engraçada que a velhota ouvira.

– Não – replicara, quando conseguira, por fim, parar de rir. – Vou mesmo fazer uma viagem de nove mil e quinhentos quilómetros para ir buscar o bote

do estúpido do meu ex-marido para viver comigo. No meu apartamento T1. Numa residencial para reformados.

– Estou a ver. Então...

– Vou fazer dele o meu parceiro de *pickleball*.

– Está bem, obrigada. Mando os papéis o mais depressa possível.

– Papéis? Está louca? – De seguida, desligara o telefone. Ariel relatara a conversa ao advogado de Cyrus, que não lidava com questões testamentárias e não queria lidar com aquilo: nem com os bens de Cyrus nem com o bode órfão.

– Oh, Ariel... – Jerry enterrara a cara nas mãos e massajara os globos oculares. – Eu não... Fica com o bode, está bem? Por favor, não me metas nesse assunto.

– Obrigada, Jerry, obrigada – dissera Ariel, levantando-se para sair do gabinete. – Sabes como?

– Sei o quê?

– Como devo transportar o bode?

Jerry ficara boquiaberto.

– Será que devo usar uma trela?

O homem tentara falar, mas não conseguira responder. Em vez disso, abrira as mãos como quem indica a secretária cheia de documentos legais, as prateleiras repletas de livros jurídicos, os diplomas emoldurados de uma faculdade de quinta categoria, os níveis sufocantes de dívidas escolares, a indignidade de não ter passado o exame da Ordem não uma nem duas, mas três vezes, a percepção desencorajadora de que era um zé-ninguém, que acabara relegado para um escritório numa vila pequena, onde tratava de acordos pré-nupciais, multas por condução sob efeito de álcool, litígios pequenos, que acabam com acordos. Jerry estava intimamente familiarizado com cada canto da lei pouco lucrativa, mas nada do que sabia tinha que ver com o transporte de bodes.

– Obrigada, Jerry – dissera Ariel. – Fico a dever-te um copo.

O homem concordara com um piscar de olhos; aquela não seria a primeira vez que Ariel lhe pagava com um copo ou dois – ou três ou quatro – de *bourbon*. Jerry abraçava todos os *clichês* do advogado por conta própria de povoado pequeno, com um casamento falhado, uma alimentação irresponsável e um alcoolismo funcional.

Quinze minutos depois, Ariel conduzia *Fletcher* estrada fora com uma trela improvisada com o varal, que tirara do seu pátio, onde frequentemente pendurava a roupa, outra escolha que a mãe desaprovava.

– É a tua vida – disse Elaine. – Tu é que sabes.

* * *

– Vou chamar o George – diz agora a mãe, afastando-se daquela discussão, felizmente. – Espera aí.

Ariel aguarda enquanto o som de fundo vai mudando, até se assemelhar ao de uma televisão. Claro: a principal estratégia de Elaine sempre foi ligar a televisão. Ariel tenta não se preocupar muito com as escolhas que a mãe faz *in loco parentis*, enquanto ela se encontra em viagem uma ou duas vezes por ano, mas aquela muleta da televisão deixa-a louca.

– Olá, mamã.

Há uns meses, a voz de George começou a mudar e agora Ariel mal a reconhece, a voz do próprio filho. Porém, mesmo naquele novo timbre, derrete-a, especialmente quando a trata por mamã.

– Olá, querido. Estás bem?

– Sim – replica ele. – Na maior parte do tempo.

– Andas a tomar o medicamento?

– Sim.

– E, mesmo assim, não te sentes ótimo?

– Não, não me sinto ótimo.

– De um a dez, como dirias que te sentes?

– Não sei. Não estou mal.

Ariel não o quer pressionar, não o quer obrigar a queixar-se, não quer reforçar a vitimização, que pode ser corrosiva, tornar-se uma obsessão, tornar-se o principal elemento definidor do indivíduo. Ela própria caíra nessa armadilha e precisara de muito tempo para se desenredar. O filho está a tentar evitar semelhante destino; deveria deixá-lo.

– Está bem – replica. – Se piorar?

– Sei o que fazer, mãe. – Parece exasperado, decerto uma emoção com que todos os progenitores se encontram familiarizados. Provavelmente, Ariel também soara assim há trinta anos. Diacho, ainda há minutos, quando gritou com a sua própria mãe.

– Por favor, não te preocupes, mamã.

Meu Deus. Não se preocupar?

Ariel começa a chorar outra vez e afasta o microfone da boca para que o miúdo não a ouça. Respira fundo, tentando controlar as lágrimas, pelo menos o suficiente para forçar um sorriso e dizer um “não me preocupo” que pareça sincero, porque aquela mentira que está a dizer ao filho é complicada.

– Adoro-te – acrescenta, querendo verbalizar algo verdadeiro. – Adoro-te tanto.

* * *

Não fora uma escolha deliberada. Acontecera noite após noite; George esgueirava-se para a cama dela depois de um pesadelo ou com dor de barriga e ali ficava. Por fim, deixou de dar desculpas. Ela estaria a ler – estava sempre a ler; fazia parte do trabalho, mas não o conseguia durante o expediente –, o *Mallomar* com o focinho peludo na sua canela, e George arrastar-se-ia, mergulharia na cama, seguido por *Scotch*, que se deixava cair no tapete,

enrolando-se numa bola.

De manhã, quando o despertador de Ariel tocava, George ainda ali estava, e ela deixava-o dormir mais uma hora enquanto tratava dos afazeres matinais. Depois, dava-lhe uma pancadinha no ombro. Ele perguntava “O que é?” e ela respondia-lhe: “São horas de acordar.” Aquilo acontecera quase todas as noites durante anos, ao longo dos quais Ariel nunca deixara de se perguntar se aquele seria um grau saudável de proximidade, de conforto, de dependência, ou se estaria a estragar o miúdo, se não a estragar-se a si própria.

Não se sentiu capaz de fazer o que quer que fosse quanto a isso. A verdade é que gostava, gostava de ter outra vida ao lado de si, gostava de ouvir o filho respirar, saber que estava a salvo, saudável, sem pesadelos, acompanhado. E ela também o estava.

Quando George tinha seis anos, ou oito, quando media um metro e vinte e pesava vinte quilos, quando chuchava no dedo e andava sempre com o peluche atrás, quando ela andava com ele ao colo, nessa altura, era muito mais fácil responder caritativamente, ver aquilo como uma maneira natural de viver, companheiros em tudo, jantar juntos todas as noites, acordar juntos todas as manhãs. Só se tinham um ao outro. Isso era claro para todos, especialmente para eles os dois.

Depois, ele começara a afastar-se. Mais tardes fora de casa, a brincar com outros miúdos, futebol, basebol e videojogos. Quando estava em casa, passava mais tempo sozinho no quarto; já não fazia os trabalhos de casa à mesa da cozinha enquanto Ariel preparava o jantar, já não via televisão com ela à noite, já não queria que ela lhe lesse uma história. Começara a resistir a demonstrações públicas de afeto e, depois, inclusive às privadas. Começara a guardar segredos, a reter informação pelo prazer apenas de o fazer, a testar a mentira, para ver como seria quando fosse apanhado, quais as consequências.

Não houvera proclamações dramáticas, nenhuma travagem brusca, nenhuma zanga, nenhuma regra nova. Porém, embora gradual, aquela evolução aconteceu no decurso de apenas uns meses. A adolescência acontecera depressa.

Ariel ainda conseguia lembrar-se vagamente da sua própria experiência de puberdade, a urgência de criar distância, definir o seu novo eu, independente dos seus pais. Lembra-se de não ser capaz de evitar detestar os pais, embora não o tivesse desejado; pelo menos, antes de lhe terem dado razões para tal.

Conseguia ver aquilo no seu filho. Conseguia até reconhecer os seus acessos de raiva em relação a si próprio; via que George não os compreendia, não sabia como os justificar, não percebia por que motivo não conseguia resistir ao impulso de lhe criticar a comida, a condução, o que quer que fosse.

– Será que podias só não?

– Não o quê?

– Será que podias, tipo, não respirar tão alto?

A unida equipa de dois, eles contra o mundo, parecera impermeável, parecera permanente. Ariel sabia que tudo iria mudar, mas durante anos fingiu

que não. Agora, já não era possível fingir, mas o miúdo continuava a esgueirar-se para a sua cama quase todas as noites.

– Querido?

Estavam sentados em lados contíguos da mesa, nas mesmas posições que assumiam em todas as refeições, ao longo de toda a vida de George, desde o tempo em que ele ainda se sentava na cadeira alta. O filho olhara para cima, cansado, já preparado para se zangar.

– Acho que hoje à noite devias dormir na tua cama.

Ele abrira a boca para responder e o lábio inferior tremera. De súbito, não era o adolescente carrancudo. Aquela era a expressão da pequena criança destroçada a quem ela tivera de dizer que se haviam esquecido do ursinho de peluche no *ferry*.

– Hoje? – perguntara ele.

Grelhara um bife, apesar de não comer carne. George andava ansioso por proteína, da carne vermelha em específico, que quase nunca comera na vida. As limitações involuntárias na sua dieta haviam sido tema de uma das mais recentes discussões acesas. Ele vencera.

– Acho que o devias fazer na maior parte das noites.

Ariel via-o a tentar perceber aquilo, com os seus diferentes estágios de desenvolvimento mental a digladiarem-se uns contra os outros, imperativos opostos. Não sabia por qual estava a torcer. Uma lágrima grossa rolara ao longo da penugem fina da bochecha do filho, que se afilara, aliás, como todo o corpo, qual elástico, fino, retesado e perigosamente perto de rebentar.

– Porquê?

– Acho que precisas de espaço, tens...

Ele batera com o punho na mesa e tudo saltara – os talheres tiniram, os pratos bateram. O garfo, com um pedaço de carne em sangue, voara do prato, caindo na mesa.

Os cães ergueram-se, em alerta, tentando perceber o que se passava, saltitando o olhar entre George e Ariel.

– Acho...

– Odeio-te! – Erguera-se e a cadeira caíra em cima de *Mallomar*, que ladrara. – Odeio-te!

Ariel ouvia as unhas de *Scotch* ressoarem escada acima, seguindo a passada zangada de George, após o que a porta do quarto batera com estrondo. *Mallomar*, a seu lado, choramingara e ela baixara-se para lhe dar uma festinha, tentando tranquilizá-lo. Tentando tranquilizar-se a si mesma.

Contemplara o lugar vazio, a cadeira caída, a comida no prato. O lábio tremera-lhe também. Ali sentada, à mesa da cozinha, Ariel tentara convencer-se de que aquilo era a coisa acertada a fazer, mesmo que pusesse toda a gente a chorar. Mas não acreditava totalmente naquilo. De súbito, sentia-se tão triste acerca de tantas coisas – com todas as decisões que tomara, com todos os caminhos que seguira na vida e que a haviam levado ali, àquele momento solitário em que sabia que faria o filho chorar e ainda assim avançara, de

propósito.

A vida só iria tornar-se mais solitária, não era? Tudo só iria piorar.

Ariel ignorara demasiadas coisas por demasiado tempo. Desculpava a sua ignorância obstinada com o facto de ter tantas coisas sob controlo, felicitara-se pelos seus feitos, a sua competência, a sua confiança. Talvez o resultado fosse uma soma zero. Não se pode ter tudo, há que escolher batalhas, descobrir quais são essenciais, fazer de tudo para as vencer.

Conseguia ouvir George lá em cima, a bater com coisas no quarto, o latido angustiado do cão. Ariel não iria lá. Deixá-lo-ia sozinho com a sua raiva. Ele precisava de espaço, mesmo que não fosse isso o que queria. Por vezes, há uma enorme diferença.

George chorara até adormecer, e Ariel dera voltas na cama até de madrugada. Aquela não fora a primeira vez que se pusera em causa durante a noite, convencida de que nenhuma das suas escolhas fora boa. Determinada a mudar, antes que fosse tarde de mais.

CAPÍTULO 19

Dia 1. 22h44

– Estou?

– Ms. Turner – diz ele. – Há quanto tempo.

Ms. Turner? Que bela atuação. Deve suspeitar de que a chamada está a ser gravada. Talvez tenha a certeza disso por estar ele também a gravá-la, a fim de garantir a sua integridade. Nos dias que correm, tudo pode ser manipulado – fotografias, vídeos, áudios. A única forma de contornar provas manipuladas por outros é manipulando as nossas, dando-lhes palco. Ganha quem tiver mais audiência.

– A que devo o prazer desta chamada?

– Estou em Lisboa. O meu marido foi raptado. O resgate é de três milhões de euros em dinheiro e tenho dois dias para o pagar.

Ele faz uma pausa antes de responder.

– Isso é terrível.

– Pois é. E não tenho essa quantia. Nem por sombras.

Silêncio.

– Preciso da tua ajuda.

Mais silêncio. Ariel aguarda que ele se pronuncie.

– Olha – começa ele, qual político prestes a proferir algo dissimulado –, lamento muito a situação em que te encontras. Terei todo o gosto em averiguar se as autoridades locais estão a tomar todas as medidas possíveis, a dar toda a sua atenção ao caso e se o Ministério dos Negócios Estrangeiros está a trabalhar adequadamente. Mas sabes que não posso...

Ela ouve-se respirar através do telefone. Ele também.

– Sabes que não posso *intervir*.

– Claro que podes.

– Que é que achas que posso fazer?

– Consegues fazer com que alguém envie uma equipa para o resgatar.

– Sabes que não posso fazer isso.

- Ou podes arranjar-me os três milhões.
 - Estás louca? Não consigo entender porque acharias que eu faria isso.
 - *Não consegues entender?* Precisas que te explique? Sabes perfeitamente o motivo por que to peço.
 - Mais uma vez, lamento imenso toda a situação difícil por que estás a passar, mas...
 - Não achas que te estou a ligar sem algum trunfo, pois não? – A voz ecoa-lhe o desespero, um desespero que, de facto, sente. – Não julgas por um segundo que...
 - Cala-te.
 - ...isso, juntamente com os testes de paternidade e o relatório da polícia de Hamptons e...
 - Por amor de Deus! Cala-te.
- Ela fica em silêncio.
- Vai à embaixada.
 - Já estive na embaixada. Duas vezes. E aqui é plena noite. Está fechada.
 - Alguém vai abrir-te a porta.
 - Quando?
 - Agora mesmo. – Suspira. – Vai para lá agora mesmo.

* * *

Ariel caminha na direção do ruído, das luzes, das pessoas, dos táxis. Passa por um senhor idoso que passeia dois cães e lhe lança um olhar de viés, mas não, ele não pode ser da CIA, da polícia, ou um dos raptos, não com dois cães. Olha em volta, tentando memorizar todos os pormenores. Nunca se sabe o que poderá ser útil; nunca se sabe o que terá de recordar.

No extremo oposto da praça consegue discernir uma silhueta, na escuridão, encostada ao tronco de uma árvore. Afasta-se como se não se tivesse dado conta.

Vê um táxi. Corre, fazendo sinal ao motorista e entra.

– Para a embaixada dos Estados Unidos, por favor – pede, aguardando que o condutor a observe pelo retrovisor, mas ele não o faz. Pergunta-se se não será o homem incumbido de a seguir; faria um certo sentido.

Passam velozmente por estabelecimentos de diversão noturna, poças de luz vindas dos candeeiros de rua que iluminam aquelas ilhas de gente diante de cada bar ou discoteca, separadas por largos mares de escuridão vazia, que o táxi atravessa a alta velocidade, quase como um criminoso em busca de esconderijo; o coração de Ariel bate descompassado, e tudo ganha velocidade, se torna maior, lhe escapa do controlo.

* * *

– Pode deixar a sua mala e aparelhos eletrónicos aqui, num cacifo. Vou

dar-lhe a chave.

– Obrigada, mas preferia ficar com as minhas coisas.

– Lamento – avisa o segurança –, mas não é uma sugestão.

– Oiça – apela Ariel, tentando parecer calma e ponderada –, estou perante uma situação muito urgente. É possível que receba uma chamada que não posso perder. É de extrema importância. Será que posso ao menos...

Cala-se; o segurança abana a cabeça, negando.

– Por favor, são apenas *telemóveis*. E isto é mesmo urgente.

– Lamento, mas as regras proibem-no. Todos os aparelhos eletrónicos podem ser uma ameaça. Podem ser usados como detonadores de explosivos, equipamento de espionagem, para infetar computadores, entre outras coisas.

– *Por favor*. Imploro-lhe.

Não parou de implorar hoje.

– Então, fazemos o seguinte – diz-lhe ele. – Vou deixar os telemóveis aqui, nesta mesa. Se um deles tocar, aviso-a logo, para que possa vir atender.

Ariel não tem escolha. Entrega-lhe os seus pertences.

– Por aqui.

Passa pelo detetor de metais enquanto é observada pelo fuzileiro naval, sendo recebida por um outro, a cargo de quem ficará. Atravessam um pequeno corredor até uma porta, ele insere um código e ela abre-se. Entram numa sala sem janelas, a apenas uns metros do segurança, um espaço isolado do restante edifício. Talvez para impedir que quem ali entre tenha qualquer vislumbre do pessoal da embaixada. Ou o contrário. Ou ambas as coisas.

– Por favor, sente-se – pede o indivíduo. – Vão ligar-lhe para este telefone. Estarei lá fora. Caso necessite de alguma coisa, carregue aqui. – Indica um botão vermelho na parede junto à porta com isolamento acústico. Fecha-a atrás de si.

Ariel não precisa de confirmar para saber que está trancada. Senta-se numa das cadeiras de plástico em volta da mesa de tampo laminado, com uma consola de comunicações com um aspeto bastante apetrechado afixada no centro. Os fios telefónicos desaparecem dentro do suporte da mesa e pelo chão dentro, não sendo possível aos visitantes aceder-lhes.

Fica surpreendida por não se deparar com um vidro espelhado, mas depois apercebe-se de que não faria sentido. Claro que não. Aquilo não é uma sala de interrogatório; deve haver outras para esse efeito no edifício, certamente umas com propósitos mais agradáveis do que outras. O objetivo desta sala é deixar as pessoas à vontade. Trata-se de um espaço com um nível de segurança muito elevado, com uma linha telefónica muito segura. É por isso que ali está.

Pergunta-se se não a estarão a fazer esperar propositadamente. Ou se algo estará a atrasar a chamada. A verdade, porém, é que nada disso importa, não é? Seja como for, ela encontra-se à espera, cada vez mais ansiosa, incapaz de pensar noutra coisa que não: será que isto vai resultar?

– Estás a dizer-me que ela se encontra, neste preciso momento, na embaixada? – Nicole Griffiths estivera deitada na cama com uma pilha de relatórios no colo, prestes a adormecer, um sono profundo e reparador. Agora, sente-se completamente desperta. Aquela americana não só a obrigara a cancelar o encontro com Pietro, como acabava de lhe dar cabo do prémio de consolação: uma noite completa de sono.

– Isso mesmo – diz Antonucci. – Segui-a até ao hotel e há vinte minutos ela voltou a sair e entrou num táxi. Voltei a segui-la. Imagina a minha surpresa quando o táxi a deixou na embaixada. Esperei uns minutos e depois entrei. O segurança disse-me que tinham recebido ordens para colocar a Pryce na sala de comunicações seguras.

– Ordens de quem?

– Os fuzileiros não me querem dizer. O que é compreensível.

O cérebro de Griffiths está a mil, tentando compreender o que significará aquilo, como é que uma cidadã americana aparentemente comum foi levada para um local seguro, que existe apenas para que a informação mais sensível e confidencial possa ser transmitida entre agentes, informadores e oficiais sem a preocupação com interceções indesejadas.

– Porra!

Uma ordem assim não viria de Lisboa, nem de Langley, não sem o seu conhecimento. Só pode ter vindo de Washington, o que significaria que aquela mulher é mais importante do que parece. Ou o marido. Pelos vistos, não são apenas americanos comuns.

– É óbvio que não podemos ouvir a conversa – constata Antonucci –, mas podemos ouvir todas as chamadas que ela fez até agora. Temos estado a gravar tudo há mais de três horas.

– Boa. Fica de olho nela, não a percas de vista. Vou para a agência ouvir as gravações. E, Guido...

– Sim.

– Tem cuidado. Acho que isto é maior do que julgávamos.

* * *

O telefone toca, estridente, no silêncio daquela saleta e a mão de Ariel precipita-se instintivamente para o aparelho, como quem quer apaziguar um bebé que chora. Mas, tal como se obrigava a acalmar-se antes de confortar George em pequeno, obriga-se agora a respirar fundo antes de atender.

– Está?

Ele não perde tempo.

– Que merda queres tu de mim?

– Já te disse: três milhões de euros para o resgate do meu marido.

– Três milhões – reflete ele. – Esse número diz-me alguma coisa.

– Poupa-me. Não é uma quantia que tenha sido eu a escolher de propósito. O meu marido foi raptado e esse é o valor que pedem de resgate.

– Novamente, lamento muito que isso tenha acontecido e que te encontres nessa situação. Mas porque é que isso é um problema meu?

– Sabes bem porquê.

– Não, na verdade, não sei.

Aqui vai disto, pensa ela, já não dá para recuar.

– Porque gravei a nossa última conversa.

Ele fica em silêncio por momentos, após o que responde:

– Não faço ideia do que estás a falar.

– Aquela conversa aconteceu antes de eu assinar fosse o que fosse.

Percebes, certo?

– Não dei qualquer consentimento para que ela fosse gravada.

– *Consentimento*? Como te atreves a usar a palavra?

– Tomei precauções, especificamente, para que a conversa não fosse gravada. Portanto, essa gravação nunca seria admissível em tribunal.

– Antes de mais – refere Ariel –, houve consentimento de uma das partes envolvidas. – Em Nova Iorque, apenas uma das partes precisa de consentir. Ela fizera-o. – E depois: quem é que quer saber de *admissibilidade*? Envio a gravação para toda a gente, *exceto* advogados. Todos os meios de comunicação, todos os grupos de *hackers*, todos os governos estrangeiros, todos os desbocados das redes sociais.

– Sabes que o que estás a fazer é extorsão. Um crime gravíssimo...

– A sério? Sob que jurisdição? Estou em Lisboa. Neste momento, não podia marimbar-me mais para tudo o que sejam leis dos Estados Unidos.

– ...com a agravante de teres feito chantagem. Fica ciente de que vou garantir que és condenada. Vais para a prisão. E não apenas durante um mês ou dois.

– Se, um grande se, por sinal, eu for condenada. Por unanimidade. Por um júri composto pelos meus pares.

– Vais cumprir uma *pena pesada*.

– Sabes como vai ser composto o meu júri? Metade vão ser mulheres. Mais uns quantos homens que são pais de meninas. Lembras-te de quantos jurados são precisos para eu ser absolvida, não é? Claro que sim. Tu estudaste Direito.

– Vou certificar-me de que cumpres pena numa das piores prisões.

– Muito bem, e sabes que mais? Irei para a prisão de *bom grado*. Serei uma *heroína* na prisão. Mas tu? A tua carreira está acabada. E não apenas a tua carreira. O teu casamento também, toda a tua *vida*, na verdade. Vais perder *tudo*. Portanto, força, recorre à justiça. Arriscarei ser presente a um júri e, independentemente dos meses que forem, dos danos que possam existir...

Percebe que está a ficar demasiado agitada; respira fundo.

– Tornar-te-ás um pária – continua ela, desta feita muito mais segura. Muito mais ameaçadora. – E nunca mais vais conseguir recuperar a tua vida. Nunca mais.

– Não farias isso.

– Estás mesmo disposto a arriscar tudo?
– E porque não o fizeste já?
– Não estou numa situação normal. Não escolhi fazer isto. E reitero: não o farei se me ajudares a ter o meu marido de volta.

Ele leva algum tempo para digerir toda a informação, e Ariel deixa-o. A bola está no campo dele. Mas o relógio não para. E ele sabe-o.

– Disseste que tinhas quarenta e oito horas?
– Um pouco menos, agora.
– Não tenho essa quantia disponível. Ninguém tem. Exceto, talvez, traficantes de droga.

Ariel quase começa a chorar de alívio, mas reúne forças para dizer:

– Tenho a certeza de que consegues. – Sabe que homens como ele têm ativos no mundo inteiro que conseguem converter em dinheiro facilmente, quando o mercado reabrir no dia seguinte. Ele mal vai notar que perdeu três milhões.

– Não posso fazer isto – anuncia ele. – Não neste momento.

– Claro que podes – contrapõe Ariel. – Porque sim.

Ele fica em silêncio de novo. Detesta estar naquela posição, ela consegue senti-lo. É delicioso.

– Impossível, com o feriado, os bancos fechados, a bolsa também. Tudo isto é impraticável. Não me parece que consiga reunir essa quantia, não com um prazo tão apertado.

– Sem problema, então arranja maneira de resgatar o meu marido. Fala com alguém que mande os fuzileiros, as boinas verdes, alguém, qualquer organização americana capaz de o resgatar. É *um* homem, em *Lisboa*. Uma situação que alguém como tu deve ser capaz de resolver.

– Não posso intervir...

– Estás a gozar? As pessoas intervêm constantemente! Ainda por cima para ajudar a mulher de um dos teus melhores amigos?

– *Ex-mulher*.

– Ouve bem. Tens três opções: arranja-me o dinheiro; arranja forma de alguém resgatar o meu marido; ou perdes tudo.

Silêncio do outro lado do fio. Ele deve estar a ponderar qual das opções lhe será menos desfavorável. É difícil não dar razão a Ariel no que respeita ao que disse sobre júris, prisão, todo aquele cenário. Ela está certa. A realidade é que ele não tem escolha, e sabe que ela sabe isso.

– Está bem – cede por fim.

Ariel teme que o corpo ceda à vaga de adrenalina.

– Está bem o quê?

– Alguém vai entrar em contacto contigo.

– Quem?

– Não sei ainda.

– Quando?

– Quando? Como é que queres que eu saiba? Parece-te que já alguma vez

fiz isto?

– O tempo urge.

– Vai à merda. O tempo urge. Vai à merda.

Ele inspira profundamente. Aquela era a última coisa com que imaginaria ter de lidar naquela noite. Embora soubesse há anos que, mais cedo ou mais tarde, teria de lidar com ela de novo. Agora pode não ser o momento ideal – é, na verdade, o pior momento possível –, mas talvez seja por isso que é também inevitável.

– Ninguém pode saber disto – avisa-a.

– Achas mesmo que é preciso dizeres-mo?

– *Ninguém*. Nem a polícia em Lisboa, nem os raptadores, nem o teu marido, *ninguém*. *Nunca*. – Ariel consegue ouvir-lhe a respiração; sabe que ele está, naquele momento, a analisar todas as hipóteses, passo a passo, os riscos futuros e o modo de os mitigar. – Terás de assinar um acordo de confidencialidade, obviamente. Antes de fazer o que quer que seja.

– Claro.

Está furioso, a fazer um esforço hercúleo para não explodir. Ariel pergunta-se se não terá, entretanto, aprendido a controlar o mau génio. Duvida.

– Caraças – solta –, isto é uma situação lixada.

– Uma situação lixada? Para ti? O meu marido foi *raptado*.

– E porque é que foi ele raptado? Quem é ele, afinal?

– Apenas um zé-ninguém com ar de americano rico.

– Mas é rico?

– Não. Pelo menos, não como tu. Não tem três milhões de euros.

– Merda.

Ariel não quer parecer conciliatória com este tipo em nada, mas decide apaziguá-lo ao menos um pouco. Precisa que ele cumpra com o acordado.

– Vou devolver-te o dinheiro – oferece.

– Vais, claro.

– Tenho dinheiro. Sabes que sim.

– Não faço ideia se tens ou não.

– Claro que fazes. Mas também sabes que esse dinheiro está guardado numa conta a prazo.

Espera que ele peça para lhe explicar melhor, mas o tipo não o faz. Sabe por que razão aquele dinheiro está guardado e para que efeito, mas fica claro que não pretende que a conversa vá por aí. Não pretende antagonizá-lo.

– *Não* voltes a contactar-me.

– Fica descansado. Mas escuta com atenção, se não me arranjares o dinheiro, se o meu marido for *assassinado* por causa disso, podes ter a certeza de que reunirei todos os microfones e megafones e contarei *tudo* ao mundo inteiro.

CAPÍTULO 20

Dia 1. 23h41

Ariel olha em volta para a mobília insípida, as paredes despidas, a porta trancada, do lado de fora da qual se encontra um edifício muito seguro, vigiado por fuzileiros. Aqueles soldados não se encontram ali para a ajudar; quando muito, estariam do lado dele. Não lhe ocorrera até então que poderia estar em apuros, mas está. Acabou de ameaçar um homem poderoso enquanto lhe dava a oportunidade para a silenciar. Teria caído numa armadilha?

Não há mais ninguém ali. Nada de jornalistas à espera de comunicados, nada de gente a passar por ali, olhando-a de relance, nada de empregados de limpeza a arrastarem baldes, nada de diplomatas curvados sobre ecrãs de computador.

Nenhuma visita. Nenhum convidado. Nenhuma testemunha.

Apenas uns quantos soldados, a obedecerem a ordens. Com lealdades bem definidas. Com armas...

A cada segundo que passa, Ariel vai-se convencendo cada vez mais de que irá ficar ali detida. Sente a pulsação acelerar à medida que se aproxima da porta e, no momento em que carrega no botão vermelho, já a imaginação se entretém a conjecturar as possíveis escapatórias – por uma janela, arrombando uma fechadura, batendo numa porta com uma perna da mesa – e, enquanto espera pela resposta, entra em pânico, julgando-se já prisioneira...

A porta faz um clique, abre-se, e ela depara-se com a expressão impassível do guarda.

– Minha senhora?

– Já terminei.

Ele não responde logo, e ela desanima. Será aquele o momento em que ele a conduzirá corredor fora para uma outra divisão sem janelas?

– Passe.

Leva-a até a um ponto onde um outro fuzileiro se encontra de guarda. Mais um homem armado a vigiar outra porta trancada. Este não se move

enquanto ela se aproxima; mantém os olhos treinados fixos nela.

O edifício encontra-se mergulhado num silêncio total, os sons da rua abafados pelo vidro à prova de bala, pórticos duplos, paredes reforçadas.

TRIMM!

É o telefone fixo no posto do segurança, a luz a piscar, o som a retinir. O guarda atende, olha de novo para Ariel, que se encontra agora a cinco metros de distância.

– Sim, senhor, ela ainda aqui está.

A mulher abranda o passo involuntariamente.

– Sim, senhor.

Ariel encontra-se agora a uns meros dois metros da mesa e consegue sentir o fuzileiro atrás de si. Está entre os dois. O guarda à secretária pousa o telefone e olha uma vez mais para a mulher diante de si. Ela força-se a continuar a andar na direção dele, da porta, da liberdade, embora, a cada passo que dá, tenha mais certezas de que algo vai acontecer, vê a cena antes mesmo de ela ganhar forma: ele ergue a mão esquerda, deixando a outra junto ao tronco, perto do coldre.

– Senhora?

Sente um nó no estômago, semelhante ao que tinha nos tempos em que o filho bebé parecia sempre prestes a deitar abaixo um copo de vidro ou um vaso, e o corpo dela tinha aquela resposta instintiva ante a calamidade iminente. Tentara convencer-se de que aquilo não tinha qualquer importância, uma caneca partida, leite entornado, mas nunca conseguira acreditar nisso. Não há como nos convencermos a perder determinados medos, por mais tolos ou irracionais que sejam. Aquele medo que agora sente não é nem uma coisa nem outra.

Ariel não confia na sua voz. Ao invés disso, ergue as sobrancelhas ao guarda.

– Por favor, aguarde – pede ele, a mão ainda elevada. – Foi-lhe atribuído um carro para a levar ao seu hotel.

Oh, Deus, que alívio. Será que há motivo para tal? Talvez não. Não.

– Ah, deixe estar – replica ela. – Prefiro chamar um táxi.

– Já é tarde, minha senhora. O carro estará aqui dentro de minutos.

Sim, claro. Não poderia ser de outra maneira, não é? Agora que Ariel pensa nisso, ninguém a iria matar na embaixada, tão-pouco seriam os fuzileiros a fazê-lo.

Não, teria de ser um agente livre – um estrangeiro –, que chega num carro impossível de rastrear a meio da noite. Quanto tempo seria necessário para organizar um esquema assim? O homem a quem telefonara sabia, desde o primeiro momento, que algo indesejável iria para acontecer, sabia exatamente onde Ariel se encontraria, tivera mais do que tempo para planear uma estratégia desde aquele primeiro telefonema. Quando fora? Uma hora e meia? Teria sido suficiente para um homem rico e poderoso nos Estados Unidos contratar um assassino em Lisboa?

- Pode sentar-se aqui. – O indivíduo indica três cadeiras.
- Não, obrigada. Quero chamar um táxi.
- Lamento, mas terei de insistir, minha senhora. São ordens.
- Ordens? De quem?

Ele aponta para as cadeiras com um gesto.

- Faça favor.

Faça favor. Quer dizer tantas coisas, não é? Ariel sabe que não tem escolha; não pode sair dali disparada.

Porém, mal o carro chegue, não entrará nele de maneira alguma.

* * *

Tantos dos problemas daquele homem ficariam resolvidos se Ariel morresse naquela noite. Não só o mais imediato, que lhe fora imposto nos telefonemas recentes, mas a ameaça pendente que constituía a própria existência daquela mulher. Um problema que decerto lhe tem ocupado a cabeça há bastante tempo, e de forma mais evidente nos últimos meses, à medida que várias pessoas escavam as diversas superfícies da sua vida, procurando o que poderá estar oculto.

Ariel: eis o que está oculto.

Se ela pura e simplesmente desaparecesse naquela noite, em Portugal, sem dúvida que o caso seria investigado. Mas o que é que se encontraria? Provas espalhadas por toda a cidade de que o marido se meteu em apuros, de que ela andou à procura dele e caiu nas mesmas malhas, tendo acabado morta. Os polícias, a embaixada, o pessoal do hotel... eram todos testemunhas. Poderiam ser desenterradas mais provas, ou até forjadas; é possível que naquele preciso momento estejam a ser plantadas drogas no quarto dela, sacos de heroína, pilhas de dinheiro, armas ou até mesmo uma combinação de tudo isto, um volume assoberbante de provas de que aquele casal tinha ido a Lisboa para atividades criminosas. O que é que tiveram? O que mereciam.

* * *

TRIMMMM.

O som parece ainda mais alto desta vez, mais próximo, como um ataque. Ariel agarra no seu telemóvel; tem o pré-pago no bolso. Conta com o facto de ambos os dispositivos terem sido manipulados enquanto esteve na sala segura e que tudo o que fizer a partir de então será monitorizado. Cada *email*, cada mensagem, cada palavra que murmure, seja numa linha aberta ou não, mesmo que os telemóveis pareçam estar desconectados.

- Sim? – responde o guarda.

Mais uma coisa com que se preocupar, e já são tantas. Sente o peso de toda aquela preocupação. Quanto tempo terá passado desde que se deixou ficar no passeio a soluçar? Apenas umas horas. Sente-se à beira de um novo

ataque de lágrimas. Inspira fundo, diversas vezes.

O indivíduo desliga, volta-se para Ariel.

– O seu carro chegou.

Nos últimos minutos, tem estado a estudar o mapa no ecrã, conjecturando caminhos, alternativas, contingências. Talvez alguém, algures, tenha conseguido ver que o mapa no telemóvel está ativo. Mas não terão conseguido seguir-lhe o olhar, perceber por que razão estava ela a usar a aplicação.

Passa pelo guarda com um agradecimento brusco e sai porta fora rumo à rua serena, onde um *Audi* se encontra parado diante do portão, estacionado na rua de um só sentido, que se encontra separada da larga avenida por um pequeno espaço redondo, com pedras de calçada, bancos, pilares e árvores. Há um grande amortecedor entre a embaixada e o trânsito, uma grande zona que a separa de motociclistas empunhando armas, passageiros de *pickups* com metralhadoras, camiões com explosivos. Onde quer que se situem, as embaixadas dos EUA são sempre um alvo.

O condutor sai, abre a porta a Ariel. É alto e, embora não seja magro, também não é gordo; tem um aspeto sólido, forte. Usa calças de ganga justas, com cintura muito baixa e com costuras extravagantes. A camisola é garrida, decorada com um grande logotipo, tem pinceladas violentas de cor e frases nas mangas e costas, além das riscas no colarinho, que o fulano usa para cima. Os sapatos atléticos, pequenos, justos e multicoloridos, não ostentam uma marca conhecida.

Definitivamente, não é americano.

Com as mulheres, torna-se mais difícil discernir; as mulheres em todo o mundo seguem modas similares, o mesmo se passando com os cortes de cabelo, a maquilhagem, estilos copiados de uma ou outra celebridade, atrizes, cantoras, *influencers*, o que quer que as Kardashians sejam. Tendências globais, reconhecíveis em todo o lado, intercambiáveis. O estilo dos homens é mais local, mais específico. Mais identificável. E um homem americano nem morto usaria aquele conjunto.

Será bom sinal? Ou mau? De qualquer das formas, é positivo que o condutor tenha saído para lhe abrir a porta. Afasta-o ainda mais do volante e dos pedais.

A atenção de Ariel volta-se para um pequeno carro que vislumbra no lado oposto do parque, na estrada principal; aquele grande pedaço de avenida é quase uma autoestrada. Olha para a esquerda e para a direita. Não há peões ali; não é uma zona de passagem. Também não se vislumbram carros estacionados. Não há sinal de vivalma em nenhuma das direções. Ninguém para testemunhar, ninguém para intervir. Só Ariel e aquele motorista ali, sem esquecer os guardas lá dentro.

Muito bem, diz para si mesma, quando se encontra a apenas uns passos da porta aberta do carro: *agora*.

Ariel corre. Dirige-se a grande velocidade na direção contrária à do carro, direita ao trânsito que possa haver na estrada principal. Ouve o motorista chamá-la, mas não percebe o que está a dizer e nem se preocupa com isso.

Corre para lá do frontão em cimento da vedação da embaixada, para lá do extremo do recinto, passando por um pequeno parque de estacionamento ao ar livre e por caixotes para reciclagem; a sua visão periférica deteta algum movimento, embora não perceba bem o que se move, pode ser alguém a ajeitar-se no lugar do condutor de um carro escuro, mas também um gato ou um pássaro ou um ramo que se agita ao vento.

Ariel olha por cima do ombro e vê o condutor do *Audi* sentar-se. Volta o rosto de novo para a frente, olha para o passeio, para os seus pés, concentrando-se para não tropeçar nas pedras desniveladas, nas raízes que brotam do pavimento.

Ouve a porta do carro bater enquanto atravessa o parque de estacionamento e eis que o passeio se encontra bordejado de vegetação baixa junto de um muro de cimento.

O condutor liga o *Audi*. O carro deve estar a avançar na faixa estreita, no extremo da qual terá de se unir à estrada maior, na direção contrária à de Ariel. Seria uma loucura virar o carro e conduzir em sentido contrário, atitude irresponsavelmente perigosa, uma manobra que só seria levada a cabo pelo motorista caso tivesse uma intenção maníaca – criminoso – de a perseguir. Carros a grande velocidade poderiam surgir a qualquer momento na avenida deserta, o que poderia terminar numa colisão a alta velocidade e em morte. Nenhum motorista normal faria algo assim. Só um assassino o faria.

A um quilómetro dali há uma abertura na parede de cimento, a entrada para um recinto alto.

Ariel volta-se para ver o que o *Audi* fez: graças a Deus, funde-se na estrada, afastando-se dela. Mas isso não significa que está a salvo. O condutor pode acelerar, virar à direita e depois novamente na mesma direção e contornar o quarteirão. De quanto tempo precisaria? Enquanto Ariel estava sentada na embaixada, a examinar o mapa, pareceu-lhe que seriam necessários apenas noventa segundos, no máximo, dois minutos.

Talvez não a siga. Anseia desesperadamente que assim seja porque não há razão inócua para o fazer. Porém, tem de partir do princípio de que o pior pode acontecer. Sempre.

Enquanto corre na direção da entrada, repara numa silhueta perto da embaixada, na penumbra graças às luzes que banham a fachada do recinto americano numa luz protetora. É um homem. E caminha na sua direção.

Não, não anda: corre. Está a correr atrás dela.

* * *

Ariel passa a correr pela guarita alta da segurança antes que ele consiga pará-la, entrando numa zona de estacionamento com carros estacionados em

espinha de um lado e lugares em paralelo no outro, tudo bem iluminado por grandes postes de iluminação.

O guarda grita-lhe qualquer coisa.

Ela só abranda quando chega ao fim do estacionamento aberto e gira na lateral do edifício, alcançando o caminho pavimentado sob palmeiras.

O guarda volta a gritar, de forma mais estridente, mais alarmado. Um outro homem aos gritos responde-lhe.

Nas traseiras do edifício, avistam-se campos de ténis, uma piscina, palmeiras, um muro cor de salmão. Trata-se de um prédio elegante, fechado por um perímetro fortificado, orlado de um lado pela embaixada americana e do outro, pela brasileira.

Passos seguem-na. Mais do que de uma pessoa.

Não conseguirá escalar aquele muro. Tem consciência disso. O guarda também. No entanto, ele não sabe que ela tem essa noção, pelo que presumirá que ela pretende alcançar as traseiras, que tentará escapar-se por aí e falhará, sendo esse o local que escolherá para a encurralar, com uma lanterna numa mão e um telemóvel na outra, prestes a ligar à polícia. Talvez prefira ser ele próprio a puni-la. Quem sabe não é o tipo de homem que anseia por oportunidades daquelas.

Ariel continua a correr a toda a velocidade ao longo dos campos de ténis, como se a sua vida dependesse disso, tentando alcançar a ponta do edifício antes de o guarda ali chegar. Cruza a esquina sem saber se o conseguiu.

Não aguenta aquele ritmo, vai cair para o lado. Abranda um pouco no trilho entre o edifício e o muro, um espaço fechado e claustrofóbico, sem escapatória possível. Ariel não sabe se tem o guarda à perna ou se este se dirige para a piscina e para o perímetro para lá dela. Está a apenas uns passos da parte da frente do prédio, abrandando a passada até esta se tornar tranquila, tentando ouvir passos atrás de si... esforçando-se por ouvi-los...

Nada. Não consegue ouvir passos alguns. O guarda não a seguiu por aquela esquina, pelo menos, ainda não. Para, dobra-se recuperando o fôlego enquanto ainda lhe restam uns quantos segundos; correr assim é difícil. Vai contar até cinco para recobrar forças para mais uma pequena corrida pelo estacionamento, saindo pelo portão principal, rumo às faixas largas da avenida sem trânsito, em direção ao jardim zoológico e aos restaurantes de *fast food*, à vida e às pessoas e, com sorte, e com sorte a um táxi que a leve de volta ao hotel. Bem, diacho, sempre pode fazer sinal ao primeiro carro que passe, pedir ajuda a um perfeito desconhecido. Pela sua experiência, não são os desconhecidos que representam perigo.

Ariel endireita-se. Respira fundo, enchendo os pulmões de oxigénio, como quem se prepara para um mergulho. De seguida, dá um passo em frente...

CAPÍTULO 21

Dia 1. 23h58

É impossível passar por aquele homem, que lhe está a bloquear o caminho, ali a uns metros dela. A única forma de fugir seria girar sobre os calcanhares e correr na direção oposta; provavelmente, conseguirá ser mais veloz do que o tipo, deveria avançar de imediato.

Mas então, Ariel reconhece-o: é um dos indivíduos da embaixada, aquele a quem ela dera um enxerto de pancada na rua, há um milhão de anos. Parece-lhe que se chama Antonucci.

– Está tudo bem – diz ele, estendendo as mãos num gesto tranquilizador, como quem alisa a coberta. – A senhora está bem.

Ariel continua ofegante, o peito apertado.

– Vai ficar tudo bem – reitera ele. – Porque é que está a correr?

Ela curva-se de novo, ainda a tentar recuperar o fôlego. Ele dá-lhe tempo para que se recomponha e depois para que responda, mas Ariel não o faz.

– Está com medo de quê? De quem?

A americana, ainda curvada, olha para cima, para ele. Abana a cabeça.

– Como é que a poderemos ajudar se...

– Ajudar? – A mulher endireita-se. – Como é que me podem ajudar sequer? – Inspira fundo uma vez mais. – Vocês já provaram que não conseguem. Perguntaram-me uma data de coisas irrelevantes em vez de fazerem o que quer que fosse. Por esta altura, poderiam já ter encontrado o telemóvel do meu marido. Porque é que não o fizeram?

– Já o fizemos.

– O quê?

– Encontrámos o telemóvel dele.

– Mas que...? – Ela abana a cabeça. – Porque é que ninguém me disse?

– Estava num caixote do lixo junto ao rio. Não havia nada por perto; foi só um lugar escolhido para se desfazerem do telemóvel. Provavelmente, distante do local onde o seu marido acabou. Lamento.

Ariel fecha os olhos com força.

– Localizar o telemóvel não foi o fim das coisas. Estamos a investigar uma série de ângulos.

– Tais como?

– Olhe, é mesmo tarde. Porque é que não revemos as coisas pela manhã?

Ela não responde.

– Porque é que fugiu? Do motorista que foi chamado, para sua segurança, pela embaixada dos Estados Unidos?

Que poderá ela responder? *Estou a fugir porque me sinto aterrorizada com a possibilidade de o motorista ser um assassino contratado para finalmente eliminar a ameaça que constituo, uma ameaça que foi reavivada por este rapto do meu marido.*

– Vamos regressar ao seu hotel – diz ele. – Vamos lá.

Ela consegue ver que tem o rosto inchado no sítio onde lhe acertou; deveria ter aplicado gelo durante umas horas, mas, em vez disso, parece ter estado a segui-la por Lisboa. Para a manter a salvo? Ou para a ter sob controlo?

– O meu carro está mesmo ao fim da rua.

Ele tem razão. Ela tem de dar o dia por terminado, regressar ao hotel, deitar-se, dormir um pouco. Aquela fora uma das piores lições que aprendera enquanto criava o filho sozinha: a privação de sono é real e não precisa de muito para se instalar, sendo os seus efeitos devastadores. Físicos, psicológicos, emocionais, tudo em simultâneo. Amanhã precisará de estar capaz, isso é certo.

– Vamos lá – repete ele.

Ariel começa a chorar de novo. Antonucci repara nas lágrimas e tenta decidir como reagir, não sabe se a deverá abraçar, dar-lhe a mão, ampará-la pelo cotovelo, passar-lhe o braço por cima dos ombros, mas, provavelmente, tem medo de que ela não queira ser tocada, decerto não por um estranho num beco em plena noite, e tem toda a razão. Em vez disso, afirma uma vez mais: “Vai ficar tudo bem.”

É impossível que saiba que tudo vai ficar bem. Mas é isso que, por vezes, fazemos: mentimos uns aos outros, mesmo quando todos sabemos que se trata de uma mentira. De quando em quando, chamamos-lhe educação ou otimismo, dizemos que é uma forma de apoio, há casos em que lhe chamamos política ou negócios, negociação ou relações-públicas, *marketing* ou apenas a nossa função. Às vezes, misturamos as mentiras que dizemos uns aos outros com as que dizemos a nós próprios, negando que o que fazemos é mentir ou negando que mentir é mau e que tem consequências. Negando que factos são factos. Negando que a verdade tem sentido.

Não é surpresa que aquele homem está a mentir a Ariel, e que ela está a mentir ao deixar que ele o faça. Ambos sabem que o outro está a mentir, fingindo que o desconhecem.

Queremos acreditar que só há uma realidade, que todos partilhamos. Era disso que Ariel costumava ter a certeza: factos são factos, a verdade é a verdade.

Mas depois.

Eis o que pode acontecer: perdes fé em ti, na tua capacidade de ver o mundo com clareza, de o compreender corretamente. Começas a acreditar que estás, de algum modo, estragado, que há algo no teu intelecto que te impede de ser competente nos moldes em que os outros são, algum curto-circuito que incapacita o teu cérebro de processar factos e emoções, dar respostas apropriadas.

De início, podes ter a certeza – cem por cento, indubitavelmente – de que compreendeste os acontecimentos, o ambiente físico, que horas eram, que quantidade de álcool havias ingerido, todos esses factos parecem tão claros, tão irrefutáveis, indisputáveis.

Mas depois é-te dito algo diferente. Dizem-te que não percebeste o que, de facto, se passou: não, não fora assim, de todo. É a tua interpretação que está em falha; não percebeste bem. Estavas a pedi-las – não só metaforicamente, mas literalmente. Disseste: “Quero isto.”

Sabes, com toda a certeza, que aquilo não é verdade, que não proferiste tal coisa. Porém, dizem-te, com cem por cento de certeza, que o fizeste.

E depois? Depois, apesar de ti, apesar da tua confiança – apesar da tua *certeza* –, as dúvidas começam a instalar-se. Dúvidas acerca de coisas que estão obviamente abertas a interpretação, opiniões subjetivas, mas, por fim, dúvidas acerca de coisas que não o estão. Dúvidas acerca de factos.

Não: era meia-noite, não eram dez.

Tinhas bebido seis copos, não dois; tu é que estavas bêbada, eu estava sóbrio.

Estavas a pedi-las, pelo que te dei.

É assim que perdes a fé na objetividade, na realidade, em ti.

É assim que a manipulação psicológica funciona.

PARTE III

O RESGATE

CAPÍTULO 22

Dia 2. 09h17

Ariel acorda sozinha. Segundos depois, a sua mente já está em hiperatividade; sente aquele zumbido peculiar que acompanha o *stress*, demasiadas ideias a colidirem, pensamentos fortuitos disparando em múltiplas direções com pouca hipótese de chegarem aos seus destinos lógicos. Tem a mente desorganizada, numa agitação improdutiva e sente a garra sufocante da frustração a estreitar-lhe o peito, um ataque de pânico a surgir em resposta àquela situação insustentável e a sua incapacidade para lidar...

Parar.

Fechar os olhos. Respirar fundo. Não pensar em nada a não ser em exalar...

E de novo...

De seguida, abre os olhos e sente-se um pouco melhor. Não muito, mas o suficiente.

Observa o quarto, mais limpo e arranjado do que da última vez que acordara ali, sem vestígios de John, de sexo. Será que só havia passado um dia?

Ontem, fora definitivamente mau, mas hoje iria ser pior. Pelo menos, na véspera, Ariel tinha algum controlo, era ela que fazia as escolhas fundamentais – ir à polícia, à embaixada, fazer diversas chamadas para os Estados Unidos, esforçando-se para encontrar uma solução.

Agora cabe a outros, e ela não consegue confiar plenamente em nenhuma daquelas pessoas. Por isso é que precisa de tantas.

* * *

Ariel veste-se com as suas habituais calças de ganga e *T-shirt*. Seca o cabelo com uma toalha, calça uns ténis de corrida, mete batom e está

despachada.

Quando era mais nova, fizera tantas escolhas – pessoais, profissionais, românticas, platônicas e de guarda-roupa –, colocando-se como o centro do Universo, a maneira como se apresentava, as roupas que usava, os lugares aonde fora e com quem, a forma como a viam, o seu estatuto, tudo isso eram pilares da *persona* que ansiava ser pública, invejada por estranhos.

Levara-se muito a sério. Mas os jovens são assim, não são? Vêm para Nova Iorque de todos os cantos do mundo para serem levados a sério, para clamarem por atenção, para serem conhecidos, admirados, invejados, desejados. Ariel obtivera tudo isso e descobrira que não o queria, apercebera-se de que esses traços que admiramos e invejamos – a juventude, a beleza e o privilégio – não são conquistadas.

Quando saíra da cidade, livrara-se deliberadamente desses atributos que considerara durante muito tempo mais-valias; haviam-se tornado defeitos. Abdicara dos seus hábitos urbanos, da sua atitude cidadina, do seu estilo metropolitano, incluindo todo aquele cabelo, todo aquele champô e amaciador, todas aquelas tintas e penteados, todo aquele tempo e dinheiro que já não tinha. Agora é Deb quem lhe arranja o cabelo, uma cabeleireira com um pequeno negócio na rua principal.

– É isso que quer? – perguntara Deb, olhando para a página de revista que Ariel marcara. – Tem a certeza?

Ariel anuíra. Era uma mãe solteira, quase sem tempo para tomar banho, quanto mais para lidar com um cabelo comprido.

– Sabe o que chamo a esse corte?

– O quê?

– O comando.

Ariel abdicara de manicures e pedicures, de tratamentos de pele, do exercício inexorável e constante de dieta e de hidratação contínua, abdicara da maquilhagem e das joias, das calças de ganga coladas ao corpo e das saias e dos calções curtos, das blusas decotadas e dos vestidos cavados, a tarefa árdua de estar sempre a realçar a sua beleza física, o esforço incessante de chamar a atenção – olhem para mim, por favor, olhem para mim.

– Sim – replicara Ariel. – É isso mesmo que quero, o comando.

Não é que já não queira ser atraente; quer. Mas quer sê-lo sobretudo para si, não para qualquer tarado que lhe buzina na carrinha, lhe faz olhinhos na fila de supermercado, lhe lança propostas de um recôndito de uma rua escura, cada assobio recordando-a da sua vulnerabilidade.

* * *

– Vamos ouvir essa parte de novo. Esses últimos trinta segundos.

– Está bem. – Kayla desliza o cursor, carrega no triângulo. Griffiths fecha os olhos, apura o ouvido.

– Não achas que te estou a ligar sem algum trunfo, pois não? Não julgas

por um segundo que... / Cala-te. / ...isso, juntamente com os testes de paternidade e o relatório da polícia de Hamptons e... / Por amor de Deus! Cala-te. Vai à embaixada. / Já estive na embaixada. Duas vezes. E aqui é plena noite. Está fechada. / Alguém te vai abrir a porta. / Quando? / Agora mesmo. Vai para lá agora mesmo.

Griffiths abre os olhos.

– Esta voz parece-me *tão* familiar, não é?

Pode ser muito difícil reconhecer vozes que estão descontextualizadas. No entanto, por vezes, só precisamos de uma pequena pista.

Jefferson não responde. Trata-se de algo que Griffiths respeita na jovem: se não sabe a resposta, não enche o vazio com palavras vãs e palpites.

– Bem... – diz Griffiths. – Na conversa, há muitas pistas para a identidade deste tipo. Vamos lá começar.

– É para já. Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Diz.

– Porque é que nos preocupamos com a identidade do homem que pode ou não vir a arranjar o dinheiro do resgate?

– A conversa soa muito a extorsão, não soa?

– Sem dúvida. Mas a extorsão é um crime para o departamento de Estado investigar, não um assunto de serviços secretos internacionais.

– A menos que seja. Depende de quem está a ser extorquido. Este tipo parece-me definitivamente suspeito: testes de paternidade, polícia, milhões de dólares. E o mais importante de tudo: é um possível alvo de extorsão. Ora, isso já por si, é um sinal de alerta.

Jefferson anui vigorosamente. Tem o aspeto dos jovens prontos para se lançarem ao trabalho.

– Por falar em homens manhosos, por onde anda o Guido?

Jefferson não abranda.

– Precistou de tratar de uma coisa esta manhã.

– Ai, sim? Do quê?

Jefferson encolhe os ombros.

– Talvez tenha ido levar uns pontos?

O sorrisinho contido da jovem é a resposta de que Griffiths precisa.

– E o Saxby Barnes? – pergunta Jefferson. – Nesta altura do campeonato, não o deveríamos pôr a par das coisas?

Griffiths está preocupada, não sabe aonde irá dar esta investigação. Enquanto não souber mais, não quer que o círculo inclua ninguém com potenciais intenções conflituais. Desconhece o que motiva Barnes, a quem é ele leal, quais as suas ambições.

– Não – replica. – Não me parece. Na verdade, deveria ir pedir-lhe agora mesmo para manter a boca fechada. Podes vir comigo, por favor?

– Claro. Porquê?

– Quero ter a certeza absoluta de que não haverá mal-entendidos futuros acerca do que foi dito ao Barnes, por quem e onde.

Ariel verifica o telemóvel pré-pago: nada. Vê também o seu e não tem nada, apenas algumas ninharias de trabalho, algum *spam*, um convite para um jantar na escola, a meio das férias de verão, uma daquelas oportunidades para as mães alfa cozinharem bolinhos instagrameáveis. Para aquele tipo de eventos, Ariel compra caixas de bolo de supermercado, mete-os na mesa ainda embalados. Não tem tempo para cozinhar num dia de semana e não vai fingir o contrário. Aliás, sente orgulho nisso.

Além disso, nunca partilharia nas redes sociais um bolo. A livraria tem algumas contas obrigatórias, e Ariel espreita um pouco aquele universo, mas o seu nome não aparece em lado algum e não é ela quem faz as partilhas. Tudo isso é tratado por Persephone. Se há coisa que a geração daquela rapariga sabe fazer é partilhar nas redes sociais, e fá-lo até de mais, o tipo de comportamento que ainda há pouco tempo era considerado vergonhoso – a insegurança, a sede de validação, a autopromoção pura e dura, até as filmagens de teor sexual explícito – e que hoje não só é aceite, como é premiado, celebrado, exigido.

Ocasionalmente, Ariel tira fotografias – a maior parte delas do filho, dos cães e do novo bode – e, todos os meses de dezembro, manda fazer impressões brilhantes das melhores, organizando-as num álbum, que guarda na prateleira junto ao do ano anterior. Uma prenda de Natal para si, para o futuro: o seu passado.

Será que o álbum daquele ano incluirá a viagem? Talvez a *selfie* com John, a que mostrou à camareira. Espera que sim. Espera que um dia aquilo seja uma história que conseguirá contar, quando não passar de uma aventura do passado. Mas duvida.

O serviço de pequeno-almoço está a acabar. Ariel é agora a única hóspede na grande sala, sentada à mesma mesa pela quarta manhã seguida. Amanhã seria a última manhã deles ali, antes de descerem ao longo da costa até um *resort* de praia.

A televisão atrás do bar transmite um noticiário internacional em língua inglesa, uma reportagem reciclada e elogiosa acerca da nomeação do vice-presidente, relatando o seu percurso escolar nas melhores escolas e o facto de ser treinador na liga infantil, de participar em atos de beneficência e de ter servido na Guarda Nacional. A ideia é clara: trata-se de um homem disposto a sacrificar o seu tempo, a doar dinheiro, a arriscar a vida e o bem-estar, tudo pela segurança e integridade da comunidade. Aquele homem é um patriota.

Mas que significa isso? O mesmo pode ser dito dos homens da Al-Qaeda e dos talibãs, da ISIS e do Klu Klux Klan, dos nazis e da inquisição espanhola, de Átila e dos malditos Hunos. Todos eles defendiam as suas convicções

apaixonadamente. Todos se dedicaram a proteger as suas comunidades contra invasores, conquistadores, infiltrados ou infiéis. Pelo menos, recorriam a essa justificação racional para validar os seus atos, para beneficiarem deles. Para subjugar, excluir e explorar.

Não, Ariel sabe: fanatismo, dogmatismo e devoção à comunidade não são traços que tornam alguém numa boa pessoa. O patriotismo autoproclamado não é prova do que quer que seja.

No ecrã, aquele homem está a usar um fato feito à medida e a esboçar um sorriso convencido, erguendo um daqueles cheques enormes, um pedaço de cartão do tamanho de uma toalha de praia, doando espetacularmente um milhão de dólares para a literacia adulta. Trata-se de uma charada e nem sequer complicada, não convence ninguém, é apenas mais uma mentira quotidiana em que toda a gente finge não reparar. Mais uma estratégia para proteger a sua robusta fortuna, aparando-a aqui e ali, cedendo pedacinhos para se certificar de que pode manter o resto. Uma das muitas manipulações de que dispõem homens como ele, criadas por outros do mesmo calibre para benefício próprio, a estrutura de impostos e os ganhos de capital, as deduções nas hipotecas, o casamento, a religião, o capitalismo e a dita democracia representativa, tudo coisas construídas para que homens como ele não só pudessem ser grandes jogadores, mas a própria casa, tendo tudo no jogo voltado a seu favor, esquemas de reserva e outros esquemas para proteger esses, de forma que seja impossível perderem, não naquele jogo que inventaram e que se chama Estados Unidos da América.

Ariel tem vindo, ao longo de toda a vida, a aprender as regras daquele jogo viciado, tentando descobrir que tipo de resposta seria justa e proporcionada, mas também produtiva. Durante muito tempo, só queria não jogar, não ver, fingir que aquilo nem existia. Mas não é possível.

Recentemente, porém, chegara a uma conclusão diferente: se calhar havia uma maneira de ganhar. Inventando um outro jogo e manipulando-o ela, fazendo depois com que fosse impossível aos outros recusarem a jogar.

CAPÍTULO 23

Dia 2. 09h53

Ariel repara que João anda por ali, com uma expressão preocupada.

– Peço muita desculpa por estar a incomodá-la – diz o empregado, aguardando pela sua permissão para continuar.

– Sim?

– A polícia está aqui para a ver. Posso trazê-los? Depois de ter terminado o pequeno-almoço, é claro.

Ariel limpa a boca.

– Podem subir já, por favor.

Encontra-se de novo sentada junto das portas envidraçadas, das cortinas, da brisa, da praça movimentada, da cidade inteira a tratar dos seus assuntos diários numa terça de manhã. Aquela é uma divisão grande, pelo que observa Moniz e Santos conforme a atravessam. João continua a arranjar as mesas enquanto, na cozinha, se prepara o almoço, aquele período entre refeições quando parece que nada está a acontecer num restaurante, mas que é precisamente quando toda a superestrutura se encontra a ser montada e mantida.

– Bom dia, senhora.

Ela franze o sobrolho a Moniz.

– Sim, tem razão. Talvez não seja uma manhã assim tão boa para si. Desculpe. É o hábito.

– Posso? – Santos indica o lugar vazio diante de si, o de John. Ariel anui. Moniz tira uma cadeira de outra mesa.

– Sei que os raptosres lhe telefonaram, certo? – pergunta.

– Como é que sabe isso?

– Fomos informados por um diplomata da sua embaixada.

– Um diplomata? – Ariel pergunta-se que tipo de diplomata terá sido: um que o é realmente ou um que, na verdade, é espião.

– Sim. E esses raptosres estão a pedir-lhe um resgate de três milhões de

euros. Correto?

– Isso mesmo.

– E a senhora não tem esse dinheiro, pelo que contactou alguém nos Estados Unidos?

– Quem lhe disse tudo isso?

– O homem não se identificou pelo nome. Disse apenas que estava a ligar da embaixada.

– Não lho perguntou?

– Perguntei. Disse-me que não era importante. – Moniz encolhe os ombros. – Isso é verdade. É fácil mentir sobre um nome, especialmente ao telefone. Está a planear juntar esse dinheiro?

– Sim.

– Minha senhora. – É Santos quem fala agora, inclinando-se para a frente. – Não me parece boa ideia.

– Claro que não é boa ideia. Mas tem alguma melhor?

– Já tentou pedir à empresa do seu marido? – pergunta Santos. – Talvez a possam ajudar.

– Estão fechados no feriado, o quatro de julho. Mas deixei mensagem ontem, uma na caixa de correio do John, e outra na da linha geral. Talvez alguém as oiça. O assistente dele, quem sabe.

– Não tem a certeza?

– Nunca ligo para o escritório do John.

– Nunca? Porquê?

– Disse que era malvisto, que ninguém na empresa usa as linhas para assuntos pessoais. Que todas as chamadas são monitorizadas, talvez até gravadas. O Big Brother e tal. Disse-me que só deveria ligar para o escritório em caso de emergência. Por isso é que nunca tinha ligado.

Aquilo não é totalmente verdade. Ligara para o número direto uma vez, para experimentar. Fora pouco depois de se terem conhecido, quase há um ano, quando Ariel investigara um pouco a vida de John Wright. Sentira-se um pouco como um intruso da geração Z, tentando bisbilhotar a vida privada de alguém que era, de facto, reservado. Não encontrara grande coisa.

– Consultores Tudor, gabinete de John Wright, como lhe posso ser útil?

– Posso falar com o Mr. Wright, por favor?

– Lamento, mas ele não se encontra no escritório hoje.

Ariel estava à espera daquilo. John dissera-lhe que ia estar fora do país.

– Telefonou para algo em particular? Talvez a possa ajudar?

– Oh, não. Voltarei a ligar noutra altura.

Não o fizera. Ariel já conseguira o que pretendia: verificar que ele estava mesmo em viagem e que o indivíduo que dava pelo nome de John Wright lhe dera o telefone que correspondia a um John Wright que trabalhava na Tudor. Porém, aquilo não era o mesmo que confirmar que o homem que conhecia era mesmo John Wright.

Precisara de algumas semanas para reconhecer o que a preocupava:

quando alguém parece demasiado bom para ser verdade, não é.

Mesmo agora, não conhece assim tão bem John; ainda não passaram muito tempo juntos. Durante os dias úteis, ele vive na cidade e o trabalho requer que viaje em alguns fins de semana também. Portanto, por norma, a vida de Ariel resume-se a ela e a George, os dois juntos todas as tardes e todas as noites, as rotinas do rapaz intactas. Deixara isso bem claro a John, desde o início: o filho seria sempre a sua prioridade.

– Claro – respondera o namorado. – Isso nem está em causa.

– Também te devo avisar de que... – Estavam a caminho de casa dela pela primeira vez.

– Sim? – Ele olhara-a nos olhos, voltando-se de seguida para a estrada escura. – Não te acanhes. Gosto muito de avisos atempados.

– Às vezes, falo com os meus cães.

“Às vezes” era dizer pouco. Está constantemente a tagarelar com os animais. Fora George quem dera o nome *Scotch* ao pequeno de pelo castanho; era da cor de caramelo de manteiga e supostamente um *terrier* escocês, embora a linhagem fosse dúbia.

– Talvez não seja mesmo escocês – admitira George, depois de comparar o cão às fotografias da obra *Cães: Uma Enciclopédia Universal*, o seu livro favorito. – Podíamos chamar-lhe *Scottish* ou *Scotch*. O que achas?

Ariel ia objetar que não queria que as pessoas pensassem que dera o nome ao animal em honra de um uísque, mas lembrou-se de que se estava a marimbar para o que os outros pensavam.

“És um lindo menino, *Mallomar*.” Repete a frase dezenas de vezes por dia. Também fora George quem dera o nome ao rafeiro de pelo da cor do chocolate, quando era mais novo, ainda antes de ter a enciclopédia – ainda antes de saber ler –, quando bolachas ocupavam uma imensa parcela da sua consciência.

“Tu também, *Scotch*, embora talvez menos lindo. Mas és uma personagem exceccionalmente elegante.” Os pelos no focinho de *Scotch* lembram o bigode de um nobre austríaco do século XIX. “E um belo cavalheiro.”

O cão limita-se a olhar para ela, não entendendo as palavras que Ariel profere. O que *Scotch* percebe é o tom de voz da dona. Abana a cauda quando ela diz coisas disparatadas como aquelas; adora tudo nela.

Ariel aceita que as pessoas possam pensar que é louca por falar com os cães assim. Porém, uns anos antes, deixou de se preocupar com isso e de tentar esconder o que quer que fosse.

Agora que sentia que precisava de explicar aquela parte da sua personalidade a um novo homem, repensava a sensatez daquele nível profundo de estou-me-a-cagar. Mas ela era assim – a pessoa em que se tornara – e não o queria esconder. Passara tanto tempo a fingir ser outra.

– Para ser honesta, não é só às vezes. Falo com eles de modo mais ou menos constante.

John esboçou um sorriso gentil, um sorriso que lhe aflorou acima de tudo aos olhos.

– Ainda bem que assim é – dissera. Aquele não era o seu sorriso *Colgate*, mas talvez fosse melhor. – Caso contrário, sentir-se-iam sozinhos.

Ariel examinou-o atentamente no brilho suave das luzes do painel de instrumentos e viu-lhe no sorriso o reconhecimento divertido de uma piada que não é bem uma piada, mas uma verdade fundamental: não seriam os cães a sentirem-se sozinhos sem a conversa.

Essa fora a primeira vez que pensara nisso, apenas um pensamento fugaz que atravessara a sua mente: *Eu poderia amar este homem*. Mas deixara a ideia de lado.

* * *

Já se passara muito tempo desde que tinha tido um parceiro sexual regular ou até irregular. Quando deixara a cidade, fizera-o por estar traumatizada e grávida. Depois, tornara-se uma mãe solteira, com um recém-nascido e, de seguida, um bebé, a vida repleta de fraldas, bolsados, amamentação e privação de sono, sendo que nenhuma destas coisas era propícia ao erotismo. Além disso, era alguém que desistira da vida social, da intimidade. Alguém que não queria ter nada que ver com homens.

Aquela sua nova vida era povoada quase exclusivamente por mulheres. Encontrava-se com outras mães para almoçar ou para um copo de vinho; frequentava a casa de outras famílias para banquetes em cozinhas abertas para a sala, onde apertava a mão aos maridos ou os beijava com recato no rosto, mas não lhes dizia mais do que a habitual conversa de circunstância. Os homens afastavam-se, segurando garrafas de cerveja pelo gargalo e falando entre si sobre pesca e futebol, impostos e carrinhas. Ariel suspeitava que todos achavam que era lésbica. Era a única mãe que usava o cabelo curto e, além disso, era atraente, embora solteira, e haviam ouvido que metade do ADN da criança viera de um banco de esperma. Que outra explicação poderia existir?

Os poucos homens com quem interagira entravam em duas categorias: os maridos das amigas ou pessoas que contratava – canalizador, mecânico, electricista. Ariel não ia ter sexo com ninguém nessa categoria. Portanto, durante anos, não teve relações sexuais com ninguém. Mal conseguia interessar-se na autossatisfação, o que só acontecia aqui e ali, quando assistia a um filme com alguma cena cuidadosamente coreografada com dois dos seres humanos mais atraentes do mundo, com uma luz perfeita, música e edição, a gemerem, a arquejarem e a gritarem em êxtase; aquele tipo de sexo artístico idealizado tinha o dom de a excitar. Porém, semelhante entretenimento cinematográfico entrava numa categoria diferente de atividade, muitíssimo distinta do sexo da vida real, da mesma maneira que o *ballet* profissional nada tem que ver com cair de umas escadas e partir o pescoço. Porque fora isso que acontecera a Ariel, sexualmente. Caíra e partira o

maldito pescoço.

Precisara de muito tempo para recuperar, um período durante o qual a sua vida fora esmagadoramente definida pela palavra não. Era um alívio tão grande conseguir proferir novamente um sim. E não fora apenas o ato físico do sexo que estivera ausente, mas toda a intimidade que se espera de um parceiro romântico. Sentia falta disso, todos sentimos, mesmo que, por vezes, finjamos que não. Ariel fingira tantas coisas durante tanto tempo.

* * *

Pete Wagstaff verifica as horas: ainda nem são dez da manhã. Sabe – toda a gente sabe – que Saxby Barnes bebe muito durante a noite; nunca é profícuo falar com ele antes de se ter conseguido orientar. O momento ideal é depois do almoço, quando a língua se lhe soltou com um copo ou dois, mas Pete não pode esperar.

– Bom dia – responde Barnes. – O que posso fazer por si hoje, Mr. Wagstaff?

– Estou a trabalhar naquela história.

– Humm.

– Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

– Hum.. hum.

– Será que a embaixada pode comentar a alteração de ontem entre a Ms. Pryce e um dos elementos do seu pessoal?

– Desculpe?

Wagstaff não elabora.

– Lamento – diz Barnes –, mas não faço a mais pálida ideia do que está a falar.

– É mesmo isso que quer que eu escreva, Barnes?

Silêncio, sucedido de um suspiro.

– Confidencialmente?

– Sim, claro.

– *Ordenaram-me* que me mantivesse calado. Ainda agora, na verdade. Há alguns minutos.

– Ordenaram-lhe? Quem fez isso?

Barnes não responde, é claro.

– A CIA?

Uma vez mais, Barnes hesita antes de não responder.

– Tenha um bom dia, Mr. Wagstaff.

* * *

– E a sua família? – pergunta Moniz. – Pode ajudar?

– Não. Os pais do John morreram quando ele era novo, teria uns seis ou sete anos. Ele e a irmã mais velha foram viver com um tio que não era muito

boa pessoa; perderam o contacto.

– Não conheceu este tio?

– Não.

– A irmã?

– Só a vi uma vez, no nosso casamento. Vive muito longe.

– Onde?

Ariel sente a pergunta como um sussurro de medo.

– Marrocos.

Moniz franze o sobrolho. Marrocos é muito longe dos Estados Unidos, embora não de Portugal. É muito perto.

– Quando foi isso? O seu casamento?

– Há uns meses.

Moniz e Santos entreolham-se, mas nenhum diz o que quer que seja.

– Porque é que me está a perguntar pela família dele?

– Talvez seja importante.

– Como?

– Que tipo de homem é o seu marido? – É Santos quem pergunta.

– Não sei como lhe responder a isso. O John é um bom homem.

– O que significa isso?

– É trabalhador, atencioso, honesto, decente. Não se mete em drogas, não bebe demasiado, não joga, não me bate, nem ao meu filho, nem aos cães. Conduz com cuidado, raramente joga golfe e, quando o faz, é mal, cozinha de forma aceitável e é diligente a limpar. Não é rico nem importante. – Inclina-se. – Mas não percebo como poderá isto ter que ver com o rapto dele.

Santos sorri, tentando transmitir simpatia, comunicando que compreende que Ariel ama o marido, confia nele, está preocupada com ele, que se encontra num apuro. Devido a tudo isso, a detetive parece relutante, como se não quisesse fazer a pergunta seguinte, a pergunta que Ariel não esperava.

– Consegue pensar em alguma razão para a irmã do seu marido estar em Portugal?

CAPÍTULO 24

Dia 2. 10h11

O tempo parece parar.

– O quê? – consegue crocitar Ariel. Tem o coração acelerado, sente a cabeça pulsar e zozna ante aquela revelação. Ou acusação. Ou suspeita. – O que é que disse?

– A irmã do seu marido. – Moniz retomou a palavra. – Sabe porque se encontraria ela aqui, em Lisboa?

– Não. – Ariel abana a cabeça. – Porque me perguntaria isso? Ela está cá?

– Sabe que o seu marido mudou de nome?

Caramba. Ariel deveria ter mencionado aquilo.

– Sim.

– Sabe porquê?

A americana percebe que algo importante ocorreu: os polícias não a estão a tratar como uma vítima de um crime, não totalmente.

– O apelido dele causava-lhe alguns problemas – explica ela. – Os americanos tinham dificuldade em pronunciar-lo.

– Foi isso que ele lhe disse? – Moniz olha para as suas notas. – Reitwovski – articula com cuidado. – O seu marido contou-lhe quando fez essa mudança de nome? E porquê?

– Foi depois do serviço militar, o John esteve no Exército... Queria iniciar uma nova vida profissional com um apelido mais fácil.

– Mas a irmã não o mudou, pois não?

– Não faço ideia.

– Não – responde Moniz. – No dia vinte e um de junho, Lucy Reitwovski, residente em Marrocos, chegou num voo de Marraquexe a Madrid. Desde então, não saiu de Espanha por avião. A menos que o tenha feito utilizando um nome diferente.

– O que é que Madrid tem que ver com Lisboa?

– Está a uma curta viagem de um dia de carro de Lisboa.

– Está bem. Mas isso também se aplica, sei lá a Barcelona, Bordeaux.

– Mas o irmão da Lucy Reitwovski não foi raptado em Barcelona. Ou em Bordeaux.

Ariel sente-se dividida entre dois imperativos contraditórios: terminar aquele interrogatório desadequado ou tentar ficar a saber mais acerca das suspeitas, teorias e acusações daqueles polícias.

– O que é que estão a sugerir?

– Não estamos a sugerir nada. – A detetive Santos volta a falar, tentando aliviar a situação. – Estamos apenas a fazer perguntas.

– Porque é que achariam que a Lucy está cá?

Nenhum dos investigadores responde, deixando isso à consideração de Ariel: pagamentos com cartão de crédito, GPS de um carro alugado, tecnologia das portagens eletrónicas, câmaras de segurança, triangulação do telemóvel, testemunhas oculares. São muitas as possíveis provas.

Ariel volta a sua atenção para Santos.

– A Lucy está cá? Sabem de alguma coisa?

Santos não responde, e Moniz prossegue com o interrogatório:

– Sabe de alguma razão para que a senhora Reitwovski pudesse estar cá?

Mantém os olhos fixos nos dela, ligação que Ariel sente que não deveria quebrar, embora não tenha a certeza de quem está a desafiar quem.

– Não, claro que não – replica numa cadência e num tom que deveriam parecer desdenhosos, pedantes até. Mas Ariel sabe que não se encontra em terreno seguro. Aqueles polícias estiveram obviamente a investigar a vida de John, o que significa que fizeram o mesmo com a de Ariel. Não sabe o que desenterraram acerca do marido, mas está ciente do que podem ter descoberto acerca de si.

– O seu marido fala frequentemente com a irmã?

– Frequentemente? Não sei. Mais do que nunca.

– E por *email*? Ou SMS?

– Talvez. Para ser honesta, não costumamos falar sobre isso. – Ariel estremece, lamentando o uso daquele “para ser honesta”, que é o que as pessoas tendem a empregar quando não o estão a ser. – Talvez não se lembrem de que não vivemos juntos a tempo inteiro, pelo que não sei com quem ele fala e quando. Não questiono o John acerca dos telefonemas que faz.

– Sim, eu lembro-me. – Moniz olha para o seu bloco de notas. – E nas visitas anteriores do seu marido a Lisboa, ter-se-á encontrado com a irmã aqui?

– O quê? – Ariel sente uma vaga de pânico chegar. – Está a brincar comigo?

– A brincar? Não, não estou a brincar. Marrocos e Portugal estão muito perto um do outro. Será coincidência?

Ariel sente-se prestes a vomitar.

– O que é que está a insinuar?

– Sabe qual é a profissão da senhora Reitwovski?

– Não ao certo.
– Não? – O polícia parece incrédulo. Ou a fingir incredulidade. – Não é verdade que os americanos estão sempre a falar do trabalho?
– Oiça, o que raio se está a passar aqui? O que é que descobriu? A Lucy está em Lisboa?

– A senhora e o seu marido não têm uma conta bancária conjunta, correto?
– pergunta Moniz.

Ariel precisa de um segundo para se acalmar antes de responder.

– Correto. Não estamos casados há muito tempo e ainda não tratámos disso.

– Mas tencionam fazê-lo?

– Acho que sim.

– Portanto, este número aqui – Moniz volta o caderno para Ariel e bate com a caneta numa série de números – e este aqui são ambos de contas suas?

Que raio é aquilo?

– Sim, a primeira é a minha conta pessoal e essa é a do meu negócio.

– Não tem muito dinheiro na sua conta empresarial. É normal?

O saldo encontra-se perigosamente perto do zero, resultado de aquisição de *stock* para o verão e especialmente para o fim de semana de saldos. A livraria está sempre a um trimestre mau da insolvência, mas todos os anos se salva de forma imprevisível, os livros não parecem possíveis até que, de súbito, se tornam famosos – livros de colorir para adultos, longas listas de parentalidade irresponsável, pornografia suave e adequada a mulheres e poesia de Instagram. Livros que parecem cada vez mais antilivros, são os que aparecem do nada e mantêm o negócio à tona. Porém, lá porque isso aconteceu nos dois anos anteriores, não é garantia de que o mesmo suceda agora.

Recentemente, a inovação mais proveitosa fora a máquina de café, que parece um carro desportivo italiano estacionado num velho bloco de mármore manchado e lascado, uma sobra de uma renovação da cozinha que Ariel pedira ao centro de reciclagem da cidade. Os livros dispostos nas prateleiras estão a tornar-se líderes de perdas em detrimento do verdadeiro lucro, obtido na loja: vender farinha de trigo, adulterada com manteiga, açúcar e ovos. E, é claro, o café, que no verão é servido com gelo por mais cinquenta cêntimos. Fora por tudo isto que Ariel ponderara na oferta da tipa de Brooklyn, com o seu *piercing* no nariz, o seu *Tesla* e a pilha de dinheiro que ganhara com a venda das *start-ups* tecnológicas.

– De momento – explica a americana ao polícia –, o saldo está invulgarmente baixo.

– E será que me pode falar, por favor, sobre este número? De que conta é?
Ariel hesita.

– Isso é um fundo.

– Perdão?

– Um fundo. Uma conta que giro, mas que não é minha.

- Quem é o dono?
- O meu filho será o dono, quando for adulto.
- Mas pode retirar dinheiro?
- Não, nem por isso.
- Não? – pergunta Moniz. – Ou nem por isso?
- Não.
- O seu marido tem acesso a este fundo? É esse o termo correto?
- Sim, é o termo correto. Não, o John não lhe pode tocar.
- E quanto dinheiro tem essa conta?

Ariel não gosta daquela linha de interrogatório, nem um pouco. Não quer responder a Moniz, mas também não deseja criar obstáculos.

- Para que é que isso importa?
- Talvez nos caiba a nós julgá-lo.
- Talvez não – replica Ariel, cruzando os braços.

Moniz bate com a caneta no papel.

- Qual é a origem deste fundo? É uma herança?

Ariel volta-se para a mulher. Esperava que ela fosse, naturalmente, uma aliada, mas não lhe parece ser esse o caso.

- Porque é que não quer responder a estas perguntas, minha senhora?
- Porque não são da sua conta.

– Não são da minha conta? Não somos pessoas de fazer contas. Somos polícias.

- Quis dizer que não têm nada que ver com isso.

Ariel esperava que aqueles polícias locais pudessem tornar-se seus aliados, as únicas pessoas em Lisboa em quem poderia confiar.

- O seu ex-marido é a fonte deste dinheiro?

Ariel relembra-se de que não há maneira – nenhuma mesmo – de os investigadores lisboetas terem a certeza da origem do fundo. Apenas uma mão-cheia de pessoas no mundo está a par desse facto e cada uma delas se encontra legalmente proibida de o revelar. A maioria é advogados. Todos, aliás, exceto ela.

O que não quer dizer que não possam adivinhar. Com a investigação adequada, podem ter um palpite correto. Quem sabe se aqueles polícias já não o fizeram; ou talvez alguém lhes tenha dado um palpite acertado. Porém, um palpite, mesmo abalizado e certo, não é a mesma coisa que um facto, um conhecimento. Um palpite não é uma prova.

- Estou confuso em relação a uma coisa, minha senhora.

Um palpite pode, todavia, ser uma pista muito convincente.

- Talvez me possa ajudar a perceber.

Ariel não gosta do rumo que Moniz está a tomar, usando a confusão de forma muito semelhante à do detetive Columbo. Ariel suspeita que tudo aquilo – a sua trapalhice, a sua distração, o seu aspeto incapaz – se trata de um engodo. As roupas amarfanhadas, a comida na barba, tudo é representação, o tipo é um ator. E eis que se julgava ela a atriz em cena.

Nunca será velha de mais para aprender a mesma lição, sempre a mesma: todos nós representamos.

– Vejo que esta conta foi aberta com um outro nome. – Moniz vira a página do seu bloco de notas e estuda-a de relance. – Será que me pode dizer quem é esta pessoa? – Olha para cima, olhando Ariel nos olhos. – Laurel Turner? É a senhora?

* * *

Ariel lembra-se de tudo acerca do último dia em que se chamou Laurel Turner: a sala de conferências no escritório na torre de Midtown, com uma vista espetacular para o Central Park, o East River e o Upper East Side, com advogados a arrastarem papéis e a darem pancadinhas em honorários.

Olhara para o extremo oposto da enorme mesa de conferência, sem tentar esconder a sua hostilidade. Aquele homem deveria ser preso, era isso que deveria acontecer. Deveria ser exposto de forma sensacionalista, preso, impedido de pagar fiança, levado a julgamento, não só judicial, mas de opinião pública, obrigado a ouvir o seu testemunho em tribunal, acirrado por jornalistas, cercado; a mulher deveria deixá-lo, a sua fortuna deveria mirrar, os amigos deveriam abandoná-lo, a sua vida deveria ruir e, depois de toda essa desgraça, deveria passar os próximos vinte anos numa prisão federal, rodeado por criminosos violentos que o violassem com regularidade.

Era isso que deveria acontecer.

Mas em vez disso? Em vez disso, estava ali sentado no seu fato à medida, a fazer desaparecer o problema com dinheiro, a resolvê-lo facilmente, sem esperar quaisquer repercussões. Tal como, sem dúvida, resolvera outros problemas no passado e faria no futuro; tal como o seu paizinho fizera com os seus sarilhos de juventude. Tutores e treinadores, indemnizações e subornos. Onde fica a linha entre o certo e o errado?

Estava a ser desenhada ali mesmo. Só que a linha não era entre certo e errado. Era entre legal e ilegal.

Ariel mal conseguia ouvir enquanto os advogados explicavam as cláusulas do acordo de confidencialidade, a severidade das punições, criminais e civis. Na altura, essas punições eram a menor das suas preocupações. Precisava do dinheiro, precisava de pôr tudo aquilo para trás das costas, precisava de inventar uma nova vida. Não conseguia imaginar um cenário em que quisesse visitar tudo aquilo.

O seu olhar percorria Park Avenue, cruzamentos identificáveis e prédios familiares até encontrar a construção certa de calcário, depois descera quatro andares a contar do topo e ali estava: as suas janelas, as suas cortinas, a sua casa.

A sua antiga casa. Perguntava-se se Bucky ali estaria naquele preciso momento. Continuará a viver naquele apartamento? No apartamento deles?

Gatafunhara LAUREL TURNER nas linhas da assinatura, rubricara LT nos

cantos, não perdera tempo a sair dali, enfiando o seu conjunto de documentos na mala, erguendo-se sem passar cartão fosse a quem fosse, apenas um breve aceno à sua advogada, uma mulher absolutamente luminosa – o cabelo, a pele, até os fios de seda no casaco pareciam brilhar, a tez retesada em virtude de operações. Era impossível adivinhar a idade de uma mulher assim. Algumas coisas, como a pele, sugeriam quarenta e picos; outras, como o marido octogenário, sugeriam muito mais.

Ariel parara na casa de banho; aquela poderia ser a sua última oportunidade durante uns tempos. Bucky ligara-lhe de novo, assustando-a, o toque alto do telemóvel a ecoar na divisão ladrilhada.

Não conseguia ter aquela conversa outra vez. Não era surpreendente que o marido se recusasse a aceitar a sua decisão, mas Ariel já não tinha paciência para tentar fazê-lo compreender. Devia-lhe uma explicação, naturalmente. E dera-lha, mais de uma vez. Já não lhe devia mais nada.

No elevador, atara um lenço na cabeça, pusera uns óculos de sol enormes, apesar do chuvisco de novembro sob o qual caminhara até à sucursal na esquina, onde depositara o cheque numa conta vazia. Lá dentro, nunca tirara o lenço; a única vez em que tirara os óculos fora para provar que a cara coincidia com a do cartão de cidadão, uma interação que não ficara gravada em nenhuma câmara. Ninguém lhe perguntara porque usava óculos de sol dentro do estabelecimento num dia de chuva. Havia quem usasse capas de lã em pleno verão, coletes polares em vagas de calor, calções de desporto em tempestades de neve. Toda a gente tem a sua onda. Naquele dia, Laurel Turner estava disposta a fazer parte desse grupo excêntrico.

Ao meio-dia saíra dali e chamara um táxi.

– Ei! – Era uma voz masculina que se dirigia a ela. Voltara-se e vira um homem a uns passos dali, debaixo de um toldo, a coberto da chuva, a fumar um cigarro. – É linda, sabia?

Ela virara-se para vigiar o trânsito que passava.

– Deveria sorrir mais.

Ariel continuava sem responder e sem se voltar na direção daquele homem, mas com a visão periférica conseguira vê-lo deitar fora o cigarro e começar a andar na sua direção.

– Talvez assim as pessoas não a achassem uma cabra empoadada.

Ariel estremecera. Não a surpreendia que o homem houvesse acrescentado algum abuso ao suposto elogio; aquilo não era incomum, mas espantou-se com o grau de raiva e a rapidez com que escalara.

Era de dia, estavam num passeio movimentado, com inúmeras testemunhas; não ia ser sexualmente agredida ali. Porém, ainda assim, sentira-se tomada por uma vaga de terror; tivera medo de que lhe gritassem, de que a esmurrassem, de que a esfaqueassem ou a empurrassem para o meio da rua. Talvez aquele homem fosse um psicopata. Certamente insultara-a como um.

Ariel afastara-se daquela ameaça em particular. De seguida, encarara o seu assediador. Era um homem com um aspeto tão incapaz e pouco atraente

de todas as maneiras possíveis. Ainda assim, era ameaçador, porque qualquer um o podia ser. Bastava apenas maldade.

Aquilo acontecia-lhe quase todos os dias desde os seus treze ou catorze anos, já lá iam duas décadas; tratava-se de uma experiência tão corriqueira que quase não dava por ela, a menos que se permitisse pensar: Mas porque deverá isto fazer parte do meu dia a dia? Porque é que me devo sentir assediada, ameaçada, assustada ante a ideia de que alguém me vai atacar – verbalmente, fisicamente, sexualmente – de forma rotineira?

Ocasionalmente, Ariel ponderava responder àquelas provocações. Pesava a pequena quantidade de prós contra a miríade de contras e chegava sempre à mesma conclusão: não digas nada, não te antagonizes, não podes ganhar, tenta minimizar as perdas. Não lighes a isso.

De repente, já não tinha paciência, acabara-se o dar a outra face. Já não lhe restava medo.

– Porque é que diz isso de mim?

O homem dirigia-se para um edifício de escritórios, mas estacara e girara sobre si, encarando Ariel.

– Porque diria isso fosse de quem fosse?

– Ei, estava só a tentar ser amigável.

– Amigável? – Ariel dera um passo na sua direção. Depois, outro. – Chamar-me cabra é amigável? Que se passa consigo?

De súbito, estava a um passo dele. Outras pessoas no passeio haviam reparado na troca de palavras, abrandando, parando. Um segurança saíra do átrio.

– Comigo? Não há nada de errado comigo? O que é que se passa consigo?

– O senhor. Eis o que se passa comigo. – Ariel apercebera-se então de que estava a gritar e decidira aumentar ainda mais o volume. – O senhor e outros idiotas da sua laia, que me mandam sorrir, me gritam que tenho uma bela prateleira, um cu jeitoso, que querem enfiar o piço nele e que depois me chamam tudo porque não vos agradeço por me insultarem, me aterrorizarem.

Estava a apontar para ele e a gritar alto e bom som. O tipo paralisara.

– O senhor é o que se passa de errado comigo. O senhor é o que se passa de errado com o mundo.

O segurança posicionara o seu enorme corpo entre os dois e só então o assediador encontrara a voz, se enchera de coragem e se pusera a gritar enquanto o volumoso tipo o controlava.

– Ela começou a tacar-me! Cabra psicopata!

O segurança sabia que não havia maneira de aquilo ser verdade, mas também sabia que não era uma batalha sua; não era responsável por corrigir comportamentos, especialmente de um tipo volátil como aquele. Homens voláteis tendem a criar as suas próprias órbitas de tolerância. Ninguém os quer confrontar.

– Vamos, já chega – dissera o guarda, como quem faz uma suave reprimenda a uma criança por um lapso de comportamento.

Ariel aproximara-se de um táxi, de onde saía um passageiro. De seguida, voltara-se de novo para o assediador, que continuava a ser conduzido pelo guarda.

– Ei – gritara. – Deveria sorrir mais. Talvez assim as pessoas não o achassem tão cabrão.

* * *

Pedi ao taxista que a levasse até ao centro, até ao local onde se concentrava a burocracia civil. Preencheu uns formulários, pagou uma quantia modesta. O processo era muito mais fácil do que imaginava. Seria expectável que uma coisa daquelas fosse mais difícil, mais cara e mais morosa. Libertou-se do seu velho nome próprio, optando por um de que gostara de ver em Shakespeare no liceu; substituiu o apelido do marido pelo apelido de solteira da avó, que ninguém conhecia e, portanto, não iria procurar. Eram peças de *puzzle* que ninguém juntaria, uma nova identidade que ninguém conseguiria descobrir.

Aquela era a sua segunda mudança de nome. A primeira enquadrara-se num comportamento largamente aceite – que era, por vezes, exigido – e fora quando ficara com o nome do marido. Porém, só fora Laura Turner por uns anos, nos quais vivera no Upper East Side, a ir e vir nos verões de Long Island, um estilo de vida definido por compras, exercício físico recreativo, jantares elegantes e galas de beneficência.

Essa mulher já não existia. A recém-forjada Ariel Pryce saiu do edifício neoclássico na Worth Street, chamou outro táxi para a levar até Penn Station e entrou num comboio rumo à sua nova casa, num lugarejo, um pequeno apartamento que alugara por cima de uma loja de vinhos na rua principal. Era um T1, com grandes buracos entre as enormes e velhas tábuas de madeira, pelos quais conseguia ver a loja, ouvir a música que o dono punha depois de fechar, cheirar a erva que se evolava. Por alguma razão, o termóstato de casa dela encontrava-se lá em baixo, escondido atrás de uma estante de *rosés*, pelo que para ajustar a temperatura tinha de descer, de chinelos, um robe de flanela, acenando timidamente ao proprietário.

Começava a tornar-se visível. Ninguém notava, exceto ela, uma forma desconhecida que lhe deixava as calças justas no ventre, quando se olhava no espelho de corpo inteiro da casa de banho.

Armada com um novo nome e o conselho do advogado da vila, Jerry, cuja tabuleta pendia ao cimo da rua, Ariel Pryce começara a construir toda uma nova identidade, uma peça de cada vez – carta de condução, conta bancária, cartão de crédito, constituindo cada documento um tijolo da retirada da velha *persona* para construir a nova. Quando encontrou a velha quinta que irracionalmente quis comprar, já havia passado uma capa de verniz sobre toda a sua pessoa, uma identidade que continuara a consolidar com um passaporte, documentos empresariais, onde constava a vila, o país, o estado, o número

fiscal, tudo. Ariel Pryce era uma pessoa completa, documentada e podia prová-lo.

Uns anos depois de mudar o nome, tentou encontrar Laurel Turner. Pesquisou na Internet, fez chamadas, tentou de todas as maneiras possíveis encontrar a mulher que deixara de existir. Não conseguiu.

No entanto, Ariel era uma amadora. Os profissionais, ela sabia-o, conseguiriam encontrá-la. Fã-lo-iam, se alguma vez precisassem.

* * *

Essa era uma das coisas que Ariel queria deixar para trás na cidade: o anonimato que permite aos homens – convida-os – agirem em moldes de que se envergonhariam caso as testemunhas soubessem os seus nomes, conhecessem as suas mulheres, as suas mães. O anonimato confere uma grande liberdade para agir de forma terrível e impune, veja-se a Internet. Ariel esperava que a proximidade de um lugar pequeno lhe proporcionasse o contrário: responsabilização.

Não antecipara o outro lado; o anonimato da cidade funcionava nos dois sentidos. Num lugar pequeno, ninguém tem nada a esconder. Nem os criminosos. Nem as vítimas.

CAPÍTULO 25

Dia 2. 10h24

Ariel está farta daquele interrogatório.

– Olhe – diz ao polícia –, com todo o respeito: porque é que está a perder tempo a perguntar pelos planos de viagem da irmã do meu marido? Deveria andar à procura de pistas acerca de quem raptou o John e pediu um resgate de três milhões de euros. A sério. O que raio estão vocês a fazer em relação a isso?

– Estamos a fazer muita coisa quanto a isso, minha senhora.

– Nomeadamente?

– Estamos a rever as filmagens de diversas câmaras por toda a cidade. Estamos a cruzar as cartas de motociclistas com registos criminais. Estamos a interrogar elementos conhecidos do crime organizado. Estamos a localizar toda a gente que foi condenada por rapto ou crimes relacionados com rapto em Portugal nos últimos vinte anos. Estamos a interrogar toda a gente que tenha estado nas redondezas do vosso hotel ontem de manhã e que possa ter testemunhado alguma coisa, algo eventualmente importante. Estamos também a interrogar pessoal de hotéis, restaurantes, museus, cafés, até o gerente da empresa de *Segways* que utilizaram, a fim de descobrirmos se testemunharam algo pouco usual ou observaram pessoas que pudessem estar a segui-la a si ou ao seu marido. Andamos à procura da mulher do café que julgou reconhecer o seu marido. Estamos a investigar *todos* os prismas possíveis.

Aquilo é, de facto, bastante. Mais do que esperava. Ariel sente-se mal.

– E um desses prismas, minha senhora, passa pela vida pessoal da vítima. Incluindo, sim, a localização da irmã. E o património substancial da mulher, assim como o facto de ter mudado de nome.

Ariel não sabe o que responder. Moniz tem razão, é claro. Como poderia ele não a questionar acerca de tudo aquilo?

Nesse momento, o telefone começa a tocar, um número desconhecido a ligar de um código de país desconhecido.

– Desculpem – diz aos investigadores –, tenho de atender.

Não espera pela permissão enquanto tira o telemóvel da mesa e se afasta, atendendo.

– Está sim?

– Bom dia. Estou a falar com Laurel Turner?

– Hum, sim.

– Como está, Ms. Turner. Daqui fala Nigel James, da Sinsbury and Lowell, dos escritórios de Paris.

– Sim...

– Representamos, hum... Quer dizer... Desculpe, deixe-me recomeçar: a senhora pediu uma certa soma ao nosso cliente.

– Ah. – Agora que Ariel se apercebe de quem é, afasta-se ainda mais da polícia. – Diga.

– Lamentamos informá-la de que o montante pedido infelizmente não se encontra disponível.

– Não se encontra disponível? O que quer dizer com isso?

– Devo esclarecer que o meu cliente não afirma ser pobre, mas o prazo muito curto que lhe deu, associado ao feriado americano, impede-o de reunir essa maquia. Lamento.

– Lamenta?

– De facto.

– Que diacho? – declara.

– As nossas desculpas.

Aquilo é muito, muito mau. Ariel inspira, após o que pergunta:

– Que quantia é possível?

– Dois milhões.

Um milhão de euros é uma grande diferença, quando se pensa em termos de zero a um milhão. Mas entre dois e três milhões?

– Essa maquia encontra-se já disponível?

– Nem por isso. Há alguns passos que têm de ser dados.

– Diga-me o que precisa de ser feito.

– Tem de se assinar um acordo entre si e o nosso cliente.

– Tem esse acordo preparado?

– Ainda não. Julgava que esta quantia inferior seria inaceitável para si.

– Bem, terei de aceitar. Por favor, ligue-me mal tenha a papelada pronta. Não sei se estará a par, mas isto é muitíssimo urgente.

* * *

– Já acabámos?

Os polícias entreolham-se, encarando novamente Ariel, que regressou à mesa, mas ainda não se voltou a sentar.

– Surgiu uma coisa que necessita da minha atenção.

Santos esboça um ligeiro aceno, ergue-se, estende a mão.

– Obrigada.

No entanto, Moniz folheia o seu bloco de notas.

– Um momento, por favor. – Descobre o que procurava, estendendo o caderno a Ariel.

– Que é isto? – Parece uma lista com cerca de vinte nomes.

– São as reservas para mesas de seis ou mais pessoas para hoje nos restaurantes elegantes da cidade. Reconhece algum deles?

Ariel estuda os nomes desconhecidos.

– Lamento, mas não. Julgo que nunca ouvi o nome das pessoas com quem iria jantar, pelo que nunca poderia reconhecê-los.

– Claro.

– Mas pode ligar a essa gente toda, certo?

– Sim, já começámos a fazê-lo, mas demora algum tempo. Esperávamos que nos ajudasse a acelerar o processo. Mas, se não for possível, não há problema. Informá-la-emos do que descobirmos.

* * *

– Boa, hum, tarde. Estou a falar com Douglas Pulaski?

– Capitão.

– Perdão, capitão Pulaski. Muito obrigada por atender a chamada.

– A minha secretária disse-me que estava a ligar do Departamento do Estado? Não sou alvo de muitos inquéritos internacionais.

– Chamo-me Kayla Jefferson e trabalho em Lisboa, onde um empresário americano chamado John Wright foi raptado. A mulher está a tentar reunir três milhões de euros para o resgate.

– Merda. Isso parece-me um pouco fora da minha jurisdição.

– A mulher chama-se Ariel Pryce, mas costumava chamar-se Laurel Turner. Pelo que vejo, o senhor foi quem recolheu o depoimento dela quando, há catorze anos, a Ms. Pryce aí foi reportar um crime.

Silêncio.

– Mr. Pulaski? Está?

– Miss, hum, como disse que se chamava?

– Kayla Jefferson.

– Miss Jefferson, não posso falar disso.

– Como assim?

– Significa que *não* posso falar sobre isso.

– Estou a levar a cabo uma investigação criminal. A vida de uma pessoa pode estar em jogo.

– Se você o diz.

– Não acredita em mim?

– Quer que lhe diga a verdade? Não, não acredito. Mas, mesmo que acreditasse, não poderia, ainda assim, falar disso.

– Posso emitir um mandado. – Aquilo não é verdade. – Obrigá-lo a falar.

– Kayla não tem poderes para tal. Será que um polícia de uma zona rural saberá isso?

– Terei todo o gosto em fornecer-lhe o nome do meu advogado – replica Pulaski. – Deveria contactá-lo, caso queira falar com alguém. Eu cá é que não abrirei o bico.

* * *

Ariel pega no telemóvel pré-pago, que só recebeu a uma chamada de outro número. Liga para ele e espera pelo primeiro toque...

E pelo segundo...

Ainda pelo terceiro...

O atendedor de chamadas surge, com um cumprimento em português, que ela não entende. O que compreende é que não há um bip no fim. Espera, espera e espera, em vão. De seguida, desliga e aproxima-se do empregado.

– João, posso pedir-lhe um favor?

– Claro que sim. O que quiser.

– Será que me poderia traduzir o que está a ser dito? É uma frase ou duas.

Volta a ligar e estende-lhe o telemóvel. João ouve, devolvendo-lho.

– Desculpe – replica –, mas não é nada, apenas a definição de fábrica, que diz que a caixa de correio deste número não foi ativada.

Ariel sente o peso do mundo nos ombros, a expressão ficar pesarosa. Fecha os olhos, abana a cabeça. E agora?

* * *

– Olá, Pete, como estás?

Pete reconhece de imediato a voz. E sabe que a pergunta de Myron Baizerman é puramente retórica; Myron nem lhe dá o tom de uma pergunta.

– O que é que tens para mim, Myron?

– Estou a ligar-te de volta por causa da Ariel Pryce. Estás preparado?

– Sim.

– Certo. Aqui vai: Ariel Pryce, nascida Laurel Winston, filha de Elaine Winston e, vá-se lá acreditar, Winston Winston III. Pelos vistos, chamam-lhe Bobby. Adiante. Laurel cresceu em Baltimore, estudou em colégios privados, licenciou-se em Teatro. Parece que se mudou logo depois da faculdade para Nova Iorque e temos vários registos da década seguinte. Tenho a sensação de que terá sido uma daquelas atrizes-barra-modelo-barra-empregada de mesa. Fez uns anúncios, papéis minúsculos em séries de televisão. Já sabes como é.

– Sim.

– Depois, casou-se com um tipo importante do setor financeiro, chamado Buckingham Turner. O tipo tem todo o *pedigree* que se espera de um tipo das finanças chamado Buckingham Turner. Imaginas o idiota capaz de chamar ao filho Buckingham? O que raio se passa com essa gente e os nomes? Winston

Winston III. C'um diabo!

Myron trabalhou no departamento de investigação jornalística durante meio século. É possível que, algures no passado, tenha sido mais objetivo, mas, segundo a experiência de Pete, aquele pateta sempre fora surpreendente, arbitrária e audivelmente crítico.

– Mais tarde, a Laurel Winston torna-se Laurel Turner, *socialite* do Upper East Side, a fazer o que raio elas fazem. Queres saber estas coisas todas?

– Claro que sim. Continua.

– Até temos umas quantas fotografias dela nas nossas páginas da sociedade. Bem bonita. Durante esses anos de casamento, recebeu uma pequena quantia enquanto trabalhadora independente para uma agente literária chamada Isabel Reed, por trabalho de consultora, o que, de acordo com a empregadora, consistia em ler manuscritos.

– Uma estranha mudança de carreira.

– Parece que ficou com o trabalho graças a um amigo de um amigo do marido. Adiante. De repente, há catorze anos, a Laurel Turner larga tudo. Muda-se para uma vila, muda de nome, divorcia-se de Buckingham. Compra uma quinta, dá à luz um menino, chama-lhe George. Uns anos mais tarde, compra uma livraria a falir. Junta-se ao Rotary, torna-se uma pequena empresária. Ariel Pryce não tem qualquer presença nas redes sociais, não tem fotografias *online*, exceto aquelas antigas dos jornais que foram digitalizadas, enfim, visibilidade nula.

– E o novo marido?

– Pois. Há uns meses casou-se com um consultor chamado John Wright. Não ficou com o apelido dele, manteve-se Ariel Pryce. E não é por nada, mas este tipo é bastante mais novo.

– E o que é que sabes dele?

– Dele? Nicles. Pediram-me para a investigar a ela, não ele.

– Está bem. Podes fazer o mesmo para ele também?

– Pff. Não sei.

– Vá lá!

– Desculpa, Pete, mas tenho de ter aprovação antes. Tenho mais que fazer. Bem sabes.

– Vá lá, Myron. Por favor.

– Isto não tem que ver com pedinchares ou não, Pete. Tem que ver com aprovação. Depois logo te digo.

– Está bem. Obrigado. Portanto, dizes que a Ariel Pryce deu à luz um filho depois de ter largado a antiga vida.

– É isso.

– E esse miúdo nasceu quanto tempo depois de ela ter saído da cidade?

– Parece que foi... hum... seis meses depois.

– O que quer dizer que estava grávida quando se divorciou do marido, largou o trabalho e toda a sua vida.

– Sim, parece que sim.

- É uma decisão estranha, não achas?
- Não sou psicoterapeuta.
- Encontraste a certidão de nascimento do puto?
- Não.
- Será que o poderias fazer?
- Está bem. E calculo que o que queres saber é o nome do pai, certo?

* * *

O telemóvel pré-pago está a tocar, a vibrar, a piscar, tudo de uma só vez, como um miúdo a fazer uma birra.

- Está sim?
 - Ligou. Tem o dinheiro? – Não é fácil perceber a voz alterada.
 - Não – admite Ariel. – Ainda não. Mas em breve terei, espero.
- A chamada cai.

CAPÍTULO 26

Dia 2. 11h00

– Ms. Pryce? Nigel James, outra vez. Preparámos um esboço do acordo. Podemos enviá-lo ao seu advogado?

– Ao meu advogado? Não tenho advogado.

– Bem, isso não é habitual.

– É quatro de julho. Nem imagino como poderia... – Ariel suspira. – Ouça, Mr. James, estou sozinha aqui em Lisboa, o meu marido foi raptado, tenho de assinar esta papelada imediatamente para prevenir que seja morto e não vou conseguir encontrar um advogado, é tão simples quanto isso.

James suspira de forma teatral.

– Sou obrigado a dizer-lhe que é altamente desaconselhável não ter uma representação para examinar este assunto. – O aviso é dado de forma maquinal e condescendente. Como se ele estivesse a ler uma ficha com os Direitos de Miranda a um notório criminoso de carreira.

– Não tenho escolha.

Ariel sabe que o advogado, na verdade, não quer saber, mas que precisa de cumprir a sua responsabilidade ética, a fim de prevenir futuras queixas.

– Muito bem. Envio o acordo diretamente para si?

* * *

Nicole Griffiths entra no cubículo atulhado da jovem mulher, cheio de *hardware* e periféricos, cabos e teclados, ecrãs de vários tamanhos. Parece uma loja de reparações.

– Olá, Jefferson. O que tens?

A jovem baixa os auscultadores até ao pescoço, e Griffiths ouve algumas notas da música antes de ela desligar o som através do teclado. Tem quase a certeza de que é Bach.

– Então, aquela chamada feita para o telemóvel da Pryce? – Jefferson aponta para o ecrã, uma janela cheia de números de telefone. – A pessoa que ligou usou um telemóvel pré-pago, comprado apenas vinte minutos antes.

– O fulano comprou-o especificamente para fazer esta chamada?

– Assim parece. É o facto interessante número um. Mas o muito mais interessante facto número dois é onde a compra foi feita. Olhe.

Jefferson seleciona uma janela diferente para mostrar um mapa, uma grelha familiar de ângulos retos cruzados por traços paralelos na diagonal...

Griffiths apercebe-se de que está boquiaberta.

– Ali, o alfinete vermelho – diz Jefferson –, é uma loja de conveniência.

Isso muda tudo. Griffiths suspeitava que alguma coisa não batia certo na história de Ariel Pryce, no seu aspeto, no marido. Mas, no fundo, não acreditava verdadeiramente que a desventura de John Wright ali, em Portugal, estivesse relacionada com segurança nacional ou com os serviços secretos. Até agora. Agora, tinha a certeza quase absoluta de que sim.

– Temos imagens de videovigilância da transação?

– É possível. Ainda estou a trabalhar nisso. Sabemos que a chamada em si foi feita algures perto do bairro de Penn Quarter. Aqui neste vetor.

Griffiths curva-se para ver mais de perto. Metade do governo federal encontra-se dentro ou muito próximo dessas linhas, incluindo o Capitólio, o Supremo Tribunal, a Casa Branca.

– Podemos reduzir isso ainda mais?

– Não me parece. Desculpa.

– É pena. Presumo que não possamos localizar a posição atual do telemóvel.

– Não, não está ativo. Surpreender-me-ia muito se alguma vez voltasse a estar.

– Podes mostrar-me exatamente onde foi comprado esse aparelho?

– Aqui, neste quarteirão. Que é dentro do mesmo vetor em que o telefone estava localizado quando a chamada foi feita.

– Muito bem – diz Griffiths, endireitando-se –, vamos lá descobrir o que se encontra na zona circundante. Começa a trabalhar a partir do raio mais curto, desde a loja.

– E o que procuro?

– Casas ou escritórios de homens poderosos.

* * *

Todas as tecnologias da infância de Ariel parecem agora arcaicas. A cozinha da família tinha uma televisão a preto-e-branco, na qual podiam ver três canais nacionais, dois locais e a PBS, nada mais. A carrinha era do tamanho e com a forma de uma barça, com janelas manobradas manualmente e sem ar condicionado. Ariel passava bilhetinhos manuscritos nas aulas, bocados de folhas de papel rasgadas, que dobrava até ficarem

minúsculos. Usava o telefone de disco da parede da cozinha, enrolando a linha em espiral à volta do braço, desenrolando-a novamente, enquanto falava sobre telediscos da MTV, dos Guns N'Roses, da Madonna, dos Fine Young Cannibals. Ainda se lembra do advento dos *faxes*, que eram quase mágicos.

Mas agora, na era do *streaming* sem fios, parece-lhe ridículo meter papel numa máquina de *fax* de um hotel, uma página de cada vez. Como se manejassem um telégrafo.

A última página passa com um bip reconfortante.

– Obrigada – diz ela a Duarte, o funcionário diurno. – Acabei.

Os avanços da tecnologia facilitaram, sem dúvida, a vida, com janelas elétricas, *voicemail* e gravações. O *air-dropping* é claramente mais rápido do que uma ida aos correios. Mas toda esta conveniência acarreta vários preços, sendo o mais elevado deles a perda de privacidade. Até há pouco tempo, a vida privada podia ser verdadeiramente privada – toda a infância de Ariel, a sua juventude como atriz em dificuldades, o seu primeiro casamento, tudo isso se passara quando a privacidade ainda era possível, num mundo globalmente idêntico àquele em que JFK tinha amantes, Hoover era *gay* e toda a gente que importava sabia, mas mais ninguém sabia. Um mundo em que guardar segredos era possível.

O casamento de Ariel e Bucky não fora documentado *online*, naqueles anos, quase nada o era. Como única prova pública das suas núpcias restava a parte das promessas, um pequeno texto acompanhado por uma fotografia em que posava uma jovem mulher atraente que ela já não reconhece.

Quando aquele casamento e toda a sua vida ruiu, as redes sociais começavam a explodir, as pegadas digitais tornavam-se onnipresentes, a Internet começava a sugar tudo – cada aniversário, cada reunião, cada gala de caridade ou cerimónia de prémios, cada marco profissional –, tornando todas as vidas passíveis de ser pesquisadas, descobertas, documentadas. Já ninguém tem uma vida privada com qualquer relevância.

Dada a forma como deixara as coisas, Ariel escolhera manter a invisibilidade digital, mesmo quando toda a gente começara a reencontrar-se no Facebook, a partilhar fotografias das férias, a fazer contactos no LinkedIn, a amplificar-se no Twitter, a lançar-se, pelo Tinder, em encontros sórdidos. Ela não.

Ariel Pryce não é completamente invisível. Mas há que saber o que procurar. Há que saber quem. Também é preciso ter interesse suficiente para procurar. Quase ninguém o tem.

Ainda não.

* * *

– Oh, olá, vinha aqui falar consigo. – O jornalista chega ao cimo da escada do hotel. – Pete Wagstaff? Conhecemo-nos ontem na embaixada.

– Sim, claro. Como me encontrou?

– Sou jornalista. – Ele encolhe os ombros. – Desculpe a intromissão. Encontram-se parados no patamar. Ariel ouve passos a descer.

– Esperava poder fazer-lhe umas perguntas.

– Sobre quê?

– Sobre o rapto do seu marido.

– Não posso falar consigo – replica Ariel com a voz baixa, enquanto passa um casal idoso. – Já lho tinha dito.

– Talvez eu possa ajudar?

– Talvez faça com que matem o meu marido.

Wagstaff parece querer protestar, mas não o faz.

– Ouça, o senhor é jornalista, o seu trabalho é publicar notícias para um vasto público. Mas se o rapto do meu marido se tornar um dos seus artigos... Ele abana a cabeça.

– Se os raptos soubessem que o crime está a ser investigado por... Ao que sei, por meia dúzia de órgãos de segurança internacionais, como irão reagir?

– Não arriscaria a vida de ninguém por um artigo. – O indivíduo abana agora a cabeça com mais veemência. – Prometo.

– Devo arriscar a vida do meu marido pela promessa de um estranho? A sério? – Ela sorri. – Por favor.

– Mas...

– E nem depende de si, pois não? – Ariel não deixa o jornalista defender-se. – Tem os seus patrões, e os seus patrões têm patrões, que têm mandachuvas das empresas, que têm acionistas, e toda esta gente se preocupa muito mais com os números de tiragem, taxas de cliques e blocos publicitários do que com a segurança de um homem.

Wagstaff não consegue argumentar.

– Não é pessoal – diz Ariel –, mas, se estivesse na minha... É interrompida pelo toque do telemóvel.

– O que é agora? – Tira o tirano eletrónico do bolso, profere um “com licença” ao jornalista e depois atende o telemóvel.

– Ms. Pryce? Nigel James, novamente. Muito obrigado por nos enviar os documentos assinados com tanta prontidão. Mas temo que tenhamos um pequeno problema.

Pelo amor de Deus.

– O que é?

– A página do notário. Parece não ter sido assinada. Tenho de lhe lembrar de que, por cá, uma assinatura não é válida sem reconhecimento no notário. Não é possível. Espero que compreenda.

– Está a gozar comigo?

– Não, lamento.

– Um notário.

– Isso mesmo. Creio que a minha carta de instruções era bastante clara neste aspeto.

– E onde diabos vou eu encontrar um notário que fale inglês, em Lisboa,

num quatro de julho?

– Ms. Pryce, se faz favor, não é preciso grit...

– Vá para o inferno!

Ariel desliga-lhe o telefone na cara e fecha os olhos com força, com a dor desta complicação adicional. É que já são tantas! Este é capaz de ser um ponto de rutura inesperado, a apanhá-la de surpresa, quando julgava que as coisas começavam a ficar com melhor aspeto. Agora bem pode cair tudo. E ela também.

– Desculpe – diz o jornalista. – Não consegui deixar de ouvir.

Ariel abre os olhos.

– Posso ajudar.

A americana estuda Wagstaff, perguntando-se se lhe estará a oferecer ajuda porque quer, sinceramente, ajudá-la ou porque deseja outra coisa.

– Posso levá-la a um notário agora mesmo.

Será que consegue fazer aquilo sozinha, telefonar a notários? Ou demoraria uma eternidade?

Ariel tenta pensar em quem mais a poderia ajudar. A embaixada dos EUA está fechada, obviamente. E os inspetores da polícia lisboetas? Conheceriam eles um notário que dominasse o inglês e estivesse disponível naquele momento? Parece-lhe pouco provável. Todo o pessoal da CIA está fora de questão. Ariel não pode permitir conscientemente que espões se aproximem do acordo que vai assinar, o que, só por si, violaria os próprios termos do acordo.

Claro que é possível que a CIA já tenha descoberto o seu antigo nome, o antigo marido e toda a sua antiga vida – os antigos amigos e inimigos, as antigas acusações. Talvez já tenha descoberto as suas antigas provas, as suas antigas gravações de áudio. Os seus antigos acordos judiciais. Talvez já possa fazer um diagrama com as suas relações, telefonemas, exigências, com a extorsão, com as consequências. Talvez já saiba ao certo o que aconteceu, como, porquê, onde, quando. E quem.

Ainda assim, Ariel não pode contar voluntariamente aquela informação a ninguém e não pode fazer nada passível de ser interpretado como uma revelação levada a cabo de bom grado de informação confidencial.

– Dê-me um segundo, sim? – A mulher dirige-se até à receção. Duarte, que, sem dúvida, teme esta americana imprevisível, esboça um sorriso débil. – Sim, *senhora*? Em que posso ajudar?

– Tenho de encontrar quanto antes um notário que fale inglês. Conhece algum?

O funcionário do balcão mostra uma clara relutância em admitir que não pode ajudar uma hóspede, independentemente do pedido. A resposta honesta seria “não”, mas, em vez disso, profere:

– Posso arranjar um.

– Como vai, especificamente, começar a procurar?

– Vou... – Duarte parece à beira das lágrimas. – Vou ligar aos meus

colegas que trabalham em hotéis maiores, com mais viajantes de negócios.

É melhor do que nada, mas por pouco. Aquilo pode demorar um minuto, mas também levar o dia todo. Duarte não parece lá muito confiante, e o seu plano não parece muito promissor.

Mas um *jornalista*? É difícil digerir. E é possível que se prove difícil de justificar. Mas terá ela outra hipótese razoável?

– Não, obrigada – diz Ariel ao funcionário, regressando às escadas.

– Ouça – anuncia a Wagstaff –, agradeço a sua ajuda, mas só para que isto fique muito claro: não posso falar consigo sobre os pormenores da situação.

– Compreendo.

Será? Assim o espera. Alguns homens têm dificuldade em perceber a vulnerabilidade, e ela não pode arriscar um equívoco.

* * *

– Tenho os registos telefónicos dela. – Jefferson encontra-se diante da porta do gabinete de Griffiths e estende-lhe algumas folhas de papel.

– Entra – diz Griffiths. – Vamos lá espreitar.

Jefferson tem estado a anotar uma lista das chamadas de Ariel Pryce: as URGÊNCIAS de meia dúzia de hospitais; TELEMÓVEL DO WRIGHT, DIRETO DO ESCRITÓRIO DO WRIGHT e GERAL DO ESCRITÓRIO DO WRIGHT para os números do marido; e os números da própria Ariel Pryce, o fixo de casa, a livraria, a mãe. Jefferson também desenhara umas linhas muito úteis na página para indicar os movimentos de Pryce e a sua suposta atividade ao longo dos últimos dias: quando ela foi à esquadra, quando regressou ao hotel, as três visitas que fez à embaixada.

– E estas folhas aqui – Jefferson estende um novo molho – são as mensagens dela.

Griffiths olha na diagonal para as de hoje, todas elas súplicas cada vez mais urgentes ao marido, exceto uma para o filho. Nada salta à vista. Vira a página.

– Isto são os últimos trinta dias.

– Sim.

– Nada internacional, exceto quando já estava aqui em Lisboa. Talvez tenhamos de recuar ainda mais. Vamos ver tudo sobre o último ano.

Jefferson anui.

– Esta cópia é para mim? – pergunta Griffiths.

– Sim. Daqui a uma hora, espero ter a mesma coisa sobre o marido. A operadora dele está a demorar mais tempo a responder. – A jovem mulher permanece à porta. – Então, pensas que isto é uma espécie de fraude e que a Pryce faz parte dela?

– Não é impossível. Que achas?

– Nada é impossível – admite Jefferson. – Ou quase nada. Mas não estou a ver.

– Então, porquê?

– O dinheiro – replica. – Não são pessoas desesperadas, nenhuma delas. Ambas ganham salários decentes, legalmente. Ainda que não andem a rebolar-se em montes de massa, não precisam de embarcar numa gigantesca fraude internacional só para ganharem uns trocos.

– Mas podem fazê-lo – diz Griffiths –, e é possível que não estejamos ainda ver porquê. Talvez se tenham metido nalguma coisa. Agiotas. Apostas. Drogas.

Jefferson inclina a cabeça para um lado, depois para o outro: a hipótese é boa, mas não ótima.

– Ou talvez a situação deles nem tenha nada de perverso – continua Griffiths. – Talvez a irmã do Wright seja o único problema. Talvez o filho da Pryce precise de um novo rim. Talvez a mãe dela esteja à beira de perder a casa por causa de uma vigarice *online*. Há muita gente normal e cumpridora da lei que dá por si a precisar de dinheiro com urgência e que faz coisas desesperadas para o obter.

Jefferson anui.

– A verdade é que não acredito que seja o caso.

Griffiths aceita.

– Mas alguma coisa será, certamente.

CAPÍTULO 27

Dia 2. 13h47

Aquilo foi um erro, não foi? Ariel não deveria ter deixado o jornalista ajudá-la, acompanhá-la à sala de espera daquele escritório de advogados. Deveria ter encontrado um notário que falasse inglês de outra forma.

Ariel inclina-se da cadeira de couro e pousa o contrato na mesa de apoio, onde já se encontra um vaso com uma suculenta e uma pilha de revistas e jornais. Não pode deixar de olhar para as manchetes da primeira página, uma frase em português que não consegue decifrar, mas também não é preciso, já que a imagem se afigura clara. Surpreende-a que aquilo seja tema para as notícias diárias europeias. O que acontecerá se a história se tornar, de facto, interessante? Será um acontecimento mundial, com cobertura ininterrupta.

A americana sente um aperto no peito. Respira fundo, tentando reprimir um ataque de pânico. Agora não, por favor.

Pete Wagstaff continua as negociações em português com a rececionista, que lhe faz muitas perguntas. Por fim, vem ter com Ariel.

– Serão só uns minutos.

Ariel assente. Deveria aproveitar aquela ocasião para ler o acordo com cuidado. No hotel, limitou-se a fazê-lo na diagonal, a tomar nota dos números, a encontrar os espaços para assinar. Mas nem reparara que precisaria de um notário. Que mais teria deixado passar? Naquele tipo de assuntos, a precipitação é irresponsável. Se alguma coisa exige uma atenção minuciosa, é aquele documento.

Lê devagar, com cuidado, tentando avançar através do denso “legalês”, das alusões ao acordo anterior, feito há muito tempo, a data deste, as partes. O novo acordo de confidencialidade é uma emenda do anterior, com os mesmos termos, penalidades, recursos e o que estiver ainda em vigor, sendo que não tem nenhum desses elementos diante de si. Não se lembra dos termos exatos de nenhum deles. E não lhe podem ser fornecidos por outrem – nem por aquele notário, nem pelo advogado em Paris, nem pela sua advogada original,

com quem não contacta há catorze anos, uma mulher que, sem dúvida, passa o 4 de julho numa praia qualquer

Foda-se!, pensa, murmurando “Raios!” enquanto bate com o pequeno molho de folhas.

– Sente-se bem? – pergunta Wagstaff.

– Não, nem por isso. – Ariel levanta-se bruscamente. – Tenho de confirmar umas coisas. Vou descer e fazer uma chamada. – Fecha a porta atrás de si. Olha para o relógio. Ainda é cedo para aquilo, mas não tem escolha. Espera pela ligação da chamada internacional.

– Ariel? – É uma voz rouca que atende. – Está tudo bem?

– Não, na verdade. Desculpa ligar-te tão cedo, mas o John foi raptado...

– Meu Deus! A sério?

– ...e preciso da tua ajuda para uma coisa urgente. Vai parecer estranho.

– Claro. O que for.

– Preciso que vás à loja, neste preciso momento.

– *Agora mesmo?*

– Sim, imediatamente. Veste umas calças e vai para o carro.

Persephone vive em casa dos pais, a cinco minutos de carro da loja. Leva uma vida de pequena cidade, onde conhece toda a gente – os polícias e os bombeiros, os donos das lojas e os empregados dos bares, os professores, os médicos e os jornalistas locais. Tudo fica, no máximo, a cinco minutos de distância.

– Prometo-te, P., daqui a vinte minutos, estarás de volta a casa e podes ir para a cama ou o que quiseres.

– Está bem.

– Quando lá chegares, liga-me da cave. E, Persephone?

– Sim?

– Isto é mesmo, *mesmo* importante.

* * *

Ariel abre a porta com um puxão e quer a rececionista quer Wagstaff erguem o olhar. Os olhos de americana voltam-se logo para a papelada em cima da mesa, dobrada ao meio, mas à vista de todos, mesmo diante do jornalista. Acerca-se dela e arrebatava as páginas de *fax*.

– Não olhou para isto, pois não? Diga-me que não.

Wagstaff abana a cabeça.

– Céus! Olhou.

– Não olhei.

Ariel olha-o fixamente, tentando perceber se deverá acreditar na sua palavra. Não acredita. O indivíduo mantém o contacto visual de forma demasiado firme.

– Como foi capaz? – A pergunta é feita num sussurro, não quer alarmar a rececionista.

– Estou só a tentar ajudar.
– *Não pode* escrever sobre isto. Percebe, correto? Diga-me que percebe.
– Prometo que não o farei. Não até o seu marido estar livre de perigo.
– Não, não, não, não e *não*. – Ariel amarfanha o contrato na mão. – Isto? *Nunca*. Não poderá nunca *revelar* isto. Não tinha o direito de espreitar. Eu não tinha o direito de o deixar fazê-lo. Posso ser *presa*. E esse será o *melhor* dos cenários. Entende o que me pode acontecer?

– Eu... – gagueja ele.

O telemóvel dela volta a tocar.

– Deus do Céu! – Ela olha para o ecrã e atende. – P, aguenta aí um segundo, sim? – Tapa o microfone, encara o jornalista. – Saia daqui.

– O quê?

– Não posso confiar em si. Não deveria ter confiado em si, logo para começar. Vá-se embora, se faz favor. Já.

* * *

Carolina Santos ergue o olhar para o jovem inspetor numa azáfama.

– Encontrámos o cliente do homem raptado. Chama-se Jorge Vicente.

– Ótimo.

– Há duas semanas, o Vicente fez uma reserva para seis pessoas, às nove horas da noite de hoje, no Monthana. Conheces o restaurante?

– Conheço. – Santos, porém, nunca lá comeu. O lugar está além das suas possibilidades.

– O Vicente confirma que dois dos convidados devem ser um consultor americano e a esposa. Informei-o que não poderão ir esta noite.

Os dedos de Santos saltitam já pelo teclado.

– Jorge Vicente – lê no ecrã – é o diretor financeiro de Os Canários, que é... Vá-se lá saber, com *sites* destes. Minérios? Madeiras também, talvez. – Clica pela página, até que encolhe os ombros, levanta-se, pega no casaco. – Vamos lá – anuncia ao colega.

– Devemos informar a mulher? – pergunta Moniz.

– Ainda não – responde Santos. – Primeiro, vamos ouvir o que este Vicente tem a dizer.

* * *

– Ora, cá está ele – diz Nicole Griffiths. – Como te sentes, brutamontes?

Guido Antonucci sorri acanhadamente. Já deveria saber que aquilo aí vinha. Afinal de contas, fora derrotado por uma rapariga. Por uma rapariga amadora. Deve estar envergonhadíssimo. Griffiths estaria.

– Tudo bem, obrigado.

Não parece. Toda a cara parece inchada. Mas ei-lo presente, e Griffiths sabe que se encontra pronto para trabalhar. Não será agora que ela o

humilhará como ele merece.

– Guido, consegues pôr escutas no quarto de hotel da Pryce?

– Hum... Agora?

– O mais depressa possível.

– A esta hora do dia? Não sei. O hotel deve estar num bulício.

– É verdade. Por outro lado, não deves ter de te preocupar com as equipas de limpeza nos corredores.

– Bem visto. – O agente pensa no assunto. – Não conseguiríamos esconder lá muito bem os dispositivos. Apenas uns microfones nos candeeiros. Se a Pryce começar a procurar, não lhe será difícil encontrar o equipamento. E depois?

– Depende de quem ela é na verdade e do que anda a fazer. Se for uma cidadã comum, cujo marido, cidadão comum, foi raptado? – Griffiths encolhe os ombros. – Então, não será ela que vai procurar microfones nos candeeiros.

– Mas...

– Pois. Se ela revistar o quarto, ficaremos a saber, sem margem para dúvidas, que é uma pessoa que revista o quarto.

– Estavas a pensar também numa câmara?

– Não tem de ser ótima, Guido. Não tem de ter um ângulo cinematográfico ideal. Só tem de nos mostrar se ela é o tipo de pessoa que procura escutas.

Antonucci anui.

– Vou tratar disso.

– Obrigada. Mas, Guido... acho que não devias ser tu a ir ao hotel – propõe ela, rodando os dedos diante da própria cara. – Nesse estado, dás um bocado nas vistas.

* * *

– Muito bem – diz Persephone –, já estou na cave.

– Boa. Sabes onde está a caixa de ferramentas?

– Claro.

Toda a gente na loja conhece a caixa de ferramentas, o WD-40 para as dobradiças perras, a chave de fendas para desapertar os suportes, o martelo, os pregos e o cabo para pendurar as fotografias com dedicatória dos escritores e as sobrecapas de livros autografadas. Fusíveis para o quadro central, uma espátula, betume em pasta, fita para gesso.

– Vais precisar de uma marreta.

– De uma marreta? A sério?

– Vês o cartaz emoldurado da BookExpo? Tira-o do prego.

– Está bem... pronto.

– Agora, pega na marreta e faz um buraco na parede, mesmo abaixo do prego.

– O quê? Estás a falar a sério?

– Não podia estar a falar mais a sério.

– Está bem – replica Persephone –, vou pôr-te em alta voz. Depois, ataco a parede.

Ariel ouve um baque, mas nenhum estalo.

– Não te acanhes – pede-lhe, elevando o tom de voz.

Mais um baque.

– Vá lá, Persephone, dá-lhe a sério.

Então, ouve estalar e quebrar, o barulho dos destroços a baterem no chão, um murmúrio: “C’um caracas!”

– Pega no saco de pano que está na parede.

– Foste tu que fizeste isto? Construíste este esconderijo?

Ariel alugara uma motosserra para cortar um buraco no gesso. De seguida, guardara a sacola – oferta de um congresso – dentro da parede, pousada numa trave. Encaixara a placa de gesso recortada de novo no devido lugar, colara fita adesiva em volta, espalhara o estuque por cima da fita, lixara a zona, pincelara a parede com o primário, depois, com duas demãos de tinta. Ficara perfeito. Até agora.

– Persephone, ouve-me com atenção.

– Isto é bestial!

– Dentro do saco, numa das bolsas de plástico, encontras equipamentos eletrónicos. Não mexas nisso.

A bolsa grande contém um CD, uma *pen* e um computador portátil barato, com o cabo. Quando Ariel preparara aquele embrulho, havia mais de uma década, não sabia quando – se é que alguma vez – precisaria de aceder àquele material, quais as tecnologias disponíveis, uma vez chegada a hora, nem quais teriam sido descartadas nos aterros do progresso. Daí as redundâncias. Ainda fresca na memória, tinha a obsolescência recente das disquetes, dos CD-ROM, VCR, dos leitores de cassetes. Já tinha perdido o acesso a imensos materiais em virtude dos desenvolvimentos tecnológicos, os vinis do Michael Jackson e as cassetes dos Talking Heads, os vídeos dos filmes da Katharine Hepburn e as caixas de DVD de *A Vingadora*, todos agora reunidos em sacos do lixo de vários formatos e esquecidos no sótão. Mas tudo aquilo era fácil de substituir, e ela conseguiria sempre encontrar um novo exemplar de *No Way Out* num novo formato, tantas são as empresas decididas a manter o acesso ao entretenimento popular.

O mesmo não pode ser dito dos seus documentos pessoais: o seu velho registo em áudio de uma conversa entre duas pessoas, nove minutos de vozes contra um ruído de fundo semelhante aos sons abafados de um restaurante elegante numa altura calma do dia. E também velhas cópias digitalizadas de um relatório policial, um exame médico, algumas análises. Todos aqueles materiais poderiam render dinheiro, de forma muito diferente.

– No outro saco, P, está uma série de papelada. – Um acordo legal. Apontamentos manuscritos. – É esse que me interessa.

– Saíste-me cá uma durona!

– Preciso que me leias algumas informações dessa papelada.
– Uau! Não estou a exagerar, Ariel, quando digo que isto é literalmente a cena mais brutal de sempre!

Persephone não sabe, literalmente, o que “literalmente” significa. Parece pensar que é o contrário. Ariel percebe o calão, aceita-o e aprecia-o. Mas aquilo é outra coisa, uma inversão completa, como utilizar o termo “modesto” para “orgulhoso” ou “obcecado” para algo apazível em vez de doloroso. Aquilo não é um calão inofensivo. É a novilíngua, tal como a expressão “notícias falsas”: não só não corresponde à verdade, como se revela o repúdio absoluto da existência do conceito de verdade.

– Ouve, P, isto é mesmo importante: não leias as outras páginas. Estou literalmente, literalmente no correto sentido da palavra, proibida por lei de divulgar os pormenores que constam nesse contrato. Trata-se de material muitíssimo confidencial. E, se fazes favor, não toques nas coisas eletrónicas. Tens de me prometer.

– Prometo.

– Muito bem, agora, abre a bolsa de plástico. Preciso que me digas o seguinte: os nomes e datas no cimo do acordo. Quem são as partes?

Ariel sabe, claro, que alguém pode estar à coca naquele momento ou ouvir uma gravação da conversa mais tarde, mas seria estupidamente irresponsável – de uma negligência criminoso, até – da sua parte não verificar a informação antes de assinar um novo contrato.

Não tem outra opção.

* * *

Ariel acorda todos os dias e descobre que se inventaram novas palavras, tendo outras sido redefinidas; a língua foi adulterada e distorcida, transformada em arma, num mundo interseccional de espaços seguros, advertências, microagressões, de *tokens* e de *othering*, apropriações e *whitewashing*, onde há que centrar e amplificar, com o *mansplaining* e o *manspreading*, as denúncias e os cancelamentos, com toda a gente a zurzir de forma incessante os seus pontos de vista, a difundir em moldes estridentes os seus queixumes, a berrar sem descanso a quem quer que ouse discordar.

É um léxico do ressentimento em constante expansão. Ariel acha que nada disso convence quem quer que seja do que quer que seja que não fosse já sua convicção, nem converte ninguém a uma causa. Em vez disso, tem quase a certeza de que o resultado é o contrário – demoniza, aliena, afasta, enfurece todos aqueles cujos olhos precisam, de facto, de ser abertos, escavando fossos cada vez mais profundos.

Demorou muito tempo, mas Ariel lá acabou por aceitar que os problemas não se resolvem ao fingir que não existem. Está também quase certa de que não se resolvem com rótulos abstrusos para dar cacetadas na cabeça de toda a gente. Os problemas resolvem-se ao mudar mentalidades, não fazendo

inimigos.

– Obrigada – diz Ariel. – E, Persephone...

– Sim?

– Tenho mesmo de confiar em ti quanto a isto. Por favor, não olhes para o resto do acordo.

– Prometo. Nem sequer espreito. Literalmente.

Persephone é o guia principal de Ariel para o jargão das ideologias; trata-se da única coisa para que serve o ensino superior contemporâneo. Ouvem juntas a NPR, e Persephone explica à patroa de que raio falam eles.

A princípio, Ariel temia que Persephone se revelasse só mais um problema na sua vida. Mas forçou-se a dar um passo atrás e a tentar olhar para a jovem mulher com nitidez, não para a pessoa que Ariel queria ver, mas para a pessoa que a outra era mesmo. Não para uma inimiga a rejeitar, mas uma aliada a acarinhar.

CAPÍTULO 28

Dia 2. 14h04

Tudo avança finalmente, até que, de repente, deixa de avançar. A notária abana a cabeça.

– Quem é esta? – pergunta, apontando para os papéis. – Esta tal de Laurel Turner?

Ariel desanima e cobre a cara com as mãos.

– A senhora chama-se Ariel Pryce, correto? Mas este documento é para uma Laurel Turner. Não percebo.

Entre as muitas coisas que poderiam pôr em causa a sua credibilidade, Ariel não antecipara aquela.

– Mudei de nome há muito tempo. Nesses documentos, consta o meu nome antigo.

A notária parece levar aquilo como uma ofensa pessoal.

– Lamento. Não tenho uma identificação com esse nome antigo.

– Nada?

– Não. Não aqui.

A notária suspira.

– Isto – anuncia – é um problema grave. Muito grave.

* * *

Kayla Jefferson pousa a impressão dos registos telefónicos na secretária da chefe de divisão.

– Minha nossa Senhora! – exclama Griffiths ao folhear as páginas. – Isto é imenso.

– Sim, dir-se-ia que o John Wright usa o telemóvel para tudo. Marquei a azul as coisas que parecem ser chamadas para clientes. O verde é para viagens... hotéis, restaurantes, automóveis, um sítio onde alugam *Segways*.

– Desculpa, aluguer de *Segways*? Que raio quer isso dizer?

– Estás a ver aquelas coisas? – Jefferson fecha os punhos diante da barriga, como se segurasse um guiador. – Parecem umas trotinetes verticais. As pessoas andam por aí a zumbir, feitas idiotas.

– Ah, sim.

– A vermelho, estão os contactos pessoais. Quando não está assinalado, quer dizer que ainda não sabemos qual é a relação com o Wright. Ainda estou a trabalhar nisso.

Griffiths vira a página, e Jefferson aponta para qualquer coisa.

– Esta chamada veio da garagem de um mecânico perto da quinta da Pryce. E esta aqui é a irmã do Wright em Marraquexe.

– Marraquexe? – Griffiths vira outra página e depois volta atrás. – A irmã dele vive em Marrocos?

– Assim parece.

– É um sítio estranho para uma mulher americana viver, não é?

– Ai, é? Há muitos imigrantes americanos em Marrocos.

– Hum. Vamos investigar esta irmã.

– É para já.

– E também o mecânico. Consegues ver do que se trata?

Jefferson anui com um gesto da cabeça.

– Mais alguma coisa? – pergunta Griffiths.

– Sim. Há uns minutos, ela teve uma conversa telefónica muito estranha, acho que com uma das empregadas.

– Muito estranha? Como assim?

– Vais querer ouvir.

* * *

– Olá, novamente, Mr. James, fala Laurel Turner. Acabo de reparar que tenho um pequeno problema com a papelada. Já não me chamo Laurel Turner, mudei de nome e não tenho um documento com esse antigo nome. Por isso, a notária não pode aprovar a minha assinatura neste acordo.

– Estou a ver.

– Pode voltar a escrevê-lo com o meu nome atual?

– Terei de confirmar com o cliente.

– Por favor – diz Ariel –, pode fazê-lo depressa?

Ariel pergunta-se se James conhecerá a identidade do cliente ou se aquele advogado é só mais um fantoche ignorante, o subcontratado de um subcontratado, um apoio jurídico anónimo entregue a terceiros, protegido por várias camadas de isolamento.

– Faz ideia do que se passa aqui? – pergunta Ariel.

– Ouça, Ms., hum, qualquer que seja o seu nome. Isto não é mesmo um problema meu.

Vinte minutos depois, Ariel controla-se para não se lançar ao pescoço da notária para a apressar. A mulher parece virar as páginas numa câmara lenta propositada, conferindo duas vezes sabe-se lá o quê, com os olhos a saltarem repetidamente entre o passaporte de Ariel e o acordo. É como se inventasse novas formas de perder tempo, como um taxista a querer aumentar a tarifa para um turista.

– Muito bem – anuncia a mulher de forma abrupta, assinando com um floreado teatral. – Está feito.

– Graças a Deus.

Ariel recolhe as folhas. Poderá aquela fulana vir a ser uma fuga de informação? Terá um vínculo de confidencialidade? Terá, como prometido, lidado apenas com a sua responsabilidade específica, ou seja, confirmar a identidade de Ariel, garantindo que quem assina o documento é a pessoa nele referida? Estaria ela obrigada a fazer vista grossa a tudo o resto? Fez? Fará?

Os pormenores do acontecimento que desencadeara o acordo – a própria existência deste – estão todos ausentes da papelada, todos enterrados bem fundo no passado. Mas aquele documento pode, sem dúvida, constituir um começo. Pode ser a pá.

* * *

– Obrigada por arranjar tempo para falar connosco.

– Ora essa – diz Jorge Vicente. – Em que posso ser útil?

A inspetora Carolina Santos observa as paredes cobertas de painéis de madeira, repletas de pinturas a óleo em molduras douradas: uma cena de caça, um baleeiro em ação, camponeses a cuidarem de um pomar. Tudo imagens de homens em plena exploração da terra. Suspira, perante o óbvio.

– Temos umas perguntas a fazer sobre o John Wright – informa Moniz.

– Isto é terrível. – O olhar de Vicente passa de um inspetor para o outro. – Sinto-me, não sei, *envergonhado* por acontecer a um americano por cá. Como se a culpa fosse nossa.

– Concordo – replica Moniz. – É humilhante quando um crime contra estrangeiros acontece cá, sobretudo com americanos. É como se os piores preconceitos deles se justificassem. Nós, na polícia, levamos isso a peito.

– Imagino que sim.

– Não queremos tomar-lhe muito tempo. – Moniz abre o bloco de notas. – Qual é o propósito da visita que o Mr. Wright lhe faz?

– Ele está cá para nos preparar para uma ronda de financiamento.

– Financiamento do quê? Se me permite a pergunta.

– Não é segredo. Queremos angariar quatrocentos milhões de euros para a compra de um terreno a um dos nossos concorrentes, que atravessa tempos difíceis e está, portanto, disposto a vender. Esta compra traria uma grande

mudança de escala ao nosso negócio.

– Poderá dar origem a alguma má vontade? Há outros concorrentes interessados em comprar o terreno?

– Sim. Também eles são convidados a fazerem propostas. Mas este é um investimento de uma dimensão que não se adequa a qualquer um. Embora talvez não esteja a perceber, ao certo, o que pergunta.

– Estaria algum concorrente desesperado por impedir o negócio?

– Ah, estou a ver. – Vicente abana a cabeça. – Não. Certamente não é suficiente para raptar um consultor. Para quê? Atrasar o financiamento? – Abana a cabeça com mais veemência. – Não.

– Lembra-se de mais alguém que possa querer raptar este americano? Seja por que razão for?

– Não.

– Ele parece-lhe um alvo natural para um rapto?

– É isso que me parece estranho. Quando a sua colega me falou no rapto, pensei: mas porque iria alguém raptá-lo a *ele*? Já vimos demonstrações de riqueza por aqui, sobretudo dos britânicos e dos russos, com os seus iates e vivendas no Algarve. Há tantos estrangeiros em Portugal que encaixam no perfil de alvos lucrativos para um rapto. Mas o John Wright... não é um deles.

– Obrigado – declara Moniz, olhando então para Santos e dando-lhe a oportunidade de fazer perguntas adicionais.

– Há alguma coisa inusitada na visita do Mr. Wright? – pergunta ela.

– Pode dar-me um exemplo?

– Não sei. Qualquer coisa. É de última hora? Ele fez algum pedido especial quanto a datas, horários, alojamento ou refeições? O que quer que seja?

– Bem, agora que fala nisso... Não me parece que esta visita fosse totalmente necessária. O Mr. Wright esteve cá há uns meses e também uns meses antes disso. Já fizemos a parte mais importante do trabalho e estamos na fase derradeira, a preparar os materiais, o que, segundo me parece, poderia ter sido feito facilmente por telefone e *email*. Ele não precisa de estar cá.

– Talvez a vinda seja para fortalecer a relação?

– Sim, talvez. Mas a nossa relação, por esta altura, já está bem estabelecida.

– Poderá ser uma espécie de celebração?

– Seria prematuro.

– Tem um palpite sobre o motivo pelo qual quis ele vir?

– Não.

– Talvez tenha que ver com a mulher? – sugere Santos.

– Com a mulher dele? – Vicente faz uma careta: é possível. – Talvez. Fiquei surpreendido quando soube que ele tencionava trazê-la na viagem.

– Surpreendido? Então, a presença dela não foi ideia sua?

– Ideia minha? Porque queria eu que ele arrastasse a mulher do outro lado do oceano? Na verdade, fiquei um pouco incomodado. A senhora quer

que se organize um jantar com a minha mulher, os meus colegas e as respetivas esposas... – Vicente esboça um gesto com a mão. – Uma coisa interminável, uma enorme chatice.

Santos sorri. Eis a primeira mentira, confirmada e definitiva.

– Obrigada pelo seu tempo – remata.

* * *

– Bem, agora sabemos – diz Santos. Estão de volta ao passeio, onde faz muito calor e o sol bate forte.

– Sabemos o quê?

Santos semicerra os olhos, enquanto tira os óculos de sol de dentro do saco, óculos quase do tamanho de máscaras de esquí, que lhe escurecem todos os cantos do campo de visão, de todos os ângulos. Moniz desconfia que aquele enorme objeto, destinado a protegê-la, deve, na verdade, dificultar-lhe a visão.

– Sabemos que o Wright mentiu – explica Santos no tom mais hipócrita possível. – Disse à mulher que tinha sido o cliente a pedir que ela viesse. O cliente acaba de negá-lo.

– Talvez.

– Talvez? Como assim? Talvez o quê?

– Talvez tenha sido o Wright a mentir. Talvez não. Não temos a certeza.

Santos olha ele, mas Moniz não consegue ler-lhe a expressão por trás dos óculos. Talvez seja essa a ideia.

– Talvez – continua Moniz – o Wright nunca tenha dito tal coisa à mulher. A única razão para pensarmos que o fez é porque ela no-lo disse. Talvez seja ela quem está a mentir.

Moniz pode ver que Santos está prestes a protestar, mas é interrompida pelo toque do telemóvel.

– Olá, Érico – diz, ouvindo-o durante uns segundos. – Obrigada. Vamos já para aí.

* * *

Na casa de banho do notário, Ariel observa-se fixamente em mais um espelho, respirando fundo, sozinha, a tentar abrandar a pulsação, acalmar os nervos, sossegar o cérebro. Sente tantos e tão variados pânico dentro de si, tantas ameaças distintas que convergem.

– Pronto – murmura para consigo. – Isto está feito.

Sabe que, em termos teóricos, se encontra em terreno legal sólido. Todas as suas ações foram racionais, defensáveis. Não violou qualquer termo do acordo; não induziu ninguém a quebrar lei alguma. Mesmo naquela situação de angústia extrema em que se encontra, agiu tão cuidadosamente quanto se poderia esperar. Fez todas as escolhas lógicas que uma pessoa sensata faria.

Cada chamada, cada contacto, cada pedido.

Não é, no entanto, responsável pelas escolhas dos outros; nunca foi. E se a notária se tornar metediga? Ou o jornalista? Ariel fez o que podia. Está a tentar fazer o que pode numa situação terrível para a qual foi atirada. Como já acontecera na altura, quando tudo aquilo começara, quando se encontrava diante de um outro espelho, a tentar recompor-se numa outra casa de banho, um sítio onde se esperaria privacidade completa, um sítio seguro no único sentido em que a expressão era usada naqueles tempos: no sentido físico.

Mas não era.

* * *

Na pequena localidade onde Ariel vive, uma das categorias de serviços sem muitas opções é a assistência jurídica. Há mesmo só um advogado. Sim, outros existirão nas vilas adjacentes, e, se Ariel detestasse Jerry, poderia alargar a rede. Mas gosta de Jerry e confiou-lhe a compra da quinta e da livraria, com algumas complicações resultantes da mudança de nome, do planeamento patrimonial quando George nascera, o consórcio, a apólice do seguro de vida, tudo isso.

Jerry cobra honorários razoáveis. Numa vila como a deles, num ramo como o de Jerry, o sustento depende exclusivamente de recomendações e clientes regulares. Se extorquisse dinheiro a alguém, toda a gente saberia – uma forma rápida de acabar com uma carreira. Por outro lado, Jerry está muitas vezes disponível para oferecer apoio jurídico ocasional em troca de uma noite de copos no bar. Foi assim que Ariel lhe pagou a sua ajuda na aquisição de *Fletcher*, o bode, fruto de uma herança desorganizada do seu vizinho Cyrus.

– Mais uma vez, obrigada, Jerry. – Ainda bebericava o seu primeiro copo de vinho banco e já o advogado se embrenhava no seu terceiro *bourbon*.

– O prazer é meu – replicara ele, erguendo o copo. – Por favor, não fales nisto a ninguém.

– Falar no quê?

– No meu, hum, papel na transferência do bode órfão da herança intestada do falecido. Na verdade... tenho de insistir que assines um acordo de confidencialidade.

Ariel rira do absurdo.

– Escreverei o acordo pela manhã.

Então, ocorrera-lhe uma coisa ainda mais absurda, mas também muito menos.

– O que faremos quanto ao George?

– Qual George?

– O meu filho. Como o impediremos de falar?

Jerry revirara os olhos teatralmente. Aquilo devia acontecer-lhe todas as noites, sentar-se ali a beber o jantar. As pessoas faziam-lhe perguntas idiotas.

– O George é menor. Não o podemos forçar a assinar acordos de confidencialidade.

– Então, pode falar à vontade? Revelar a origem da posse do bode?

– Bem, não podemos fazer nada quanto ao menor. E, infelizmente, o acordo de confidencialidade não nega a existência dos factos.

Jerry segurara o copo como se fosse um adereço numa sala de aula. Ou quisesse imitar um tribunal? Quem saberia. Nem sequer o próprio Jerry, provavelmente.

– No fundo, é isto: tu, uma pessoa que, de momento, faz negócios enquanto Ariel Pryce, quebraste o código dos Estados Unidos... Sabes que mais? Terei de te dizer mais tarde qual a lei exata... Roubaste gado...

– O *Fletcher* é gado? Acho que é mais um bicho de estimação da família.

Jerry ignorara a objeção, prosseguindo.

– Da herança de Cyrus Latham Jr. Isso é um facto. Mas o signatário do acordo de confidencialidade, tu, ficará proibido de partilhar este facto com qualquer pessoa. De introduzir o facto no domínio público. De *revelar* o facto.

Ariel rira-se, incitando-o a continuar. Queria saber aonde iria aquilo dar.

– Um acordo de confidencialidade, minha senhora, não *muda* a história. Só amordaça certas *testemunhas* da história. Mas e se um não signatário descobrir esses factos sozinho, sem a ajuda das partes signatárias?

Jerry encolhera os ombros.

– Então?

– Não há nada que um acordo de confidencialidade possa fazer.

Jerry acabara a bebida, bamboleano.

– Os factos continuam a ser factos – dissera. – A verdade é a verdade.

CAPÍTULO 29

Dia 2. 16h11

Quando o telefone do quarto toca, Ariel encontra-se na varanda estreita, a observar a praça em frente do hotel.

– *Senhora Pryce*, está aqui um cavalheiro chamado Guy Cicinelli à sua procura. Do escritório de, hum... – Ariel ouve a voz do homem ao fundo – ... do escritório de Nigel James?

– Vou já aí ter. – A mulher apressa-se novamente escadas abaixo, virando a esquina para a receção.

– Guy Cicinelli – anuncia um indivíduo, avançando rapidamente na direção dela. É um homem jovem que veste um fato justo de homem jovem, com o colarinho estreito, sapatos pontiagudos, cabelo meticulosamente despenteado. Transporta uma pasta com aspeto sério numa mão, estendendo a outra, para a cumprimentar. – Muito prazer.

– Isso é para mim? – pergunta ela.

O homem esboça um sorriso tão fugaz que ela quase duvida que tenha existido.

– Nem tudo. – Baixa a voz. – Importa-se que tenhamos esta reunião no seu quarto?

Importar-se? Sim, claro que se importa, e ele pode lê-lo na sua expressão.

– Precisamos de privacidade, lamento – continua o seu interlocutor. – Isto não é uma simples entrega.

Ariel percorre, mentalmente, os espaços públicos do hotel.

– Que tal no restaurante?

– Tenho mesmo de insistir. – Uma vez mais aquele lampejo de sorriso fugaz. – Talvez se sinta mais à vontade se ligar ao Mr. James para confirmar a minha identidade? Faça favor.

Ariel apercebe-se de que, se há homem incapaz de a magoar, será aquele.

– Não é necessário – concede, conduzindo-o, então, pelas escadas. Sente os cabelos da nuca eriçados. Destranca a porta e convida Cicinelli a entrar.

Ele examina o *hall*, fecha a porta atrás de si e prende a corrente de segurança.

– Está sozinha? – pergunta. – Importa-se que confirme?

– Força.

– Devo avisá-la de que estou armado. É para minha proteção e também para a sua.

– Está bem.

– Vou agora empunhar a minha arma.

– Hum... está bem.

Tira uma pistola grande do casaco. Ainda que Ariel soubesse o que esperar, a visão da arma deixa-a assustadíssima, sente o batimento cardíaco acelerado.

Cicinelli entra pelo quarto, de arma cuidadosamente em riste, o cano apontado para baixo. Está pronto a disparar sobre alguém, mas não sobre a pessoa errada.

Trata-se de um indivíduo assustador, aquele com que Ariel se encontra agora sozinha; começa a duvidar da prudência de tê-lo deixado entrar, de tê-lo deixado trancar a porta. Ouve os seus passos na casa de banho, a sair de lá. Ouve-o de seguida a dobrar a esquina para inspecionar a cozinha, verificando a *suite* inteira.

– Muito bem.

Cicinelli parece convencido de que aquilo não é uma emboscada, uma fachada, um golpe. Volta a guardar a arma assustadoramente grande e pousa a pasta de metal na mesa de jantar com tampo de vidro, com um tinido suave. Gira a maleta e usa um teclado eletrónico para a abrir. Retira um computador portátil com o pequeno aparelho eletrónico já preso a uma das entradas externas.

– A Internet funciona? – Aponta para um cartão plastificado que explica a ligação *wi-fi*.

– Sim.

O homem curva-se para escrever, os dedos são muito rápidos.

– Muito bem. – Retira um pequeno periférico do saco, liga-o a outra entrada externa do portátil. – Se não se importa. – Indica com a cabeça o aparelho com ecrã de vidro, como um telemóvel, só que quadrado. – Impressões digitais. Para confirmar a sua identidade.

Ariel pousa os dedos no ecrã e espera enquanto eles são analisados. Ouve-se um bip.

– Obrigado – retruca ele, voltando de novo ao teclado. É dos que escreve depressa. Além de ser um homem armado que transporta dois milhões de euros. – Basta-lhe um minuto para transmitir e conferir.

Ouve-se outro bip.

– Muito bem – anuncia Cicinelli, abrindo de novo a pasta e retirando um maço de notas cuidadosamente presas por uma cinta de papel, onde se encontra estampado o valor: 10 000€. Pousa-o na mesa, volta à pasta e retira

outros maços, um de cada vez, contando (quatro, cinco, seis) à medida que cria uma pequena torre. No momento em que termina, remata: – E faz dez, sim?

Ariel assente.

– Cada maço contém dez mil euros; portanto, esta pilha de dez faz cem mil. – Continua a retirar os maços com rapidez, as mãos esvoaçando como as de um malabarista, e faz uma nova torre ao lado da primeira. Ariel junta-se a ele naquele projeto de jardim infantil, construindo pilhas de dinheiro umas atrás das outras, até a pasta ficar vazia, e, em cima da mesa, repousarem duas fileiras de dez torres.

– Muito bem – diz Cicinelli. – Estão aqui vinte maços, cada um com cem mil euros. Isto faz dois milhões. Sim?

– Sim.

– Por favor, confira um ao acaso.

Ariel retira uma das cintas de papel e folheia as notas novas, verdes e brancas. É muito dinheiro. Acena com a cabeça, indicando que está certo.

Cicinelli retira então algumas páginas da tradicional papelada da pasta.

– Assine aqui, se faz favor, e aqui, a confirmar que recebeu. E depois, nos mesmos sítios na cópia. Este conjunto é o seu.

Ariel vai ter direito a um recibo? Como se tivesse acabado de comprar um micro-ondas na Best Buy. Aquilo parece-lhe de loucos, embora, logo a seguir, se lhe afigure completamente racional, óbvio e inevitável.

– Isto é para si. – O indivíduo desdobra um saco de plástico banal, enfia o dinheiro lá dentro. – Pronto, cabe perfeitamente. – Passa-lhe o saco, como um vendedor numa loja.

– Obrigada.

– Muito bem – diz ele. – Creio que está tudo. Concorda?

– Sim.

– Muito bem – repete Cicinelli, pegando na pasta e tirando-lhe as medidas. – Sabe o que está a fazer?

– Não – replica ela. – De todo.

– Importa-se que lhe pergunte o que pensa fazer com este dinheiro?

– Pagar um resgate. O meu marido foi raptado.

– Ufa! Essa é tramada, não é? – Cicinelli enfia a mão no casaco, e Ariel recua, ciente do que aí vem. Efetivamente, ele saca da pistola.

– O quê? – grita ela.

– Não – responde o fulano, segurando a arma ao contrário. – Não estou a... é só... Quer isto?

Será que quer?

– É nova, está limpa, não tem ligação a mim nem a ninguém.

Hum. Aquilo é interessante. Mas será útil?

– Sabe usar uma pistola?

– Nem por isso – replica a americana, abanando a cabeça àquele homem com um nome próprio francês, um apelido italiano, um sotaque inglês, uma

arma alemã e uma pasta cheia de euros.

– Veja, é fácil. – Ele mostra-lhe o mecanismo, como pôr as munições, a segurança. – E pronto. Aponte, aperte. – Encolhe os ombros. – Não é complicado.

Fácil. Nada complicado. Está mesmo convencido disso? Ariel olha para aquele equipamento perigoso, que certamente não deseja.

A sua única hesitação prende-se com o facto de não saber que imagem passará se recusar, se parecer demasiado desdenhosa no que respeita a ter uma arma. Pode dar a sensação de que não se preocupa com o momento do pagamento do resgate, em vez de transmitir a ideia de que teme escalar as tensões com poder de fogo desnecessário.

Mas e daí? Quem quer saber? Cicinelli é só um mensageiro. Não tem de se preocupar com as possíveis suspeitas que acalente.

– Obrigada. É muito gentil da sua parte, mas não sei como... – Ariel aponta para a arma. – E os raptos devem saber. Além disso, não quero que pareça que estou a pensar trair quem quer que seja ou roubar alguém. Não me parece boa ideia. Para mim.

Cicinelli olha-a fixamente, a avaliar o seu raciocínio, perguntando-se se vale a pena discutir.

– Claro. Deve ter razão.

– Mas obrigada pela oferta.

Cicinelli anui, gira sobre os calcanhares, destranca a porta.

– Boa sorte.

Ariel prende a corrente de segurança atrás dele, após o que se encosta à porta, olhando o quarto, a janela, a paisagem urbana que se estende. Ali está ela, sozinha numa *suite* de hotel, com dois milhões de euros, à espera de que o telefone toque. O fim está próximo.

O fim desta parte, pelo menos.

* * *

Pete Wagstaff aceita que uma certa medida de raiva lhe seja dirigida. A sua profissão envolve, frequentemente, trair a confiança das pessoas: desenterra os seus segredos e expõe-nos. Leva os seus interlocutores a dizerem coisas que não querem dizer oficialmente e depois é ele quem torna esses registos oficiais, é ele o registo. E ainda que esteja habituado à raiva daí resultante, continua a sentir-se, de quando em quando, bastante mal por isso.

Aquela é uma dessas vezes. Procurou as confidências daquela pobre mulher; posicionou-se no seu caminho para a poder ajudar, mais concretamente para a poder explorar, o que é, sem dúvida, eticamente duvidoso, no mínimo. Também é pouco simpático.

Porém, a Primeira Emenda não existe para simpatias. A ideia da imprensa livre não é fazer amigos.

Wagstaff foi cuidadoso ao fotografar o documento. Certificou-se de que

tudo ficava legível. Foi cauteloso para não ser visto pela rececionista. Teve o cuidado de voltar a pôr os papéis na posição original, para que Pryce não soubesse que lhes havia tocado. Mas ela soube, ainda assim. Por vezes, não é preciso uma prova para se saber que se tem razão.

Está-lhe a ser difícil extrair grande coisa do acordo. Parece ser uma emenda a um velho contrato, de há catorze anos, com todos os termos e sanções ainda em efeito, mas nenhum enumerado no novo documento.

Ariel Pryce é uma das partes. O outro signatário assina vagamente com um "Ltd." e uma morada física na Grande Caimão, provavelmente partilhada com centenas ou milhares de outras Ltd., parcerias e corporações, todas desejosas de ocultarem as identidades dos respetivos proprietários, protegerem os seus ativos, minimizarem a exposição aos impostos e obrigações legais, escondendo-se nas sombras criadas por advogados para esse fim específico.

Aquela couraça é algo que Wagstaff sabe que pode ser investigado, cruzando-se referências de endereços postais com números de telefone, registos de tribunal, transferências imobiliárias, escritórios de advogados e banqueiros privados, retirando camada após camada, fazendo o caminho ao contrário pelo labirinto. Isso implicaria imenso trabalho de sapa, sem qualquer garantia de encontrar uma resposta definitiva nem de que essa resposta interessasse a alguém. Mas é isso que fazem os jornalistas, não é? É nisso que consiste a investigação: procurar sem saber o que se vai encontrar. É assim que se descobre a verdade.

* * *

– Ora bem – anuncia Jefferson –, já identifiquei uma série de outras pessoas dos registos telefónicos do Wright.

Nicole Griffiths passa os olhos pelas notas de Jefferson – COLEGA DE QUARTO NA FACULDADE, AMIGO DE TRABALHO, PRIMO. Vira a página e volta atrás.

– Hum. As chamadas para a irmã.

– Em Marraquexe.

– São muito regulares, ao longo de muito tempo. Quase todas as semanas. E, de repente, param. – Griffiths vira uma vez mais a página. – Completamente. A última chamada foi há três meses. Nem uma desde então.

– Ter-se-ão zangado? Ou talvez a irmã tenha arranjado um telefone novo, com um número que não é marroquino. Pode ser um daqueles que ainda não identificámos.

– É possível. – Griffiths estuda novamente as páginas. – Mas nenhum destes outros números recebeu chamadas tão regulares. Porque deixaria o Wright de falar com a irmã há três meses?

– Foi quando se casou. Talvez tenha acontecido alguma coisa, não?

– Oh, é óbvio que aconteceu alguma coisa – replica Griffiths. – Temos de

descobrir o quê. Vamos investigar mais sobre a irmã. Então, e o mecânico?

– Desculpa, não levou a lado nenhum. O mecânico diz que não conhece ninguém chamado John Wright, que não ligou a ninguém com esse nome.

– Mas ligou.

– Por engano, talvez.

– Talvez não, Jefferson. Insiste um bocado. E tens mais alguma coisa sobre a tal Ltd. de que a Pryce falava com a funcionária?

– Não, desculpa. Não consigo apanhar quase ninguém de Langley ao telefone. Ainda é cedo por lá, e é quatro de julho.

– Está bem. Não desistas.

* * *

– Meu Deus! – exclama a mulher deslumbrante. – Foi raptado? Isso é horrível.

– É, sim – replica Carolina Santos. – E tem a certeza de que era o mesmo homem?

– Sem sombra de dúvida. Mas estava com a mulher, então, decidi fingir que me tinha enganado. – Encolhe os ombros. – Não queria causar-lhe sarilhos.

– Diga-me, se faz favor, como se conheceram – pede Santos. Moniz parece demasiado embasbacado com a mulher para fazer perguntas.

– Numa discoteca.

– Quantas vezes se viram?

– Só nessa noite – diz ela, sem qualquer ponta de vergonha. *Ainda bem*, pensa Santos. Talvez haja esperança no mundo.

– Isso foi há quanto tempo? – Santos quer saber o tipo de adultério praticado por John Wright.

– No outono passado. Setembro... Talvez outubro.

Nessa altura, Wright já namorava com Pryce, mas ainda não eram casados. Mau, mas não tão mau quanto poderia ter sido.

– E tem a certeza de que ele lhe disse que se chamava Luigi?

– Sim. Estava bêbada, mas não tanto.

O nome falso incomoda Santos, sobretudo num homem que já mudou de nome uma vez, casado com uma mulher que também mudou o seu nome. Esta gente tem muito a esconder.

– Lembra-se de alguma marca característica que possa provar que é o mesmo homem? Tatuagens, cicatrizes...

A mulher inclina a cabeça.

– Bem...

– O que foi?

– Tem o pénis circuncidado.

Moniz tosse e cora. Se Santos não o conhecesse bem, diria que o colega estava um pouco embeijado por aquela mulher. Há várias formas de amar,

pensa Santos. O ódio é bem mais simples.

* * *

Ariel atende o telefone pré-pago logo de manhã.

– Estou?

– Tem o dinheiro?

Quase admite que não têm os três milhões completos, mas, limita-se a responder:

– Sim.

– Ótimo. Não os traga já. Saia do hotel, vá pela esquerda e vire na primeira à esquerda. Encontrará uma loja de *souvenirs*. Compre dois sacos de desporto, ambos pretos, suficientemente grandes para guardar o dinheiro todo. Enquanto estiver na loja, ponha um saco dentro do outro. Isto é importante. Depois, leve a bagagem para o seu quarto. Ponha o dinheiro no saco que já tem o outro lá dentro. Percebe?

– Sim. E depois?

– Depois, espera.

CAPÍTULO 30

Dia 2. 17h55

O indispensável telemóvel pré-pago que Ariel tem na mão volta a tocar. Ela relembra-se que deve permanecer calma, lembrar-se de respirar e atender.

– Estou sim? – inicia.

– Está pronta?

– Sim.

– O saco está pronto, com o outro lá dentro?

– Sim.

Por sua iniciativa, Ariel fizera uma outra compra na loja de *souvenirs*: um novo telemóvel, que se encontra ligado ao carregador, mas que ainda não foi ativado.

– Pegue no saco, saia do hotel, atravesse a praça. Tenha este telefone na mão. E deixe o seu telefone pessoal no quarto. Isto é muito importante. Saia agora.

* * *

Carolina Santos está ciente de que o colega é um daqueles indivíduos que sabem sempre em que direção seguem. Mesmo que esteja a atravessar um átrio sem janelas num edifício desconhecido, António Moniz saberá dizer que se dirige para sudoeste. Aquela habilidade sobrenatural – ou será um instinto? – nada tem que ver com o funcionamento mecânico de um veículo a motor, a direção, a gestão da velocidade, a consciência da situação. Mas também não andam sempre a fazer perseguições a alta velocidade pelas ruas de Lisboa. Na maior parte dos casos, conduzir bem enquanto agente da polícia significa saber sempre onde se está e para onde se vai. Moniz sabe. Santos, não. Por conseguinte, tem de admitir com relutância que isso faz do colega um melhor condutor, razão pela qual ela viaja no lugar do passageiro, e ele, ao volante.

Passaram a última hora estacionados do outro lado da praça do hotel, a observar. Não é possível que a entrega do dinheiro do resgate ocorra dentro do hotel. Nenhum raptor entraria numa potencial armadilha, pelo menos, nenhum raptor suficientemente sensato e competente para raptar alguém. Então, a americana será obrigada a sair, mais cedo ou mais tarde, para entregar o resgate algures. Será obrigada a fazer algumas manobras evasivas.

Os investigadores estão prontos. Moniz e Santos aguardam ali, no carro, outro inspetor encontra-se ao dobrar da esquina, de olho na porta traseira do hotel, quatro estão estacionados em pontos estratégicos ali perto. Além disso, agentes fardados foram espalhados pelo bairro, em alerta.

– Continuo a não ver observadores americanos. E tu?

Moniz abana a cabeça.

– Esperavas ver a CIA?

Santos encolhe os ombros. Não sabe o que esperar daquela situação.

– Diz-me, António, do que suspeitas em relação a esta Pryce?

– Em particular? De nada. Mas quero ser cuidadoso e não me precipitar nas conclusões. Sim, a *senhora* Pryce parece ser uma bela e agradável mulher que se encontra numa situação lamentável. Talvez demasiado agradável? Talvez demasiado lamentável?

– Não a vais culpar por ser gira e ter azar, pois não? Diz-me que não é isso que estás a fazer.

– Claro que não. Mas todo o ar dela, aliado ao facto de ter vindo ter connosco tão cedo, além de não ter sido completamente sincera sobre tudo, contas no banco, até o seu próprio nome...

– Ninguém é completamente sincero sobre tudo.

– Com certeza. E ninguém é completamente inocente sobre tudo. E quando lhe perguntei por que motivo a irmã do marido está em Lisboa?

– Mas a irmã *não* está em Lisboa!

– Lá estás tu outra vez, Carolina, com conclusões precipitadas. É verdade que não temos provas de que a irmã esteja em Lisboa. Mas pode estar. E a forma como a Pryce respondeu à pergunta?

– Foi pura surpresa.

– Sim, mas surpresa em relação a quê?

– Estavas a atormentá-la com todas as...

– Olha –interrompe-a Moniz. – Aquela é ela?

Uma mulher acaba de sair do hotel com um saco ao ombro.

– Sim. – Santos aproxima da boca o microfone que tem pendurado. – A Pryce está a mexer-se. Tomás? Consegues vê-la?

– Sim.

– Muito bem, Tomás, Érico, lembrem-se os dois: se acham que foram topados pela Pryce ou por outra pessoa, têm de o dizer. O Francisco e a Mariella estão a postos para avançar.

A rua está repleta de pessoas vindas do trabalho, de elétricos ridiculamente perigosos a cambalearem de um lado para o outro, táxis e motoretas a acelerarem pela praça, as buzinas a grassnarem como gansos. Aquele sítio barulhento, com centenas de pessoas a passarem ou a ficarem e uma população difícil de monitorizar, inclui certamente alguns homens, e talvez mulheres, que vigiam Ariel – a CIA, a polícia de Lisboa, os serviços de segurança nacionais, os jornalistas, os raptos, uma combinação de qualquer um destes ou talvez todos, de auricular no ouvido para instruções, pistola na mão para intervenções, carrinhas ao dobrar da esquina, imagens de satélite, interações telefónicas...

Ariel olha em volta, à procura de pessoas que a observem, mas não consegue identificar uma só; todos fingem muito bem. Ou ela está a detetar muito mal.

Quando chega ao lado oposto da praça, o telemóvel volta a tocar.

– Sim?

– Do outro lado da rua, à sua esquerda. Vê aquele café?

– Sim.

– Entre. Não desligue. Diga-me quando entrar.

Ariel esgueira-se pelo trânsito e entra no espaço movimentado e bem iluminado.

– Estou cá dentro.

– Vá à casa de banho.

Olha em volta, encontra o símbolo, o corredor, a porta. Gira o puxador, mas a porta não se abre.

– Raios! – diz ela. – Deve estar alguém lá dentro. Está trancada.

– Espere.

Os trinta segundos parecem uma eternidade, até que surge uma mulher. Ela sai e passa por Ariel, que tem um ar tresloucado, dando-lhe o maior espaço de manobra possível dentro dos limites do corredor estreito.

– Estou na casa de banho.

– Tranque a porta. Vê uma prateleira por cima do lavatório?

– Sim. – Está cheia dos apetrechos habituais numa casa de banho comercial.

– Veja atrás dos rolos de papel higiénico à direita.

– O que procuro?

– Já vai ver. – Encontra um telemóvel com uns auscultadores ligados. – Já o tem?

– Sim. – O novo aparelho começa logo a tocar.

– Ponha os auscultadores e atenda.

Ariel assim faz.

– Agora, desligue a chamada no telemóvel antigo, coloque-o atrás dos rolos e saia.

Ela serpenteia pelas mesas.

– Estou cá fora.

– Conhece o Elevador de Santa Justa?

– Conheço. – O elevador tem mais de trinta metros, poupando a quem anda a pé a chatice de subir uma longa escadaria numa colina íngreme que separa um bairro do outro. Fica só a alguns metros de distância.

– Vá até lá e suba.

Ariel estuga o passo, virando a cabeça da esquerda para a direita, para trás e para a frente, alerta não só a quem a possa seguir, mas também a carteiristas ou assaltantes de qualquer espécie. Lisboa não é um sítio perigoso, mas agora seria um péssimo momento para lidar com qualquer perigo. Repara em dois rapazes adolescentes a vadiar diante de uma porta, as cabeças para baixo, mas os olhos para cima, dardejantes, matreiros – assumem uma pose lupina, predatória. Mas não reparam em Ariel. O que quer que cacem, não é alguém como ela.

Após escassos minutos de marcha, lá está ele, o acesso superior ao *elevador*, que lembra uma Torre Eiffel mais pequena e utilitária. Ao lado do elevador, avista-se uma longa escadaria, na base da qual fica a entrada. Ariel examina a cena do cimo daquela escadaria cheia de gente, com um dos lados preenchido por um ajuntamento denso, que percebe tratar-se de uma fila – uma centena de pessoas espera para subir àquela velha atração e apreciar a vista da plataforma do topo.

A americana suspira, aquilo vai levar uma eternidade. Mas não tem escolha, pelo que se instala no fim da fila, ao lado do movimentado fluxo do trânsito pedonal, pessoas a subirem e a descerem a rua, sacos de compras da Nike e da Foot Locker, da Mango, da H&M e da Sephora, as mesmas lojas que há em todo o lado. Novos grupos aumentam rapidamente a fila atrás de si – a luz de fim de tarde está bonita para tirar fotos do cimo –, um grupo atrás do outro, uma família com um escaldão e sotaque londrino, seguida por meia dúzia de japoneses idosos, arás dos quais se posiciona um trio de raparigas adolescentes a posarem para *selfies*, com sinais da paz, beicinhos e gritinhos umas para as outras, clamando por atenção, desavergonhada e indiscriminadamente.

Ariel aperta com mais força a alça do saco. Aquele seria um sítio fácil para a roubar, um sítio difícil para perseguir o assaltante.

A fila não pode ser o local da entrega – é demasiado público, demasiado óbvio, demasiado vigiado, demasiado cedo. Ainda não recebeu instruções para realizar manobras evasivas. Quem quer que a vigiasse no hotel, ainda a vigia agora, quiçá empoleirado atrás dela no cimo das escadas, talvez com um parceiro que tenha corrido até à parte de baixo e esteja agora a espreitar, de sentinela. Ariel encontra-se ali entalada, no meio daquela multidão densa, de toda aquela atividade, de toda aquela humanidade.

Sem aviso, a fila começa a avançar, hesitante, rumo à bilheteira. Desce quatro passos, para, dá mais três passos, para de novo. Ariel desce cuidadosamente até ouvir novas instruções ao ouvido:

– Agora, saia da fila. Desça os degraus.

A americana obedece às instruções, andando mais depressa do que as pessoas que descem a seu lado.

– Está um táxi ao fundo. Consegue vê-lo?

– Não. – Pânico. Depois, lá o vê. – Sim, agora vejo-o.

– Entre nele. O motorista espera-a. Peça para levá-la à paragem do elétrico na Rua de São Paulo.

– Pryce? – pergunta o motorista pela janela. Ariel anui e indica-lhe o destino ao entrar. O carro dobra uma curva, desce uma rua íngreme e depressa saem do bairro comercial, entrando numa zona mais agreste, com os passeios mais estreitos, os prédios próximos da estrada, uma atmosfera claustrofóbica. Seria o local ideal para uma emboscada, uma barricada, fogo cruzado.

– Diga-me quando sair do táxi.

No fundo da encosta, o carro entra por uma rua mais animada, menos inquietante, e, ao cabo de uns quarteirões rápidos, trava abruptamente. Uma viagem curta.

– Obrigada – diz Ariel, passando uma nota ao motorista. Depois, ao telefone: – Já saí.

Olha de relance a retaguarda, a rua de sentido único, à procura de alguém a segui-la. A princípio, não vê nada, mas depois avista uma motoreta, a uns cinquenta metros, a abrandar e a encostar ao passeio.

– Passe a paragem do elétrico, em direção ao edifício amarelo.

Ela olha para estrutura suja de grafíti, um portão com uma arcada e um painel que anuncia ASCENSOR DA BICA.

– Já lá estou.

– Entre no edifício. – Um espaço industrial sombrio, o terminal inferior de um funicular. Uma carruagem aguarda, de portas abertas, com um punhado de pessoas já sentadas. – Suba ao *ascensor*. Preste atenção a quem chegar depois de si. Diga-me quando fecharem as portas.

Ariel espera que o homem que a seguiu na mota apareça, mas ele nunca chega. Alguns outros passageiros entram no momento em que as portas se fecham.

– Pronto – diz Ariel –, estamos a andar.

– Olhe para os passageiros que entraram depois de si. – Uma mulher de meia-idade a carregar sacos de compras, um homem mais velho com um jornal, um casal jovem. – Uma ou mais dessas pessoas pode estar a segui-la. Sabe dizer qual?

– Não.

O elétrico range vagarosamente colina acima.

– Avise-me assim que passar a primeira rua perpendicular aos carris.

Já está a aproximar-se.

– Estamos quase lá.

– Agora, salte.

– O quê? – Há uma grade retrátil a bloquear a saída. – Não consigo fazer isso.

– Consegue, sim. Não é difícil. Salte. Agora.

Ela levanta-se, são só dois passos até à porta e, é verdade, não será assim tão difícil passar uma perna por cima da grade, coisa que ela faz, enquanto alguém atrás de si lhe grita algo. Ariel ignora, passando a segunda perna por cima da grade e segurando-se à parede do veículo. Encontra-se agora com o rabo equilibrado em cima da grade e não há nada a fazer senão saltar...

* * *

– De certeza que é a transação correta? – Griffiths não consegue esconder a desilusão. Esperava que aquilo fosse a grande revelação, lá estaria ele, o homem em Washington, DC a quem Ariel Pryce extorquirá milhões de dólares. Mas, em vez disso, o ecrã de Jefferson mostra uma mulher por trás do balcão de uma loja de conveniência a comprar um telemóvel pré-pago, em dinheiro.

– Não há dúvida – diz Kayla. – Desculpa.

– Pronto, o que podemos tirar daqui? Vamos rebobinar... Ali. Ela abre a carteira. Esse é um cartão American Express verde. E é uma carteira *Louis Vuitton*.

– Ou falsa.

– Bem visto.

– Parece que traz uma fita por baixo do casaco – atenta Kayla. – Não me lembro de nenhum sítio que use fitas daquela cor. Significa alguma coisa para ti?

– Cor-de-rosa? – Griffiths troça. – Sim, significa que comprou a sua própria fita para segurar a identificação. Há filmagens do exterior?

– Não da loja, não. Mas contactei outras lojas do quarteirão cujas câmaras possam ter um ângulo sobre esta porta. Aviso-te quando nos responderem. Mas...

– Pois, pois, já sei, já sei: quatro de julho. Não estou com grandes esperanças.

* * *

Ariel aterra desajeitadamente na rua íngreme, tropeça, cai sobre um joelho e finca as duas mãos espalmadas no chão para se equilibrar. Cada vez mais pessoas lhe gritam do elevador, mas ela vê, por cima do ombro, que o carro amarelo não para, com o condutor a abanar a cabeça, consternado, e todas as outras caras à janela em desaprovação.

– Está ferida?

Ariel levanta-se e puxa o saco para o ombro.

– Nem por isso.

– Alguém saiu do elétrico atrás de si?

– Não. – Esfrega o joelho, confirmando que lhe dói. Com toda a

adrenalina, é difícil perceber.

– Ótimo. Vá até à rua perpendicular, vire na primeira à direita. Fica a uns segundos.

– Já virei.

– Agora, na primeira à esquerda. Há um sítio chamado Bar Porto. Está a ver?

– Sim. – Alguns grupos de jovens encontram-se cá fora, na rua estreita, com as garrafas de cerveja e cigarros de cravo, sandálias, calças de harém e óleo de patchuli.

– Entre no bar, atravesse a primeira sala até ao vestíbulo; depois, vire-se para a porta.

É um espaço pouco iluminado, com luzes penduradas do teto, barris em vez de mesas e um cheiro almiscarado. Na outra ponta da sala, uma cortina de contas separa um pequeno vestíbulo e uma porta frágil com um sinal que indica “WC”.

– Vou para a casa de banho?

– Não. Vigie só a entrada, caso a tenham seguido.

O bar está cheio, mas ninguém presta atenção a Ariel, tirando o empregado de balcão, que acena com um gesto da cabeça. Ariel acena-lhe de volta e olha novamente para a porta, de onde surge a silhueta de um homem, que para e...

Oh, não, pensa ela.

...e continua a andar.

– Alguém entrou atrás de si?

Já passaram uns quinze segundos desde que chegou.

– Não.

– Tem a certeza?

– Sim.

– A seguir à casa de banho, há mais duas portas. Abra a última e avance.

Ariel encontra-se então numa viela estreita, com paredes de pedra dos dois lados, caixotes do lixo e um caixote de madeira cheio de garrafas vazias.

– ...e feche a porta quando sair.

Um dos extremos da viela não tem saída. Na outra direção, faz uma curva. Ariel não consegue ver aonde vai dar, mas deve ser a uma rua. Dever ser por aí que tem de ir.

– E agora?

A voz não responde, mas a resposta é subitamente óbvia: alguém surge da esquina, ocupando o espaço estreito, aproximando-se de Ariel a passos largos.

* * *

– Olá, Pete, como vais?

– Myron. Obrigado por me ligares.

– Ora essa. Primeiro, quanto àquela Ltd. nas Caimão, devo avisar-te: isto

não é tarefa fácil. Pode levar semanas, meses, pode nem ser possível. Estas coberturas legais são montadas especificamente para serem inescrutáveis, por norma, por gente que sabe o que faz.

– Disseste que *pode* levar algum tempo. Quer dizer que pode não levar?

– A exceção é se o trabalho de sapa já tiver sido feito por outra pessoa que se dedicou a investigar esta Ltd. em particular ou qualquer outra entidade filiada do mesmo escritório de advogados, banco ou governação corporativa local. Então, pode ser uma questão de dias, de horas até. Mas não contes com isso.

– Está bem, obrigado, Myron. Serei paciente.

– Claro que serás.

– E quanto à certidão de nascimento?

– Pois, desconfio que também não vais gostar dessa resposta. Mas não deixa de ser interessante.

CAPÍTULO 31

Dia 2. 18h22

Ariel observa a figura que se aproxima velozmente, uma mulher com todos os adornos dos *hippies* – uma blusa feita à mão, calças de linho largas, *Birkenstocks*, um *piercing* no nariz, rastas de rapariga branca e grandes óculos de sol redondos, como os de John Lennon. Arrasta as presilhas da mochila suja e maltratada, que não é para transporte de livros, antes uma peça complexa de equipamento de exterior, com um saco-cama preso ao fundo e até com uma daquelas taças de esmalte sarapintado.

Quando já se encontra só a um braço de distância, a mulher roda a mochila para a frente, pousa-a no chão e ajoelha-se atrás dela. Aponta, então, para o saco ao ombro de Ariel.

– Quando...

– Chiu – diz a mulher num silvo, abanando a cabeça.

O homem no ouvido de Ariel ordena:

– Abra o saco, tire o saco vazio e pouse-o no chão. Depressa.

Ariel assim faz. A mulher coloca a mão dentro da grande mochila para tirar um pequeno monte de jornais, que enfia dentro do saco vazio de Ariel. Repete, então, o gesto com outro monte de jornais. Puxa o fecho do saco cheio de jornais e aponta para o que ainda contém dois milhões de euros.

– Ponha o dinheiro na mochila da minha colega.

– Ouça – sussurra Ariel –, devo dizer-lhe: não tenho tudo.

– O quê? – Pausa. – Como assim?

– Tenho aqui dois milhões, não três.

– Foda-se. Foda-se!

– Eu tentei. Tentei mesmo. Peço desculpa.

– Desculpa? Desculpa? Quem quer saber de desculpas?

– Pois, eu sei.

– Fomos muito claros. Muitíssimo claros.

– Foram, sim – replica Ariel em voz baixa. – E eu fiz o possível. Mas não

consegui os três. É tanto dinheiro em tão pouco tempo...

– Então, devíamos só devolver dois terços do seu marido.

– Por favor. A culpa não é dele. – A americana consegue ouvir a respiração ao telefone. Continua: – Mas cá estamos. Não prefere dois milhões de euros neste instante, e safar-se em segurança, a dinheiro nenhum, nada exceto um refém, com a polícia, a CIA e sabe-se lá quem mais atrás de si?

Ariel escrutina a mulher, com os seus olhos semicerrados por trás dos óculos redondos, uns auscultadores também nos ouvidos. Escuta ambos os lados daquela conversa.

– Foda-se! – exclama o homem outra vez. – Foda-se – repete, de forma menos explosiva, após o que anuncia: – Está bem.

A mulher *hippie* volta rapidamente ao trabalho, fechando a mochila com o dinheiro lá dentro. Quer despachar aquilo.

– Quando me devolvem o meu marido?

– Muito em breve – responde o homem ao seu ouvido.

– Muito em breve. O que quer isso dizer?

– Quer dizer “muito em breve”.

A mulher ainda não disse nada. Levanta a mochila.

– Pegue no saco cheio de jornais e vá até ao fim da viela, saia e vire à esquerda. Depois, vá a direito.

A mulher tem de novo a mochila às costas e pousa a mão na porta traseira do bar...

– Ei! Espere aí...

Ignora Ariel, entra, fecha a porta atrás de si. Ariel está sozinha na viela.

– Mas que raio se passa aqui?

– Quando tivermos conferido que o seu pagamento é o prometido, e que a nossa mensageira está a salvo, então, soltaremos o seu marido. Lembre-se: vire à direita no fim da viela, depois, a direito.

– E a seguir?

Ele não responde.

– *E a seguir?*

* * *

Kayla apercebe-se de que olha para o ecrã há quase dez horas seguidas. Não lhe parecia tanto. Aquilo é, em grande parte, o que a atrai para a CIA, para começar: a pesquisa, o trabalho de detetive, o corroer de carapaças de aspeto impenetrável, encontrando fendas passíveis de serem alargadas, exploradas. Kayla nunca quis ser analista, passar o dia sentada em Langley, a fazer apenas investigação. Adora estar ali em Lisboa, no terreno, à caça de agentes humanos – adora ter a oportunidade de recrutar colaboradores. Mas não quer dizer que desgoste daquela parte. Agradar-lhe tudo.

Passou a última meia hora a abrir ficheiro atrás de ficheiro de filmagens de vigilância de Washington, DC e, até agora, só um excerto foi útil. Talvez seja

tudo aquilo de que precisa. Quem lhe dera ter podido ir mais longe no rasto daquela prova, mas chegou a um impasse e, pelo menos por ora, está na altura de informar a chefe.

Griffiths atende ao primeiro toque.

– Diz-me que tens boas notícias, Jefferson.

– Mais ou menos. Um café tem uma câmara exterior virada na direção geral do minimercado. Está demasiado longe e o ângulo é mau para nos fornecer uma imagem útil de quem entra e sai. Mas tem uma boa perspetiva sobre a própria rua. E, no minuto antes da compra do telemóvel descartável, um carro encostou e saiu um passageiro. Esperou e, poucos minutos depois, alguém voltou a entrar e o veículo foi-se embora.

– Diz-me que tens a matrícula. Por favor, diz lá.

– Sim, senhora. É uma empresa de viagens partilhadas.

– Muito bem! Estamos em ação. Isto deve ser canja.

– Deve ser. Mas já me deparei com uma política de privacidade. Dizem que precisam de um mandado. E, como sabes, é quatro de julho.

– Cabrões.

– Pois, isso não sei.

Kayla não quer meter-se no bico de obra de discutir com a chefe os princípios fundadores, no próprio Dia da Independência. A reverência de Kayla, porém, pelas liberdades civis é inflexível. Aquilo, ocasionalmente, põe-na em conflito com o trabalho nos serviços secretos, um campo que se baseia muito nas intrusões de privacidade e na suspensão das liberdades civis, ou, pelo menos, na desconsideração voluntária destas. Desconfia que este paradoxo será um desafio ao longo da sua carreira.

“Por amor da santa, para que queres fazer isso?”, perguntara-lhe o pai quando Kayla lhe contara que se candidatara para trabalhar na CIA. Shawn Jefferson não tinha qualquer confiança numa organização que desse armas a homens brancos, com permissão para as utilizar. Também não seria apanhado a agitar bandeiras, a cantar hinos ou a recitar juramentos de fidelidade. Shawn não sabia onde raio a filha teria ido buscar o seu patriotismo.

Griffiths não discute com ela, não desta vez, perguntando ao invés disso:

– Porque não conversas com o motorista?

– Assim farei – replica Kayla. É aqui que o patriotismo se complica, não é? Quando o impulso patriótico choca com os próprios ideais que a América deveria representar.

* * *

– Voltei a localizar a Pryce – anuncia o agente Tomás. – Acaba de sair de uma viela e dirige-se para oeste. Anda carrega o dinheiro.

– Quanto tempo esteve fora de vista? – pergunta Santos.

– Noventa segundos, talvez dois minutos.

É tempo suficiente, sem dúvida.

– Mas ainda tem o dinheiro? Consegues ver o saco?

– Claramente.

– O que significa que chamar um táxi, entrar num elevador e saltar dele, correr pelo bairro e enfiar-se por esta viela de onde volta a sair... foi tudo uma manobra de evasão, que, afinal, falhou?

– Assim parece.

Santos não acredita.

– Envia-nos a morada mais próxima da viela por mensagem. – Volta-se para o colega. – Envia agentes fardados para falarem com toda a gente por ali, imediatamente. Eles que batam a todas as portas. E depressa.

Moniz obedece, põe-se ao telefone com a esquadra.

Será que Santos deveria ordenar que toda a zona fosse fechada? Só tem uns segundos para tomar a decisão, para mandar cortar um perímetro de três ou quatro quarteirões, coisa que exigiria, o quê? Duas dúzias de agentes, que teriam de chegar dentro de dois minutos, ou tudo seria um grande desperdício de tempo.

Seria sequer possível? Sim, se a justificação fosse que a polícia precisava de isolar o assassino do presidente. Mas para isto? Para os raptos de um empresário americano de pouca importância? Não, estava fora de questão. Mesmo que a tática resultasse – muito pouco provável –, Santos seria crucificada pelo gasto de recursos, pela inconveniência para a população, pela intrusão dos interrogatórios em massa numa tarde tranquila de terça-feira, sem qualquer emergência aparente – sem tiros, sem reféns, sem assaltos a bancos, sem uma ameaça de grande escala ao que quer que fosse. A longa história de autoritarismo em Portugal constitui ainda uma memória viva para muitos, sobretudo entre aqueles que tomam agora as rédeas do poder, pessoas com pouca tolerância para o que quer que seja com laivos de estado policial. O ditador Salazar só morreu em 1970, depois de passar trinta e seis anos como primeiro-ministro.

Não. Fechar aquele canto do Chiado mais depressa valerá a Santos uma repreensão do que um louvor. Talvez até seja despedida. O seu chefe era adolescente em 1974, quando o golpe militar finalmente derrubara o Estado Novo; refere muitas vezes a imagem dos soldados com cravos no cano das espingardas.

– Pronto, Tomás – diz Santos –, fica com ela até à próxima esquina. Depois, Érico, entras tu.

Mas não se sente muito convencida. Está quase certa de que falharam a entrega do resgate. Terá sido no táxi? No elevador? No bar? Ou talvez tudo aquilo tenha sido uma artimanha? Talvez o dinheiro tenha ficado no hotel e toda a rota de contravigilância representasse apenas uma forma de afastar a polícia, uma manobra de diversão complexa. Talvez eles tenham andado a olhar na direção errada todo aquele tempo.

A cada passo que dá, Ariel sente-se mais consciente da dor no joelho causada pelo trambolhão no elétrico. Coxeia sob o peso da dor e do saco cheio de notícias da véspera, e o seu nível de adrenalina começa a falhar, a energia diminui, o corpo de meia-idade começa a ir abaixo. Sente-se incapaz de dar mais um passo, não conseguirá chegar à próxima esquina. Mas chega.

Enquanto espera pela luz verde de um semáforo, Ariel olha para trás. Consegue vislumbrar algumas pessoas – um casal a um quarteirão dali, um homem solitário ainda mais longe. Porém, naquela altura, já não importa quem a segue.

Passaram cinco minutos desde a entrega, dez, e agora entra por um bairro com outro aspeto, do lado oposto da colina; o sol baixo bate-lhe diretamente nos olhos, obrigando-a a semicerrá-los. Sente-se à beira do colapso.

Mas tem de continuar.

* * *

– Jefferson. Isso é que foi rapidez.

– Desconfio que o Anton Dupree, que desistiu recentemente da GW, está envolvido em atividades ilegais ligeiras. O suficiente para se sentir intimidado quando lhe disse que sabíamos no que andava metido e que estávamos dispostos a fazer vista grossa, a troco de uma pequena informação.

– Boa estratégia. E o que anda a fazer esse Anton? – pergunta Griffiths.

– Não faço ideia. Se tivesse de adivinhar, diria que é traficante de rua de drogas recreativas. Mas, seja como for, deu-me logo o nome do passageiro que levou ao minimercado, bem como a morada onde a viagem de ida e volta começou e acabou. Enviei-te agora as coordenadas. Vais querer sentar-te para esta parte.

Ping.

Griffiths abre o mapa, faz *zoom* e fica boquiaberta.

– C’um caraças – murmura. – Bem me parecia que tinha reconhecido aquela voz.

* * *

A rua acaba.

– Mas que...

Ariel para ali, sem ver qual o passo seguinte mais óbvio. Pega no telemóvel descartável e liga para o último número que lhe telefonou, o único que alguma vez ligara para aquele telefone. Ninguém atende, nem sequer toca. O aparelho já nem deve existir.

A rua terminou numa avenida perpendicular. A americana olha para ambos os lados, colina abaixo, em direção ao rio, colina acima, em direção à extensão interior da cidade sem turistas. Nenhuma direção faz sentido.

Ariel contempla os prédios que a rodeiam. Nada se destaca. Encontra-se

diante de um muro de cimento de três metros, com uma porta de correr em metal, o tipo de porta que parece a entrada de um parque de estacionamento, com uma pequena janela ao nível dos olhos, para segurança. De um lado, é possível observar o outro, para garantir que ninguém está à espera.

Ela olha.

* * *

– Não há indicação de pai na certidão de nascimento do George Pryce.

– Nenhuma? A certidão nem sequer diz DE PAI DESCONHECIDO?

– Não. Não diz nada. Essa linha encontra-se em branco.

Pete Wagstaff reflete sobre o assunto.

– Isso significa que a Ariel Pryce sabe quem é o pai, mas, por alguma razão, não o nomeou.

– Sim, é possível – replica Myron, apesar de, aparentemente, não concordar. – Também é possível que ela não saiba quem é o pai, mas não se queira comprometer com essa incerteza num documento oficial.

Wagstaff sente que descobriu alguma coisa importante ali, mas não sabe o quê ao certo.

– Talvez possamos abordar isto através de outra perspetiva.

– Como assim?

– Sabemos para que servem os acordos de confidencialidade, certo?

– Hum...

– Os acordos de confidencialidade existem para esconder más ações. Coisas que podem estar sujeitas a processos penais ou, pelo menos, a julgamentos civis.

– Esse é um motivo. Mas há outros. Como proteger informações confidenciais em negócios, na ciência ou os termos de um contrato em qualquer ramo. Ou para obrigar ao silêncio no que diz respeito a informação obtida ilegalmente, sem recurso a um processo criminal. Ou apenas para guardar um segredo embaraçoso, mas não ilegal. Há imensos casos de acordos de confidencialidade que não envolvem crime, e muitos que podem ser para proveito mútuo das partes envolvidas.

– Tens razão, Myron. Mas o que é o mais comum?

– Não sei. E quase de certeza que tu também não.

– Os mais conhecidos implicam, sem dúvida, relações sexuais inapropriadas ou ilegais.

– Estás a afastar-te demasiado dos factos, Pete.

– Talvez. Mas olha para esta combinação de acontecimentos. Há quinze anos...

– Catorze.

– ...esta mulher devia ser *espetacularmente* bonita. Quero dizer, agora é uma brasa, só posso imaginar. Diz-me quantos acordos de confidencialidade assinados por mulheres novas e bonitas não envolvem sexo?

– Bem, “sexo”, isso é bastante vasto, não achas? Abrange imensas relações diferentes.

– Acordos de confidencialidade assinados por mulheres novas e bonitas e entidades anónimas.

– Lá estás tu a especular.

– De repente, esta mulher nova e bonita larga a sua vida toda, o marido, Park Avenue, a casa, assinando, ao mesmo tempo, um acordo de confidencialidade com alguém que se esconde por detrás de um Ltd. Isto acontece no *preciso momento* em que engravida. Depois, quando a criança nasce, recusa-se a nomear o pai na certidão de nascimento.

– Pronto, está bem, estou a ver aonde queres chegar e é um cenário plausível. Mas acho que não preciso de te avisar de que estás a conjecturar.

– E quinze anos depois...

– Catorze, Pete.

– ...quando esta mulher se encontra ante uma necessidade urgente de uma quantidade tremenda de dinheiro, assina *outro* acordo com a *mesma* entidade. Vá lá, Myron. Tu e eu sabemos o que se passou aqui. Esta mulher teve um filho de alguém que não era o seu marido e assinou um acordo de confidencialidade para manter a paternidade secreta, em troca de dinheiro.

– Não temos a certeza disso. E, mesmo que tivéssemos, isso é crime? Qual é a história?

– Não sei. Mas agora recorreu a esse pai anónimo para pedir mais dinheiro e não só ele o tem, o que significa que é rico, como aceita fornecer-lho, o que, acho, significa uma de duas coisas: ou ela ainda tem uma relação com ele, o que me parece pouco provável, não é? Mais de década e meia depois, um marido novo, muita água sob qualquer ponte que tenham atravessado juntos...

– Ou?

– Ou ela fez chantagem.

Myron não responde por um momento, dizendo de seguida:

– Pronto, prova-o.

– Está bem – diz Wagstaff. – Ajuda-me.

* * *

– Tens a certeza?

– Eu? Hum... Deus me livre! – Kayla Jefferson abana a cabeça. – Estou só a passar a informação que o analista de Langley me transmitiu. Disse-me que ele, sim, tinha a certeza.

– Só para esclarecer, a coisa de que ele tem a certeza é a quem pertence este Ltd. nas Caimão, que pagou a Ariel Pryce três milhões de dólares, há catorze anos?

– Correto.

– Jesus Cristo – exclama Griffiths. – Jesus Cristo!

Jefferson encontra-se de pé, com cara de soldado recém-chegado para

dizer ao general que os mísseis já estão no ar.

– O que fazemos quanto a isto?

– Não sei. Tenho de pensar.

– Deixo-a em paz?

– Sim, se faz favor. E, Jefferson... Nem uma palavra sobre isto a ninguém. Nem sequer ao Guido. Eu conto-lhe, se tiver de saber. Percebes?

– Sim, senhora – replica a jovem mulher, fechando a porta atrás de si.

Os olhos de Nicole Griffiths regressam ao ecrã do computador, ao mapa, ao alfinete vermelho-vivo. Porém, toda a sua atenção encontra-se noutra sítio, a examinar a situação, a pensar nas conversas a serem tidas ao longo da cadeia hierárquica e depois na horizontal, de Langley a Washington, DC e de volta a Lisboa. Tem de pensar naquilo com muito cuidado, de todos os ângulos possíveis. Mas precisa de fazê-lo depressa: de súbito, tem a certeza de que tem pouco tempo.

Começa a anotar nomes, acrescentando asteriscos diante das nomeações políticas em oposição aos diplomatas de carreira, tentando traçar a via de comunicação com mais hipóteses de manter aquela investigação o mais transparente possível, pelo máximo de tempo possível, salvando-lhe a pele durante mais tempo.

É um desafio. Tenta convencer-se de que não tem um lado favorito naquela luta. Não se trata de uma questão de política, nem de orientação ou preferência. É um problema de segurança nacional, a base da sua profissão, da sua carreira, de toda a porra da sua vida.

Griffiths chegou, inesperadamente, a uma encruzilhada decisiva. Naquele ramo, nunca se sabe quando isso acontecerá. Uma pessoa vai trabalhar, num dia normal, e dá por si no meio de uma crise declarada. Para a maior parte das pessoas na CIA, isso nunca acontece. Até hoje, Nicole Griffiths fora uma dessas pessoas.

Ao fim de dez minutos de ponderação, enfia a página na trituradora. Depois, faz a sua primeira chamada; ainda vão ser umas quantas. E aquilo tinha de acontecer logo no 4 de julho? As pessoas estão nos churrascos, nas praias, nos barcos à vela em Chesapeake, a beber o dia todo em espreguiçadeiras à beira da piscina. Não esperam uma chamada assim, muito menos de Lisboa. De Riade, Bagdade, Jacarta, Cartum? Talvez. Mas de Lisboa? Vão trocar dela. Ao início.

– Ora bem – diz para si mesma, quando ouve o primeiro toque da primeira chamada. Não é só o relato que preocupa Griffiths, nem a imparcialidade da investigação, nem as ordens que receberá, de quem, para fazer o quê; tem uma suspeita vaga de que ela, como toda a gente, está a ser enganada. – Bom dia – começa –, lamento informar que temos aqui um problema.

* * *

A grande porta de correr de metal está destrancada. Ariel empurra com

força, e ela move-se, rangendo nas rodas de borracha. O olhar da americana atravessa o pequeno parque de estacionamento.

Ali está ele, sentado numa cadeira desdobrável, por baixo de uma árvore frondosa que o esconde dos apartamentos em redor. Tem os pulsos atados com uma corda e os tornozelos amarrados às pernas da cadeira. Está imóvel.

Ariel começa a correr, com a porta ainda semiaberta.

John tem um carapuço de serapilheira grossa, como um saco de batatas. Mesmo a quase trinta metros de distância, Ariel consegue ver que ele tem uma mancha escura na têmpora. Percebe logo que é sangue.

PARTE IV

A FUGA

CAPÍTULO 32

Dia 2. 19h51

Ariel não se apercebe de que está a mexer as pernas, mas vê que se aproxima rapidamente da figura tombada. Já só faltam uns passos e, depois, nenhum; estende a mão para o carapuço, que puxa, arrancando uma mexa do cabelo espesso de John e destapando-lhe a cara, de baixo para cima. Portanto, a primeira coisa em que repara é que está amordaçado; a segunda, que tem a bochecha ensanguentada. Agora que o carapuço já vai na testa, repara, por fim, que ele tem os olhos abertos, a piscarem com a luz.

Está vivo, graças a Deus. Está a salvo.

* * *

– Ainda bem que o apanhei.

O embaixador ajeita o casaco.

– Em que a posso ajudá-la, Ms. Griffiths?

A relação entre os dois não é boa. Nicole Griffiths vê Tanner Snell como um comparsa de negócios incompetente e agressivamente estúpido de um presidente ilegítimo; o embaixador, provavelmente, vê a sua chefe de divisão da CIA como uma chata de merda, emproada e hipersensível.

– Tenho de avisá-lo de uma coisa.

O assessor do embaixador vira uma página do bloco, pronto para tirar notas.

– Oficiosamente – acrescenta Griffiths. – E em privado.

– Landry, dê-nos um minuto – pede Snell, sem agradecimentos, desculpas ou qualquer demonstração de delicadeza. Deve ser um mimo trabalhar para aquele tipo. – Estou atrasado para um jantar – anuncia ele a Griffiths. – Diga.

A agente espera que a porta se feche por completo, só falando depois.

– Talvez haja uma coisa.

– Ai, sim? – A cara de imbecil zangado de Snell é quase uma obra de arte.
– Que género de coisa?
– Pode ser importante e envolver Langley.
– Caramba! Do que está para aí a falar?
– Não posso dizer mais, na verdade. Isto é só um aviso de cortesia. – Griffiths não deveria revelar pormenores àquele cleptocrata lealista, nem devia recusar-se a alertá-lo de uma trapalhada iminente. Então, decidira-se por aquele meio-termo, que tem a vantagem adicional de deixar Snell fulo da vida.
– Cortesia? Que merda de cortesia é esta treta vaga?

Do tipo “vai-te foder”, pensa Griffiths.

– Do tipo cortês. Não se surpreenda se houver um grande desenvolvimento nas próximas horas ou dias. Faça o possível por estar disponível, se faz favor.
– Disponível? – resmunga ele. – Estou sempre disponível.
– Acho que o que quis dizer foi: fique sóbrio. – Embrulha! – Além disso, pode querer evitar a sua amante brasileira. – Outra vez! Seu palhaço presunçoso. – Não é na cama dela em Belém que quer ser encontrado quando Washington ligar.

* * *

Ariel vê que a mordaça de tecido amassado se encontra presa com fita adesiva à volta da cabeça de John. Sabe, por experiência própria, como é horrível estar-se amordaçado, como é desconfortável, assustador, humilhante. A única opção é arrancar a fita, o que deve doer imenso – os olhos de John reviram-se e ele ronca qualquer coisa do fundo do peito, como um ribombar longínquo de trovão. A mulher tira-lhe o trapo da boca. A fita arrancou muito cabelo.

– Ai! – exclama John.

– Desculpa. Meu Deus! Estás bem? Estás ferido?

– Estou bem.

Ela tenta desamarrar-lhe as mãos, mas tem dificuldade em desfazer o nó.

– Desculpa – pede ela outra vez – Não consigo. Merda.

– Estou bem – repete ele.

A dado momento, o nó desfaz-se, mas há sangue. *De onde vem todo este sangue?*, pensa ela, perguntando, enquanto lhe passa os dedos pela face:

– Mas o que é isto? O que é isto?

– Levei um soco. É só um corte. – John esfrega um dos pulsos com a mão, depois o outro.

– Dói-te?

– O corte? Arde um bocadinho. Mas, ei! Olha para mim. Acabou.

Ariel apercebe-se de que está a chorar. Anui com um gesto da cabeça e ajoelha-se para lhe desatar os pés, o que faz com mais facilidade do que os

pulsos.

O marido levanta-se, sacode as pernas, bate com os dedos dos pés no chão.

– Tenho o pé dormente.

Ariel esperava ficar aliviada naquele momento – claro que esperava! –, mas é apanhada de surpresa pela intensidade das suas emoções. Trata-se de algo visceral, algo que percorre o seu corpo inteiro. Não consegue parar de tremer e soluçar.

– Meu Deus! – exclama, lançando-se contra o peito de John, abraçando-o com força, pousando o rosto no ombro dele. Ficam assim uns segundos, num abraço apertado, até que ela se afasta, pousa as mãos na cintura do marido e olha-o nos olhos.

– Estás bem?

– Estou.

– O sangue no carapuço – diz ela. – Por um momento, pensei...

Ele abana a cabeça.

– Estou bem. E tu?

Boa pergunta. Ariel, por muito que se esforce, não consegue encontrar uma resposta.

CAPÍTULO 33

Dia 2. 19h59

– Olha – diz ela –, um táxi. Ei! Ei!

O carro para. O motorista observa a cara ensanguentada de John, pondera por um momento, até que acena. Ariel e John atiram-se para o banco de trás.

A mulher dá a mão ao marido. Será uma viagem curta até ao hotel, durante a qual Ariel sabe que permanecerão em silêncio. Aquilo não é conversa para se ter ao alcance de ouvidos alheios, nem dos de um taxista, se é que é essa mesmo a sua profissão. Aquele tipo pode ser da polícia. Ou da CIA. Mesmo que não seja nem uma coisa nem outra, pode rapidamente tornar-se um informador de ambos.

Ariel fica calada, John também. Ele percebe.

O carro vira para a praça. Ariel vê que Moniz e Santos já estão à espera deles diante do hotel.

– Muito bem. – A americana respira fundo. – Aqueles são os inspetores que têm tratado do meu caso. Do teu caso. Devem querer falar contigo agora mesmo.

John assente.

– Podíamos pedir-lhes que nos deixem em paz por esta noite. Podemos fazer isso, sabes?

– Não. – John abana a cabeça. – Vamos despachar isto. Se queremos que os polícias tenham hipótese de apanhar estes tipos, temos de fazer isto já.

Moniz aproxima-se do táxi que está a estacionar.

– John Wright?

– Sim.

– Ótimo – exclama Moniz, acenando com a cabeça, com uma expressão de alívio no rosto. – Isso é bom. – Observa a cara sangrenta de John. – Está ferido? Precisa de cuidados médicos?

– Não, não é grave.

– Ótimo. Sou o inspetor António Moniz, e esta é a minha colega, Carolina

Santos.

Trocam apertos de mão no passeio. Uns quantos transeuntes reparam naquele grupo estranho. Alguém tira uma fotografia.

– Vamos entrar – diz Moniz, e todos avançam. – O senhor deve estar muito cansado. E feliz por estar aqui, com a sua mulher.

– Sim, estou.

– A senhora trazia um saco?

Ariel abana a cabeça.

– Era um engodo cheio de jornais inúteis. Entreguei o saco do resgate há muito tempo, numa viela.

– Bem vejo – replica Moniz. – Estou certo de que ambos querem descansar. Mas também estou certo de que querem que apanhemos as pessoas que o raptaram, meu senhor. Temo, portanto, que não possamos esperar.

– Claro. Mas dão-nos um minuto, só para tomarmos um banho e comermos qualquer coisa?

– Façam favor. Podemos pedir comida para os senhores na *taberna*.

– Seria fantástico. Obrigado.

– Volto daqui a quinze minutos? Vinte?

– Dê-nos trinta.

– Com certeza. E estes agentes – Moniz aponta para dois polícias fardados junto a um carro-patrolha – esperarão aqui. Para vossa segurança.

Mais uma daquelas mentiras que fingimos que não o são. Ariel e John anuem, numa contribuição tácita para uma cultura generalizada de desonestidade, reforçada sempre que ouvimos uma mentira e nos recusamos a questioná-la, nos recusamos até a admitir para nós mesmos, que é uma mentira.

* * *

Aquela será uma noite importante. Por vezes, pensamos sabê-lo com antecedência: um encontro romântico, uma reunião muito aguardada, uma festa a assinalar uma etapa. Contudo, segundo a experiência de Ariel, esses acontecimentos ansiosamente antecipados acabam por nunca ser nada de especial. As suas noites importantes escaparam-se todas, cobertas por um manto de banalidade.

Aquela noite horrível fora uma dessas, começara como tantas outras diante do espelho de corpo inteiro, tentando encontrar o entusiasmo para passar o serão com pessoas de quem não gostava muito.

– Atina-te – murmurara para si própria. – Isto é o teu emprego.

Também tinha um emprego remunerado, mais ou menos, um trabalho a meio tempo, como *freelancer*, a ler manuscritos que eram enviados de forma espontânea, sem serem pedidos ou aceitáveis, para uma agente literária chamada Isabel Reed. Ariel fazia-o há uns anos e ainda não tinha, nem por uma vez, desenterrado a mítica preciosidade que se destacaria da pilha de

manuscritos para um contrato de publicação. Porém, mesmo que todos os originais fossem mauzitos, continuava a adorar ler aqueles mistérios, *thrillers* e policiais.

Esse seu trabalho era opcional e não lucrativo; chegara-lhe como um favor que alguém fizera a outra pessoa, que queria fazer algo por Bucky. Nova Iorque era uma teia interminável de círculos de favores sobrepostos. Todavia, Ariel sabia que o seu verdadeiro emprego – aquele que era obrigada a fazer todos os dias – era ser a mulher de Buckingham Turner. Ainda que amasse Bucky, nem sempre gostava da profissão de ser sua mulher.

Girou um pouco diante do espelho para se ver de perfil. Passou a mão pela barriga, ainda lisa.

Uma das principais responsabilidades naquela sua função era ser atraente, uma companhia charmosa para as festas, sendo que nenhuma festa era mais importante do que a farra estival de Charlie Wolfe, um jantar ao nível e orçamento de um casamento, com duzentos convidados às oito, no máximo, no relvado virado para o oceano iluminado pela luz da Lua. Ariel não se surpreenderia se a data tivesse sido escolhida com o luar ideal em mente.

Os lugares marcados alternavam rapaz-rapariga, sendo os casais separados; porém, depois de levantadas as entradas, a mesa de Ariel reorganizara-se por género e ela dera por si rodeada pelas pessoas do costume. Na outra ponta, os homens discutiam finanças ou basebol, ou as finanças do basebol, enquanto iam dando dentadas na tarte com raspas douradas, bebendo armanhaque e vinho do Porto, a caminho de uma embriaguez cara.

As festas de Charlie Wolfe eram lendárias pelo consumo extravagante, com bares de marisco e garrafas de litro e meio de champanhe, travessas com rabos de lagosta e *filet mignon*, dinheiro atirado a serviços de *catering* com a intenção de impressionar. No entanto, Charlie não era nem corretor da Bolsa nem *hipster* da tecnologia, pelo que não havia prostitutas nem montanhas de cocaína – não era essa a onda. Apenas variados produtos alcoólicos legais – importados e de alta qualidade, marcadores de um estilo de vida abastado –, o tipo de coisas que se espera ver consumido por um décimo do um por cento numa mansão de luxo à beira-mar em South Fork. Aquele era um comportamento que se invejava, eis como se cortejava a cobiçada classe com elevado património financeiro que aparecia nas páginas da *Vogue*, do *Wall Street Journal* e da *Elite Traveler: The Private Jet Lifestyle Magazine*.

Aquela festa não correspondia a nenhuma ideia feita de “ambiente perigoso”.

Ariel não era assim tão ingénua. Sabia que tinha de ser cuidadosa, sempre. Também sabia que, por vezes, o cuidado não era suficiente.

* * *

– Adorável. – Uma mulher admirava a pulseira de outra, um objeto italiano *vintage*, dos anos 60, muito em voga na altura, o género de

microtendência considerado extremamente elegante entre uma pequena população que pode comprar joias de 400 dólares, sem que mais ninguém no mundo se dê conta da moda passageira. Todas as mulheres à mesa apreciavam a forma como o ouro acentuava o bronzeado de um braço torneado pelo tênis e pelos barcos. A popularidade daquelas pulseiras renascia todos os anos.

Nenhuma daquelas mulheres consumira mais do que uma garfada de tarte, ainda que algumas bicassem os frutos vermelhos da decoração. Alguém discursava, extasiado, sobre o novo homem do *botox* e a discussão virou-se para outros procedimentos, mais invasivos e dramáticos. Aquelas mulheres tinham todas o mesmo emprego que Ariel, com os mesmos requisitos.

Ariel lançara um olhar ao marido, que se divertia imenso e que não queria, de certeza, ir para casa, e ela não podia ser uma daquelas mulheres que pedem para se ir embora. Não era um desempenho profissional aceitável. Ariel percebera muito depois que aquela era a definição de mulher casada da sua mãe, do seu pai e também de Bucky. Mas não a sua.

– Os resultados dos testes do Ezra são fora de série – dizia Stacey. – Literalmente.

As outras mães acenavam afirmativamente, nenhuma delas consciente do significado da palavra “literalmente” ou do funcionamento das séries, quicá de nenhuma das duas coisas.

Ariel bebera um gole de água. O seu consumo de álcool limitara-se a um copo de champanhe antes do jantar, mas despejara grande parte dele às escondidas num vaso de alfazema. Não beberia naquela noite, mas também não queria ser vista a não beber, não queria que ninguém lhe perguntasse sobre o assunto, não queria mentir, uma mentira suficientemente comum para que toda a gente a topasse. Já conseguia imaginar a exclamação uns meses depois: “Pois claro! Não bebeste na festa do Charlie! Bem me lembro!” Numa qualquer festa, se uma mulher não bebe, todas as outras reparam.

Outra parte do trabalho de Ariel – uma grande parte, talvez a maior – consistia em ter filhos.

– Quero ter imensos miúdos – dissera-lhe Bucky, uns anos antes, naquela fase final pré-noivado em que ambos sabiam que vinha aí pedido, a não ser que alguma coisa desse para o torto. Examinavam-se mutuamente. Diligência devida.

– Quantos são “imensos”?

– Pelo menos três. Provavelmente quatro...

– Quatro? – Ariel rira-se, pouco à vontade. Quatro parecia-lhe excessivo. Era mais nova do que Bucky, ainda não conhecera todos os seus amigos, as respetivas mulheres. Ainda não sabia que estava na moda entre um certo círculo (o dele) ter grandes famílias na cidade, em grandes apartamentos.

– Gostas assim tanto de crianças? – Tentava parecer curiosa e não contestatária. Não queria que aquilo acabasse numa discussão.

– Claro!

– Claro? – Ariel perguntava-se o que Bucky queria dizer. Não tinha

irmãos mais novos nem sobrinhos. Nunca fora professor, explicador, mentor ou *baby-sitter*. A sua única experiência com crianças tinha sido ser uma.

– Como sabes?

Bucky estava tão certo de tanta coisa, e Ariel, não. Esta suprema autoconfiança fora uma das coisas que admirara nele.

– Estás a gozar? Como não gostar?

Ter quatro filhos significaria passar a maior parte de uma década grávida, a amamentar ou a mudar fraldas. Ter quatro filhos significaria, muito provavelmente, não ter uma carreira. Era disso que podia não gostar. Porém, na altura, não tinha noção dessa floresta em que tencionava viver, porque da árvore diante dos seus olhos estava prestes a brotar um anel de noivado gigante e um vestido de noiva de alta-costura, um casamento num sítio exótico e um apartamento de cinco assoalhadas num bom prédio novaiorquino.

Ariel não procurava pretextos para dar cabo disso. Não estava a ficar sem tempo, ainda não, mas, em breve, sim, se as coisas não corressem bem com Bucky Turner, que era esperto, inteligente, carismático e bonito, além de rico e num bom caminho para enriquecer ainda mais.

– Uma família grande – dissera Ariel, forçando o seu sorriso mais entusiasta – parece-me fantástico.

Escolhera acreditar que Bucky dizia a verdade. Escolhera fingir que fazia o mesmo.

CAPÍTULO 34

Dia 2. 20h17

Finalmente, chegam à *suite*. Parece que passaram anos desde que ali estiveram juntos. John atravessa a sala cambaleante e deixa-se cair no sofá. Ariel prende a corrente de segurança e encosta-se à porta fechada, o olho mágico, as garantias de segurança.

– Meu Deus! – exclama John. – Nunca pensei que ficaria tão feliz por ver um quarto de hotel.

Ariel escorrega até ao chão, com as costas contra a porta. Fecha os olhos e pousa a cara nas mãos. Solta um soluço baixo entre os dedos.

– Então? – pergunta ele. – Estás bem?

Não está. A pergunta autoriza-a a não estar, e ela soluça mais alto.

– Então, então? Está tudo bem – acalma-a ele, aproximando-se, ajoelhando-se e abraçando-a. Agora Ariel pode deixar-se ir e todo o seu corpo entra em convulsão.

– Calma – diz ele. – Eu estou bem, tu estás bem.

John tem razão, ela sabe, mas não consegue parar de chorar.

– Está tudo bem.

O marido senta-se ao seu lado com ambos os braços em volta dos ombros dela. Não diz mais nada. Deixa-a a chorar, até que tenha chorado tudo. A dado momento, ela olha para cima, para ele, para a sua cara macerada, e pergunta:

– De certeza que estás bem?

– Estou tão aliviado por estar livre.

Ariel limpa as lágrimas.

– Então, o que aconteceu? – pergunta ele. – Porque é que não estou morto?

– Paguei o resgate, eis o que aconteceu. Dois milhões de euros em dinheiro.

– Caraças! Aonde é que foste arranjar uma quantia dessas?

Ariel abana a cabeça devagar, depois mais depressa, deixando cair a cara

nas mãos.

– Não – diz John. – Ele não. Não fizeste isso.

Ela chora de novo.

– Que mais podia eu fazer? – A voz sai-lhe abafada pelas mãos, pelas lágrimas.

– Meu Deus! Lamento tanto, mas tanto. Foi horrível?

– Sim.

Naqueles últimos dias, Ariel ficou mesmo uma choramingas; passou anos sem chorar, e agora é o que se vê. Endireita-se e limpa os olhos.

– Não só ele foi um grande cabrão, claro, mas, por um bocado, temi que não me desse nem um tostão. Não podia parar de pensar que eles te iam matar.

John abraça-a com mais força.

– Lamento imenso. – Beija-lhe o cocuruto. – Obrigado. Espanta-me que ele tenha aceitado. Presumo que não foi por lhe teres pedido com jeitinho.

– Não, claro que não.

– O que fizeste?

– Ameacei-o.

John afasta o rosto para poder olhar bem para a mulher.

– Ameaçaste-o como?

– Então, como é que achas? Disse-lhe que publicaria a gravação da nossa última conversa. Que ia revelar tudo.

– Meu Deus! A sério?

– O que querias que fizesse?

– Como reagiu ele?

– Ficou doido. Mas não tinha escolha, não podia arriscar.

– Deus do Céu!

– Pois.

Deixam-se ficar uns segundos em silêncio.

– Estás preocupada? – pergunta ele.

– Com o quê?

– Com o que esse gajo fará a seguir.

– Nem por isso. Nesta altura da vida, não me pode fazer nada. Nada tão mau quanto o que lhe posso fazer a ele.

* * *

– Senhor embaixador? – Saxby Barnes está, ao mesmo tempo, excitado e aterrado por ter sido chamado ao gabinete do embaixador. Para ele, aquilo pode ser um sonho. Ou um pesadelo.

– Barnes. Sabe em que raio se meteu a Griffiths?

– Não sei bem do que está a falar.

Tanner Snell fixa aquele bêbado incapaz, que serve de ponte entre o consulado e os serviços secretos. Devia mesmo despedir aquele palerma.

– Está a falar do rapto? – sugere Barnes.
– Talvez. – O embaixador olha-o de esguelha. – Qual rapto?
– Um empresário americano desapareceu ontem de manhã. A mulher veio pedir ajuda à embaixada, antes de saber que ele tinha sido raptado. Depois, recebeu uma chamada a pedir um resgate, e, pelo que sei, tencionava reunir o dinheiro necessário.
– Como assim, ‘‘pelo que sabe’’?
– Disseram-me para não me meter.
– Quem?
– A Griffiths.
Snell suspira.
– Sabe algo sobre esse rapto que possa desembocar em alguma coisa?
– Não, senhor, não sei.
Snell dirige-lhe um olhar furioso, até o fulano perceber a dica.
– Mas vou tentar descobrir, sem dúvida – replica Barnes –, e dar-lhe-ei notícias tão depressa quanto humanamente possível.

* * *

Ariel examina melhor a ferida na bochecha de John.
– Anda, vamos limpar isto. – Leva-o até à casa de banho, abre a torneira da água quente e molha uma toalha de rosto.
– Ui – exclama ele quando ela lhe toca na ferida com a toalha. Limpa-lhe o sangue seco e vê que o corte, afinal, não é muito grande. O inchaço vai doer muito mais. – Temos de te arranjar gelo.
– Vou tomar um banho. – Ele começa a desapertar o cinto, virando-se. Não é tímido, mas quase.

Ela também. Mal estiveram juntos, bem vistas as coisas. Ariel e Bucky tinham vivido juntos a tempo inteiro durante anos, tinham feito sexo centenas de vezes, talvez mais. Depois de tanta intimidade, Ariel pensava que o conhecia bem. Que ele a conhecia bem.

Fora isso, em grande parte, que a deixara devastada: perceber a que ponto se enganara.

* * *

Um ano depois de se casar com Bucky, Ariel guardara a pílula contracetiva no fundo de uma gaveta na casa de banho. Passara a maior parte das duas décadas anteriores com medo de engravidar. Nunca lhe ocorrera vir a ter medo de não o conseguir fazer.

Passara agora um ano desde que haviam começado a tentar. Mas talvez a noite anterior tivesse sido finalmente bem-sucedida, ou a noite antes dessa, ou antes ainda, noites de enfiada de sexo clínico, uma tarefa que a deixava a sentir-se falhada a outro nível, além do falhanço a longo prazo da sua antiga

carreira de atriz e do mais recente de não encontrar um substituto satisfatório para lhe ocupar o tempo. E agora? Já não era boa a fingir gostar de sexo.

Já não era boa a fingir que gostava dos amigos de Bucky e das festas que davam.

– Todos os verões – dissera um dos homens à esquerda de Ariel –, alugamos um barco no Mediterrâneo, já com o pessoal necessário. É uma maneira ótima de passar bons momentos em família.

– Não podia estar mais de acordo. – Assentia outro tipo com um gesto da cabeça. – Adoro. Qual é o maior barco que já alugou?

À direita de Ariel, Tory Wasserman falava de outro assunto com as mulheres:

– A Slade fez a operação dela na Mayo.

A diferença de idades entre Ariel e Bucky não era embaraçosa – ainda poderiam ser considerados da mesma geração –, mas os amigos dele e as suas mulheres já andavam nas operações às costas e nas plásticas à cara, enquanto Ariel ainda ia aos casamentos dos amigos da faculdade.

– São os melhores. São o máximo. – Slade tivera uma hérnia discal. – Depois, deram-nos um daqueles cartões de deficiente, estás a ver aquelas coisas? Então, agora podemos estacionar em qualquer lado! Ando muito mais de carro pela cidade. Já quase não apanho táxis.

Tory estava radiante, à espera de que as pessoas elogiassem a esperteza da sua patologia. E elas assim o fizeram.

Ariel sentira-se enjoada de repente. Olhara em volta, para aquelas pessoas que se gabavam dos seus privilégios, dos geniozinhos dos seus filhos, dos iates alugados, das joias obscuras e dos médicos com nome de marca que injetavam veneno para lhes paralisar a testa.

Via como tudo se passava, uma pequena decisão de cada vez, até que cuidar de si se tornava profissão, se tornava identidade e, um dia, sem se dar conta do que diz, uma pessoa acaba a gabar-se dos seus feitos de auto-objetificação, do *chef* do Le Cirque que contratou para o verão, do carro e do motorista que a levam a saltitar de galeria em galeria, das cada vez mais inteligentes e invejáveis formas que inventou para gastar o salário do marido.

A pouco e pouco, Ariel desistira de tentar encontrar a sua própria tribo e, em vez disso, juntara-se simplesmente à de Bucky, vestira a camisola, fingira ser um deles, daquela rede tecida a partir da educação do marido, dos estudos dele, da sua órbita profissional. As pessoas dele tornaram-se as suas, os homens do emprego de Bucky e as mulheres com quem eles se casavam, mães dos filhos deles, que usavam a riqueza nos dedos anelares e a traziam nos antebraços.

Não era aquilo que Ariel tencionara ser. Não queria que alguém como Tory Wasserman fosse uma das suas amigas mais próximas.

– Com licença – murmurara Ariel no vazio, afastando-se daquela gente, de tudo. Não podia deixar que se tornasse uma delas. Mas temia que fosse já demasiado tarde.

Ariel sempre se sentira uma intrusa, como se a sua pertença àquele clube fosse temporária. Um passo em falso e punham-na na rua, com o seu diploma pouco convincente numa universidade pouco importante, a carreira falhada de atriz e os anos desinteressantes que se seguiram, conseguindo pouco mais do que permanecer em pleno vigor do seu físico atraente e casar-se com um bom partido, mas sem lhe dar filhos. Seria atirada para a sarjeta, aos 33 anos, falida e sozinha, desempregada e pouco empregável. E depois?

Quando se afastara da mesa, tudo o que quisera fora esconder-se por uns minutos, uma pequena trégua daquele teatro, no qual fingia cobiçar os sapatos de solas vermelhas de outra pessoa.

A casa de banho mais próxima ficava dentro do alpendre apinhado. Ariel não aguentaria cruzar-se com mais alguém com vontade de se gabar sobre todos as ocasiões em que as regras não se aplicavam a si – no trânsito, no estacionamento, nos impostos, nas listas de espera, no desporto... as regras eram para as outras pessoas, gente que não era suficientemente esperta ou rica para perceber como fazer batota. Portanto, desceu por um caminho de lajes iluminado por archotes polinésios até à sala de jogos, com as suas velas cintilantes, os seus sofás estofados, um pequeno bar, um enorme televisor, uma mesa de bilhar e umas quantas máquinas de *flippers*.

A casa de banho daquela toca masculina perfeitamente equipada era enorme, claro. Tudo tinha de ser enorme, era essa a ideia: móveis enormes, janelas enormes, automóvel enorme, conta no banco enorme. Quanto maior, melhor. A mensagem não era subtil.

Ariel abriu o armário dos medicamentos, agitou uma caixa e engolira dois comprimidos de paracetamol.

Estudara o seu reflexo em mais um espelho. Com as mãos, aconchegara a barriga lisa, perguntando-se como ficaria, como se sentiria. Perguntando-se se aquilo já seria parte do processo, se já tinha começado, o mau humor, a náusea repentina de minutos antes.

Perguntando-se se, de facto, já estaria grávida.

Não, disse para si mesma, *não faças isso*. Ao longo dos últimos meses, fizera o esforço deliberado de abandonar o hábito contraproducente dos testes de gravidez prematuros, que não lhe haviam feito nada senão deixá-la profundamente infeliz. Sim, era possível que, naquele momento, já estivesse grávida. Também era possível que assim não fosse. E, se estivesse, guardaria a gravidez para si durante um bom bocado, até ao fim do primeiro trimestre. Bucky não reagira bem quando ela perdera um bebé, na verdade, fora horrível – ficara desapontado com ela, zangado, *acusador*, como se ela tivesse tentado cozinhar o jantar em casa para uma festa importante e tudo tivesse saído intragável, humilhando-o, em vez de ter contratado um serviço de *catering* como toda a gente.

– Tens feito muito exercício? – perguntara-lhe ele. Ariel desejara poder

fingir que ele estava a brincar, mas não havia nada de engraçado naquilo. – Comido marisco?

A culpa era uma coisa. Ela percebia a culpa, toda a gente a quer atribuir quando o resultado é negativo. Mas aquilo ia para lá da culpa.

– Tens bebido muito?

Aquilo era uma emoção pura e assemelhava-se muito ao ódio. Aquela conversa deveria ter sido a primeira pista para Ariel, mas ela escolhera não ver a situação assim; na realidade, já houvera outras pistas. Mas, depois, ela inventava desculpas para Bucky: tinha sido em pleno inverno, e a estação melancólica piorara as circunstâncias e as más notícias, tendo tudo isso contribuído para a reação do marido. Talvez ele sofresse da perturbação afetiva sazonal que toda a gente andava a descobrir na altura, tal como a PHDA uns anos depois. As pessoas começavam a sair da toca com os seus autodiagnósticos. Ou talvez o comportamento de Bucky não se afastasse dos parâmetros normais – para um largo segmento da população masculina, o primeiro instinto é sempre o de atribuir a culpa aos outros, a quem estiver mais perto, a quem for mais mulher.

O instinto de Ariel era o de aguentar a culpa. Quanto mais tempo passava, mais o conceito de fracasso se instalava na sua consciência, e o seu fracasso biológico expandia-se, transformando-se num fracasso moral, como se aquilo fosse uma questão de pouco esforço, como ter um Suficiente Menos num teste de Matemática ou bater com o carro. Algo que não corria bem porque ela não trabalhara o suficiente, não se concentrara o suficiente, tentara o suficiente. Ou importara o suficiente.

Talvez, acusara Bucky, afinal, ela não quisesse ter um filho com ele.

Talvez, pensara Ariel, por fim, ele tivesse razão.

* * *

Ajeitara o cabelo. Retocara a maquilhagem. Treinara o sorriso à frente do espelho, naquela que seria, provavelmente, a milionésima vez, impossível de contar. Quanto tempo da sua vida gastara a tentar descobrir como se tornar mais bonita?

– Bucky – dissera ela, baixinho, ao seu próprio reflexo. – Podemos voltar agora para casa?

Não. Nem valia a pena perguntar, ele só ficaria zangado.

Ariel suspirara, resignada a voltar para a festa, para sorrir, aguentar e deixar passar. Também aquilo fazia parte do seu trabalho, deixar passar. Falava-se disso, das coisas que se tinha de deixar passar.

Abrira a porta...

CAPÍTULO 35

Dia 2. 20h42

Ariel senta-se no sofá, escutando, sorrateiramente, John enquanto este deixa mensagens breves ao seu assistente, ao patrão, a um colega, todas elas com a promessa de voltar a ligar no dia seguinte. A última chamada é para um cliente ali em Lisboa, a explicar, a pedir desculpa e, por fim, a prometer que irá aos escritórios no dia seguinte. Ariel pensa que ele não se deveria pôr a fazer promessas desse género, mas não o vai interromper para lho dizer. Não quer que ele saiba que está a bisbilhotar.

Também ela tem de fazer uma chamada para sossegar a mãe: problema resolvido, desculpa o alarme, a inconveniência, o pânico.

– Por favor, volta para minha casa assim que puderes – diz Ariel. – Estava só a ser cautelosa. Talvez um pouco irracional.

– Querida, de certeza que é seguro?

– Sim. E deixas-me falar com o George durante um minuto?

– Vou buscá-lo.

– Na verdade, espera, mãe: porque me perguntaste se tinha a certeza de que era seguro?

– Bem, acabo de receber uma chamada estranhíssima.

Ariel sente o corpo ficar tenso.

– Como assim?

– De um jornalista em Lisboa, só há umas horas. Deixa cá ver, anotei o nome dele algures...

– Pete Wagstaff?

– Isso mesmo! Como sabes?

– O que queria ele?

– Isso é que foi estranho. Perguntou-me sobre o Bucky e porque é que o vosso casamento tinha acabado. Por que razão teria um jornalista interesse nessas coisas?

– O que lhe disseste?

– O que havia de ter dito? Não sei nada sobre o fim do teu casamento, pois não?

– Ele perguntou mais alguma coisa?

– Bem... dá-me um segundo, tenho de... – Ariel ouve o chiar de uma porta de tela. – Tinha de me afastar do George. – Elaine fala agora em voz baixa. – O jornalista perguntou se eu sabia quem era o pai do teu filho. Disse que não, que tinha sido um dador anónimo. Perguntou se eu tinha a certeza.

Deus do Céu!, pensa Ariel. Não quer falar sobre aquilo com a mãe. Então, apercebe-se de outra coisa:

– Mãe, porque tinhas o telefone ligado? Não te pedi para o manteres desligado? – Ariel ouve bater à porta, dirigindo-se para lá.

– Bem, só o liguei por um minuto, para ver as mensagens.

– Mas... – Ariel começa a explicar-lhe que um minuto é tempo mais do que suficiente para localizar um telemóvel, mas não vale a pena.

– Depois de ver as mensagens, esqueci-me de voltar a desligá-lo.

– Mãe, esperas um segundo? – Ariel abre a porta e depara-se com Moniz e Santos, como esperado. – Desculpem – diz à polícia –, dão-me mais uns minutos?

– Com certeza.

Fecha a porta.

– Pronto, mãe, podes ir buscar o George, se fazes favor?

– Sim, mas, querida... Porque perguntaria um jornalista tal coisa? Sobre o pai do George.

Ariel estava bem ciente das opiniões da mãe quanto ao casamento, ao abuso sexual, ao lugar de uma mulher no mundo, o que significa ser casada; aprendera-o à sua custa. Por isso, não dissera verdade a Elaine sobre a gravidez. Na realidade, não tinha contado a ninguém. Avançara e assinara o papel em que abdicava da sua liberdade para contar a quem quer que fosse, alguma vez na vida. Certamente não o faria numa linha telefónica que poderia estar sob escuta pela CIA.

– Não sei – é o que diz à mãe, com um frio na barriga.

* * *

– Meu Deus! – Ariel, assustada e encolhida, soltara o puxador da porta da casa de banho.

Charlie Wolfe esboçara um largo sorriso, cambaleante.

– Ora viva, lindona!

A jovem não gostara do que vira nem do que ouvira.

– Charlie, assustaste-me.

– Desculpa, foi sem querer.

Estava extremamente bêbado. Mas porque não? A festa era dele, e a embriaguez não era crime. Ariel escolhera conceder-lhe o benefício da dúvida – ele estava a bloquear a porta por estar bêbado e confuso, viera àquela casa

de banho remota porque queria snifar uma linha, fazer uma chamada ou cagar. Mas o batimento cardíaco a mil de Ariel dizia-lhe que todas aquelas hipóteses eram treta. Era o que a experiência lhe dizia.

– Com licença – pedira ela, sem agressividade. Charlie não era apenas o anfitrião da farra, era também o sócio de negócios mais importante do marido dela, um homem que escancarava as portas para Bucky, permitindo a entrada de montes de dinheiro. O negócio do marido estava a cavalgar a onda de tudo o que estivesse prestes a rebentar – médias digitais, redes sociais, notícias tendenciosas, falsos factos – e aquele bêbado a impedir-lhe a saída da casa de banho ajudava a que isso fosse possível.

Charlie afastara o cabelo da cara, e Ariel reparara que ele trazia no pulso duas daquelas pulseiras de borracha a ostentar apoio a uma qualquer causa, um enfeite para mostrar a sua generosidade, e ainda uma tira de couro rústica, conotando-o com o tipo porreiro, descontraído, que gosta de praias selvagens e exóticas. Tulum, provavelmente. Toda a gente adorava Tulum.

Aquele era um homem que comprara uma mesa de gala como forma de apoiar a literacia infantil, fora ele o único a erguer a mão quando o leiloeiro perguntara se alguma das maravilhosas pessoas ali reunidas poderia oferecer uma prenda de cem mil dólares. Charlie olhara para baixo com uma falsa timidez – *humildemente* – quando a sala rebentara num aplauso. Ariel tinha estado ali mesmo, na mesa dele, pelo que fora uma das primeiras de entre as mulheres de vestidinho preto e dos homens de *smoking* a ser obrigada a levantar-se, a bater palmas e a mostrar uma admiração fingida por aquele empresário-filantropo-canalha, até que o tipo, relutantemente – *a contragosto* – se levantara para agradecer a todos a ovação em pé em reconhecimento do seu altruísmo.

– Qual é a pressa? – perguntara-lhe ele. – Porque não ficas aqui comigo? – Dera um passo na sua direção.

– Não, Charlie, não me parece boa ideia.

Ariel erguera a mão – alto aí! –, mas ele não parara. Em vez disso, avançara mais um passo, bloqueando completamente a porta.

– Vá lá. Só um minutinho.

– Não – dissera ela –, tenho de ir.

Mas ele não saíra da frente. Avançara ainda mais um passo, transpusera a porta e, então, a mão que ela estendera ficara apenas uns centímetros do peito dele.

– Deixas-me passar?

Ariel não lhe queria tocar, pelo que afastara a mão, deixando cair o braço.

– Tenho de voltar para a minha mesa. Para o meu marido.

Charlie ignorara-a. Levara a mão à virilha e afagara a ereção nas calças de linho.

– Gostas?

– Não – replicara ela, sentindo o medo dar lugar ao pânico; aquilo escalara terrivelmente depressa. Seria aquele o momento de gritar? – Deixa-me passar,

se faz favor.

– Sabes que queres isto. – Ele acenava com a cabeça, como se concordasse com as suas próprias palavras. – Sempre tiveste um fraquinho por mim, não foi?

Não era possível que ele acreditasse naquilo. Ariel nunca se atirara a Charlie, nunca o encorajara; nem sequer havia a mais remota possibilidade de ele assim o interpretar por muita imaginação que tivesse, por mais distorcida que fosse.

– Não, Charlie, nunca. – Quantas vezes já dissera ela que não? – Agora, por favor, sai-me da frente ou grito.

– Oh – soltara ele, com um sorrisinho arrogante –, aposto que sim.

Uma das suas mãos movia-se atrás das costas, e Ariel percebera, tarde de mais, que procurava o puxador. Fechara a porta, ela ouvira o clique da fechadura, e, depois, o pânico declarado percorria-lhe o corpo como um choque elétrico, dificultando-lhe o raciocínio. Ela balbuciara:

– O Bucky vem aí à minha procura. – Uma mentira óbvia.

– Não. – Charlie abanara a cabeça, endurecendo o queixo. – Não vem nada.

Ela teria de gritar muito alto, o mais alto possível, mas as pessoas ouviriam, não era? Alguém a acudiria a correr, uns quantos homens, provavelmente. Ela já os imaginava a irromperem pela casa de banho, pondo um fim àquela cena de interpretação inequívoca.

Mas e depois? Charlie tinha toda aquela gente na mão, os empresários, os políticos, os banqueiros, os *socialites*, os fornecedores.

Ariel conseguia prever exatamente o que se passaria: seria descrita como a agressora, a sedutora, a pega. A arrivista social bêbada que dera barraca.

– Disse ao Bucky que voltava já. – Ariel chegara-se para trás, afastando-se de Charlie, batendo no toucador, ficando sem espaço. Sem tempo.

– Não disseste nada.

– Por favor – repetira ela –, não faças isto.

Procurar aos seus olhos, a suplicar clemência, à procura de humanidade, mas encontrara o oposto: uma clareza inconfundível, uma intensidade sóbria. De repente, Charlie não parecia nada bêbado, parecia um monstro frio e calculista.

Lavara a mão à fivela do cinto e tudo parecera acontecer mais depressa do que na realidade, como se fosse um filme acelerado, saltando fotogramas – o fotograma onde ela diz ia “Tira-me as patas de cima”, o fotograma onde ela lhe dava um pontapé nos tomates, o fotograma em que ela se lançava porta fora, corria para Bucky, desabava nos seus braços protetores. Faltam todos esses fotogramas. Nada disso aconteceria.

Nos minutos, nas horas, nos dias, nos meses, nos anos e na década seguinte, Ariel revisitaria aquele momento vezes sem conta, perguntando-se o que poderia ter feito de outra forma. Não ter ido à festa, para começar? Não se ter esgueirado até à casa de jogos para se entregar à autocomiseração? Deveria

ter dado um soco no nariz de Charlie? Ter-lhe lançado as unhas aos olhos? Tomado a pila dele na boca e dado uma dentada? Deveria ter gritado a plenos pulmões, vezes sem conta, até a garganta lhe doer e a cavalaria chegar a correr?

Mas e depois?

Depois, seria nisso que Ariel se tornaria, nessa noite, no dia seguinte, para o resto da vida: a mulher que Charlie Wolfe atacara na sua festa de verão.

Não: *alegradamente* atacara.

* * *

Kayla Jefferson está outra vez ao telefone.

– Tenho, finalmente, o relatório completo sobre o John Wright, nascido John Reitwovski. Há alguns pormenores interessantes que se destacam. Primeiro, treinou como Oficial da Reserva e depois fez serviço militar no Afeganistão.

– É interessante, de facto – concorda Griffiths.

– Não tão interessante quanto o passo seguinte, que explica por que motivo demorou tanto tempo para conseguirmos informação sobre ele. Deixou o serviço do Exército quando foi aceite por nós.

– Nós?

– O John Wright – anuncia Kayla – é da porra da CIA.

CAPÍTULO 36

Dia 2. 21h03

– Muito obrigado por nos conceder este momento. – O inspetor Moniz estende um saco de plástico. – Sanduíches. – Olha para Ariel. – Para si também.

É a segunda noite de seguida que aqueles polícias lhe oferecem o jantar. Que simpático. Mas não significa que possa confiar neles.

– Obrigada – replica. John pousa a comida na mesa, enquanto Ariel vai buscar pratos, guardanapos, utensílios: uma domesticidade metódica, mas irrefletida, memória muscular automática.

– Deram-lhe de comer? – pergunta Moniz. – Os seus raptos.

– Sim, pão com fiambre. – John dá uma dentada na sanduíche, depois outra.

– Todas as refeições? O pequeno-almoço também?

John para de mastigar e fita o polícia com uma hostilidade indisfarçada:

– Mal me posso sentar direito, e o senhor pergunta-me pelo *plano de refeições* do meu rapto? Foi mesmo para isso que veio?

– Por favor, senhor Wright, tenha calma. Estamos a tentar procurar pistas. Ficaria surpreendido por saber onde as encontramos.

Moniz abre o bloco de notas. Santos, como sempre, ouve e observa, não pergunta nem escreve.

– Inclusive, sim, nas refeições. Em tudo. Mas percebo que esteja cansado, assustado e ferido. Portanto, faremos isto rapidamente e deixamo-lo em paz. Está bem?

John anui. Parece envergonhado depois da sua explosão.

– Ótimo – afirma Moniz. – Se não se importa, do início.

John anui com um gesto da cabeça, pousa a sanduíche, limpa a cara e as mãos.

– Ontem... foi mesmo só ontem? Acordei muito cedo. Demasiado cedo.

– A que horas, por favor. – Moniz começou a escrever.

– Pelas cinco e meia. Estendido na cama, percebi que não ia voltar a adormecer, então, tomei um duche, vesti-me, saí para dar uma volta, beber um café, talvez comprar uns *pastéis de nata* para a minha mulher. – Olha para Ariel. – Ela adora e há uma pastelaria famosa aqui perto. Deixei-lhe um recado na almofada.

– Não o li – diz Ariel. – Deve ter caído da cama. Uma das camareiras encontrou-o mais tarde, ao arrumar o quarto. Mas isso foi só à tarde e, por essa altura, já eu desesperava. Não fazia ideia de onde estavas, nada...

– Lamento imenso.

– Costuma ficar a dormir depois de o seu marido se levantar? – pergunta Moniz, desta vez a Ariel.

– Não.

– Mas ontem ficou?

– Tinha tomado um soporífero na véspera, para me ajudar a adaptar à mudança de horário. Caí para o lado.

– Como se chama o remédio?

– Não sei... – Olha para John.

– *Ambien* – replica ele.

– Tem a certeza? Não deu mais nenhum comprimido à sua mulher? Por engano, talvez?

John recua com a acusação implícita.

– Não. Só lhe dei *Ambien*.

– De seguida, deixou o hotel às... – Moniz consulta o bloco de notas – ... uns minutos antes das sete.

– Sim. Estava um carro diante do hotel e, mal pus um pé na rua, a porta de trás abriu-se. Saiu um homem que me disse: “Mr. Wright, temos uma emergência, algo muito delicado que não pode ser falado ao telefone.” Presumi que teria que ver com o meu cliente, porque, claro, era por isso que cá estava... aliás, é por isso que cá estou. O fulano olhou em volta, como se estudasse se havia gente à espreita, e perguntou-me se eu me importava de entrar no carro por um minuto, para se explicar.

– Conhecia esse homem? Reconheceu-o?

– Não, nunca o tinha visto.

– E como soava ele? Falava inglês?

– Sim. Com um sotaque português.

– Entrou no carro dele?

– Sim. Mas, enquanto me curvava, senti uma dor aguda na nuca e pensei: “Mas que raio?” É possível que tenha dito “Ei!” ou qualquer coisa do género, e senti-me a cair para a frente. Fiquei tonto e, pronto, apaguei. Quando voltei a mim, estava sozinho numa sala sem janelas, com uma porta, nada senão uma cama e uma almofada. Experimentei o puxador, mas estava trancado. Bati com força e, uns segundos depois, ouvi um homem do outro lado dizer: “Sente-se na cama.” Não me mexi logo, pelo que ele disse: “Estamos a vigiá-lo com uma câmara.” Olhei em volta e vi-a instalada no

teto. Então, sentei-me, e a porta abriu-se. Havia dois homens no corredor, um, mesmo ao pé da porta, o outro, três metros atrás. O segundo homem apontava-me uma arma.

– Como eram esses homens?

– Ambos tinham calças pretas, camisolas de algodão de mangas compridas pretas, passa-montanhas a tapar tudo menos os olhos e óculos de sol. Não pude ver mais nada.

– É pena. A altura deles?

– Mediam os dois cerca de um metro e oitenta e dois.

– Os dois tinham a mesma altura?

– Mais ou menos.

– Curioso.

– Um deles explicou: “Foi raptado. Não lhe queremos fazer mal. Pedimos um resgate para as próximas quarenta e oito horas.”

– Foram essas as palavras exatas?

– Estou a parafrasear.

Ariel olha para Santos de soslaio; a investigadora observa a sala, reparando nos pormenores ou fingindo que o faz. Ariel presumira que Santos seria uma aliada natural, apesar dos abundantes indícios de que nem todas as mulheres acreditam na solidariedade feminina nem concordam no que toca ao que esta significa. Ariel lembrava-se disso sempre que ia votar. E era relembrada disso agora, pelo olhar frio e duro daquela inspetora portuguesa que, claramente, não concedia uma credibilidade cega a ninguém, independentemente da biologia partilhada.

– Então, comi as sanduíches – continua John – e bebi a água. De vez em quando, fui à casa de banho. Também dormi, mas não sei quanto tempo nem quando. Não conseguia ter noção das horas.

– E as suas interações com os homens?

– Sinceramente, não foram muitas. Só quando me traziam as refeições ou me levavam à casa de banho.

– Não o interrogaram? Não queriam que lhes desse informações?

– Diria que não.

– Eram sempre os mesmos dois homens?

– É difícil dizer. Eram tão parecidos, com as cabeças cobertas e os óculos de sol. Tanto quanto sei, até poderiam ser meia dúzia. Mal falavam, por isso não conseguia ouvir as suas vozes.

Santos interrompe de repente.

– Fale-nos da casa de banho.

– Da casa de banho? – John fica surpreendido com a pergunta e com a pessoa que a faz. A casa de banho é um sítio privado, o único sítio verdadeiramente privado, um sítio tão privado que nem se fala nele.

Ou, pelo menos, assim deve ser.

– Não!

Sentira Charlie levantá-la à bruta e, mal os pés deixaram o chão, sentiu de imediato a perda de equilíbrio, de qualquer esperança de controlo...

– Para!

... ele já lhe puxara o vestido até à cintura, afastara-lhe as cuecas para o lado, com as patas, e ela sentira o contacto desagradável da pele desprotegida contra o mármore frio.

– Não, Charlie – dissera e, por cima do ombro dele, tivera um vislumbre de si própria no espelho da parede oposta, onde, no espelho dentro do espelho, também conseguia ver a cara de Charlie, o efeito de infinito.

– Não, *por favor*.

Ele não reagira à súplica, continuando a forçar-se, mas encontrando-a seca, contrariada; ela sentiu-se rasgar, arder.

– Ai! – Ouvira a sua própria voz. – Estás a magoar-me.

O tipo ignorara a dor na voz dela e continuara mais convictamente, com mais força. Mais crueldade.

Ela continuara a ver a mulher no espelho a debater-se, vira-a tentar contorcer-se dali para fora, afastá-lo de cima de si, mas sem sucesso. Os braços de Ariel pareciam inúteis contra aquele homem com o dobro do seu peso, lembrando toda uma outra espécie de animal.

A força da rapariga esvaía-se depressa, os braços a latejarem do esforço de tentar afastá-lo, como se quisesse arrancar uma sequóia, num fracasso tão miserável que a árvore nem se dava conta de que alguém tentara. Sentira a nuca a bater contra o espelho, a torneira a espetar-se-lhe no fundo das costas. No dia seguinte, haveria nódoas negras, mas ficariam escondidas pela roupa, pelo cabelo. Feridas invisíveis. As outras também.

No espelho, Ariel vira-se começar a chorar. Também se ouvira. E, em resposta, Charlie arrancara uma toalha de mãos do cabide e enfiara-lha na boca. Ela sentira um assomo de energia e tentara lutar contra aquele novo ultraje, tentara empurrá-lo com mais força, mas voltara a falhar; tentara cuspir a toalha, mas, ao invés disso, engasgara-se.

Aquilo não era sexo, era só violência – obter uma coisa à força, magoar alguém. Ela não queria acreditar que ele estivesse a sentir prazer. Quase não podia crer que aquilo estivesse mesmo a acontecer e desviara os olhos da infinidade de espelhos, olhando diretamente para o único Charlie, cuja cabeça tombava para trás a cada nova investida dolorosa, com os olhos firmemente fechados, a mandíbula saliente de autoconfiança, desafiando-a com a arrogância selvagem da conquista.

Via-lhe os pelos grisalhos a brotarem-lhe das narinas, a papada flácida abaixo do queixo. O hálito a uísque quente; cheirava ao suor rancido do bêbado habitual, mesclado com água-de-colónia. Ariel sentira a náusea crescer dentro de si, a investida ácida de fel, e soubera que vomitaria se continuasse a olhar para ele, portanto, voltara os olhos para o mais longe possível dos espelhos, do número infinito de Ariels encurraladas a serem

violadas por um número infinito de Charlies, para sempre.

* * *

– Operações ou serviços secretos? – pergunta Griffiths.

– Operações. – Jefferson passa-lhe o relatório. – A primeira missão no estrangeiro do John Wright foi passar mais de um ano em Belgrado. Depois, demitiu-se de repente. Parece que mudou de ideias sobre como queria viver a vida.

– E o polígrafo concorda? – Griffiths vai virando as páginas.

– Parece que sim. Nenhum motivo de alarme em nenhum dos testes.

– Nem um motivo de alarme?

– Nada. Pelo menos, nenhum que apareça nos documentos. Mas tenciono telefonar a alguns dos antigos colegas dele.

– Sim, faz isso. As minhas suspeitas quanto a este tipo acabam de disparar exponencialmente. Esteve no Exército no Afeganistão, depois, na CIA na Sérvia e é raptado em Portugal? É muita intriga internacional como pano de fundo na vida de um consultor de negócios mediano, não é?

– Vou tratar disso – replica Jefferson. – A história do mecânico também é curiosa. É um tipo chamado Billy, que foi conferir os recibos das vendas que fez no período da chamada telefónica e não encontrou nada com alguém chamado John Wright. Tanto quanto o Billy se lembra, a única possibilidade é uma chamada para um cliente, a confirmar que tudo estava a funcionar, umas semanas depois da venda.

– Parece pouco habitual.

– E é. Ao que parece, a venda em causa era uma mota usada, comprada por alguém que não parecia ter grande à vontade com aquele tipo específico de mota. O Billy estava preocupado com a segurança do homem. E admite que, apesar de guardar registos não ser a especialidade dele, também não costuma *perder* recibos das compras. Mas este... Desapareceu completamente.

– Huh. – Também isso é bastante suspeito.

– Mesmo sem os registos, o Billy conseguiu lembrar-se de dois pormenores importantes sobre a transação: um, o fulano pagou dois mil e quinhentos dólares; dois, foi em dinheiro.

– Disseste “com aquele tipo específico de mota”. O que queres dizer com isso, ao certo?

O telefone toca. É Antonucci.

– Não sei – responde Kayla. – Foi só o que o mecânico disse.

– Descobre, por favor.

Griffiths atende o telefone.

– Então, Guido?

– Acho que queres vir ouvir o que se está a passar no hotel.

– O meu quarto ficava numa ponta de um corredor. Na outra, a uns seis metros, havia uma porta que nunca vi aberta. Presumi que era a saída. A porta da casa de banho era no meio do corredor. Só uma retrete, um rolo de papel higiénico no chão e um lavatório. Não tinha duche, nem banheira, nem janela, nem sabão, nem toalha, nem espelho, nem nada, além da retrete, do papel, do lavatório.

– Isso era do lado esquerdo do corredor? Ou do lado direito?

Ariel sente-se agoniada. Não gosta da linha daquele interrogatório, do desafio implícito na sua especificidade, na sua irrelevância. Não é possível que aquele pormenor seja relevante para a investigação, a única razão para fazerem tal pergunta agora prende-se com a intenção de a voltarem a fazer mais tarde, a fim de confirmar se a resposta se mantém. Aquilo é uma armadilha.

– Vindo do meu quarto, à direita.

– Fale-me disso, por favor. – Moniz aponta para a cara ferida de John. – Como aconteceu isso?

John esboça um esgar aparentemente envergonhado.

– Isto foi uma parvoíce. Não sei o que me deu. Tinha estado a dormir e, quando acordei, precisava mesmo de ir à casa de banho. Então, bati à porta. Quando abriram, vi que só havia um homem, em vez dos dois habituais, e ocorreu-me que era a minha oportunidade. Que devia tentar dominá-lo.

– O homem estava armado?

– Sim, mas pensei que, se pudesse fazê-lo largar a arma... – John encolhe os ombros. – Então, fui primeiro à casa de banho, porque... bem, porque tinha de ir. Além disso, pensei que, se não atacasse imediatamente, o distrairia. Quando acabei o que tinha a fazer, não puxei o autoclismo, só abri a porta subitamente, à espera de surpreender o guarda. Ele aguardava-me a uns metros de distância, com a arma enfiada no cinto, e eu percebi que ele não teria tempo de a empunhar. Então, corri para ele, tentei empurrá-lo com o corpo contra a parede, mas o tipo desviou-se e eu perdi o equilíbrio. Deu-me um soco do lado da cabeça. Cambaleei para trás, e ele voltou a bater-me na parte da frente da cara com muita força.

– Esse soco foi com a mão esquerda, não foi?

John olha para Moniz sem reação.

Ariel sente uma urgência quase física de interromper aquela entrevista, mas sabe que deve deixá-la durar o máximo possível, de modo a perceber o que os polícias pensam. O que farão a seguir.

– A sua ferida é do lado direito da bochecha direita; portanto, uma pessoa virada para si teria de usar a mão esquerda para lhe bater aí. Com este ângulo. – Moniz levanta a mão esquerda lentamente, forma um punho, faz um gesto em câmara lenta na direção da cara de John.

John fecha os olhos, recordando.

– Sim. – Abre-os. – Foi com a mão esquerda.

Moniz anota qualquer coisa.

– E depois?

– Depois, caí e ele estava em cima de mim, de óculos de sol, outra vez com a arma na mão, apontada. Disse-me: “Que ideia tão estúpida.”

– Sim – concorda Moniz –, se não se importa que lho diga, concordo. Porque fez isso?

– Sinceramente? Não sei.

Ariel detesta que John esteja sempre a dizer “sinceramente”.

– Fui raptado e pensei que seria uma oportunidade para escapar. Talvez a minha única oportunidade.

– Mas porque achou que teria de escapar?

John parece baralhado.

– Não acreditava que fossem pagar o seu resgate? O seu patrão? Ou a sua mulher?

– Bem, sinceramente...

Será que não pode parar de dizer aquilo?

– ...com o feriado, temia que a minha empresa não fosse contactável, e a Ariel teria de tratar de tudo isto sozinha. Ela não tem essa quantidade de dinheiro...

– Desculpe – volta a interromper Santos. Ariel começa a ter pavor das interrupções daquela mulher. – Os raptadores disseram-lhe qual era o montante do resgate que pediam?

– Não. Mas a Ariel não tem dinheiro para pagar *qualquer* tipo de resgate.

– Como sabe isso? – pergunta Santos. – Quanto dinheiro pensa que a sua mulher consegue assegurar? Para um resgate?

– Não sei.

– Não? – Santos olha Ariel brevemente e volta a John. – Não sabe quanto dinheiro a sua mulher tem em bancos? Em investimentos?

John não responde logo, e Ariel intervém.

– Porque pergunta isso?

– Estou só a tentar perceber o raciocínio do seu marido.

– O que tem o raciocínio dele no que respeita às minhas contas bancárias que ver com este rapto?

– Nada – diz Santos. E acrescenta: –Talvez.

Agora, Ariel é capaz de nomear o desconforto no estômago: medo.

– Gosta do seu trabalho, senhor Wright? – Moniz volta a assumir o controlo. Aquele interrogatório em pingue-pongue está a deixar a cabeça de Ariel às voltas, o que deve ser o objetivo de tudo aquilo.

– Na maior parte das vezes.

– Já pensou em demitir-se?

– Quem não pensa?

– Eu. – Moniz sorri. – Adoro o meu trabalho. Espero fazê-lo até morrer.

– Então, tem muita sorte.

– Já calculou de quanto dinheiro precisa para se reformar?

– Para me reformar? Não, nem por isso. – Há um tremor na voz de John. Todo aquele espicaçar começa a dar frutos. – Sou bastante novo para pensar nisso.

Ariel já estivera num aperto assim: certa de que alguma coisa terrível está prestes a acontecer, mas incapaz de fazer algo para a travar, relutante em admitir a derrota, em decidir-se pelo confronto. Acaba sempre por se arrepender, por adiar o sentimento de desconforto que teria evitado o insuportável. Mais tarde, dava sempre consigo a pensar: “Deveria ter feito alguma coisa quando tive a oportunidade.”

* * *

Quando acabara, Charlie arrancara a toalha da boca de Ariel e limpara-se com ela.

A jovem esfregara o maxilar, os músculos faciais doridos por causa do tecido amarfanhado, juntando-se a todas as outras dores em todas as outras partes do corpo recém-maltratado. Observara Charlie fechar a braguilha, ajeitar-se ao espelho, alisando o cabelo, esboçando um sorriso, voltando a ter um ar festivo – era só um fulano que gostava de se divertir num sábado à noite, com aquelas pulseiras idiotas no pulso.

– Eu saio primeiro, sim? – Charlie estava outra vez a entaramelar as palavras, e Ariel já o imaginava a construir a história, as justificações, as desculpas... sim, pronto, talvez estivesse um pouco alcoolizado, mas certamente não interpretara mal os avanços de Ariel; ela atirava-se a ele há séculos e, quando o seguira até àquela casa de banho remota, o que raio haveria ele de imaginar que ela queria? O que lhe deu.

– Está bem? – perguntara ele outra vez.

Ariel não conseguia dizer nada, só o olhava, horrorizada, até que Charlie virara os olhos do seu próprio reflexo e encontrara os dela. Fora só por um segundo, mas durara o suficiente para que ela visse, apesar da névoa espessa da angústia, a mentira.

Naquela altura, tinham já passado quase duas décadas desde a primeira vez que Ariel fora abusada sexualmente, duas décadas durante as quais ela aprendera o que era ser-se manipulada. Sabia que era intencional, sabia como funcionava. Funcionava assim.

Saberia Charlie que era um monstro? Faria ele um esforço sério para esconder a sua monstruosidade de todos, até de si mesmo? Seria essa a explicação para a sua filantropia ostentatória? As pulseiras de gajo fixe, as galas de benemérito, as gorjetas de vinte dólares distribuídas aos porteiros, aos ajudantes de garagem e, especialmente – extravagantemente –, às meninas dos bengaleiros? Vá, vejam: sou bom tipo.

Acreditaria ele nisso? Ou saberia perfeitamente que o que fazia era uma farsa? Que tentava esconder o que, na realidade, era.

– Tu – dissera Ariel – és um monstro de merda.

CAPÍTULO 37

Dia 2. 21h37

– Como acabou? – pergunta Moniz.

John suspira de alívio. Também ele foi ficando desconfortável com o tipo de interrogatório dos polícias e se sente feliz por voltar ao terreno mais firme da cronologia direta e factual.

Ariel, não. Preocupa-a que seja um mero recuo tático, uma finta, após o que voltará o interrogatório. Preocupa-a pensar que John deveria ter um advogado presente durante aquele inquérito, um advogado americano e que tudo aquilo se devia estar a passar na embaixada. Se ao menos ela pudesse confiar na integridade da embaixada americana... Ou dos advogados americanos.

– Mandaram-me sentar na cama, como faziam sempre antes de abirem a porta. Então, um dos homens disse que eu tinha sorte, que o meu resgate tinha sido pago e que me iam libertar. Mas tinham de me pôr uma mordaça e um carapuço. Disse que não era o momento para me armar em herói, que estava a minutos da libertação. Então, sentei-me imóvel, enquanto ele me enchia a boca com o trapo e me punha um carapuço pesado e que me fazia comichão por cima da cabeça. Depois, levaram-me pelo corredor. Devo talvez ter dado mais uns vinte passos, até que senti o ar fresco. Baixaram-me a cabeça e enfiaram-me dentro de um carro. Conduziram cerca de trinta minutos e tiraram-me do carro. Andámos uns passos. Fui empurrado para uma cadeira. Senti os pés serem amarrados, as mãos também. Depois, ouvi passos a recuarem, uma porta de um carro a bater, alguém a pôr uma mudança e o carro a afastar-se, com a grande porta a deslizar para se fechar.

– Consegue encontrar esse local?

– Eu consigo – intervém Ariel. Toda a gente se volta para ela. – Sei exatamente onde fica. – Uma das coisas que Ariel aprendeu foi a ser uma testemunha credível. A certeza é essencial. A certeza é tudo.

– Ótimo – anui Moniz. – E o carapuço que lhe enfiaram?

- Está mesmo ali – riposta Ariel, apontando para o balcão da cozinha.
- Importa-se que...
- Força.

Ariel assumiu o papel de testemunha, desviando a atenção de John, cuja energia se parecia estar a esvair – a reação de “luta ou fuga” é extenuante. A seguir, fica-se sempre um pouco confuso, por vezes, incapaz de tomar as melhores decisões, ainda que, na altura, não se dê conta. Ou nunca, possivelmente.

* * *

Ariel tremia, avaliando os danos, fazendo uma triagem, como uma médica de campanha que acaba de se encontrar ferida no fim de uma batalha sangrenta.

Não queria andar pela festa com cara de quem tinha sido violada. Então, limpou o batom e o rímel borrados, com as mãos trémulas a fazerem um mau trabalho. Tentara ajeitar o cabelo, mas parecia estar a deixá-lo pior. Ajustara as cuecas, alisara o vestido, estremecera quando se sentira subitamente hiperconsciente do sêmen de Charlie, quente e viscoso; a ideia deixara-a maldisposta, dera-lhe um ataque feroz de náusea, pelo que se virara para a retrete para vomitar, mais uma torção violenta que lhe feriu o corpo todo.

De seguida, levantara-se, começara a limpar-se novamente, perguntando-se o que deveria fazer.

Podia irromper pela festa, contar aos berros a toda a gente. Mas e depois?

Ou podia ligar para as Urgências ali mesmo, na casa de banho, e esperar pela polícia junto à porta da frente, onde uns quantos *Maseratis* e um *Lamborghini* tinham sido estacionados por um empregado nos locais mais visíveis, em pose para os restantes convidados. “Ele está ali”, diria ela aos polícias. “Aquele monstro de merda está ali.” Mas e depois?

Ou podia voltar para junto do marido, dizer-lhe ao ouvido: “Posso falar contigo?” Depois de lhe explicar, talvez o próprio Bucky chamasse a polícia. Ou talvez atravessasse a sala e desse um soco a Charlie. Fosse como fosse: e depois?

Ou podia fingir que nada daquilo tinha acontecido, como lhe aconselhara certa vez o pai. Mas e então?

E então? E então? E então?

* * *

Não sabia se seria capaz de andar, mas lá avançara, a custo, instável, com um zunido forte na cabeça, como se diferentes partes do corpo gritassem ao mesmo tempo, queixando-se de tudo o que estava mal, as dores físicas, as dores na mente, a merda da situação. Ainda se sentia incapaz de decidir o que fazer, só estava certa de uma única coisa: precisava de sair imediatamente

daquela festa. Imediatamente.

Ariel cambaleara por entre as mesas, atraindo olhares, sentindo o corpo todo envolto em violência, encharcado no suor de Charlie, no seu cuspido, no sêmen, como se toda a gente pudesse ver isso nela, cheirá-lo. Sentira-se invadida por mais um assomo de náusea e decidira encostar-se às costas de uma cadeira. Alguém à mesa lhe perguntara: “Sentes-te bem?” e ela murmurara “Mmm” e voltara à provação de atravessar o relvado.

– Bucky – crocitara ela, com a voz fraca e rouca.

Ele olhara para cima, interrompendo um relato qualquer. As pessoas pareciam ansiosas pelo remate.

– Não me sinto lá muito bem.

Bucky não respondera logo, e Maggie Mitchum, até então mergulhada num silêncio, dissera ao marido:

– Anda, Aubrey, vamos para um sítio mais animado.

Os dois casais tinham vindo no mesmo carro, por isso só uma pessoa tinha de ficar sóbria. Era óbvio que não seria qualquer dos Mitchum, muito menos Bucky. Aquelas eram três pessoas que nunca se apanhavam sóbrias no fim de uma festa, nem sequer nas noites em que tencionavam fazê-lo.

Mais uma função de Ariel.

– Está bem – aceitara Bucky, com evidente relutância. Começara a distribuir apertos de mão.

– Então? – sussurrara Maggie. – Sentes-te bem?

Ariel temia que, se voltasse a falar, perderia o controlo. Limitara-se a acenar.

– De certeza? – Mesmo embriagada, Maggie, aquela mulher que Ariel mal conhecia, conseguia ver que alguma coisa se passava, enquanto o próprio marido não dava por nada.

– Hum – repetiu Ariel, com os lábios cerrados, tentando impedir-se de chorar, soluçar, vomitar novamente, de se ir abaixo diante de toda a gente.

– Só tenho de dizer boa noite ao Charlie – dissera Bucky.

Ai, mas é que nem que o Inferno gelasse!

– Já o fiz – esforçara-se Ariel por dizer. – Vou buscar o carro.

Estendera a mão para receber o bilhete do estacionamento, que Bucky lá pescou do quinto bolso onde o procurava: uma concha com um número pintado à mão, uma mistura de chique e de praia, como tudo ali, o luxo, a elegância, as pessoas finas com os seus vestidos finos. Não parecia, certamente, o local para um crime violento.

* * *

– Mr. Wagstaff! Fala Saxby Barnes.

– Olá. – Wagstaff começa a caminhar para o lado oposto da praça, afastando-se do hotel. Tem estado sentado ao lado de um homem com cara de americano, possivelmente da CIA. Wagstaff não quer que o fulano ouça a

conversa. – O que se passa?

– Perguntava-me que informação conseguiu o senhor desenterrar sobre a história de que falámos.

– Como por exemplo, Barnes?

– Não sei. Qualquer coisa.

Wagstaff não sabe ao certo o que Barnes procura, e não vai dar-lhe toda a história para a mão.

– Tem de ser mais específico, Barnes.

– O embaixador teme que qualquer coisa sobre esta situação se revele problemática.

– Estou a ver – replica Wagstaff. – Muito bem. Sou capaz de ter uma coisa para lhe contar, Barnes. Se tiver algo para me contar em troca.

Barnes não responde, mas Wagstaff sabe que pode esperar pelo funcionário. Pete está nisto há muito mais tempo e tem muito mais jeito. Não é preciso trabalhar para Langley para se ser um bom espião. Na verdade, muitos dos melhores espiões são esses. Além disso, naquele momento, Barnes precisa dele, mas Pete não precisa de Barnes.

– Está bem – cede Barnes. – Mas não me pode usar como fonte, nem como base.

– Entendido.

– A Ariel Pryce veio à embaixada muito tarde, ontem à noite, quando tudo estava fechado, para usar a sala de comunicações seguras. Das pessoas com quem falei, ninguém sabe porquê.

– Está a dizer que não foi uma instrução do embaixador.

– Estou certo de que não foi.

O que significa aquilo? Significa que Ariel Pryce foi convocada à embaixada por alguém poderoso, que trabalha para o governo federal ou com ligações profundas. Barnes dá-lhe uma boa pista. Uma ótima pista, na verdade.

– Então, o que tem para mim, Mr. Wagstaff?

– A certidão de nascimento do filho de treze anos da Pryce não menciona um pai. E estou quase convencido de que ela assinou um acordo de confidencialidade sobre a paternidade.

Barnes não responde por uns segundos. Depois, pergunta:

– E o que significa isso?

Aquele tipo é mesmo pacóvio.

– Então, Barnes, quem financiou o resgate e quem é o pai da criança da Ariel Pryce? São a mesma pessoa.

– Hum. Tem ideia de como identificar este cavalheiro?

Wagstaff olha para cima, para o quarto de hotel da mulher. Todas as janelas estão abertas e as cortinas esvoaçam. Ela está ali, agora mesmo, com o marido recém-resgatado e dois inspetores lisboetas, a tentar manter em segredo aquela questão explosiva, que, ao que parece, já guarda há década e meia. E Wagstaff está prestes a acender o rasilho. Sente o coração aos pulos.

– Não – mente a Barnes. Aquilo é algo a que terá de se dedicar sozinho, longe de todos os que possam querer travá-lo. – Não faço ideia.

CAPÍTULO 38

Dia 2. 21h42

- Como é que a senhora arranjou o dinheiro para o resgate?
- Desculpe, não lhe posso contar.

O inspetor aguarda por uma explicação melhor, que não chega, e Ariel escolhe não preencher o silêncio.

- Não percebo – diz Moniz. – Não sabe de onde veio o dinheiro?
- Sim, claro que sei. Mas estou legalmente proibida de o revelar.
- Até à polícia?
- Não há exceções.

Moniz abana a cabeça.

- Continuo a não perceber.
- Assinei um acordo legal a comprometer-me a não divulgar quaisquer pormenores sobre a interação. Garanti que não divulgaria sequer a existência do acordo. A ninguém. Jamais. Por isso, neste momento, ao contar-lhe isto, já estou a quebrar os termos do acordo.

O polícia não queria fazer com que Ariel infringisse a lei, não é para isso que servem os polícias.

- Isto é comum na América. – Ariel sabe que tem de deixar aquilo absolutamente claro, para que a polícia saiba porque se recusa a responder. Encara Santos. Ainda que Moniz seja quem fala mais, Ariel desconfia que é Santos quem tem de ser convencida.

– Chama-se acordo de confidencialidade, de não divulgação, “NDA”. Já ouviu falar disso? – Nenhum dos polícias responde, pelo que Ariel prossegue.

– As regras são rígidas, as penas, severas. Se eu violasse os termos, ficaria arruinada financeiramente e seria, provavelmente, presa. – Pousa o olhar em Santos. Precisa que a mulher perceba esta parte. – Também enfrentaria outros perigos. A minha segurança pessoal.

Ariel supõe que os dois polícias sabem a que se refere. Afinal, são polícias, têm de saber o que os homens fazem às mulheres, o que os homens

fazem quando estão zangados, do que são capazes os homens poderosos. É isso que implica ser-se polícia. Ariel precisa que eles entendam que ela está assustada, e eles deveriam deduzir porquê.

– Tem razões para temer esse homem? – pergunta Moniz.

– Não disse que era um homem.

– Esse homem já lhe fez mal? Ou já a ameaçou?

Ariel não responde.

– Mas não tinha sido o seu ex-marido a fornecer o dinheiro? – Moniz espreita as notas uma vez mais. – Buckingham Turner. Parece endinheirado.

– E é, e eu tentei recorrer ao Bucky. Mas ele não tem todo este dinheiro à mão de semear.

– Sim, três milhões de euros é muito papel.

Ariel pensa corrigir Moniz, mas decide não o fazer.

– Não há muita gente com fundos desses disponíveis com tão pouca antecedência. A senhora teve muita sorte, não foi? Conseguir encontrar alguém com essa quantidade pouco habitual de dinheiro, como diz, à mão de semear.

– Sorte? Acha que foi isso que tive?

– Os raptos cometeram um crime complicado e fizeram-no sem testemunhas, pistas ou erros. Um crime muito bem planeado. Ainda assim, esqueceram-se de ter em conta como seria difícil para si arranjar um resgate elevado em tão pouco tempo. Particularmente difícil para uma americana, durante um feriado americano. São grandes obstáculos, não acha?

Ariel encolhe os ombros.

– E estes grandes obstáculos são previsíveis e evitáveis para criminosos muito cuidadosos. Acha que os raptos os tiveram em conta?

– Não sei o que eles tiveram em conta. Obviamente.

– A senhora e o seu marido não são famosos por serem ricos. Não a este ponto, com três milhões em dinheiro. Ainda assim, foi o que os raptos pediram.

Ariel limita-se a olhar para ele. Se aqueles polícias acreditassem mesmo que alguma coisa estranha se passava, se tivessem uma só prova, a conversa estaria a ter lugar na esquadra.

– Portanto, sim, senhora, digo que teve muita sorte em encontrar uma pessoa dessas. Não concorda?

* * *

Ariel refletira muito sobre o conceito de sorte, o que significa ser-se afortunado. Muitas vezes, parecia uma pessoa muito afortunada; foi-o frequentemente. Parecia, sem dúvida, afortunada ao volante do SUV gigante de luxo, um carro que custava mais do que uma casa, em média, na América, envergando um vestido pronto para a *passerelle* e sapatos de setecentos dólares, pejada de joias raras, a caminho de uma festa cheia de ricos, famosos

e poderosos, que seriam referidos nas páginas das revistas do fim de semana seguinte, para as massas folhearem, invejosas: “Meu Deus, quem me dera ser uma daquelas pessoas sortudas!”

Ariel era uma dessas pessoas com sorte. Ainda assim, ali estava ela, a fazer de motorista do marido e dos amigos, pelas ruas tranquilas dos Hamptons, enquanto todo o seu corpo tremia ainda da violência sexual de que fora vítima apenas uns minutos antes. As mãos tremiam-lhe tanto que mal conseguia segurar o volante; não conseguia distinguir o pedal do acelerador do dos travões. Uma parte de si temia que chocassem contra uma árvore. A outra desejava que o fizessem.

Sem saber como, lá encontrara o caminho pavimentado com conchas esmagadas que ia dar a casa dos embriagados Mitchum, após o que virara o *Range Rover* preto, rumando de novo à noite escura, enquanto Bucky tagarelava, sabe Deus sobre o que falava. Parecia mais bêbado a cada segundo que passava, a última bebida ainda a ser absorvida no fluxo sanguíneo.

Ariel percebera que não lhe podia contar nessa noite: Bucky não estava capaz de digerir a história, nem de fazer alguma coisa construtiva. Não podia ser parte de uma solução nessa noite. O mais provável era tornar-se um problema adicional, irracional, ingerível e, possivelmente, violento. Bucky era um bêbado desastrado, intelectual e emocionalmente.

Sexualmente também.

De repente, fora atingida pelo horror: e se Bucky quisesse sexo nessa noite? Andavam a tentar engravidar, claro. Além disso, ele era, regra geral, um bêbado com tesão.

Deus do Céu, não!

Ariel precisava desesperadamente de um duche. Tinha de livrar o corpo de cada vestígio tóxico de Charlie. Mas não queria que Bucky interpretasse mal o motivo da sua nudez, nem que o interpretasse bem. Por isso, esgueirara-se para o quarto de hóspedes no rés do chão, dirigira-se para a casa de banho interior e ficara paralisada à porta.

Outra casa de banho.

Seria capaz? Deveria ser? Sentira o corpo todo vibrar novamente ao tentar cruzar, hesitante, o limiar, enquanto acendia as luzes, aterrorizada com aquele espaço estéril muito iluminado, aterrorizada ante a ideia de lavar as provas físicas cruciais da cena de crime que era o seu corpo, mas também aterrorizada com a alternativa: sobreviver essa noite sem, pelo menos, fazer todos os esforços por se purificar após aquela violação, mesmo sabendo que falharia.

Não tinha escolha. Despira o vestido, teria despido a pele se pudesse, e parecia que tentava fazê-lo, esfregando-se por toda a parte, usando a esponja como se fosse palha-d’ aço, esfolando a pele já pisada, magoada, violada, uma dor para juntar à dor, o horror do que agora fazia para juntar ao horror do que lhe tinha sido feito.

Arrastara-se, por fim, escada acima, de ouvido à escuta, grata por ouvir o

marido rressonar antes de chegar ao topo. Enfiara-se na casa de banho, lavara os dentes, passara o fio dental. Tinha um bom sorriso, era uma das suas características mais notáveis e, claro, o sorriso era fruto de dentes saudáveis, cujas fundações eram gengivas sãs; portanto, passava o fio todas as malditas noites, ao que parece até nas noites em que tinha sido violada.

Observara Bucky, esparramado na cama, nem sequer semitapado pelos lençóis, sem camisa, peludo, brutal.

Não, não conseguia deitar-se ali.

Voltara à casa de banho, tomara um *Xanax*, repensara, tomara outro. Escapara-se para a cozinha, onde tirara uma faca de quatrocentos dólares do suporte. De seguida, sentara-se no escuro, desejando não se ir abaixo, mas suspeitando que talvez fosse demasiado tarde para isso. Talvez fosse aquele o aspeto de uma pessoa destrozada, agarrada a uma lâmina com mãos ambas, os olhos fixos na porta, o corpo a zumbir em antecipação do ataque seguinte, ainda que soubesse que não seria ali, não naquela noite.

* * *

Umas horas depois, os pensamentos racionais tinham começado a formar-se, todos convergindo para uma pergunta central: o que deveria ela fazer? Deveria ir de carro até lá, acordar a mulher de Charlie e contar-lhe? Ou acordar Charlie e dar-lhe um enxerto de porrada com um taco de golfe? Ir à esquadra? Telefonar à polícia?

Agora que tinha tempo para pensar, não fazer nada sabia-lhe a derrota. Devia agir, não era? Mas não se conseguia forçar a tomar uma decisão. Todas as alternativas eram más, começavam com a mesma situação indescritível e acabavam com qualquer coisa inaceitável. Ariel não tinha boas escolhas. Precisava de perceber qual seria a menos má.

Às três da manhã, decidira fazer um teste de gravidez nessa noite, enquanto ainda fosse absolutamente claro quem era o pai, se o resultado fosse positivo. Então, arrastara-se de novo até ao andar de cima, fizera chichi para a fitinha, esperara e desatara a chorar.

* * *

– A sua mulher não costuma acompanhá-lo nas viagens de trabalho. – Moniz olha para Ariel, voltando novamente o olhar para John. – É a primeira viagem a dois, não é?

– É verdade.

– Porquê desta vez?

– As viagens de negócios são solitárias e difíceis. Pensei que, sendo possível transformá-la numa coisa divertida com a minha nova mulher, deveria fazê-lo.

– Sim, mas porquê *esta* viagem em particular?

– Já vim várias vezes a Lisboa. Conheço bem a cidade, pelo que não estaria a perder nenhuma das aventuras dela enquanto tivesse de trabalhar. É um voo curto, conveniente, barato, bonito e, sinceramente, pensei que ela ia adorar. Muitas razões.

– Mas não seria porque os seus clientes estavam interessados em conhecer a sua mulher?

John não responde logo.

– Não foi isso que lhe disse?

– Sim. – O homem engole em seco. – Também foi isso.

– Os seus clientes pediram-lhe isso? Que trouxesse a sua mulher a Lisboa?

– Bem, não. Não de forma explícita.

– Perdoe-me. Talvez não esteja a perceber. Como sabe que era isso que os seus clientes queriam?

– Tenho muita experiência de negócios na Europa. Trata-se de uma coisa habitual.

– Ai, é? – Moniz volta a olhar para Ariel, regressando a John. – Então, está a presumir.

– Sim.

– Mas não foi isso que disse à sua mulher, de forma a convencê-la a vir.

– Não queria que ela se sentisse culpada por tirar os dias, gastar dinheiro e estar longe do filho e da loja. É possível que a tenha enganado para tirar umas férias, o que, de outro modo, ela recusaria.

– Então, mentiu à sua mulher.

– *Menti?* Que palavra tão dura. Uma artimanha romântica, diria.

– Mas não se está a revelar assim tão romântico, pois não?

– Senhor. – Santos volta a intervir. Todos os olhos pousam nela. – Quando foi a última vez que falou com a sua irmã?

John é um veado paralisado diante das luzes de um carro.

– Não tenho a certeza. Há uns meses?

– Sabe onde estará ela agora?

– Não.

– Teve algum contacto com ela recentemente? Mensagens? Email?

Ariel não gosta do rumo da conversa, nem um bocadinho. Quer que os polícias se vão embora, quer ir para o aeroporto, deixar aquela cidade, aquele país, quer estar em casa com George, longe de toda aquela desventura. Por que raio vieram? Foi uma péssima ideia.

– John, posso falar contigo durante um minuto?

* * *

– Estás exausto – sussurra Ariel, atrás da porta fechada do quarto. – Passaste por uma experiência horrível. Estás traumatizado e a sofrer. Precisas de uma pausa, tens de dormir.

John perscruta-a.

– Mas não preciso.
– Sim. – Ariel lança-lhe um olhar zangado. – Precisas.
– Mas... – Ele volta-se para a porta do quarto, com os inspetores sentados do outro lado, à espera, os blocos de notas em riste, as suspeitas em mente, as algemas e as pistolas à mão.

– Mas não tenho nada a esconder. Não quero que pareça que tenho. E sinceramente...

– Não digas *sinceramente*, por favor. Para de usar essa palavra. É o que dizem os mentirosos.

– E só os mentirosos se recusam a falar com a polícia.

– Não, é o que fazem as pessoas racionais quando percebem que os polícias não estão do lado delas. Estou a falar a sério, John. Temos de acabar com isto, neste preciso momento. Não sei de que suspeitam ao certo, mas acho que não devíamos esperar para ver.

Ele suspira. Sabe que ela tem razão.

– Lembra-te: toda a gente perceberá que não podes falar sobre isto, tal como toda a gente perceberá que eu não posso divulgar o nome, e tu também não. E quem não perceber? É alguém com quem não devíamos estar a falar, seja como for. Vamos para casa, arranjam-te um advogado, arranjam-me um advogado e calamos o bico sobre quem nos deu o dinheiro do resgate.

Ele assente.

– Há muito tempo que guardo um grande segredo – diz ela. – A parte mais difícil é o início. Lembra-te disso. Depois torna-se mais fácil.

* * *

Os três agentes da CIA encontram-se todos na mesma posição, sentados com os cotovelos nas coxas, inclinados, a ouvirem com atenção. Para jogar pelo seguro, Griffiths tem os olhos fechados. Não quer ser distraída pelo espaço de trabalho de Antonucci, tão irresponsavelmente desorganizado que a deixa com arrepios na espinha. Para a chefe, é muitíssimo importante que os espaços de trabalho – que tudo – estejam organizados. Essa é uma das coisas que fazem dela uma supervisora eficaz de agentes secretos e informadores. Também deve ser por isso que nunca se casou, nem de longe, e tem quase a certeza de que nunca o fará.

Instala-se o silêncio nas colunas. O casal americano parece ter terminado a conversa a dois, longe dos polícias portugueses.

Kayla Jefferson tem estado a tomar notas que nem louca durante aquele interrogatório. Há muitas informações a investigar. Guido Antonucci apontou menos coisas. Ele é o músculo, apesar da cara amolgada. O agente fecha o bloco e põe-se de pé.

– Sabem o que fazer, certo? – pergunta Griffiths.

– Vou até lá para ficar de olho neles.

– Começa por ir à casa de banho. E leva qualquer coisa para comer e

beber, sem dúvida. Deves ter de ficar lá toda a noite. Ou, pelo menos, assim o desejamos.

Antonucci abandona o cubículo. As mulheres ficam, para continuarem a espiar o interrogatório da polícia.

– Já tomaste uma decisão? – pergunta Jefferson, num sussurro. Quer saber o que Griffiths fará com a revelação sobre o proprietário da Ltd. Que é uma revelação sobre tudo.

– A decisão não é minha – diz Griffiths. – Comecei a pedir autorização à hierarquia. Depois, digo-te. Ou talvez não. Também não é decisão minha.

* * *

– Ouçam. – Ariel fita os dois polícias nos olhos. – Agradecemos a vossa ajuda, a sério. Mas estou exausta e o meu marido também. Precisamos mesmo que este dia acabe. De certeza que compreendem. Iremos ter convosco à esquadra logo de manhã, para responder a quaisquer outras perguntas que possam ter.

Ariel não se voltou a sentar. Moniz percebe a indireta e levanta-se, seguido por Santos, que diz:

– Só uma última pergunta, senhor Wright.

Bastaram uns dias para Ariel perceber como funcionam aqueles polícias. Estão os dois de olhos fixos em John. Ariel não sabe qual será a pergunta, mas prepara-se para algo catastrófico.

– A sua irmã – começa Santos – é canhota?

CAPÍTULO 39

Dia 2. 22h04

Ariel não devia dizê-lo em voz alta. John já o sabe, ela também; portanto, dizê-lo não serve de nada senão para criar um antagonismo.

– Ora – acaba ele por dizer –, tu bem me tinhas avisado.

Apesar da tensão do momento, da exaustão, do medo, Ariel sorri. Surpreende-a o amor que sente por aquele homem.

– Aquilo foi marado – desabafa ele.

– Pois foi – concorda ela. De trás da cortina de linho translúcido, observa os inspetores a chegarem ao passeio diante do hotel.

– Acham mesmo que encenei o meu próprio rapto?

– Não sei. – Ariel volta a percorrer a praça, mais uma revista. – Talvez não acreditem nisso, mas estejam a atirar o barro à parede para ver se a tua história se aguenta, não se vá dar o caso de não aguentar.

Dirige-se para a sala de jantar e abre o computador portátil.

– Podes fazer *log in*?

– Claro. O que vais fazer?

– Vou ver se conseguimos arranjar um voo para mais cedo.

Não há dúvidas das suspeitas da polícia nessa noite, nem razões para esperarem que as coisas melhorem amanhã. Lá porque hoje foi horrível, não quer dizer que amanhã não seja pior.

– Então, não vamos à esquadra logo de manhã?

– Estás bom da cabeça? Vamos para o aeroporto logo de manhã.

* * *

Ariel acordou ao fim de poucas horas de sono. Ergueu-se a custo do sofá, cheia de dores em vários pontos sensíveis e com uma angústia mental em cada canto da sua consciência. Estava absolutamente exausta. Atravessou,

letárgica, a enorme mansão já alugada com mobília, cheia de coisas de que não precisava nem queria, tudo luxuoso e em grandes tamanhos, os tetos de catedral, os roupeiros e as casas de banho *en suite*, com toucadores duplos e banheiras de imersão.

Tomou outro duche, talvez o mais longo da sua vida, mas continuava a não se sentir limpa. Talvez nunca mais se viesse a sentir assim. Engoliu uns quantos analgésicos e olhou para o seu reflexo no espelho. *O que vais fazer?*

Encontrou um recado escrito à pressa pelo marido no balcão da cozinha:

FUI AO GOLFE, VOLTO PARA O ALMOÇO, REGRESSAMOS À CIDADE A MEIO DA TARDE.

AMO-TE, B.

Golfe: Bucky estaria a jogar com três outros amigos. Um deles poderia ser o próprio Charlie.

Os eletrodomésticos também eram enormes – um frigorífico do tamanho de um SUV, um fogão com dez bicos. Quem precisa de dez bicos? Ariel mal chegava a usar um, como nesse momento, para fazer chá, que levava para o pátio virado para a piscina, onde se sentava à sombra de um guarda-sol às riscas, com as lajes de terracota rodeadas por uma guarda palaciana de hortênsias azuis, impressionantes fileiras de grandes flores pendentes de grossas hastes lenhosas, demasiado grandes e vistosas para o seu próprio bem, tal como toda aquela propriedade, toda a sua vida. Tal como ela própria.

A renda ali era de trezentos mil dólares pela estação, do Memorial Day ao Labor Day. Quinze semanas, quinze noites de sábado. Vinte mil dólares por noite de sábado.

O que se faz na manhã depois de se ter sido violada?

* * *

– Bem – diz Moniz –, sou homem que baste para o reconhecer: tinhas razão.

– Repete lá? Não ouvi bem.

Moniz sorri.

– Disse que tinhas razão. – Estuda a praça, toda aquela gente, toda aquela vida. Quantas daquelas pessoas cometeriam crimes essa noite? Quantas seriam vítimas?

– Ligamos a um juiz? – pergunta ele. – Para prender já o Wright?

– Quem me dera. Não, não podemos fazê-lo sem falar com a embaixada americana.

– Podemos, sim. A embaixada americana não tem jurisdição.

Santos suspira.

– Não seas ingénuo, António. A jurisdição não é para aqui chamada. E se prendermos o Wright sem, antes, termos o acordo da embaixada e se revelar que nos enganámos? Pfff.

Eis o que sempre frustrou Moniz no trabalho policial: os polícias estão, por vezes, mais preocupados com não ofender ninguém do que em deixar passar crimes sem punição. Quanto mais antigo o polícia, mais preocupado com a própria pele fica.

– Mas não nos enganámos – replica Moniz. – O John Wright é a definição de homem culpado.

– E agora quem é que se está a precipitar a tirar conclusões?

Acercam-se do carro.

– Vou ligar à embaixada logo de manhã. Eles enviarão alguém à esquadra e prenderemos o Wright assim que ele chegue.

– E se ele não aparecer? E se fugirem esta noite?

– Vou designar uma equipa para ficar de olho neles. E deixarei alguém a monitorizar os registos das companhias aéreas. Se tentarem fugir, saberemos.

* * *

Pete Wagstaff observa os polícias a afastarem-se de carro. Minutos depois, as luzes do quarto de hotel apagam-se. Wagstaff encontra-se há muito tempo naquela praça, à espera de que algo aconteça – uma prisão, uma fuga, outra alteração estranha, como da vez em que a mulher deu um enxerto de pancada ao agente da CIA. Todavia, parece que, naquela noite, não haverá mais dramas.

A vigília não foi, no entanto, uma grande perda de tempo. Wagstaff aproveitou a oportunidade para traçar um plano de ataque, para pensar nas listas que faria e como. Desconfia de que acabará com milhares de nomes, pelo que começou também a definir as categorias que poderá eliminar, para restringir as possibilidades. Será muito trabalho, mas sente-se entusiasmado. Está confiante de que valerá a pena, de que a recompensa será enorme.

Passará a noite acordado. Salta para a mota e dirige-se para casa.

Primeiro, parará no bar da Luísa para um grama de cocaína.

* * *

Ariel não precisa do despertador da meia-noite. Às doze menos um quarto, os olhos abrem-se-lhe de repente. Permanece na cama por mais um minuto, ouvindo o ritmo regular da respiração de John, e só depois se levanta.

Não acende qualquer luz. Volta à janela e esconde-se atrás da cortina para uma nova vistoria. Ainda ali permanece um carro, que passa lá a noite, estacionado do lado oposto da praça. Tem a certeza de que aquele pequeno e incaracterístico *Ford* alberga um dos homens da CIA, aquele a quem ela partira a cara. Mas é difícil ter a certeza, àquela distância.

Ariel encaminha-se até à *kitchenette* e afasta a máquina de café para alcançar o novo telemóvel descartável que comprara na loja da esquina, com os sacos iguais, e que escondera ali, longe dos olhos bisbilhoteiros dos polícias. Põe o cartão SIM no telefone nunca usado e carrega no botão para o ligar.

A sua pulsação já começa a acelerar.

* * *

Moniz chegou há escassos cinco minutos, e Santos já lhe está a telefonar.

– Desculpa – diz ele a Júlio, que revira os olhos e sai da sala.

Santos não perde tempo com preliminares.

– Originalmente, eles tinham bilhetes para partir de Lisboa na sexta. Mas, há meia hora, mudaram a reserva para o voo do início da tarde de amanhã, para Nova Iorque.

– Achas que ainda pensam passar na esquadra de manhã?

– É pouco provável. Vou garantir que haverá um carro-patrolha à porta do hotel o tempo todo.

– Isso chegará?

– Não podemos prendê-los agora, António.

– Mas prova que tencionam fugir.

– Não, prova que tencionam encurtar a viagem.

– Porque lhes dás o benefício da dúvida?

– Não dou. O que dou é o benefício de nos protegermos a nós de um erro que nos pode arruinar a carreira. Não podemos andar para aí a arrastar cidadãos americanos das camas de hotel a meio da noite, sobretudo com a suspeita de terem cometido um crime absurdamente complicado, e não violento, tendo como base a mera desconfiança de que se portaram de forma evasiva e tensa durante um interrogatório. Percebes isso, certo, António? De facto, não temos provas. Ainda não.

* * *

– Olá – diz Guido Antonucci –, desculpa se te acordei, mas pensei que quererias saber isto imediatamente. A Pryce acaba de ir para a varanda fazer uma chamada.

– Para quem?

– A cena é essa. Não sabemos. O telemóvel que usou não era o dela nem o descartável dos raptos. E, claro, na varanda, estava fora do alcance dos microfones.

– Porra! – Griffiths senta-se na cama. Estava a dormir há vinte segundos, mas agora a mente funciona em pleno. – Porra. Estás sozinho no hotel?

– Sim.

– Está bem. Liga à Jefferson, diz-lhe para ir ter contigo o mais depressa

possível, de mota. Também vou para aí.

* * *

Enquanto escova rapidamente os dentes, Ariel examina o frasco cor de âmbar com o nome e a morada de John escritos a computador na etiqueta, os miligramas, a posologia. Os polícias pensam que a drogou? Que lhe deu algo para que dormisse enquanto ele saía de manhã, para encenar o seu próprio rapto às escondidas da mulher? Estão a dar muito crédito à esperteza que Ariel sabe que John não tem.

Senta-se na borda da cama.

– Ei – diz, baixinho.

– Humm.

Ela pousa a mão suavemente no peito dele.

– Está na hora de acordar. – A mesma coisa que dissera ao filho, naquele mesmo tom, centenas de vezes.

As sobranceiras de John levantam-se, mas os olhos continuam fechados. Ele boceja e, então, sim, os olhos piscam e abrem-se.

– Cinco minutos – anuncia ela.

* * *

Estava tudo silencioso. Ariel não ouvia nem sinal dos vizinhos, e a rua era um beco afastado e sem circulação. As aves haviam pousado para a acalmia do meio da manhã. Até a bomba da piscina se encontrava escondida muito adiante, atrás de uma barricada grossa de buxo, inaudível. Só escutava os soluços ocasionais de uma bolha na circulação da piscina e o rebentamento das ondas, ao longo dos oitocentos metros de campos de batata que a separavam do oceano Atlântico.

Tudo o resto estava imóvel, silencioso, intacto, perfeito. Mas toda aquela perfeição tinha um preço, claro. Nada é de graça. Que preço estaria Ariel disposta a pagar?

Toda a gente sabia que, para se viver aquela vida mimada, ser-se magra era um imperativo absoluto. Por isso, fazia dietas mais ou menos constantes, ginástica todos os dias, privava-se disto e daquilo. Não comia uma sanduíche inteira havia anos, não se lembrava da última vez que comera batatas fritas.

Aquele era um preço que podia aceitar. Gostava de salada.

Era obrigada a ser mais dissimulada do que gostaria, tinha de mostrar uma delicadeza melosa a pessoas que desprezava. Não podia dizer palavras. Tinha de se pentear e de se pintar só para entrar no elevador, já para não falar no palco que era o East Side.

Pronto, pronto, pronto, Ariel aceitava isso tudo.

– É assim que funciona a vida – aconselhara-lhe a mãe, vezes sem conta, em relação a tudo, desde os garfos de salada, às pernas cruzadas ao nível dos

tornozelos, sem esquecer os reparos sobre o dia a dia. O pai também: as meninas não fazem isto, as meninas não fazem aquilo, tudo coisas que os pais impingem e que é suposto que aceitemos: religião, política, etiqueta. O que significa, sequer, ter boas maneiras? É aquilo que as pessoas esperam que faças.

“É preciso boa educação para o bom funcionamento de uma sociedade civilizada.” O pai gostava de recitar esse dito espirituoso sempre que tinham visitas. Fora essa a pessoa que aconselhara a filha a esquecer um abuso sexual. Mas boa educação, isso ele tinha.

Até o chá era perfeito, importado de Nova Iorque, depois de importado de Londres, depois de importado da Índia, infundido com água filtrada por um sistema de ponta de osmose reversa, com chávena e pires *Tiffany*, uma colher de prata brilhante. Sentiu um impulso de atirar tudo aquilo para a piscina.

E a noite anterior? Fora um desses preços? Poderia ela suportá-lo?

Sabia que aquela vida perfeita era financiada por homens privilegiados, que se apoderavam de tudo o que queriam, como se de uma espécie de desafio divertido se tratasse. Nessas vidas de agressão desportiva, onde ficava a fronteira entre o que é ilegal e o que são só “coisas de rapazes”, conversa de balneários, brincadeiras? No desporto, na lei, nas aquisições hostis, nas campanhas de bombardeamento de choque e nos ataques de *drones*, nas caçadas de animais de grande porte, nas leis de legítima defesa: as regras de combate separavam a violência legal da ilegal, da violência encorajada, da violência celebrada. Seria surpreendente que toda aquela violência sancionada contaminasse outras esferas?

Todas as fronteiras eram, em certa medida, arbitrárias. A diferença entre o futebol americano, uma rixa de bar ou uma agressão grave.

Houve uma altura na vida em que Ariel achava divertido este vigor da testosterona, sentia-se, talvez, atraída por ele, por homens fortes, teimosos, que defendiam as suas opiniões. É o que se espera dos homens, certo? É isso que se espera que as mulheres adorem. E ela amava mesmo Bucky. Mas não por ele ser tão rijo, antes, isso, sim, porque, de vez em quando, era doce.

Talvez a noite anterior fosse previsível. Talvez um autodenominado predador como Charlie Wolfe fosse, claro – *claro* – tentar foder com a mulher do sócio. Porque é assim que ele vence, não é? É assim que prova que venceu.

Vencer em privado não vale nada. Sem, pelo menos, uma testemunha, nem é bem vencer.

Ariel era a testemunha.

CAPÍTULO 40

Dia 3. 00h07

Não trazem nada. Nem bagagem, nem muda de roupa, nem portátil, nem carregadores, nem auscultadores. Deixam o hotel como se fossem voltar depois de um copo ou de comerem, sem nada a não ser a roupa que levam vestida, as carteiras, os telefones, o novo telemóvel indetetável de Ariel e os passaportes.

* * *

Wagstaff inala outra linha, das pequeninas, e passa o dedo pelas gengivas, um aspeto da cocaína que aprecia quase tanto quanto o mental e o emocional: a rapidez do entorpecimento físico, a confirmação de que sim, acaba de pôr no corpo uma cena potente.

As listas encontram-se espalhadas nas duas pontas da mesa de jantar, impressas a partir de vários *sites*. Wagstaff descobriu poucos factos definitivos sobre a vida de Ariel Pryce enquanto se chamava Laurel Turner. O mundo era diferente, na altura, pouca coisa era documentada na rede em tempo real. Porém, nos anos que se seguiram, algumas informações úteis haviam sido digitalizadas: a antiga lista de membros de um clube privado a que pertencera; a de mecenas de uma sociedade histórica na qual ela fazia parte do Círculo Platina dos financiadores; a de uma organização pela literacia, cuja gala anual chegara às colunas sociais até do empregador de Wagstaff, com uma fotografia de tapete vermelho de Mr. e Mrs. Buckingham Turner, juntamente com outro casal, os quatro tão glamorosos como estrelas de cinema. É difícil para Pete reconciliar a jovem Laurel Turner, e o seu cabelo comprido, com a fotografia de uma Ariel Pryce de meia-idade e desesperada ali em Lisboa. Não são tanto as diferenças físicas, é todo o conjunto que faz com que elas pareçam duas pessoas completamente distintas.

Aquelas três listas são tudo o que Wagstaff consegue encontrar sobre a participação de Laurel Turner na sociedade nova-iorquina. Os nomes ali presentes são os amigos e conhecidos dela, o seu mundo, as mulheres com quem almoçou, os maridos a quem fez olhinhos.

Os maridos, claro está, são o importante.

Já Buckingham Turner, esse, revela-se muitíssimo mais visível, nos dias que correm, com um arquivo exponencialmente maior de fotografias e listas – conselhos de administração, grupos de associados de clubes, encontros de antigos alunos, reuniões, casamentos, contactos nas redes sociais. É fácil desenhar a vida social de um homem assim, num momento assim.

Não a da ex-mulher. É óbvio que se esforçou por se manter discreta. Inexistente.

As duas listas, a dele e a dela, repousam do lado esquerdo da mesa: aqueles eram os homens que podiam ter estado presentes na vida de Laurel Turner há década e meia. Do lado direito, Wagstaff compilou listas sobre a DC contemporânea: a administração, do presidente até algumas camadas de altos-funcionários; o primeiro escalão da CIA e do FBI; todos os membros do Senado e da Casa; todos os secretários e subsecretários de gabinete. Só os homens, claro. Essas são as pessoas a quem Pryce pode ter extorquido o resgate.

Wagstaff analisa o território protegido às pressas, uma paisagem de cerca de mil nomes. Agora é o momento de começar no sentido oposto, riscando nomes. Quando tiver terminado, examinará a sobreposição entre o lado esquerdo e o lado direito. A expectativa é visível. Quantos nomes restarão? Uma dúzia? Duas dúzias? Cem?

Inala outra linha.

* * *

A multidão reduziu-se, mas não desapareceu; há automóveis e motas a circular, pessoas a beber, a fumar, a rir, a conviver na praça, a conversar em grupos à porta de uma discoteca. Lisboa fica acordada até tarde, mesmo numa terça à noite.

– Ali – diz Ariel, e John também o vê, levanta a mão e grita: – Táxi! – Uma das poucas palavras iguais em inglês e em português.

– Para o mercado Time Out, *por favor*.

Enquanto se instalam no banco de trás, Ariel fica de olho no carro da CIA estacionado do outro lado da praça. Como previsto, o sedã deixa o lugar, sem sequer tentar ser discreta. Ariel continua a estudar os outros veículos e, mesmo antes de o táxi dobrar a esquina, vê-o.

Merda. Tinha esperança de que fosse só a CIA a vigiá-los, mas parece que a polícia de Lisboa também o está a fazer, o que, segundo Ariel, só confirma que ela e John estão a tomar a decisão correta. É sempre bom termos essa certeza imediata, mesmo num cenário negativo. Pelo menos, confirmamos que

estamos certos.

Por outro lado, aquilo dificultará muitíssimo a execução do plano, sendo o seu sucesso muito mais crucial.

* * *

– Pode esperar nesta esquina? Cinco minutos. – John levanta a mão com os cinco dedos esticados.

O taxista parece desconfiado. Ariel pega numa nota de cem euros, rasga-a ao meio e estende-lhe metade.

– A outra metade quando voltarmos.

O motorista anui com um gesto de cabeça, aceitando a meia nota.

Ariel e John entram no mercado, grande e barulhento, cheio de pessoas em filas diante de dezenas de bancas de comida, querendo encomendar tapas e croquetes, guisados e massas, hambúrgueres e sanduíches, cerveja, vinho e portos tónicos, bolos e pastéis, chocolates e gelados, centenas de pessoas a carregarem tabuleiros, copos e pratos, num manicómio que Ariel e John atravessam a correr, virando a esquina para um corredor movimentado, onde a americana deita o telemóvel para um caixote do lixo. Saem, então, por uma porta lateral, contornam rapidamente o edifício, voltam a entrar no táxi que os espera...

– Para o Teatro Nacional, *por favor*. Rua dos Duques de Bragança.

Ariel não vê sinal do carro da CIA, nem da polícia, nem de ninguém a observá-los, o que não quer dizer que não estejam ali, podendo significar tão-só que se esconderam melhor.

Nesse instante, vê qualquer coisa, uma mulher de aspeto familiar numa mota, na esquina, a falar para um microfone pendurado dos auriculares. Ariel pressente mais um movimento de outra direção, vira a cabeça e deteta mais um automóvel a afastar-se de outra esquina.

– Raios – murmura, pedindo de seguida ao motorista: – *Rápido, por favor*.

– Tenta adivinhar o português, esperando que, mesmo que não esteja completamente certo, seja próximo o suficiente, o que costuma chegar.

* * *

– Caraças! – Griffiths gira a mota num círculo estreito. – Jefferson, não os percas. – Também ela segue de mota. Para vigiar um sítio como Lisboa, não há nada melhor.

– Guido, onde raio estás?

– Ainda no mercado. Vai andando sem mim. Reparem que têm companhia.

– A polícia de Lisboa?

– Acho que sim. Pelo menos dois à paisana num carro e um fardado a pé.

– Deus do Céu!

Três polícias, a meio da noite, numa perseguição sobre rodas, são muitos recursos. De repente, Griffiths tem uma epifania: não pode permitir que as autoridades portuguesas prendam Ariel Pryce e John Wright.

Acelera colina acima.

* * *

– *Obrigada.*

Ariel arremessa a segunda metade da nota para cima do banco e salta com John do táxi. Olha para trás, para a rua de sentido único, topando o mesmo automóvel prateado que os persegue, seguido pela mesma mota.

Do lado direito da rua, uma escadaria de pedra desce até à praça ampla do São Carlos. Do lado esquerdo, as escadas conduzem a uma outra rua, de sentido único na direção inversa. É por aí que Ariel e John correm, galgando dois degraus de cada vez.

– Despacha-te – incita-o ela, quando alcançam ao degrau mais alto. – Por aqui. – Viram à esquerda, saíndo depressa do campo de visão de quem quer que os perseguisse mais abaixo, entrando diretamente para o espaçoso banco de trás de um *Mercedes* que os espera e que arranca, ainda antes de John ter tido tempo de fechar a porta, acelerando rua abaixo. Vira uma esquina, depois outra e acelera uma vez mais numa rua direita e larga.

– Tudo bem? – pergunta o condutor, o mesmo homem que os trouxera do aeroporto no sábado de manhã, há mil anos. Ariel ligara-lhe da varanda, confirmando a viagem que tinham combinado mais cedo, para as 00h15, mas mudando o local de encontro. E o destino.

– Vai ser uma viagem longa – dissera ela. – Quatro horas? Coisa assim.

– Sim, isso é longo. Para onde, por favor?

– Quinhentos euros – respondera Ariel. – Em dinheiro. Pagamos-lhe ainda a gasolina e as portagens.

Imaginou o motorista a tentar decidir, a pensar, talvez, em negociar, e, nesse caso, quanto; ou talvez a hesitar, sem saber se se queria meter naquilo, se aqueles americanos seriam criminosos, se podia ser perigoso, ilegal ou ambos. Por outro lado, quinhentos euros limpos era muito dinheiro. Portanto, talvez fosse melhor não fazer perguntas. Talvez fosse sempre essa a melhor escolha.

Ariel estava preparada para pagar mais, caso fosse necessário. O que fosse preciso para saírem dali.

– Está bem – concordara ele.

– Pode esperar por nós à meia-noite? Somos capazes de chegar mais cedo.

– Ariel queria garantir que o motorista não se atrasaria.

Agora, inclina-se no assento e pousa quinhentos euros na consola central. O motorista olha para baixo, para as notas verdes. – Para onde, por favor?

– Vá em frente – diz Ariel. – Já lhe digo o que fazer, quando for preciso.

Ele anui repetidamente com a cabeça, como se aquilo fosse boa ideia.

Como se lhe agradasse funcionar à base da informação estritamente necessária. Uma desculpa plausível.

Ariel vê as ruas noturnas a voarem enquanto o carro se desloca e, em poucos minutos, atravessam a ponte mais longa da Europa. Não para de se virar para espreitar pelo vidro traseiro, à espera de ver faróis aproximarem-se.

Ainda não estão livres de perigo. Talvez nunca mais venham a estar.

* * *

– Não, não, não. Diz-me que isto não acabou de acontecer.

Griffiths está em cima da mota, na rua de sentido único que acabara de descer a acelerar, perigosa, ilegalmente e em vão. Não há rasto dos americanos.

– Para onde raio poderiam ter ido?

Jefferson abandonou a mota e sobe, apressada, a rua movimentada, com restaurantes e bares cheios de gente, pessoas por toda a parte.

– Para qualquer sítio – anuncia ao microfone. – Há milhares de lugares onde podem estar. Também podem ter entrado noutro carro.

– Porra. E os telemóveis continuam no mercado?

É Antonucci quem responde.

– Sim, descartados algures.

Sem telefones, nem bagagem, nem computadores. O que significa que não só fugiram, mas contavam com o facto de estarem a ser vigiados. Esperavam ser perseguidos.

– Jefferson, tu e eu continuamos a procurar aqui. Guido, vai para o aeroporto. Se eles aparecerem, liga-me logo.

– E o *Mazagón* e o *Cádiz*? – Os *ferries* para as ilhas Canárias.

– Não me parece. Ficariam encurralados nas Canárias, que não são mais perto dos Estados Unidos nem um sítio particularmente fácil para se esconderem. Já Tânger é outra história. Uma viagem rápida, ao cabo da qual podem desaparecer por África. Vamos pedir a Rabat que fiquem alerta.

– Está bem. Mas porque não deixá-los ir e pronto?

É uma boa pergunta. Compreende que pareça uma opção razoável a Antonucci. Griffiths não lhe quer explicar a história toda, os seus inúmeros receios. Nem tem de o fazer. Guido trabalha para ela. Mas não quer parecer autoritária.

– É um problema de segurança nacional – explica, o que, pelo menos, tem a vantagem de ser verdade.

CAPÍTULO 41

Dia 3. 02h00

Desta vez, Ariel precisa do despertador. O novo telemóvel toca e vibra numa sequência que lhe é estranha e acorda sobressaltada; por um momento, não sabe onde está o telefone ou mesmo o que é aquilo, até que encontra o objeto pousado na barriga e o desliga, tentando orientar-se.

John remexe-se, mas não abre os olhos.

Ariel olha pela janela.

– Ainda estamos em Portugal?

– Mais cinco quilómetros – retruca o condutor.

– Quando atravessarmos a fronteira, continue pela A5. No momento em que nos aproximarmos de Mérida, acorde-me, por favor.

John muda de posição, mas continua a dormir. Ariel não se sentava assim no banco de trás com um homem desde... Talvez desde sempre. A última vez que entrou num carro com um homem para uma viagem longa foi há catorze anos. Ou, pelo menos, esperara que a viagem fosse longa, tal como esperara que o casamento fosse longo. Ambos foram breves.

* * *

– O quê? – Bucky olhara de soslaio para Ariel e, depois, de novo para a estrada. – O que é que acabaste de dizer?

Estavam no trânsito, no para-arranca da Autoestrada de Montauk. Curtos períodos de movimento interrompiam longas extensões a passo de caracol. Seria uma viagem interminável até à cidade, três horas e meia, talvez quatro. Ariel esperara uns minutos depois de entrarem no carro, sem qualquer razão especial, salvo atrasar o início da conversa que não queria ter. Todavia, sabia que, a cada minuto que passava, se tornaria muito mais difícil e, por fim, impossível. Por isso, saltou sem olhar para baixo e desembuchou, demasiado

depressão, de forma demasiado inesperada para Bucky absorver.

Respirara profunda e demoradamente e recomeçara:

– Ontem à noite. Fui à casa de banho, e o Charlie entrou por ali dentro, trancou a porta e violou-me.

– Meu Deus! – Bucky encarara-a novamente, desta feita por mais tempo.

– Lamento imenso. Deixa-me encostar.

– Não – contrariara-o Ariel. – O trânsito só vai piorar. Continua.

Ariel queria que Bucky olhasse em frente, em vez de a contemplar em toda a sua humilhação, toda a sua dor. Não queria que ninguém, nem sequer o marido, visse. Esperava, claro, o apoio absoluto de Bucky, mas empatia não é o mesmo que a simpatia, e temia que o espaço entre as duas pudesse encher-se de algo venenoso.

– Estás bem?

– Não – dissera ela. – Nem por isso.

– E por “violada” queres dizer...

Ariel respirara fundo uma vez mais para se acalmar, mas não lhe servira de muito. – Quero dizer que enfiou o pénis à força na minha vagina, uma e outra vez, até ejacular. *Dentro de mim.*

Deixara de tentar travar as lágrimas.

– Meu Deus! Quando?

Quando?

– Durante a sobremesa.

Ariel tinha uma sensação estranha, além de todas as outras emoções insuportáveis que já a atravessavam. Algo no comportamento de Bucky parecia, ao mesmo tempo, muito errado e muito familiar.

– Porque não me contaste antes?

– Não te contei ontem à noite porque estavas com um pifo e não me pareceu que conseguíssemos ter uma conversa produtiva. Não me apetecia ouvir disparates de um bêbado. E, esta manhã, foste embora antes de eu acordar e trouxeste aquelas pessoas para almoçar. Depois, fizemos as malas à pressa e cá estamos. Já te contei. Portanto, podes parar de perguntar sobre a logística do relato que te faço de uma agressão sexual levada a cabo pelo teu amigo contra a tua mulher?

– Desculpa... estou chocado. Estou horrorizado, é mais isso.

Ariel sentira-se à beira de um ataque de nervos.

– Desculpa – repetira ele, hesitante. Todas aquelas desculpas deixavam-na inquieta. Era como o “estamos a pensar em ti” que as pessoas diziam quando não tencionavam mexer uma palha.

– Não estou a sentir muita solidariedade da tua parte, Bucky.

– Desculpa – pedira ele de novo. – Então, o que queres fazer?

Fora aí que lhe caíra a ficha, a razão do *déjà vu*: o pai. O “tu” em vez do “nós”.

– Acho que temos de ir à polícia – replicara Ariel.

Bucky olhara-a de relance.

– Hum.

Ariel sabia que Bucky estava a fazer contas: de A para B, até C, como seria um Z, para ele. Não acharia nenhum desses rumos aceitável. Não o queria dizer em voz alta, mas estava patente na sua cara. No seu silêncio.

Ela desviou o olhar, enjoada. Só sabemos quão horrível uma pessoa é quando lhe damos uma ocasião para ser horrível. Numa vida de privilégio como a de Bucky – e, neste caso, também a sua –, isso poderia levar muito tempo a concretizar-se. Talvez a vida toda. Talvez nunca.

– Não sei o que pensar – dissera ele.

Ali estava a oportunidade de Bucky, naquele preciso momento. Ariel apercebera-se disso com uma náusea súbita: estava casada com uma pessoa horrível, eis a prova.

– O que *pensar*?

As lágrimas pararam. A sua tristeza dera lugar de imediato à ira, que espreitava abaixo da superfície, pronta para assumir as rédeas.

– Estás a gozar comigo? Diz-me, Bucky, *por favor*, diz-me, qual é a tua dúvida.

Ariel olhava-o fixamente, à espera de uma resposta.

– Eu...

E assim, num piscar de olhos, a mulher tomara a sua decisão. Instantes depois, tentava identificar pontos de referência da estrada 27, para perceber a que distância estava das gares de comboios, paragens de autocarros, casas dos amigos. Mais tarde, Ariel compreendera como fora capaz de tomar a decisão tão depressa: na verdade, já a havia tomado muito antes. Contava apenas poder viver a vida toda a fingir que não sabia que Bucky era uma pessoa horrível, esperava nunca ter de se confrontar com as provas disso. Ainda que estivesse quase certa de que elas existiam, algures. Ali.

O carro arrastava-se a dez à hora. Mais à frente, piscava o vermelho dos faróis traseiros que avançavam na mesma direção que eles, como um espetáculo de luzes sincronizadas, *O Engarrafamento*. Daí a segundos, ficariam todos parados e Bucky travaria o *Range Rover* preto.

Lá estava o restaurante do outro lado da autoestrada. Ariel sabia exatamente onde se encontravam. Pegou na carteira, que estava pousada na consola central.

– O que estás a fazer?

Tentou abrir a porta, mas estava trancada.

– Laurel?

Carregou no botão DESTRANCAR.

– O que...

Voltou a tentar o puxador e, dessa vez, a porta abriu-se. O carro ainda se movia, mas pouco. – Para o carro – ordenou ela.

– Não podes...

– Para o carro, Bucky. Já! – Ela saltou, deixando a porta escancarada.

– Vá lá, Laurel, não sejas... – Calara-se antes de conseguir encontrar um

insulto aceitável. Naquele momento, nada era aceitável e aquele indivíduo, pelo menos, ainda tinha o bom senso de o perceber. Bucky podia ter acabado de provar que era uma pessoa horrível, mas não lhe faltava o instinto de autopreservação e não era estúpido.

Ariel abriu a porta de trás e pegara no seu saco de fim de semana. Deixara também essa porta aberta, abandonando o grande veículo preto em pleno trânsito da estrada 27. Não teria como a seguir, nem a pé nem de carro.

Nunca mais queria ver Bucky. Nem Charlie Wolfe, claro, sobretudo ele, mas tivera de o fazer. Doloroso, mas necessário, como uma cirurgia seguida de uma longa e excruciante convalescença. Toda uma vida.

– Então? – gritou o marido atrás dela. – Vamos...

– Vai-te foder, Bucky!

* * *

Wagstaff encontra-se de pé, a admirar as listas espalhadas pela mesa de jantar, anuindo satisfeito. Estão ali muitos nomes.

– Muito bem – murmura –, vamos lá ver-nos livres de alguns de vós, amigos.

Pega num lápis vermelho e começa a riscar nome após nome: demasiado velho, demasiado novo, demasiado pobre, demasiado *gay*. Rasura muitos nomes, mas ainda restam vários. Troca de lápis, para marcar a azul a maior parte dos nomes que sobram: homens que, há cinquenta anos, não pertenciam à sociedade nova-iorquina. Congressistas do Texas, diretores executivos do Midwest, investidores de risco de Silicon Valley. Talvez tivesse de recuar: lá porque um homem não vivia em Nova Iorque, não quer dizer que Ariel não pudesse ter um filho dele. Era só menos provável.

Wagstaff trabalha depressa, conjecturando hipóteses que podem não fazer sentido mais tarde, quando examinadas ou quando estiver sóbrio. No entanto, o seu critério não reside na dúvida legítima, aquilo não é um tribunal. Só pretende identificar depressa as possibilidades mais viáveis – os frutos mais à mão – e estudar melhor esses homens.

Está irracionalmente confiante de que aquilo irá funcionar. Talvez por causa da cocaína. É isso que faz dela tão construtiva: deixa uma pessoa acordada toda a noite a fazer uma coisa que pode não ser totalmente racional.

Inala mais uma linha. Dessa vez, não se tenta convencer de que é pequena.

* * *

A chefe de divisão da CIA em Lisboa atende o telefone ainda antes de terminar o primeiro toque. Aguardava aquela chamada.

– Boa noite – diz Nicole Griffiths. Já é noite avançada em Portugal, mas mal passa da hora de jantar na Costa Este. Griffiths traz já vestida a roupa para o dia seguinte, tomou um duche e tratou de pôr um pouco de maquilhagem.

Não imagina qualquer cenário em que possa dormir decentemente. O máximo que pode esperar é uma sesta curta no sofá do escritório.

– Puseram-me ao corrente da situação – anuncia Jim Farragut. – Algum desenvolvimento nas últimas duas horas?

– Não. A mulher e o marido continuam a monte. Nesta altura, podem estar em qualquer sítio dentro de Portugal ou na fronteira com Espanha. Podem estar a caminho do barco para Tânger ou de um voo de Espanha.

– Ou escondidos algures?

– Talvez. Mas ela tem um filho e vai querer voltar para ele.

– De que idade?

– Treze.

– Os miúdos de treze anos não são sempre uma boa companhia.

– Não lhe sei dizer. Mas mesmo um adolescente irritante continua a ser prioridade.

Griffiths desconfia que aquela conversa é inútil. Para onde viajam Pryce e Wright, onde se escondem ou onde serão interrogados, quando e por quem, são tudo coisas que interessam pouco quando comparadas com a enormíssima trapalhada do problema fundamental.

– Tem a certeza da identidade do homem que financiou o resgate?

– Não a cem por cento. Mas ouviu a gravação da chamada?

– Sim.

– Bem, além da voz reconhecível, há a geolocalização da chamada, feita de um telemóvel pré-pago comprado à pressa em DC para uma linha segura aqui em Lisboa, numa conversa que era uma extorsão óbvia, com a ameaça de revelar um segredo prejudicial. Há o facto de o telemóvel ter sido comprado por um empregado direto dele. Essa pessoa forneceu à tal Pryce uma grande quantidade de dinheiro, em cima da hora, em segredo. Sabemos que ele e a Pryce tinham uma relação pessoal de há muito tempo. E que ele e o primeiro marido dela tinham uma relação de negócios.

– É tudo muito circunstancial. Mas nada disso são *provas*.

– Certo, não encontrámos a prova conclusiva. Ainda não. O que não significa que não exista. Também não significa que mais ninguém a tenha encontrado. Lembre-se, só tivemos conhecimento desta situação há umas horas.

– Quantas pessoas sabem disto?

– Aqui? O meu círculo é pequeno. – Griffiths não quer dizer um número exato. Se disser ao diretor de operações, ele pode ter de dizer ao patrão dele, que dirá ao dela.

– Mas há para aí muitas provas – continua ela. – E não são informações guardadas a sete chaves pelos serviços secretos. O FBI pode encontrá-las ou até os polícias de DC. Ou, já agora, os meios de comunicação social. Na verdade, talvez já o tenham feito. Há, no mínimo, um jornalista envolvido no caso, que, creio eu, recebeu informações vindas de um dos nossos, um palerma no trabalho consular.

– Por amor de Deus.

Não passa despercebido a Griffiths que o diretor não perguntou os nomes do jornalista nem do palerma. É bom sinal. Consegue ouvir no silêncio dele que Farragut pondera as alternativas desagradáveis. É um agente dos serviços secretos de carreira, mas o seu patrão é uma nomeação política que deixou muito claro que a sua lealdade não é para com a CIA, que dirige, mas para com o presidente que o nomeou. Se os interesses de informação da CIA e os interesses políticos do presidente divergirem, é pouco provável que o diretor da Agência alinhe com os serviços secretos.

Para o presidente e para o diretor, estas informações serão muito, muito pouco bem-vindas. Pode dar-se a compulsão de matar o mensageiro, bem como qualquer adjunto seu. Esta é, sem dúvida, uma administração do género de matar o mensageiro.

– Isto pode ser silenciado? – pergunta Farragut.

Ainda antes de fazer a chamada que levaria àquela, Griffiths já sabia que a pergunta aí vinha. Já pensara nisso ao pormenor.

– A Ariel Pryce fez muito barulho aqui em Lisboa, com a polícia local, a embaixada, um jornalista e sabe Deus quantas testemunhas desgarradas, empregados do hotel, taxistas, por aí fora. Algumas destas pessoas podem ser controladas; podemos, obviamente, calar os nossos funcionários. E a polícia local tem um mandado finito; podíamos, provavelmente, travá-los, se fossem demasiado longe. Mas o jornalista...

Não precisa de o verbalizar: o jornalista não pode ser silenciado. A CIA bem podia gritar “segurança nacional!” aos jornalistas o dia inteiro, que eles berrariam em resposta: “Primeira Emenda!” Mesmo a ameaça de prisão não seria dissuasão suficiente. A solução para o jornalista teria de ser menos pública, mais drástica, mais imediata, ilegal e absolutamente inaceitável para Griffiths. Com sorte, para Farragut também. Porém, não necessariamente para as pessoas que lhes dão ordens a ambos.

Griffiths imagina Jim Farragut sentado num gabinete forrado a madeira, em Georgetown, a estudar os moldes em que o diagrama da rede de revelações se pode espalhar do centro para fora: do funcionário da embaixada ao jornalista, das fontes ao diretor do jornal, ao editor, ao produtor de noticiários, às redes sociais, à porra da rádio nacional, a toda a gente à face da Terra. Podia acontecer depressa, ficar fora do controlo de quem quer que fosse.

– Qual pensa que é o pior cenário, Griffiths?

– Boa pergunta – replica ela. – Depende. Para quem?

– *Touché*. Para os Estados Unidos, imagino.

A resposta é absolutamente clara para Griffiths. Foi por isso que se pôs ao telefone e afastou o patrão do patrão do seu jantar de 4 de julho.

– O pior cenário é fingirmos que não sabemos o que acabámos de descobrir e, em vez disso, apagarmos estas informações ou tentarmos fazê-lo. Isso não faz desaparecer os factos subjacentes. Então, em vez de termos este

escândalo a rebentar agora, antes que possa ser um prejuízo real para a nação, abrimos a porta para que os russos, chineses ou norte-coreanos explorem esta mesma informação daqui a uns anos.

Ouve Farragut suspirar.

– Se me permite dizer...

– Diga.

– Não consigo imaginar um cenário *pior* para a nossa segurança nacional.

O senhor consegue?

– Será possível que o que temos agora seja já um plano de um inimigo?

Também isso é uma coisa que Griffiths tem ponderado.

– Sim, consigo ver isto tudo a ser encenado a partir de Moscovo.

– Vem aí um “mas”?

– Mas, mesmo que todo este rapto, resgate, chamadas telefónicas, *et cetera...* mesmo que tudo o que aconteceu nos últimos dias tenha sido orquestrado por uma potência estrangeira hostil, ou, já agora, por uma oposição nacional... Mesmo que seja verdade... Não muda o pecado original. Só muda o mecanismo pelo qual o castigo será aplicado e por quem. O pecado original é exatamente o mesmo.

Farragut continua a remoer o assunto. Aquela é uma decisão importante, que o apanha numa emboscada em plenas férias de verão.

– Tenho de perguntar – diz ele –, porque de certeza que mo vão perguntar a mim: o silêncio dela é uma possibilidade?

– Com dinheiro, quer o senhor dizer? Pagar-lhe?

Farragut não responde logo, após o que diz:

– Não.

Griffiths consegue ver o percurso: de Farragut ao diretor da Agência, do diretor ao presidente. Por um instante, pondera mentir. Mas essa não é uma opção racional neste caso.

– Tanto quanto sei, não há testemunhas oculares. A Pryce garante que tem provas, acreditamos que é uma conversa privada gravada ilegalmente com o Wolfe, mas não sabemos se é verdade. Se for, não indicou se mais alguém está na posse destas provas, nem se há algum dispositivo de segurança que as possa publicar, caso ela desapareça. Sendo o caso, penso que o teria referido, para sua segurança. Não o fez.

– E se estas provas viessem à tona na mesma, independentemente dela?

– Sem ela por perto para as autenticar, seria muito fácil desacreditá-las. Isso, claro, se as provas existirem mesmo e se lhe sobreviverem. Também é possível que ela esteja a fazer *bluff*.

– Tomou medidas de precaução?

– Não me parece.

– Então... – O homem faz uma pausa. – Quais seriam as nossas opções? Não estou a defender nada, mas tenho de poder responder a esta pergunta.

– Bem, se a encontrarmos? – Griffiths também faz uma pausa, para que aquilo seja digerido: localizar Pryce pode não ser assim tão fácil. Sobretudo,

se o pior dos cenários for verdade e a operação tiver sido orquestrada por uma entidade estrangeira. De momento, Pryce pode já estar sã e salva num jato privado a caminho de Moscovo.

– Então, podíamos fazê-la desaparecer algures em Espanha. Ou ela podia ser encontrada morta em Lisboa. Ou voltar para casa, na América, e suicidar-se pouco depois. Todos esses cenários seriam plausíveis, tendo em conta os acontecimentos recentes. Mas devo repetir: o mal já está à solta. Onde há agora um jornalista, haverá mais.

– Jornalistas? – Farragut suspira.

Griffiths sabe que, claro está, o diretor tem razão quanto àquilo: o jornalismo já não é o que era. As pessoas têm ideias feitas e, hoje em dia, só consultam os meios de comunicação social para confirmarem que têm razão, não para descobrirem o contrário.

– Mas o facto continua a existir – diz ela. – E outra pessoa qualquer acabará por encontrá-lo. Livrarmo-nos da Pryce não resolve esse problema.

Farragut faz outra longa pausa antes de perguntar:

– Ai, não?

Ele tem razão outra vez. Matar Ariel Pryce pode, na verdade, resolver o problema.

– Tem a certeza, Griffiths?

* * *

Passam poucos minutos das quatro da manhã quando Wagstaff traça o último risco azul na derradeira lista. Excluiu agora noventa e nove por cento daqueles homens. No lado direito da mesa, restam apenas doze nomes da Washington contemporânea por riscar; no lado esquerdo, o dobro deste número de Nova Iorque, nomes de há quinze anos. Aquilo revelou-se um pequeno universo de possibilidades satisfatório.

Wagstaff relembra-se de que a estratégia ainda é um tiro no escuro. Sabia-o quando começou, sabia-o a meio e sabe-o agora que está a chegar ao fim: aquele não é um método fiável de identificar o autor de um crime.

Mas não significa que não funcione.

Wagstaff lê todos os nomes por riscar e dá-lhes uma segunda vista de olhos, em alto voo. Sente o pulso acelerar. E não é da cocaína.

Restam apenas quatro nomes em ambos os lados da mesa. É impossível ignorar um deles.

CAPÍTULO 42

Dia 3. 4h51

O sol ainda não nasceu, mas no aeroporto de Sevilha já há movimento, como em todos os aeroportos na hora que precede a alvorada, por ali andam viajantes em trabalho nos seus fatos formais, passageiros de longo curso a embarcarem para o primeiro troço dos trajetos, pessoas que perderam as ligações na noite anterior e aqueles que, pura e simplesmente, chegam sempre cedo de mais, vibrando com uma energia nervosa.

– Tens a certeza disto? – pergunta Ariel.

– Sim – replica John. – É muito melhor assim. Caso contrário, seremos dois americanos a viajarem juntos sem bagagem, e eu com esta cara amassada. Mesmo que a polícia não nos procure, parecemos suspeitos. Para quê arriscar?

Ele tem razão, pensa Ariel. Mas o cérebro dela parece ter deixado de funcionar em condições, ao cabo de tantas horas de atenção excessiva.

– Não sei.

– Sei eu. Confia em mim.

– Está bem. – Ariel assente. De súbito, porém, entra em pânico. – Vemo-nos em casa? – O tom revela-se muito mais inseguro do que ela desejava.

John sorri.

– Claro.

Gira sobre os calcanhares quando sente um puxão no braço.

– Então? – pergunta-lhe ele.

– Sim? – Ela volta-se um pouco, olha-o nos olhos.

– Amo-te.

Ariel não desvia o olhar. A relação deles tem sido uma escalada contínua de confiança – é isso que são as relações – e aquele era o apogeu, não era?

– Sabes isso, não sabes?

Ariel sente um nó na garganta. Espera que aquele medo seja completamente irracional, fruto apenas das circunstâncias bizarras. Contudo,

aprendeu a confiar nos seus medos, em todos eles.

– Sim – responde. – Também te amo.

* * *

Não há voos diretos através do Atlântico. O objetivo de Ariel é apanhar o primeiro que houver, com a menor escala possível.

As unhas da agente de viagens batem no teclado, enquanto saltita o olhar do ecrã para o passaporte, do passaporte para o ecrã, carrega numa tecla, aguarda, carrega noutra, aguarda, e Deus do Céu, o que pode levar tanto tempo...

A mulher debita um chorrilho de frases em espanhol.

– *Lo siento* – replica a americana –, *no hablo español*. Fala inglês?

– A primeira ligação possível é em Amesterdão, mas a escala é muito curta e pode perdê-la. Nesse caso, seriam mais quatro horas lá. A possibilidade seguinte é em Bruxelas, com um tempo de escala maior, mas muito mais seguro. Qual prefere?

Ariel sente que já tomou tantas decisões difíceis, já manteve a cabeça fria ao longo de tantos pequenos passos que já não lhe resta qualquer poder de decisão.

– *Señora?* – A funcionária aponta para a fila de clientes impacientes que vai crescendo. – *Por favor?*

– A ligação mais segura.

– Bruxelas?

Foi isso que disse a agente? Importa, sequer?

– Sim.

Mais cliques e clagues e pancadas no teclado e caretas.

– Pode ser no lugar do meio?

* * *

Depois de mais uma noite quase em branco, desta vez na casa vazia de uma amiga, Ariel chamara um táxi, na segunda-feira, de manhã cedo, antes que mudasse de ideias.

– Para onde?

– Para a esquadra.

Sentou-se no banco de trás, pensando nas respostas que daria às inevitáveis perguntas que não queria ouvir, nem hoje, nem amanhã nem no futuro, em depoimentos e salas de tribunal, à frente de montanhas de microfones e câmaras.

Quantas vezes dissera que não? *Umas dez. Mas uma não deveria bastar? Não deveriam bastar zero?*

Que quantidade de álcool consumira? *Menos de uma bebida. Mas fico curiosa: qual é o número de copos que torna aceitável uma violação?*

Quão curto era o seu vestido? *Curto.*

Trazia sutiã? *Não.*

Usa sempre roupas tão reveladoras? *É o tipo de coisa que qualquer mulher usa numa festa de verão, numa noite quente.*

Os seus mamilos estavam visíveis? *Provavelmente.*

Quantos parceiros sexuais teve? *Quer dizer “consensuais”? É impossível que isso seja relevante. Fui violada só por este, ainda que outros tenham tentado.*

* * *

– Ei! – grita Jefferson. – Tenho notícias: a Pryce acabou de comprar um bilhete no aeroporto de Sevilha. Um voo para Nova Iorque, com escala em Bruxelas, que parte daqui a menos de duas horas.

– Sevilha? – Nicole Griffiths programa um cronómetro no telemóvel. Carrega no botão START. Põe-se de pé. – E o marido?

– Ainda não há registo. Temos alguém em Sevilha?

– Acho que não – responde Griffiths, enquanto percorrem o corredor silencioso. A esta hora, têm a embaixada só para elas. – Ninguém que consiga tratar do assunto.

Griffiths bate a uma porta com força e aguarda uns segundos antes de abrir, dando de caras com Antonucci a esfregar os olhos, mas ainda deitado. O seu rosto magoado parece ainda pior depois de mais uma noite a inchar.

– Vamos a Espanha – anuncia Griffiths.

– Dás-me cinco minutos?

– Dou-te um.

* * *

– Charlie Wolfe? – O polícia franzira o sobrolho a Ariel. – O Charlie Wolfe?

Aquilo já estava a começar mal.

– Exato.

– Está a dizer-me que o Charlie Wolfe, hum... abusou de si? Sexualmente? – Na altura, Charlie ainda não era famoso; não no sentido do *New York Times* ou da revista *People*. Era-o, porém, sem sombra de dúvida, para a revista *Hamptons*. Ora, eles estavam nos Hamptons.

– Sim.

– Na festa dele? No sábado à noite?

– Correto.

– Tínhamos lá alguém... Acho que era o Flintie.

– Quer dizer que estava um agente da polícia na festa em que fui agredida?

– Bem, não era *na* festa. Mas, para eventos como os do Mr. Wolfe, com

celebridades, mandachuvas, destacamos alguém para fazer rondas ali por perto. Não ao portão, que pode, claro, assustar os convidados. Mas perto, para dissuadir os desordeiros. Ou para intervir em qualquer problema que não possa ser dissuadido.

– Estou a ver. Bem, no sábado à noite, o desordeiro era o anfitrião e o problema foi uma violação, sendo que a presença do Flintie não dissuadiu nada.

O agente Pulaski observara Ariel fixamente e expirara, longa e demoradamente, tentando descobrir como responder.

– Oh, diabo! – exclamara, pelos vistos, fora o melhor que arranjava para dizer.

Ariel pedira para ver uma agente, mas, aparentemente, não havia nenhuma de serviço para recolher o seu testemunho.

– Tem a certeza?

– De quê? De que ele me violou?

– De que o sexo que tiveram não foi... hum... *consensual*.

– Posso garantir-lho.

– E de certeza que foi com o Mr. Wolfe?

– Sem dúvida.

– Conhece-o?

– Conheço-o há anos, vi-o em dezenas de ocasiões. Tem negócios com o meu marido.

– Oh, diabo! – Pulaski abanava a cabeça enquanto escrevia. Depois, pousara a caneta, respirara fundo e voltara a erguer os olhos para Ariel. – Antes de avançarmos mais um passo, tenho de lhe perguntar uma coisa.

– Sim?

– Tem a certeza de que quer fazer isto?

Ela não queria, de todo, fazer aquilo. Claro que não, por muitas razões, e ali estava uma delas: não queria ter de confrontar homem após homem, homens com autoridade, que recolheriam a sua alegação, céticos em relação ao facto de ter sido não consensual, céticos em relação ao facto de ter sido sexo, céticos em relação ao facto de ter sido Charlie. Não queria poluir o lago onde nadava, um lago onde Charlie era um dos peixes graúdos. Não queria fazer inimigos entre os amigos de Charlie, as mulheres deles, as pessoas que teria de ver dia sim, dia não, o silêncio a instalar-se quando entrasse numa sala, as cabeças a voltarem-se, os sussurros. Se já sentia uma forasteira a beliscar a orla da alta sociedade, não sobreviveria àquilo. Seria ostracizada.

Portanto, não, não queria fazer aquilo. Mas seria não fazer nada uma opção?

Ariel não sabia o que decidiria no que dizia respeito ao marido, a toda a sua vida, ao tipo de pessoa que ia ser ou não. Mas sabia que, se houvesse alguma esperança de levar Charlie a tribunal, a determinada altura, teria de fazer a queixa hoje e submeter-se aos exames de violação para conservar as provas físicas – as provas do seu próprio corpo, as provas daquilo.

Conhecia bem as estatísticas. Sabia que, no instante em que Charlie a atacara, o mesmo crime violento estava a ser cometido contra centenas ou milhares de outras mulheres por todos os Estados Unidos, mulheres de 15 e de 50 anos, mulheres brancas e negras, mulheres ricas e pobres, heterossexuais, lésbicas e mulheres que não tinham a certeza, mulheres ébrias e sóbrias, mulheres que haviam fumado erva e mulheres cujas bebidas haviam sido drogadas, mulheres em festas da faculdade, em volta de uma piscina, a celebrar um aniversário, mulheres em divãs ou namoradeiras ou no banco de trás de um *Honda Accord*; por todo o país, mais de trezentas mil mulheres americanas eram violadas por ano, mais do que o número total de soldados americanos mortos desde o fim da Segunda Guerra Mundial – na Coreia, no Vietname, no Afeganistão, no Iraque, em todos os conflitos armados combinados. Uma guerra eterna, e aquelas eram as baixas. Ariel fora uma delas.

Alguém tinha de fazer alguma coisa. Na verdade, toda a gente tinha de fazer alguma coisa.

– Não – dissera Ariel –, sem dúvida que não quero fazer isto. Mas tem de ser, não é?

* * *

– Foi este o vestido que usou? – perguntara a enfermeira a Ariel, que se lembrara de levar consigo a roupa que usara no sábado à noite. O vestido estava bem enrolado numa bolsa de plástico fechada, onde parecia pequeno, do tamanho de um lenço de assoar. As cuecas, quase nada, pouco mais do que atacadores de sapatos.

– Mais alguma coisa?

Ela abanara a cabeça.

– Estava calor.

– Os homens não violam as mulheres por causa da roupa – afirmara a enfermeira. – Não é preciso justificar-se.

Ariel anuíra.

– Não a mim – acrescentara a enfermeira. Ariel percebera exatamente o que ela quisera dizer.

* * *

– Teve sexo consensual nas últimas setenta e duas horas?

Setenta e duas? Era segunda-feira de manhã, portanto, setenta e duas horas dava... quando? Sexta de manhã. Sexta à noite, calhava, então, nesse intervalo.

– Sim.

Ariel vira a enfermeira parar, a caneta pairando sobre o papel antes de descer para um ponto ligeiramente diferente. Aquela não fora a resposta certa.

– Antibióticos, em caso de doença sexualmente transmissível.

O exame forense à agressão sexual chegara finalmente ao fim. Incluía esfregaços e tinturas, análises de sangue e urina, inspeção vaginal e retal, fluídos e tecidos, durando uma eternidade, com todo o tipo de testes, instrumentos frios e duros, avaliações frias e secas. A humilhação de Ariel aumentava e diminuía para voltar a aumentar, relatando e esperando para repetir a história, descrever as lesões físicas e psicológicas, os seus passos, as suas ações.

Não esperara que fosse um dia inteiro de trauma, com uma intromissão atrás da outra. Verdade seja dita, não sabia o que esperar. Não se pensa naquele dia até ter de se passar por ele. Não se trata de uma experiência sobre a qual uma pessoa se ponha a refletir só porque sim.

– E isto é a pílula do dia seguinte.

– Oh – exclamara Ariel, surpreendida. Queria recusar, mas tinha medo. Não queria dar mais respostas erradas. – Oh – repetira, aceitando o comprimido, já a pensar em como deitá-lo fora.

Não se sentira bem quanto a nada daquilo – nem as perguntas do polícia, nem as da enfermeira, nem as suas próprias respostas. Cada lado tem uma história, “diz que disse”, mas os julgamentos criminais dependem das provas. Onde estavam as provas para fundamentar a sua história?

Sentira um assomo de pânico e tentara respirar fundo, controlar o corpo. Algo que julgamos ser inteiramente nosso, sobre o qual assumimos que todas as escolhas dependem de nós, até que percebemos que nos enganámos. As escolhas não são nossas. Nem o controlo.

Olha em seu redor, na zona de segurança do aeroporto, e não vê John em lado nenhum. Ele esperara na fila de um balcão diferente, comprara um bilhete num voo diferente, talvez tenha passado a segurança num ponto diferente. Pode estar ainda a negociar com um agente de viagens ou já a correr para apanhar o voo em Amesterdão. Ariel não sabe e não tem como contactá-lo. Não podem comunicar.

John tinha razão: ela sentia-se nua naquela fila da segurança, sem bagagem, nem sequer uma carteira. Não olha para o telefone porque não tem um, nem tem auscultadores em volta do pescoço. Não leva um livro na mão. Nem sequer um jornal.

Ariel sente o funcionário da segurança avaliá-la, apercebendo-se de todas as coisas que lhe faltam. Manda-a avançar e examina os seus documentos com cuidado. Passa o passaporte pelo *scanner*. Devolve-lhe o cartão de embarque e olha para ela.

– Não tem malas?

Ariel abana a cabeça. Não confia em si para falar.

– *Por qué?*

– Foram roubadas.

– Lamento imenso. Onde foi isso?

– No vestiário do nosso hotel.

– *Nosso?*

Porra! Já fez asneira.

O guarda olha para trás de Ariel, para os outros viajantes à espera.

– Viaja com alguém?

– Não. – Deveria ela falar-lhe do marido? Não, não se deixaria enredar em explicações. – Não – repete.

– Apresentou queixa à polícia?

A americana abana a cabeça.

– É muito importante apresentar queixa dos crimes. Para ficarem registados.

– Sim, concordo. Mas não queria perder tempo.

Ariel sente o olhar desconfiado do homem, que gira sobre si, regressando ao teclado, ao monitor. Por vezes, os homens desconfiam de uma mulher só porque são cabrões sexistas. Outras, no entanto, é porque a mulher está a mentir com todos os dentes.

– Tive uma viagem muito má – explica ela. – Só quero que acabe.

O homem contempla-a e acena com a cabeça, mas não parece concordar. De repente, surgem dois polícias, um de cada lado, de colete à prova de balas e espingarda a tiracolo.

– *Señora?*

* * *

Depois do hospital, Ariel voltara para a casa vazia da sua amiga Jenny, onde adormecera de imediato, ficando nesse estado dias a fio, mal comendo, na cama o tempo todo, mas nunca a dormir profundamente e nunca descansando, zangada com tudo, incluindo consigo própria.

O fim de semana aproximava-se. Jenny regressaria com o seu marido adorável e os seus filhos barulhentos.

– És bem-vinda, se quiseres ficar. Temos imenso espaço – dissera-lhe a amiga, mas Ariel não aguentava a ideia de estar com outras pessoas. Por isso, trancara a casa, voltara a guardar a chave no esconderijo, o canteiro de ervas de cheiro, e apanhara um táxi até à estação de comboios que a levaria para a cidade. Arranjara um quarto num hotel e esvaziara a conta conjunta, antes que Bucky se lembrasse de a excluir. Sabia lá como reagiria ele à fuga dela, ao silêncio, à recusa em atender-lhe as chamadas. Teria de falar com ele, mais cedo ou mais tarde, mas não suportava a ideia. Ainda não.

Ariel sabia que aquele pequeno monte de dinheiro não duraria para sempre. Teria de encontrar um novo sítio para viver e de o mobilar; mesmo

recorrendo a vendas em segunda mão, isso não seria gratuito. Mercaria, contas, tinha de comprar um carro, atestá-lo, uma coisa atrás da outra, as despesas acumular-se-iam depressa, insuportavelmente, e o percurso de Ariel desde mulher casada e rica até solteira, desempregada e sem um tostão seria muito curto. E, no horizonte próximo, ameaçavam-na todo o tipo de novas despesas. Que durariam décadas.

Precisava de um plano.

* * *

Para os habitantes estritamente diurnos de uma cidade, o ecossistema noturno, dos restaurantes e dos bares, pode ser irreconhecível, todo um panorama de empregados da indústria dos serviços, e ainda os bêbados, os trapaceiros, os traficantes e os desordeiros que saem à rua quando os cidadãos responsáveis vão para casa.

Às onze da noite, Persephone entra no Sprit, um nome dado pelos proprietários devido a uma qualquer parte esotérica de uma embarcação, esperando atrair o pessoal dos barcos. Funcionara.

Persephone cumprimenta a porteira com um beijo na bochecha.

– Olá, Lea. Como vai o teu pai?

– Está melhor. Obrigada por perguntas.

Persephone acena com a cabeça a Suze, que pergunta “O costume?” enquanto tira uma caneca para outro cliente qualquer. Quase todos os lugares do bar se encontram ocupados. Ao almoço ou ao jantar, o Sprit é o único estabelecimento requintado das redondezas – local, biológico, feito à mão, em pequenas quantidades, todo o blá-blá-blá que seduz os visitantes de fim de semana, os aficionados da comida, os fulanos de barba, que giram atentamente os copos de vinhos biodinâmicos, os *bloggers* de comida que fotografam os pratos para o Instagram, soltando “Ohs”, “ahs” e “O quê? Caldo de ervilhas!”.

– Olá – diz Persephone, ocupando o lugar onde estava a réplica de uma mala da *Coach*, de Kirsten, comprada na Canal Street. Tinham ido à cidade juntas, numa expedição de compras.

– Olá para ti também.

A cozinha fecha às onze, hora em que todos os outros restaurantes da zona fecham, tal como a loja de gelados, a loja de bebidas, a pizaria, a marisqueira, a rulote de marisco no porto. Ao longo de quinze quilómetros em todas as direções, quase tudo fecha ao mesmo tempo, devolvendo toda uma população – cozinheiros e empregados de mesa, rececionistas e empregados de bar, ajudantes e lavadores de pratos – ao mundo, com as gorjetas da noite nos bolsos, *stress* para descarregar e hábitos autodestrutivos a cultivar. Alguém tem de acolher toda essa maralha; alguém tem de ficar com o seu dinheiro.

É essa a verdadeira fonte do sucesso financeiro do Sprit. Não é a salada de beterraba tradicional com o *chèvre* artesanal que aparece na capa da revista

local. É a caneca de IPA e o *shot* de uísque, que Suze pousa diante de Persephone com um golpe seco, assim como as centenas de outras bebidas que serão servidas nas horas entre a partida do último reformado com sapatos de barco e o aviso de última rodada, com cestos de batatas fritas, *cheeseburgers* e asas de frango, enquanto comprimidos avulsos ou sacos de heroína e o frasquinho ocasional de *crack* são vendidos por Greg, que, há uma década, era o capitão defensivo da liga distrital de futebol americano. Kirsten e Persephone tinham colaborado na elaboração do livro de curso, tinham feito o artigo de página inteira sobre Greg. Agora, ali estava ele a desaparecer para a casa de banho. Agora, ali estavam elas.

– Então? – pergunta Kirsten. – Estou aqui a morrer.

Persephone segura o uísque em frente da cara e bebe-o de um trago.

– Está bem. Mas, agora a sério: ninguém pode saber que isto veio de mim. Tens de me prometer, K. É mesmo importante.

– Prometo.

Persephone põe a mão no bolso de trás, enquanto olha em volta, para os outros clientes. Como de costume, Jerry, o advogado, está imerso no seu copo de cerveja escura.

– Quando te passares, tenta não fazer muito barulho. – Persephone indica o advogado com a cabeça e passa os papéis dobrados à amiga mais antiga. Jogaram futebol juntas na primária, entraram juntas para a revista literária da escola preparatória, dirigiram juntas o jornal do liceu. Ambas foram para a faculdade para se tornarem intelectuais das letras, ambas voltaram para casa, navegando as águas profundas da idade quase adulta.

– O que tenho à minha frente?

– É um relatório da polícia.

– Bem vejo. Mas quem é esta? Laurel Turner?

– Esse, minha amiga, é o nome da pessoa conhecida como Ariel Pryce.

Kirsten fica boquiaberta. Vira uma página e recua de novo.

– Isto é o relatório de um abuso sexual de há catorze anos?

Persephone assente.

– E que idade tem agora o puto dela?

– Isso mesmo.

– Ai. Meu. Deus.

– Mas não é tudo. Na verdade, nem é essa a notícia bombástica.

Kirsten vira as páginas, sacode a cabeça, sem conseguir ver.

– Ali – diz Persephone, apontando. – Esse é o nome do alegado autor do crime.

– Mas c’um caraças? Estás a falar a sério?

– Estou, sim.

– Mas. Que. Cena.

CAPÍTULO 43

Dia 3. 5h43

Por muito que se esforce, Ariel não sabe o que deve dizer àqueles polícias do aeroporto espanhol. A história parece demasiado descabida, mas não consegue pensar numa alternativa. Preocupa-a que aquela falta de imaginação implique que a sua cabeça deixou de funcionar. Demasiado *stress*, demasiado medo, sono insuficiente.

– Isto vai parecer loucura – começa ela, dirigindo-se ao polícia que parece responsável. Mas talvez seja apenas aquele que sabe falar inglês.

– Na segunda-feira de manhã, durante uma viagem de negócios a Lisboa, o meu marido foi raptado. Informei a polícia de Lisboa e a embaixada americana, mas não havia nada que pudessem fazer. Consegui reunir o dinheiro do resgate através de um contacto nos Estados Unidos e, ontem à tarde, entreguei o dinheiro aos raptadores, que libertaram o meu marido. Voltámos imediatamente para o nosso hotel para prestar declarações à polícia, mas sentimo-nos pouco seguros em Lisboa e não confiávamos especialmente nas autoridades, que, tanto quanto sabemos, poderiam ter participado no sequestro do meu marido.

– Isso é uma acusação muito séria.

– Não é uma acusação. É uma preocupação. Talvez não seja racional. Mas passámos por uma experiência profundamente traumática e talvez não estivéssemos, nem estejamos, a pensar com clareza. Só queríamos mesmo sair de Lisboa e regressar a casa, aos Estados Unidos. Então, ontem à noite, deixámos o hotel. Não levámos bagagem porque não queríamos que as pessoas que nos pudessem estar a vigiar soubessem que íamos partir.

– Pessoas que vos pudessem estar a vigiar? Como por exemplo?

– Como quem quer que tenha raptado o meu marido.

– Porque é que a *señora* mentiu ao segurança sobre as malas roubadas?

– Porque, como acaba de ouvir, a verdade é complicada. Queria uma interação simples.

- Porque não está com o seu marido?
- Decidimos que era mais seguro viajarmos separadamente. Para garantir que pelo menos um de nós chega a casa são e salvo, para junto do meu filho.
- Onde está ele agora, o seu marido?
- Não sei. Ia comprar um bilhete para outro voo para Nova Iorque.
- Aqui? No aeroporto de Sevilha? Em que companhia?
- Não sei.
- Por favor, escreva o nome do seu marido. E a data de nascimento dele.

Enquanto Ariel faz isso, o polícia com quem falara inclina-se para sussurrar ao ouvido do outro, acena com a cabeça afirmativamente, rasga o papel onde Ariel escreveu e sai da sala. O interrogador parece estar a digerir a história e não chegar a uma conclusão definitiva sobre quão suspeita lhe parece.

– Se falarmos com a polícia de Lisboa, eles vão contar-nos a mesma história?

– Sem dúvida. Só que eles não sabem não confiamos neles, claro. – Ariel abre a carteira e procura num pequeno monte de cartões de visita. – Tome.

Pousa o cartão de Moniz na mesa. Depois, o de Santos.

– São os inspetores que estão investigar o caso. Falaram comigo e com o meu marido ontem à noite. Pode ligar a qualquer um deles, neste preciso momento, para esclarecermos isto? Tenho um avião para apanhar.

* * *

Umás semanas depois de voltar para a cidade, Ariel saía do hotel onde estava a viver no Upper East Side, enfrentando a humidade abafada de um fim de tarde de agosto em Nova Iorque, com o asfalto a brilhar, o cheiro sufocante dos tubos de escape, as ondas de frio surpreendentes, sempre que se abriam as portas de uma loja, espalhando o ar condicionado pela Madison Avenue, bem como mulheres carregadas de sacos de compras cheios de roupa interior ou fatos de banho, maquilhagem ou óculos de sol. Nunca acaba, esse trabalho.

Ariel chegara cedo. Queria ter algum tempo para refletir com lucidez.

Escolhera um lugar na ponta de um longo balcão polido, com velas votivas, rebentos de rosas-chá em pequenos vasos, bancos de bar cobertos de couro mole, cor de chocolate, e a música, o tilintar discreto de um *jazz* irrepreensível. Por norma, ali bebia um delicioso *Montrachet premier cru*, a vinte e oito dólares o copo, mas, dessa feita, pedira água com gás e sentira as bolhas rebentarem-lhe na língua e subirem um pouco ao nariz, um pico do amargor da casca de limão que decorava o copo.

Tinha os sentidos mais alerta, as observações mais perspicazes. Sentia-se uma cientista a estudar o seu elemento. A estudar-se a si própria.

Década e meia depois, excertos desse período da sua vida tornaram-se vagos – quem viu, como passava os dias, as sessões de terapia, os advogados, toda essa existência ruíra, era tudo uma névoa. Mas lembra-se de uma coisa

claramente: dessa tarde. Lembra-se de ensaiar dezenas de vezes a conversa que se seguiria, de se preparar para um nível de negociações completamente diferente do que conhecera, das irrelevâncias do regateio com agentes de imobiliárias, com empregadores ou em feiras de velharias: todas essas coisas eram insignificantes quando comparadas com aquilo.

Escolhera não ficar de frente para a porta. Não queria ser vista à espera dele, não queria parecer nervosa. Quem achava ela que estaria a enganar?

De onde estava sentada, Ariel conseguia ver os reflexos da entrada através do espelho atrás do bar. Daí tê-lo visto chegar, cumprimentar a rececionista e passar pelo expositor do *maître* como se fosse dono do restaurante, exibindo o sorriso confiante de um homem que tem tudo, a versão adulta do rapaz a quem foi prometido o mundo, a pessoa a quem disseram vezes sem conta, durante a sua vida inteira, que podia ter o que quisesse, fazer o que quisesse.

Talvez aquele comportamento não a devesse surpreender. Talvez fosse previsível. Talvez fosse, na verdade, inevitável.

Charlie não sabia como a cumprimentar. No passado, ter-lhe-ia beijado a bochecha, segurando-lhe o braço ou o cotovelo ou até tocando-lhe no fundo as costas, quando pensava que podia ir tão longe. Era daqueles que gosta de tocar com as mãozinhas. Mas, nesse momento, não se atrevia.

Sentara-se no lugar ao lado dela, e o corpo de Ariel retraía-se, numa reação involuntária.

O empregado do bar aparecera logo. Charlie Wolfe era um homem que raramente esperava pelo que quer que fosse.

– O que vai ser esta noite, Mr. Wolfe?

Charlie aguardara um segundo antes de responder, uma micropausa, uma pequena demonstração de poder, fazendo alguém esperar, mesmo que por um segundo, enquanto forma de afirmação de superioridade. Charlie era esse o tipo de cabrão. Continua a ser.

– Um copo de *Barolo*, por favor, Danny. Sabe de qual gosto.

Ariel percebera que aquele vinho não constava na ementa nem estava disponível ao copo, a não ser para um homem como Charlie, um homem que fazia questão de pedir coisas – de exigir coisas – que os outros nem podiam ter e que nem lhes passaria pela cabeça pedir. Era essa a ideia, certo? Charlie estava-se nas tintas para o *Barolo*. Só queria pedir uma coisa cara, exclusiva, que provasse a sua importância.

– Com todo o prazer, Mr. Wolfe.

Ariel ainda não olhara para ele, mas sentira-o encará-la, expectante, embora calado.

– Não quero que isto demore mais do que o necessário – afirmara ela, olhando fixamente para a frente, para a fileira de garrafas encostadas ao espelho que refletia a espaçosa sala de jantar, com todas as suas mesas vazias, sem testemunhas.

– Está bem. – O tom dele sugeria muitas coisas: dúvida, hostilidade, condescendência.

– Vou direta ao assunto. – Queria ver a sua cara quando proferisse a frase seguinte, pelo que se voltara para ele, sentindo o estômago revirar-se imediatamente e só não vomitando por pouco. Era a primeira vez que Ariel via Charlie desde que ele a violara e, por muito que se tentasse convencer de que tinha o controlo, a vantagem, a segurança daquele espaço público, o corpo dizia-lhe outra coisa.

Esperara que aquele confronto fosse difícil e com o seu quê de imprevisível, e a sua reação constituía um imprevisto.

Ariel cerrara os dentes, engolira a náusea e avançara.

– Estou grávida.

O queixo de Charlie não caíra, o sobrolho não se erguera, o fulano não tivera qualquer reação. Era mesmo impressionante. Quase admirava o seu autocontrolo. Quase. O que Ariel sentia realmente era repulsa, ódio e um tipo de inveja terrível. Ele podia controlar o seu próprio corpo, podia até controlar o dela. Ela, não.

Lutara contra uma nova onda de náusea.

O empregado pousara uma base de linho diante de Charlie, com um copo por cima, largo como uma bola de *softball*. Mostrara o rótulo para aprovação e só depois vertera lentamente dois centímetros de vinho, roxo, espesso e viscoso, como o sangue de um grande animal que tivesse sido caçado, esventrado e empalhado, apresentado com um floreio e uma vénia rasteira ao caçador presunçoso. Danny limpou o rebordo da garrafa com um guardanapo e começara a recuar, terminando o espetáculo de subserviência.

– Obrigado, Danny. – Charlie voltara-se de novo para ela. – E achas que é meu.

– Não – dissera Ariel –, sei que é.

Charlie escolhera, novamente, não responder. Em vez disso, bebera um golo de vinho e voltara a pousar o copo, cuidadosamente, na respetiva base. Parecia que contemplava o *Barolo*, como se para decidir se era de 93 ou 94. Era falsa, aquela compostura, tinha de ser. Ariel estava certa de que aquela pessoa não poderia ficar tão impassível perante a situação. Ninguém podia.

O que o tornaria ainda mais desprezível? Uma serenidade verdadeira naquelas circunstâncias, ou uma serenidade falsa? Talvez não fizesse diferença. Já o odiava ao expoente máximo.

– Como? – perguntara ele.

– Como o quê?

– Como é que *sabes*?

– Não entendes como funciona a reprodução humana?

– Como é que sabes que sou eu o... – Parecia não conseguir terminar a pergunta. Não querer.

– Nunca ninguém te explicou? – perguntara-lhe ela. – Nas aulas de saúde? Ou talvez o teu pai?

Charlie acenara com a cabeça. Ariel conhecia este género de aceno, não em concordância, mas um sinal de qualquer outra coisa, de uma aceitação da

discordância, de antagonismo.

– Muito bem – dissera ele, ainda a acenar. – Digo-te já, sem rodeios: não acredito em ti.

– Não acreditas? – De repente, a náusea passara. Sentia o corpo entregar-se à raiva. – Estou-me nas tintas para o que acreditas. É essa a beleza da ciência, não é? Não se trata de crenças.

Ela erguera o seu próprio copo, bebera um gole de água, deixando Charlie a matutar. Havia tanto ADN passível de ser recolhido e identificado à solta pelo mundo – em copos de vinho, escovas de dentes, pentes, lavatórios, nos conteúdos dos exames de violação, nos esfregaços vaginais, no sémen. Ela não tinha de lhe explicar nada disto, ambos sabiam.

Charlie costumava gabar-se da sua enorme experiência em negociações. Estudava táticas, escrevia o guião de conversas, treinava ao espelho, estava sempre preparado a esperar, a recuar, a atacar primeiro, a fazer o que fosse preciso, o que funcionasse, o que, por vezes, era ir direito ao assunto.

– O que é que queres?

Quando percebes que não podes ganhar, não vás à luta.

– Quero que vás preso.

Charlie inspirara pausadamente pelas narinas, talvez à beira de perder a sua meticulosa compostura. Olhara em volta, certificando-se de que mais ninguém o ouvia. Mal passava das cinco da tarde, demasiado cedo para multidões, mas aquele restaurante ficava no meio do bairro deles, e nunca se sabe. Seria fácil que reparassem nele, e essa possibilidade deixá-lo-ia pouco à vontade, razão pela qual Ariel escolhera aquele sítio. Qualquer vantagem servia.

– Então, porque me dizes isso? O que fazemos aqui?

– Porque queria ver a tua cara quando soubesses que a tua vida acabou. – Pegara na bolsa que tinha pousado no balcão. – Infelizmente, não valeu a pena. Paga a minha bebida.

Tirara os pés da barra de latão e levantara-se.

Fora então que ele dissera:

– Espera.

* * *

Ariel vê o segundo polícia regressar à sala e trocar algumas palavras em espanhol com o colega, que então diz:

– *Señora*, a polícia de Lisboa não responde.

– Bem, são só seis da manhã.

Ariel fica sem resposta.

– Ouça, que crime acham que cometi?

– Não acho que tenha cometido crime algum, mas é uma viajante invulgar, uma pessoa que mentiu à polícia. Uma pessoa que conta uma história difícil de acreditar.

– Exato. Um criminoso não teria uma história melhor?

O polícia sorri com indulgência, como se confrontasse uma criança que apresenta uma desculpa descabida por ter partido um candeeiro. Ariel quase lhe lê o pensamento: “Não, não se fosse estúpida.”

– Acha que sou estúpida, não é? Acha que sou uma criminosa estúpida.

– Por favor! Não acho que seja estúpida. Não acho que seja criminosa. Mas entende que temos de verificar uma história tão improvável como a sua?

* * *

Griffiths observa, da janela do helicóptero, a aurora sobre a Península Ibérica.

– Qual é a hora de chegada estimada?

– Aterramos às seis e cinquenta e cinco – responde o piloto.

– E será onde? A que distância do terminal de passageiros?

– Cerca de um quilómetro.

– Temos alguém no solo com um veículo?

– Pergunta-me a mim? – replica o piloto.

– Não – intervém Jefferson.

– Então, como iremos do ponto de aterragem até ao terminal?

– Corremos?

Antonucci suspira. Não tenciona correr um quilómetro, não com os seus pezinhos.

– Porra! – diz Griffiths. – E o voo dela embarca às sete e dez? Não vamos chegar a tempo.

Tenta perceber qual será a cadeia de comunicação mais curta entre si, naquele helicóptero, e um agente dos portões de embarque no aeroporto de Sevilha, às seis e meia da manhã de um dia de semana. Não é assim tão curta.

Aquilo está a tornar-se uma enorme estopada.

* * *

Pete Wagstaff sente-se hipócrita. Durante anos, foi inflexível e defendeu que a digitalização de arquivos era contra a ética, imoral e até uma violação dos seus direitos como jornalista. Lembra-se de argumentar apaixonadamente: nenhum de nós concordou com isto, nem os jornalistas, nem os fotógrafos, nem os colunistas, nunca aceitámos que os termos dos nossos contratos de emprego permitissem uma exploração tão ilimitada, tão permanente, em meios que nem sequer tinham sido ainda contemplados. Aquela discussão com a direção não lhe trouxera nada de bom à carreira.

Mas, agora, graças aos arquivos digitais aos quais se opusera com tanta veemência, Wagstaff tinha descoberto que, nos meses anteriores à separação de Laurel e Bucky Turner, as suas vidas tinham sido documentadas nas páginas de sociedade com meia dúzia de fotografias de três festas diferentes,

com legendas que enumeravam um total de quinze pessoas. Aquilo eram muitas potenciais testemunhas da destruição precipitada de um casamento. Além disso, graças, novamente, à revolução digital, era fácil e rápido encontrar cada uma dessas potenciais testemunhas, todas elas figuras públicas em graus variados ou, pelo menos, do tipo de figuras públicas cujo desejo de notoriedade as torna fáceis de contactar. Wagstaff já tem um *email*, telefone ou perfil público nas redes sociais para cada uma delas.

E aqui esta fotografia? Esta é quase demasiado boa para ser verdade. São seis pessoas numa festa de verão, mulheres de vestido curto, homens de linho em tons pastel, com a legenda: DA ESQUERDA PARA A DIREITA, MR. E MRS. BUCKINGHAM TURNER, MR. E MRS. CHARLIE WOLFE E MR. E MRS. SLADE WASSERMAN. O nome de Mrs. Wasserman é Tory. O número de telefone, o endereço de *email* e os perfis nas redes sociais encontram-se ali mesmo, na página de contactos do *site* dela: UMA HISTÓRIA DA TORY – CONSULTORA DE ESTILO EXCLUSIVA. Seja lá o que isso for. Hoje em dia, Wagstaff não percebe em que consistem metade dos empregos daquela gente.

* * *

Charlie olhara em volta do restaurante quase vazio, depois fitara Ariel.

– O teu telemóvel, por favor.

– O quê? Para quê?

Ele fuzilara-a com os olhos. Não queria dizê-lo em voz alta, mas ela percebera a razão do pedido e sabia que não deixava de ser razoável. Pousara, então, o *Nokia* no balcão.

– Podes desbloqueá-lo?

Ela assim fizera. Ele olhara para o ecrã e dissera:

– Tira a bateria. – Ela anuíra, mas ele não estava satisfeito. Charlie tinha um receio paranoico de gravações clandestinas muito antes de as pessoas saberem que se deviam preocupar com isso. Estava à frente do seu tempo em muita coisa.

– Danny. – Fizera sinal ao empregado. Vamos sentar-nos naquela mesa por uns minutos. Posso pedir-lhe que fique de olho na mala da minha amiga?

– Claro – respondera Danny, parecendo não pensar duas vezes, ainda que, sem dúvida, o tenha feito, era preciso ser-se imbecil para não o fazer, e os imbecis não chegavam a empregados de estabelecimentos como aquele. Mas os empregados dali faziam tudo o que clientes como Charlie Wolfe pedissem, porque era o tipo de pessoa que os podia despedir. Chegavam a anunciá-lo e tudo: “Vou mandar pôr-te na rua!” Homens como Charlie adoravam dizer isso, ainda mais do que gostavam de despedir pessoas. Era a demonstração de poder que lhes agradava. O poder em si seria irrelevante sem a demonstração.

Charlie escrutinara Ariel, temendo, talvez, que ela trouxesse um microfone e que ele não pudesse fazer nada quanto a isso. Certamente, não lhe podia pedir que fosse com ele à casa de banho para confirmar.

Atravessara a sala, deslizará para uma banquetá, longe dos escassos fregueses presentes, longe dos empregados, longe da bolsa dela e de quaisquer gravadores que pudesse esconder.

– O que queres mesmo?

– O que quero mesmo? – Ariel fingira-se confusa, mas ambos sabiam o que ela queria: magoá-lo. Queria que ele sofresse e queria vê-lo sofrer.

– Não te faças de sonsa. – A voz dele era baixa mas contundente. Eis uma coisa para que tinha muito jeito. – Sabes o que estou a perguntar.

Ela sabia que não podia exigir um castigo tão grande que Charlie não o suportasse, que o forçasse a arriscar o sistema da justiça criminal. Toda a gente tem noção de que os veredictos de culpa são evasivos. Os interesses de Ariel e de Charlie alinhavam-se a esse respeito: nenhum deles queria ir a tribunal.

– O que quero? Humm, deixa ver: um mínimo de cinco anos. Mas espero mais uns...

– Ah, poupa-me, caramba!

– Creio que... Aliás, tenho até a certeza de que assim que isto se saiba e a história chegue aos jornais, assim que as pessoas começarem a espalhar o boato, neste mesmo bar, no Colony Club, ao balcão de charcutaria do Eli's...

– Mais baixo.

– Assim que as mulheres começarem a reconhecer que esta barragem tem uma fuga, outras darão a cara. Muitas outras.

Ele semicerrara os olhos.

– Quanto?

– A barragem vai rebentar, Charlie, e a inundação vai ser catastrófica. Sabes o que acontece a homens como tu na prisão, não sabes? És um homem do mundo, de certeza que já ouviste algumas coisas.

– Quanto queres?

Ariel fizera a sua pesquisa, tentando calcular o património de Charlie e os seus possíveis níveis de liquidez para determinar a quanto dinheiro teria ele acesso sem ter de vender ativos de longo prazo; o máximo que poderia pagar para evitar um espetáculo altamente prejudicial e muitíssimo público. A acusação de Ariel não era a de um distante “mal-entendido” de juventude, envolvendo “recordações divergentes”. Não, aquele espetáculo seria o crime muito recente de violação da mulher de um parceiro de negócios. A mulher do amigo dele. Uma acusação acompanhada de memórias frescas, apoiada em testemunhas, com provas físicas.

A soma tinha de ser algo que Charlie pudesse assegurar sem perturbar a sua vida – sem contar à mulher – ou da qual pudesse discordar. O número obtido por Ariel revelara-se bastante alto.

– Cinco milhões de dólares.

– Ci... – Ele abanara a cabeça. – Estás doida.

– Estou? – Ela olhara-o com atenção, enquanto os olhos dele fugiam momentaneamente, para voltarem com uma contraproposta.

– Dois.

– Por favor! – Ela mantivera o maxilar cerrado, o contacto visual.

Um segundo passara a dois, dez haviam-se convertido em vinte, e ela não fizera mais nenhum som. Como se se escondesse de um assassino no armário.

– Dois e meio – propusera ele por fim.

Ariel sabia que teria de fazer uma enorme concessão. Um homem como Charlie nunca o toleraria de outra forma, o seu ego não aguentaria uma negociação em que perdesse a cem por cento.

– Vamos deixar-nos de conversas – dissera ela. – Três é o mínimo. – Estava preparada, na verdade, para aceitar os dois e meio. Mas isso fora antes de ele os oferecer.

Charlie olhara-a furioso. Ela precisara de todo o seu autocontrolo para se sentar em silêncio, a fitá-lo enquanto ele a fulminava com o olhar, dez segundos, vinte, talvez trinta ou quarenta, perdera a noção do tempo, limitando-se a esperar...

Até que ganhou.

– Vais, obviamente, assinar um acordo de confidencialidade – declarara ele.

Sim, obviamente. O sigilo era tudo o que lhe importava a ele, porque a revelação seria vantajosa para ela. Neste momento da vida dela, as ramificações a longo prazo de um tal acordo pareciam irrelevantes. Ariel estava apenas focada nas suas necessidades imediatas, na retaliação imediata, na privacidade dela contra a dele. Não conseguia imaginar um futuro em que o público se ralasse, em que a revelação, em si, pudesse tornar-se prioritária. Nunca lhe ocorrera, sequer.

Aquilo acontecera muito antes do caso de Harvey Weinstein, claro, antes do “era agarrá-las pela rata”, do #MeToo. A expectativa de consequências era muito mais baixa catorze anos antes; toda uma outra época. A esperança de recurso era muito mais fraca. Ariel tinha objetivos finitos. Aquele confronto era apenas entre eles os dois, não se tratava de um assunto político, não constituía uma questão de importância nacional.

Ela assentira com a cabeça, e Charlie chamara imediatamente o empregado, enquanto tirava a carteira do bolso do casaco.

– Obrigado – dissera Charlie quando Danny se aproximara. – Tenho de ir. Isto é também pela bebida desta senhora.

Esta senhora.

– Com certeza, Mr. Wolfe. Trago-lhe já o troco.

– Oh, deixe estar, Danny, fique com ele. Obrigado.

Mas que santinho.

– Eu é que agradeço, Mr. Wolfe.

Ariel não precisava de olhar para saber que era uma nota de cem dólares. Charlie fazia visitas especiais ao banco para levantar notas de cem; isto era antes de os multibancos as distribuírem em qualquer lado, exceto nos casinos. Ariel sabia-o porque Bucky fazia a mesma coisa. Os dois homens eram mais

parecidos do que ela gostaria de admitir. Até serem semelhantes fisicamente: os olhos, o cabelo, a forma do nariz. Podiam ser irmãos.

Conseguira ver alguma hesitação na cara de Charlie. Ele sabia que, assim que se chegava a um acordo, se devia ir embora, desligar – não arriscar dar cabo das coisas. Mas devia estar a lutar com um impulso oposto, o de insultá-la, humilhá-la, rebaixá-la, de discutir com ela. O impulso de não se permitir perder. De não admitir que tinha sido dominado.

Mas ele engolira-o. Voltara-se e fora-se embora sem dizer mais nada. E Ariel permitira-se, finalmente, respirar.

Três milhões de dólares.

Chegava, certamente, para toda uma nova vida. Mas o dinheiro em si não era a verdadeira vingança, porque não o magoava. Para alguns problemas, o dinheiro é a solução; para outros, é só o início.

Ariel não tinha esperanças de alguma vez vir a obter justiça verdadeira. Até que um dia, do nada, isso aconteceu.

CAPÍTULO 44

Dia 3. 7h02

– Peço-lhe. Por favor! – Ariel olha sugestivamente para o relógio no pulso. – O meu voo está a embarcar.

– Haverá outros voos – replica o polícia espanhol. – Nova Iorque é um destino frequente.

– Mas tenho de ir para casa ter com o meu filho.

– Estou certo de que irá. Assim que consigamos falar com a polícia de Lisboa.

O outro agente regressa à sala, trazendo o bocado de papel com o nome e a data de nascimento de John. Inclina-se, e os dois polícias conferenciam quase num sussurro.

– O que foi? – pergunta Ariel. – Falou com o inspetor Moniz?

– Não, *señora*. Temos estado a tentar encontrar o seu marido, mas não conseguimos. Não comprou um bilhete.

Ariel deseja ser capaz de mostrar alguma compostura, mas já gastou toda a que tinha.

– Não passou pelo ponto de segurança.

Já só lhe resta o pânico.

* * *

O telefone tocou muito antes da hora a que António Moniz estava disposto a acordar. Espreitou o número – qualquer coisa de Espanha – e carregou em REJEITAR. Tentou voltar a adormecer, mas sem sucesso. Portanto, deixou-se ficar na cama e ouviu a mensagem de voz. O seu espanhol não era grande coisa e teve de repetir a mensagem umas quantas vezes para garantir que a percebera: um polícia nacional do aeroporto de Sevilha havia detido uma americana chamada Ariel Pryce, que fornecera o nome do inspetor Moniz

como referência para confirmar a sua história e gostaria de saber se ele poderia devolver a chamada o mais depressa possível.

Bem, pelo menos agora António sabia aonde haviam ido os americanos depois de terem fugido do hotel, escapado aos polícias que faziam a patrulha e desaparecido na noite.

Moniz arrasta-se para a cozinha, enche a chaleira. Enquanto espera que a água ferva, o telefone volta a tocar. Uma chamada de Santos, que vai direta ao assunto, sem rodeios.

- Recebeste uma chamada de um polícia espanhol?
- Uma mensagem de voz – replica ele.
- Eu também. Estava no duche. Um de nós devia ligar-lhe.
- Sim, claro. Eu trato disso.
- Mas o que lhes vais dizer, António?
- Não sei. A verdade?
- Qual verdade?

Moniz não percebe a pergunta da colega.

- Incluindo as nossas suspeitas?

Moniz não responde.

– E depois? – continua Santos. – Vamos pedir aos espanhóis que prendam o John Wright? Que extraditem o americano, para podermos prosseguir com a acusação de rapto fraudulento? Como achas que reagirão?

- Acho que concordarão de bom grado.

– Oh, sim, vão concordar, disso estou eu certa. Também estou certa de que será de bom grado.

Moniz apaga a chama por baixo do café. Serve uma chávena para si e outra para Júlio.

– Mas, primeiro, António, haverá algumas perguntas. Vão perguntar: porque é que vocês não detiveram o americano, se tinham a certeza de que era culpado? Porque não ficaram de olho no John Wright? Nesse caso, teremos de admitir que observávamos estes americanos, mas que eles nos escaparam.

Moniz leva uma das chávenas para o quarto e perde um momento a contemplar o marido adormecido. No fim de semana que se aproxima, vão comemorar o décimo aniversário juntos com um grande jantar em casa da irmã mais nova dele, em Cascais, perto da praia. Cátia casou-se com um banqueiro rico, um cretino dos piores. Mas as casas dela, tanto na cidade como no campo, são espetaculares. Cátia não precisa de trabalhar há uma década e a filha deles é um anjo. Toda a gente faz compromissos algures pelo caminho. Pelo menos, com Cátia, as vantagens são abundantes e óbvias.

– Que é como quem diz, António, vamos ser motivo de chacota. Pelos seguranças de um aeroporto espanhol.

Santos tem razão. Tem quase sempre razão. Mas nem sempre, como pensa.

– O John Wright foi muito esperto em fugir para Espanha – remata ela. – Muito esperto.

Moniz deixa o café na mesa de cabeceira do marido e sai silenciosamente do quarto.

– Então, o que propões? – pergunta, ainda que esteja convencido de que sabe muito bem aonde Santos quer chegar.

– O crime que parecer ter sido cometido foi feito por um americano contra a sua própria mulher americana e um terceiro americano que financiou o resgate. Isto foi, no fundo, um crime americano. Ninguém aqui em Lisboa se magoou, não houve danos a propriedade local, nem a possibilidade de infração da lei no futuro...

Moniz não se surpreende por ver Santos escolher proteger a própria pele. Mas surpreende-o que ela esteja disposta a deixar um homem obviamente culpado safar-se.

– Acho que o nosso departamento não terá muito proveito em continuar envolvido nisto. Não achas, António?

* * *

Depois de Charlie ter deixado o restaurante, Ariel precisara de um minuto para se recompor, antes de se lançar pelas ruas escaldantes de Manhattan até ao hotel onde vivia num limbo, limbo esse que chegara ao fim.

– As minhas desculpas, Mrs. Turner. – Mustafah, o gerente de dia do hotel, abordava-a à entrada. – Tem um minuto, por favor?

– Claro.

Haviam-se afastado do centro das atenções.

– Quando tentámos cobrar a conta de ontem, o cartão de crédito de que temos registo foi... hum, lamento dizê-lo, mas foi recusado.

Ariel não ficara admirada por Bucky ter cancelado o cartão – sabia que ele poderia ser uma pessoa vingativa. A sua arrogância implacável havia sido um dos traços que a encantara, na altura em que ela tinha uma ideia muito diferente do que tornava um homem atraente. Quando tinham começado a namorar, havia algo de irreverente na fanfarrice de Bucky, como se representasse um papel conscientemente, com uma piscadela de olho a Ariel. Ela adorava essa sua jovialidade, esse entusiasmo. Ao longo do tempo, porém, essa camada juvenil de ironia começara a derreter-se aos poucos, até ter ocorrido aquela transformação final, no carro, na autoestrada de Montauk, que lhe revelara a pele de adulto completamente amadurecida. Era impossível interpretar mal, impossível ignorar. Impossível conviver com ela.

Desde essa viagem interrompida, Bucky ligara-lhe vezes sem conta, mas ela deixara passar uma semana até confiar em si mesma o suficiente para falar com ele. E mesmo então, quisera que fosse rápido. Como arrancar um penso.

– Peço imensa desculpa – começara Bucky.

– Estás a pedir desculpa pelo quê? Sabes, sequer?

Mais uma vez, ele demorara demasiado tempo a responder.

– Por não ter sido mais solidário.

Solidário. Atento. Reconhecido. Bucky aprendera algumas palavras-chave pelo caminho, provavelmente com os amigos, sentados em bares, a rirem-se das merdas que precisavam de dizer às mulheres para que elas os deixassem em paz.

Há muitas formas de se ser um cobarde, pensara Ariel, mas Bucky talvez fosse da pior espécie. De repente, apercebera-se de que já não conseguia aturar o marido. Acontecera subitamente, fechara-se a torneira, acabara o afeto.

– Bucky, desiludiste-me da pior maneira possível. No momento em que precisava mais de ti. Percebes?

– Percebo – replicara ele, num tom que revelava que não tinha percebido.

– Como posso resolver isso? – Como se fosse possível chamar um faz-tudo e dar-lhe uma gorjeta de vinte dólares para consertar o casamento que ele quebrara por descuido.

– Não me parece que possas, Bucky. E, se fores sincero contigo mesmo, queres?

– Claro que quero! Como podes perguntar tal coisa?

Ariel passara a semana em introspeção.

– Bucky, acho que talvez não me ames tanto como quererias. E que talvez isso seja mútuo.

– Mas... – começara ele a protestar, ficando, porém, sem energia. Talvez sem ideias.

– Lamento – dissera ela, arrependendo-se logo. Não deveria ser ela a desculpar-se. Eis um hábito de que tinha de se livrar. Um de muitos.

Bucky não aceitava o raciocínio de Ariel, mas não havia nada que pudesse fazer quanto à sua decisão. Dissera-lhe que lhe daria uns dias para reconsiderar, que voltaria a tentar falar com ela. Não voltara.

Então, Ariel começara a ligar aos melhores advogados de divórcios – ou “advogados matrimoniais”, como faziam questão de a corrigir sempre, com gentileza –, que, um atrás do outro, respondiam a mesma coisa: não podiam representá-la, dado que haviam sido consultados previamente pelo seu marido. Fora aí que ela soubera que seria só uma questão de tempo até que ele lhe cortasse o apoio financeiro. Bucky poderia ser encantador e entusiasmante, divertido e amigável. Mas amigável não era a mesma coisa que bom. Por vezes, era o oposto. Muitas vezes.

Ela vivia num hotel cuja diária era quase tão alta como um mês de renda no seu novo apartamento, na terriola para onde se mudaria em breve, uma casa modesta, à altura da sua nova situação modesta.

– Compreendo – dissera Ariel a Mustafah. – Partirei esta tarde.

Eventualmente, receberia três milhões de dólares, mais a remuneração estipulada no acordo pré-nupcial com Bucky. Mas, naquele momento, não tinha dinheiro. Estava quase falida, e o pouco que lhe restava seria terminaria num ápice. A véspera fora, afinal, a última noite que passaria em Nova Iorque.

Estendera a Mustafah um cartão de crédito anterior ao casamento, nem

preto, platina ou dourado, sem uma linha de crédito ilimitada, sem acesso a um estatuto ou a regalias, só os juros usurários e as sanções draconianas que criam o tipo de dívida devastadora que assola milhões de americanos em dificuldades, a cada compra essencial. Ariel era agora uma americana comum em dificuldades.

– A que horas é o *checkout*?

– Era ao meio-dia, Mrs. Turner. Mas, por favor, leve o tempo que for preciso.

– Obrigada – replicara ela. – Por tudo.

Ariel era uma mulher grávida, sem dinheiro, sem bens, sem talentos, sem emprego, que largara um marido cobarde. Demorara duas semanas a reunir a coragem para mencionar a agressão ao seu terapeuta e, desde então, não haviam falado de outra coisa, com sessões suplementares, emoções suplementares. Naquele momento, também isso terminara. Ariel já não podia pagar o psiquiatra de Park Avenue, já nem sequer viveria naquela cidade.

– Ora essa – dissera Mustafah. – Quer que lhe chamemos um táxi?

* * *

– *Hola. Me llamo António Moniz. Hablas portugués?*

– *No. Inglés?*

– Sim, ótimo. Estou a devolver uma chamada vossa sobre a americana.

– Obrigado. Detivemos a *señora* Pryce aqui no aeroporto. Chegou sem bagagem, sem bilhete e com uma história sobre o marido ter sido raptado em Lisboa. Isto aconteceu mesmo?

– Sim.

– O americano John Wright foi raptado?

– Está correto.

– E a mulher pagou o resgate e conseguiu que fosse libertado?

– Sim.

– E?

– E, bem, que mais lhe posso dizer?

– Talvez a razão pela qual viajaram toda a noite até Sevilha?

– Isso já não sei. Mas suponho que não se sentissem completamente seguros aqui em Lisboa.

– Porquê?

– Bem, ele foi raptado aqui. O que diz o *señor* Wright?

– Não falámos com ele. Não estava com a mulher quando foi detida. A *señora* Pryce diz que concordaram que seria mais seguro viajarem separados. Ainda não o conseguimos localizar.

Aquilo acaba de se tornar muito mais interessante. Mas Moniz já não tem nada que ver com o assunto.

– Inspetor Moniz, lembra-se de alguma razão para não deixarmos a *señora* Pryce partir em liberdade?

Moniz tem pena de, provavelmente, nunca vir a saber o que acontecera. De repente, tem a certeza de que não é o que imaginara.

– Nada – replica. – Despeça-se dela por mim e transmita-lhe os meus melhores votos.

* * *

O seu nome está a ser anunciado pelo altifalante – “Señora Ah-ri-é-le Prêce. Ah-ri-é-le Prêce, por favor”, e ela não precisa de tradução para perceber a mensagem: última chamada, dirija-se para o maldito portão de embarque, que se encontra, claro está, no outro extremo do terminal. Enquanto corre, apercebe-se de que já não está ninguém na fila e que o funcionário da companhia aérea está no degrau, com as portas prestes a fecharem-se...

– Estou aqui! Ariel Pryce! – Grita o próprio nome, agitando o cartão de embarque. O funcionário assente, e a americana corre pelo passadiço abafado, seguindo pelo corredor central do avião e caindo no assento do meio que lhe estava destinado, ao lado de uma mulher idosa que espreita, com ar de reprovação, por cima da orla dos óculos de leitura. Depois, uma hospedeira anuncia: “Señores y señoras, bienvenidos”, a porta da cabina começa a fechar-se e Ariel permite-se, por fim, respirar fundo, descair os ombros tensos, porque conseguiu chegar a tempo e aquela viagem penosa termina finalmente...

Mas o que é aquilo?

* * *

A porta da cabina abre-se, revelando um homem de aspeto muito espanhol, com um fato de betinho muito espanhol. Murmura algo ao ouvido da hospedeira, que anui com um gesto da cabeça enquanto o ouve. De seguida, olha pelo corredor, lentamente, até encontrar Ariel. Cruza o olhar com ela e, nesse instante, outra pessoa entra no avião. Ariel reconhece-a, mas demora uma fração de segundo em negação, antes de admiti-lo.

Vieram buscá-la.

* * *

– Pete? Mas que diabo?!

– Esperei até uma hora decente.

– Em que universo é que sete da manhã é uma hora decente?

Wagstaff passou a noite em claro, deslumbrado pela sua descoberta e cada vez mais convencido de que vai ganhar um Pulitzer. Talvez a sua editora em Londres tenha razão: não sabe o significado de “razoável”.

– Sei quem é – diz ele.

– Quem é quem?

– O homem que financiou o resgate, que é também o pai do filho dela.

Ao longo do dia de ontem, ele pusera Judy ao corrente umas quantas vezes, à medida que os parâmetros da história se desenvolviam. Sabe que nunca é boa ideia emboscar um patrão.

– Muito bem. Então, quem é?

– Charlie Wolfe.

Silêncio.

– Judy? Estás aí?

– Sim. – Wagstaff ouviu a respiração dela. – Até que ponto tens a certeza?

– Noventa e nove por cento.

– Não gozes comigo, Pete. Isto não é um jogo. Tens assim tanta certeza?

– Sim.

Wagstaff sabe que precisará de mais do que certezas e provas circunstanciais. Também sabe que provas irrefutáveis poderão ser difíceis de encontrar, numa história com mais de uma década, da qual resultou uma criança ilegítima, um divórcio e um acordo de confidencialidade. Que provas poderiam existir?

Um caso teria sido, sem dúvida, muito difícil de provar. Mas Wagstaff desconfia que aquilo não foi um caso.

– Esta mulher acaba de extorquir dinheiro ao próximo presidente dos Estados Unidos.

PARTE V

A RECOMPENSA

CAPÍTULO 45

Dia 3. 8h22

– Aonde vamos? – pergunta Ariel.

– Para um sítio seguro – responde Griffiths. De seguida, ninguém fala durante cinco, dez, quinze minutos. Ariel vê Sevilha passar, com os telhados cor de tijolo, as paredes caiadas, os campanários, enquanto o grande automóvel entra em ruas cada vez mais pequenas, como quando se entra numa cidade europeia das autoestradas para as vielas. – Chão – ordena Griffiths.

– O quê?

– Deite-se. – Aponta para o chão diante do banco de trás do SUV. – No chão.

– Está a falar a sério?

Griffiths nem se digna a responder.

– Onde está o meu marido?

– Não deixei já claro que não vou responder a essa pergunta? Antonucci, ouviste-me, certo? Creio ter dito que não vou responder a essa pergunta; portanto, pare de perguntar.

Antonucci está com um aspeto muito pior desde que levou a pancada de Ariel numa rua de Lisboa. Ela espera que não tencione vingar-se.

– Sim – concorda Antonucci –, foi exatamente o que disseste.

– Bem me parecia. – Griffiths encara novamente a Ariel. – Agora ponha-se mas é no chão!

* * *

John volta a atravessar o terminal do aeroporto, olhando com mais atenção as lojas de roupa e de lembranças, o *duty-free*. Já sabe quais são as casas de banho dos homens mais espaçosas, mais frequentadas, quais são as mais pequenas e tranquilas. Sabe onde a polícia se reúne. Sabe onde são os pontos

de segurança. Sabe onde se encontram as saídas.

Também sabe que Ariel foi arrastada para fora do avião e empurrada para fora do terminal por uma saída de emergência. Assistiu a tudo por trás do jornal com formato de tabloide, escondido entre uma grande multidão que esperava para embarcar num voo de ligação para Barcelona, o bilhete mais barato que encontrou, comprado com um passaporte falso e um cartão de crédito em nome de outra pessoa. John nunca tencionou embarcar. Só precisava de entrar na área segura, para ver se Ariel embarcava no seu voo.

A área segura é também onde se encontram todas as lojas. A primeira coisa que compra é um telemóvel pré-pago.

* * *

Descem todos do SUV para um pequeno pátio dominado por uma frondosa laranjeira, carregada de fruto, e uma pequena fonte de mosaicos sem água.

– Por aqui – indica o homem que Ariel não reconhece, decerto um agente local. Presume que aquele sítio seja um esconderijo da CIA, um apartamento desengraçado, no cimo das escadas de pedra que rodeiam o pátio, descendo para um alpendre de lajes frias, escondido por detrás de uma velha porta de madeira maltratada. Não parece haver portão nem segurança especial nas janelas, e Ariel sente-se aliviada com essa boa notícia. Ultimamente, contenta-se com muito pouco. Por outro lado, avista um tripé com uma pequena câmara de filmar, que Antonucci aciona.

– Sente-se, por favor. – Griffiths aponta para uma mesa de jantar. O tipo local sai do apartamento, e Antonucci desaparece por uma porta.

– O que quer de mim? – pergunta Ariel.

– Sente-se. Imediatamente. Não temos muito tempo.

Ariel não sabe o que aquilo significa, mas tem medo de perguntar.

– Como conheceu o seu marido?

Esperava esse tipo de perguntas, mas ainda não sabe bem o que contar àquela mulher, qual o nível de pormenor procurado pela CIA e porquê. Está preparada para fornecer os todos os pormenores do mundo – diálogos, palavra por palavra, expressões faciais, coreografia do primeiro beijo. Não foi assim há tanto tempo, foi importante, memorável. Mas isso não faz com que seja relevante.

– Era cliente da minha loja. – Começa de forma tão simples quanto possível. Se alguém quiser informação acessória, que lha peça. Como Jerry lhe recomendara em tempos, quando se preparava para uma reunião do conselho de ordenamento: a resposta à pergunta “Sabe as horas?” devia ser um simples “Sim.”

– Está a referir-se à livraria Main Street Books? – pergunta Griffiths. – Que nome inteligente.

A loja já tinha aquele nome quando Ariel a comprara, mas não tem de

explicar isso.

– Comprou-lhe algum livro?

– O que lhe interessa?

– Não tenho de lhe dizer, pois não? Que aqui sou eu quem faz as perguntas? Porque parece uma deixa banal de uma série policial foleira da televisão.

– Sim, comprou livros.

– Lembra-se de quais?

– Na verdade, sim. Ambos era novos *best-sellers* em capa dura, um deles, um policial, o outro, uma história de presidentes.

– São assuntos em que ele tem interesse?

– Presumo que sim.

– Nunca perguntou? Nunca quis saber mais?

– Não.

– Porque, para mim... Para mim, isso soa ao tipo de livro que um fulano compraria se não soubesse o que queria ler e estivesse numa livraria por outra razão.

– Como disse, nunca lhe perguntei.

– E ele convidou-a para sair, logo ali?

– Não.

– E quando o viu a seguir?

– Cruzei-me com ele num restaurante.

– Ele chegou primeiro ou foi você? Foi um encontro aleatório?

– Foi ele.

– Foi aí que a convidou para sair?

– Não. Foi umas semanas depois, quando me cruzei com ele numa mercearia.

– São muitas coincidências a envolver a mesma pessoa.

– É uma vila pequena.

– Fale-me mais do encontro na mercearia.

É agora que Ariel repara no grande espelho na parede.

– Como assim?

– Por exemplo, em que secção foi.

– A sério? – Eis mais uma investigadora a perguntar outra pergunta irrelevante, para comparar a resposta irrelevante de Ariel com a de John. – Conte-me a história toda.

– Estávamos rodeados de grandes pilhas de fruta. – Aquela mulher quer a história toda? Vai tê-la. — Ele disse olá e perguntou-me se eu me lembrava dele da livraria, apresentou-se. Conversámos um pouco; era novo na região, eu, não. Perguntou-me se eu ia muito àquele restaurante, ri-me. Ele disse: “Desculpe, isto parecia uma frase de engate.” Concordei, perguntei se era mesmo isso que estava a acontecer. Ele respondeu que imaginava que sim. Eu contrapus: “Imagina?” Ele corou, disse: “Não. Não imagino. Talvez pudéssemos voltar lá, juntos, um dia destes?”

– Oh. Que querido. Lembra-se muito bem. Com muito pormenor.
– Foi como conheci o meu marido. E não foi assim há tanto tempo.
– E disse que sim? Quando ele a convidou para saírem juntos, ali, na secção da fruta?

– Isso mesmo.

– Porque é que ele escolheu a sua vila? Pelo que percebo, não é exatamente onde os figurões de Manhattan vão passar férias. Sobretudo com toda aquela snobeira dos Hamptons ali tão perto.

– Ele não queria estar com snobes. Não gosta muito de Nova Iorque.

– Então, porque vive lá?

– Porque é que vivem lá as pessoas?

– Como foi ele parar à sua vila, em particular?

– Estava a explorar, a conduzir por ali.

– Há outras pessoas como ele, a guiar por ali, à procura de casas para alugar?

– Sei lá eu! Não estou no ramo imobiliário.

– Quão depressa avançou a vossa relação?

Ariel semicerra os olhos.

– Que pergunta é essa?

– Não querendo ser muito direta, mas quando começaram a ter relações sexuais?

– Desculpe? Isso não lhe diz respeito.

– Tudo me diz respeito. Já percebeu isso, não já? Foi no vosso primeiro encontro?

Ariel suspira. Por que razão quer ela saber aquilo?

– Segundo.

– Foi rápido, hem?

– Não vamos para novos.

– Investigou-o, sequer? Antes de começar a foder com ele.

– Claro, vasculhei pela Internet. Não encontrei nada que me alarmasse.

– E a mudança de nome?

– Não, não descobri isso sozinha. Mas ele contou-me mesmo antes de ficarmos noivos. Tivemos uma... como lhe chamar? Uma espécie de cimeira. “Eis os esqueletos todos, olha bem para eles.”

– Todos? Foi então que ele lhe contou sobre ter sido preso por posse de cocaína.

Ariel fica sem ar.

– Não? Não falou nisso, foi? A acusação acabou por ser arquivada. Portanto, ele não tem cadastro. Mas ainda assim. Não era pouca, a cocaína.

– Quando é que isso aconteceu?

– Há seis anos.

– Já lá vai muito tempo. – Ariel tenta parecer indiferente.

– Bem, sim – replica Griffiths. – E, ao mesmo tempo, não.

– O que quer que eu diga? – pergunta Ariel. – Conheci o tipo mal faz um

ano, e somos ambos adultos. Não o interoguei sobre indiscrições de juventude, porque não me interessam.

– Que generoso da sua parte. Foi também nessa cimeira que ele lhe falou na irmã?

– O que tem a irmã dele?

– Da tentativa de suicídio? Ou antes, das *tentativas*, no plural?

Aquilo atinge Ariel como um murro no estômago. A interrogada abana a cabeça.

– Oh, não! Porque é que acha que ele também deixou isso de parte?

– Não sei. Talvez eles não sejam assim tão próximos.

– A sério? Tem a certeza?

Ariel não responde.

– Então, ficará surpreendida por saber que, durante anos, ele falou ao telefone com ela praticamente todas as semanas?

Ariel continua sem responder.

– Quer dizer, até há três meses, quando as chamadas cessaram completamente. Sabe porquê?

– Não.

– Mas conheceu-a?

– Só no nosso casamento. Ela vive em Marrocos.

– Sim, em Marrocos. Eu cá não me mudava para Marrocos enquanto mulher solteira. A não ser que eu fosse... bem, eu. É uma escolha bastante estranha, não acha?

– Pelo que percebi, ela é uma pessoa estranha.

– Então, não a viu enquanto esteve aqui na Europa?

– Como já lhe disse, só a vi uma vez, e foi há três meses.

– Hum... hum Voltando a essa cimeira.

– Sim?

– Foi aí que disse ao John que o pai do seu filho é o Charlie Wolfe?

* * *

Ele fora intransigente quanto à necessidade de o acordo incluir um aborto. Charlie não queria um bastardo seu a passear pelo mundo. Sabia lá quando é que aquilo o voltaria a atormentar, um dia, independentemente de qualquer acordo de confidencialidade.

– É um fator decisivo – dissera Ariel ao advogado.

– Entendido. Mas, só para que eu perceba melhor a nossa posição nas negociações, posso perguntar porquê?

Ariel sabia do sigilo profissional, sabia que seria uma violação ética inadmissível – e o fim da carreira – para um advogado alguma vez vir a divulgar o que um cliente lhe dissera numa situação daquelas. Porém, Charlie era um homem com imenso poder e que, provavelmente, viria a ter ainda mais. Ariel era uma mulher sem nenhum e que, provavelmente, continuaria

assim. Não se sentia à vontade, portanto, para confiar nas normas. Nunca confiar em ninguém, sobre nada.

– Não – respondera-lhe. – E isso é tudo o que tem de saber.

* * *

John dirige-se para o fundo da loja, uma mesa com uma pilha de camisolas leves, de gola redonda. Com as costas voltadas para a porta, escolhe uma camisola azul-escura. A caminho da caixa, pega num boné vermelho com o logotipo do clube de futebol local; ao balcão, tira um par de óculos de sol de aviador de um suporte rotativo. Faz uma bola com esses artigos contra a barriga, fora do alcance da câmara de segurança instalada no teto à entrada, virada para o interior. Quando empurra a bola para cima do balcão, entregando as compras ao empregado, mantém o corpo entre os objetos e a câmara.

– *Buenos días* – diz, com o seu melhor sotaque castelhano, a cecear os esses, e com o maior dos sorrisos ao empregado simplório.

Paga em dinheiro.

* * *

Ariel demora um momento a refletir sobre aquilo: será remotamente possível que aquela mulher da CIA saiba a identidade do pai de George? De certeza?

A resposta que lhe ocorre é que não. Independentemente do seu local de trabalho, dos dados a que tem acesso, não é possível descobrir essa informação. Pode suspeitar, o que já é uma dedução impressionante, mas não tem maneira estar certa.

Ante aquilo, Ariel sente uma mudança na relação de poder. Griffiths tem-se sentido confiante de que está a desequilibrar Ariel, a exhibir o seu conhecimento superior, a revelar-lhe coisas sobre o marido que ela não sabia, a detenção por cocaína, as tentativas de suicídio da irmã. Porém, depois, jogou mal aquele *bluff*. Ariel ergue o queixo em desafio e nada diz.

– O que lhe disse o John, ao certo, sobre a altura em que trabalhou na CIA?

Ariel também não reage àquela informação destinada a confundi-la.

– Oh, também não falou nisso? Sim, depois do curso na ROTC e de quatro anos no Exército, o seu marido passou uns quantos anos a trabalhar para a Agência Central de Inteligência.

Ariel encolhe os ombros.

– O que quer dizer que o John Wright é um homem que passou a maior parte de uma década a aprender a ter consciência da situação, a defender-se e a lidar com situações problemáticas. Ainda assim, esse mesmo homem deixou-se raptar em plena luz do dia diante de um hotel de luxo.

Ariel está a levar com fogo cerrado e não sabe para que lado se encolher.

– Vê agora, Ms. Pryce?

A interrogada franze o sobrolho.

– Foi enganada. Este seu marido novo em folha... Andou a gozar consigo.

As duas mulheres fitam-se por uns segundos.

– Diga-me, por favor – Ariel recorre ao seu tom mais condescendente, mais “pronto, eu faço-lhe a vontade” –, qual é a sua teoria.

– Não é uma teoria. – Griffiths finca os cotovelos na mesa. – Este homem aparece do nada, num sítio onde não pertence e deixa-a enamorada. É um homem bonito e, deixe-me assinar esse facto, muito mais novo. Ao cabo de apenas uns meses de uma relação a meio-tempo, está, de repente, tão desesperado por formar um lar à distância consigo, e com o seu filho adolescente, o seu negócio moribundo e a sua quinta em dificuldades, que, também mais ou menos do nada, a pede em casamento. Nada disto a faz desconfiar? Acredita assim tanto no seu charme irresistível?

Ariel não responde.

– Pronto, eu percebo. Talvez ele a foda até ficar tolinha e já nem saiba distinguir o baixo do alto. As suas... hum... faculdades ficaram comprometidas por sessões de orgasmos múltiplos.

– Que coisa horrível para uma mulher dizer a outra.

– Talvez. Mas diga-me: porquê a pressa de casar?

– Estávamos apaixonados, a vida é breve. Talvez ainda não se tenha dado conta, distraída como anda com esta sua carreira muito ocupada, a intimidar cidadãs americanas traumatizadas, que rapta de aviões em aeroportos estrangeiros. Mas, acredite, tem menos tempo do que julga.

– Claro. – Griffiths sorri. – Então, esse seu novo marido arrasta-a para Lisboa, sob o pretexto comprovadamente falso de que a senhora será, de qualquer forma, necessária numa viagem de negócios, durante a qual ele é raptado, numa cidade onde os americanos são raptados, em média, zero vezes por ano. Para salvar esse marido de um perigo extraordinariamente raro, a senhora não tem escolha senão chantagear o único homem que se encontra numa posição especialmente inconveniente para ser chantageado. É isso que faz, após o que passa dois milhões de euros a alguém numa viela e, surpresa, o seu marido é libertado com um golpezinho na bochecha. Foi isto que aconteceu?

– Menos todo esse sarcasmo – replica Ariel, embora, de repente, algo novo a perturbe.

– Então, porque fugiu de Lisboa a meio da noite? Foi uma saída dramática. E, devo dizer, bem planeada. Bem executada.

Ariel não consegue perceber o que a incomoda.

– Estávamos pouco à vontade em Lisboa – explica. – É assim tão difícil de entender?

– Claro, mas porquê a viagem noturna?

Ariel percebe agora o que a incomoda: Griffiths disse “dois milhões de

euros''. Ainda que o resgate perdido fosse de três. Teria Ariel falado nessa diferença a Griffiths? A alguém?

Não. Só aos raptos. E a John. Como é que Griffiths sabe?

– Ms. Pryce?

– Desculpe, diga?

– Não lhe parece um exagero conduzir noite fora de Lisboa a Sevilha?

– Não. Ou tenho de lhe lembrar que o meu marido tinha sido raptado?

– De quem foi a ideia de sair de Lisboa tão à pressa? Sua ou do John?

– Minha.

– Tem a certeza? Foi mesmo sua ou ele fê-la pensar que foi?

Ariel não responde.

– E de quem foi a ideia de viajar separadamente a partir de Sevilha?

– Do John.

– Isso não a deixou desconfiada?

Deveria ter deixado? Talvez. Mas Ariel abana a cabeça.

– E a Rússia? O seu marido passou lá muito tempo?

– Na Rússia? – Ariel sente um arrepio na espinha. – Que eu saiba, não.

– Então, ficaria surpreendida por saber que, no ano passado, ele fez três viagens a Moscovo?

Sim, Ariel ficaria, sem dúvida, surpreendida. Mas a sua resposta não o dá a entender.

– Não... ainda que, sinceramente, não ficasse surpreendida com destino algum.

Não digas “sinceramente”, admoesta-se.

– Viajar para capitais estrangeiras é o trabalho dele.

– Mas especificamente para Moscovo. Ele nunca falou de nenhuma viagem para lá?

Terá falado? Ariel acha que não. Abana a cabeça.

– E Hamburgo? Mencionou que lá tinha ido?

– Sim.

– Antuérpia? Belgrado?

– Sim, acho que sim.

– O que acha que ele fazia em Belgrado?

– O mesmo que faz em todas as viagens de negócios.

– Sabia que Belgrado foi a cidade para onde havia sido destacado pela CIA? Oh! – Estala os dedos – É verdade: você não sabia dos dois anos dele na Agência Central de Inteligência, pois não?

Ariel responde com um suspiro.

– Então, está a dizer que, das viagens que o John fez no ano antes de a conhecer, ele lhe falou de todas, exceto de três visitas a Moscovo. Percebi bem?

Ariel encolhe os ombros.

– E a mota dele?

Esta pergunta inesperada abala a inquirida.

– A mota dele?
– Há uns meses, o seu marido comprou uma mota usada. Porque pagou ele em dinheiro?

Ariel precisa de todo o seu autodomínio para responder.

– Ai, foi? Não discutimos o método de pagamento.

– Porque comprou ele a mota?

– Para se divertir. Gosta de passear nas estradas secundárias.

– E, no entanto, quando foi a última vez que teve uma mota?

– Não sei.

– Pagou dois mil e quinhentos dólares por essa mota usada. Estão a nadar em dinheiro?

– O que raio quer de mim? Não sei nada sobre essa maldita mota.

– Mas viu-a?

– Claro. Está estacionada no meu celeiro.

– E não reparou na semelhança?

Ariel sabe exatamente o que sugere Griffiths. Ainda assim, pergunta na mesma:

– Que semelhança?

– Entre a mota do seu marido e a que o raptor usou para lhe entregar um telemóvel pré-pago.

CAPÍTULO 46

Dia 3. 9h09

As duas mulheres estão sentadas em silêncio. Ariel não sabe como responder àquilo, logo, não vai responder de todo.

– Não posso deixar de me perguntar – anuncia Griffiths, por fim – por que razão iria um homem na posição do Charlie Wolfe entregar todo aquele dinheiro a uma mulher na sua posição?

Ariel sabe que isso também não pode ser um facto na posse de Griffiths. Tal como não pode saber que Charlie é o pai de George. Aquela agente da CIA está outra vez a atirar o barro à parede.

– Quer dizer, mesmo que o Wolfe fosse movido pela pureza e pela bondade do seu coração, que já é uma hipótese marada, fica-lhe tão mal, não fica?

Ariel não responde.

– Ouça, nós sabemos que chantageou o Charlie Wolfe. Isso nem sequer está em causa. O que temos de saber é o seguinte: como conseguiu? E quem está por trás?

“Quem está por trás?” Griffiths tirou conclusões precipitadas. Essa é mais uma alegação que Ariel se limitará a não discutir.

– Acha que pode ficar aí sentada sem dizer nada?

Ariel cruza os braços.

– Pronto, pode tentar, se quiser. Mas perceba uma coisa: não sai daqui enquanto não me responder! – Griffiths levanta-se. – Dou-lhe uns minutos para pensar no assunto.

* * *

Griffiths consegue imaginá-lo com clareza: um agente culto e bonito como John Wright conhece uma mulher mais velha, mãe solteira, sozinha,

vulnerável, fácil de seduzir. Ela confia a Wright o segredo há muito enterrado de que o pai biológico do seu filho é um homem rico e poderoso, que ganhou, recentemente, destaque a nível nacional. Aquilo parece uma oportunidade de ouro: encena-se um rapto, recolhe-se uns milhões de dinheiro impossível de rastrear, desaparece-se na Europa. Um plano simples, uma falcatria fácil, sobretudo para um homem com o passado de Wright e com os seus talentos. Faz todo o sentido do mundo: uns meses de trabalho por uns milhões de dólares.

Se foi assim tão simples, então, John Wright não é um problema de segurança nacional, não é assunto para a CIA, não diz respeito a Griffiths. Trata-se apenas de um vigarista esperto, que calhou levar a cabo o seu esquema na órbita dela em Lisboa.

Por outro lado, pode ser muito mais complicado e muito mais perigoso. John Wright pode estar a trabalhar para o governo de um país inimigo. O dinheiro pode não ser o objetivo do exercício, sendo a extorsão em si o importante. O objetivo da operação seria transformar o próximo vice-presidente – possivelmente o próximo presidente dos Estados Unidos – num trunfo do inimigo.

Que grande operação! Griffiths tem de admirá-la.

Mesmo que não seja isso que se passa – mesmo que não haja um governo estrangeiro envolvido, mesmo que John Wright não constitua, ele próprio, um problema recorrente –, a situação com Charlie Wolfe permanece uma ameaça terrível à segurança nacional, sem dúvida. Porque acaba de ser provado que é possível extorquir Wolfe. Se não os russos, se não desta vez, será sempre possível para a próxima.

John Wright e Ariel Pryce não se afiguram o verdadeiro perigo para a segurança. O verdadeiro perigo encontra-se a dias de ser empossado como vice-presidente dos Estados Unidos.

* * *

– A Rússia? – pergunta Antonucci.

– Valia a pena tentar.

– Mas o Wright nunca foi à Rússia, pois não?

– Não. Mas é óbvio que a mulher não sabe disso e agora tem de duvidar dele. Olha. – Observam Pryce pelo espelho falso. – Ela está a perguntar-se: será possível que o meu marido seja um agente russo?

– É isso que achas?

– Não, mas não me admiraria se os russos metessem um agente a casar com uma mulher que tivesse tido o filho ilegítimo do Wolfe, para garantir uma vantagem enorme contra um homem na posição dele, com o acesso dele, as perspetivas de progressão. Chiga, até eu o faria!

– Pronto. Digamos que o John Wright é isso mesmo, e que a sua missão tinha como objetivo criar uma oportunidade para chantagear o Wolfe. Saberia

a Pryce disso?

- Não, tens razão, não devemos esperar isso dela.
- Então, o que vamos conseguir aqui?
- Vamos pregar-lhe um susto de morte, largá-la e ver o que faz com o medo.

* * *

John liga o telemóvel com a bateria mínima e espera pela ligação do serviço. Depois, marca uma longa série de números de memória e carrega em CHAMAR.

- Sim?
- Dez minutos – anuncia.
- Está bem. *Ford Fiesta* branco.

O americano desliga. Atravessa o átrio até à mais movimentada das casas de banho daquele terminal, onde um homem entra ou sai a cada cinco segundos. Entra no último cubículo. Arranca as etiquetas das compras. Veste a camisola por cima da *T-shirt* preta, enfia o boné na cabeça, põe os óculos de sol. Coloca o saco de compras no lixo.

A fileira de lavatórios está ocupada com homens a lavarem as mãos, as caras, uma pessoa a barbear-se com máquina. John examina-se ao espelho e o que vê é alguém que parece espanhol.

É um percurso curto entre as multidões densas daquela casa de banho ao rubro até à saída movimentada que leva à anarquia da recolha de bagagem, percurso esse que faz sem abrandar, olhando sempre em frente, transpondo as portas para a rua e entrando pela porta do passageiro de um pequeno *Ford* branco.

* * *

– Ouça – diz Ariel –, percebe o que é um acordo de confidencialidade, certo? Percebe o tipo de sanções previstas nele?

- Claro.
- Então, percebe que não há exceções, certo? Lá porque é a CIA, o FBI ou a polícia a perguntar, o caso não difere caso a pergunta venha de um jornalista, de uma irmã ou de um amigo. Confidencialidade é confidencialidade. Mesmo que eu estivesse, suponhamos, a ser interrogada pela CIA, numa localização secreta na Europa, sem beneficiar de representação legal ou de um processo justo.

- Podemos protegê-la.
- Vá lá – zomba Ariel. – Não acredita mesmo nisto. Com toda esta gente envolvida?
- Prometo.
- Promete? Pfff. Traga-me essa promessa assinada pelo procurador-geral

dos Estados Unidos.

– Deve estar a gozar.

– Nada disso. Não concorda que esta situação hipotética ascenderia ao nível do Ministério Público? Claro que sim. Portanto, se acha que tem a capacidade de proteger uma pessoa como eu, é isso que tem de fazer. É o preço a pagar.

Griffiths responde com um suspiro exasperado.

– Nem sequer me disse para quem trabalha – continuou Ariel – ou o que faz. Nem sei o seu verdadeiro nome, pois não? E quer que confie em si? Que lhe confie a minha *vida*? É *doida*? – Inclina-se para a frente. – Ouça, não somos inimigas. Não quero contrariá-la. Mas tenho de perguntar, com todo o respeito: o que raio quer de mim?

– Sabe o que quero. A verdade.

– A verdade? – Ariel suspira. – A verdade sai cara.

* * *

– Ali! – Kayla Jefferson vê-o finalmente. – Com um boné vermelho. Olha para as calças, para os sapatos. É ele.

O polícia espanhol concorda e diz qualquer coisa ao técnico de segurança do aeroporto, que começa a carregar as imagens de outras câmaras: o átrio, as escadas rolantes, a recolha de bagagem, a saída, o passeio...

Jefferson está pronta a ligar à chefe, para lhe dizer que o apanharam, mas pensa duas vezes. Pede ao polícia para conferir a matrícula e continua a examinar as filmagens com o técnico, seguindo o carro branco até outra câmara, depois outra e de seguida para uma garagem.

Depois, da primeira câmara no edifício: nada de carro branco.

Da segunda: nada.

Da terceira e da quarta: não, não, não.

– Mas que raio? – Outra, outra e mais outra. – Consegue mostrar-me os últimos dez minutos de todas as saídas da garagem?

Agora, o técnico acelera pelas imagens, registos de dezenas de carros a deixar o edifício, talvez uma centena, mas nenhum é o pequeno *Ford* branco com a matrícula a começar por M.

– Que raio aconteceu? – É uma pergunta retórica. Kayla sabe que John Wright continua escondido no mesmo carro, algures dentro da garagem, ou que saiu de outra forma. Provavelmente, noutra viatura. – De que horas é a última imagem?

– O carro entrou há vinte e sete minutos– replica o técnico depois de confirmar uma vez mais as imagens.

Muito pode ser feito em vinte e sete minutos.

– *Señorita* – diz o polícia espanhol ao desligar o telefone –, este veículo foi participado como roubado ontem à noite.

Raios!

Kayla recosta-se, afastando-se dos ecrãs. Percebe o que aconteceu. John Wright e a condutora abandonaram o *Ford* roubado na garagem e entraram noutro veículo, um dos cento e tal que saíram do edifício nos últimos vinte e sete minutos. As câmaras das saídas não vão ajudar, porque Wright irá agora escondido no banco de trás ou ele e o motorista terão trocado de roupa e de lugar, barbas falsas ou uma peruca, ela seria agora uma freira ou coisa assim.

Sim, ainda podia ser possível identificar o carro em que haviam entrado, mas seria muito mais difícil. E levaria muito mais tempo, e, por essa altura, podem já ter trocado de veículo de novo, ou entrado num comboio, num avião ou, simplesmente, desaparecido na multidão...

Em vez do triunfante “Apanhámo-lo!”, Jefferson faz a chamada com a mensagem oposta.

– Desculpa – diz à chefe –, perdemo-lo.

* * *

Griffiths volta para junto de Ariel com uma folha de papel recém-impresso dobrada ao meio. Senta-se novamente perto da pequena mesa.

– Então, onde pensa que está o seu marido neste momento?

– Deve estar no aeroporto, à espera de um voo.

Griffiths bate na folha de papel, mas não a desdobra, não a mostra a Ariel.

– Esteve no aeroporto. Onde parece ter comprado uma muda de roupa; depois, disfarçou-se na casa de banho, escapou do terminal e entrou num carro que estava à sua espera.

Griffiths desdobra a folha e desliza-a na direção de Pryce.

– Este era o carro que esperava. Com esta mulher ao volante. Reconhece-a?

Griffiths vê a boca de Ariel abrir-se ligeiramente, a cabeça inclinar-se alguns graus. Parece mesmo genuinamente surpreendida.

A qualidade da imagem é péssima, tirada de um mau ângulo, através de um vidro sujo; nela, surge uma mulher com uns óculos escuros grandes e o que parece ser um lenço de seda bem amarrado à cabeça. Seria difícil identificá-la, nem que fosse a melhor amiga dela. Os programas de reconhecimento facial não podem adiantar nada. Mesmo que a mulher esteja numa base de dados algures, a imagem não será suficiente. Bolas! Pode até nem ser uma mulher.

– Não – diz Pryce. – Não a reconheço. Com base nisto, como poderia?

* * *

Griffiths demora-se uns minutos na outra sala, a observar Ariel Pryce pelo espelho, enquanto imagina a sequência das conversas que se seguem. Primeiro, será a chamada dela ao diretor de operações, que não terá escolha senão informar o diretor da Agência, que, por sua vez, será obrigado a acordar

o presidente, que não é exatamente conhecido por tomar decisões calmas e ponderadas a meio da noite.

“Está a mentir.” O presidente é cegamente fiel aos seus velhos comparsas, até deixar de o ser. “É uma fraude. Mais uma fraude.”

O diretor da CIA mostrar-se-á relutante em discutir com o presidente; toda a gente que tem acesso ao presidente tem relutância em discutir com ele, e é assim que mantém o seu acesso, QED.

“Essa mentirosa malvada está agora em Espanha?”

“Sim, senhor.”

“Pois, que fique em Espanha”, diria o presidente. “Na verdade, devia até morrer em Espanha.”

Então, seria assim: uma descoberta letal do comandante em chefe para assassinar uma cidadã americana em solo estrangeiro, para abafar um segredo que prejudicaria a administração.

O diretor da Agência discutiria com o presidente? Não. Griffiths ouviu rumores de que este diretor era “operacionalmente agressivo”, ou seja, “de gatilho fácil”, desde que fosse outra pessoa a apertar, de facto, o gatilho. Que é o que os amadores nesta posição tendem a ser, pensando que a solução para todos os problemas é uma bala na cabeça de alguém.

O diretor da Agência passaria a ordem pela hierarquia abaixo, começando por Farragut, que recusaria sem hesitar essa diretiva ilegal e seria imediatamente despedido. Portanto, o diretor daria a ordem direta a Griffiths. Também ela se recusaria, e a sua carreira chegaria sumariamente ao fim. Poderia a própria Griffiths, de alguma forma, ser processada? Sim, claro que sim. O presidente e o diretor da CIA poderiam fabricar o que quisessem, sobre quem quisessem.

E Ariel Pryce continuaria a aparecer morta.

É provável que Griffiths já tenha recolhido toda a informação que podia; está na hora de relatar aos superiores. Faz a chamada necessária.

– Desculpe acordá-lo.

– Por favor! Acha que eu dormia com isto a acontecer?

– Não lhe trago boas notícias.

– Não, não supus tal coisa.

– O homem raptado está agora a monte. Não se poupou a esforços para escapar à segurança e desaparecer do aeroporto. Tem uma cúmplice e o rasto deles ficou muito ténue, muito depressa.

– Profissionalmente depressa?

– Diria que sim. Acabo de interrogar a mulher, em Sevilha, onde a intercetámos depois de eles terem fugido de Lisboa a meio da noite. Estou convencida de que ela não tem nada que ver com isto.

– E ele?

– Só uma velha apreensão de droga. Uma mudança de nome. Depois, o serviço militar e dois anos connosco, na Agência. Os antecedentes profissionais não fazem dele suspeito, mas fazem, sim, alguém com treino

tático, com as capacidades e a disposição para planejar e levar a cabo uma medida ativa secreta.

– Onde fez ele o serviço militar?

– No Afeganistão.

Ambos sabem que muitos soldados voltavam de lá desiludidos.

– E para a Agência?

– O único posto foi na Sérvia.

– Nos Balcãs, hem?

Os Balcãs estavam peçados de agentes russos desde a Segunda Guerra Mundial. Era possível que um agente da CIA tivesse sido recrutado pelo SVR durante um destacamento em Belgrado.

– Se este tipo é só um lobo solitário que tropeçou numa fortuna – diz Griffiths –, talvez fosse melhor entregar a nossa informação ao FBI e dizer “de nada”. Mas, e se isto for uma medida ativa em curso por parte de uma entidade estrangeira hostil? É perigoso como tudo. Quase já nem importa quem é responsável, é só uma questão de punição, retaliação, o que for. Mas, independentemente de quem esteja por trás (mesmo que não haja ninguém por trás), sabemos que é possível extorquir o Wolfe, porque isso aconteceu ainda ontem. Porque não voltaria a acontecer daqui a duas semanas, quando ele for vice-presidente? Ou daqui a dois anos, quando for presidente?

O diretor-adjunto suspira. Aquelas conclusões são difíceis de refutar.

– Então, o que recomenda que façamos com ela?

Griffiths volta a olhar para cima, para o espelho falso, para Ariel Pryce com o seu ar abatido pela derrota, pelo desespero e pela pura exaustão. Griffiths bem podia ordenar que esta mulher fosse mantida sob custódia, raptada para uma entrega extraordinária numa base secreta num país do leste da Europa, ou até que a matassem ali mesmo, naquele instante. O que dissera ainda agora Ariel? A verdade sai cara.

– Acho que a devíamos largar e ver o que faz. Tem de voltar para o filho na América, não pode desaparecer e pronto. Ela própria não é o agente estrangeiro, se for disso que se trata. É uma testemunha inocente. Vamos ficar de olho nela. Ou melhor, vamos pedir ao FBI que o faça.

Aquela conversa pode acabar num estudo de caso, num depoimento no Congresso ou como prova num processo criminal. Griffiths não deveria admitir em voz alta que a CIA tenciona vigiar em segredo uma cidadã americana dentro das fronteiras dos Estados Unidos. É ilegal. Ainda que seja exatamente o que se passará.

– Daqui a uns dias – diz ela –, saberemos muita coisa. Estou confiante.

– Talvez – replica Farragut, pouco convencido. – Mas talvez não nos possamos dar ao luxo de esperar uns dias.

Não, pensa Griffiths, talvez não. Mas qual é a alternativa?

Uma nova inquietação começa a atormentá-la, mas Griffiths não consegue isolá-la, de entre todas as teorias que se digladiam na sua cabeça, uma a seguir à outra, só para ser empurrada para o lado... Algo sobre haver um preço a

pagar por tudo. Pryce falou nisso, quando foi? Há dia e meio? Falava dos custos da sua antiga vida de luxo. Griffiths estava a perguntar-lhe sobre os pormenores, mas a conversa foi interrompida pelo telefone.

Volta a olhar para Pryce pelo vidro e perguntar-se: *O que te aconteceu?*

* * *

– Está tudo bem?

John fita a paisagem espanhola desbotada, com os olivais derramados sobre a estrada, a Sierra Nevada ao longe, com a sua capa de neve mesmo em pleno verão.

– Estou só cansado.

A condutora deixa cair a mão direita do volante e estica o braço para apertar a mão de John.

– Muito obrigada, mesmo – diz. – Sei que o fizeste por mim e sei que foi muito difícil. Espero que saibas que estou muito agradecida.

John tenta sorrir. Devia sentir-se melhor. Devia sentir-se ótimo, a acelerar através da Europa com alguém que ama e dois milhões de euros na bagageira. Talvez seja devido à exaustão. Talvez seja uma reação fisiológica a toda a adrenalina gasta. Talvez seja a inevitável ressaca depois de um acontecimento memorável. Ou talvez seja porque, apesar de tudo, se deixara apaixonar por Ariel Pryce, o que não fazia, de todo, parte do plano, e agora era pouco provável que a voltasse a ver. Como podia ele não estar triste?

– Então? – Ela ainda tem uma mão no volante e a outra por cima da dele. – Olha para mim.

Ele olha. Ela é bonita, sempre foi. Durante muito tempo, pensou que ela era a mulher mais bonita do mundo.

– Adoro-te – diz-lhe ela.

– Também te adoro – responde ele.

CAPÍTULO 47

Dia 3. 12h51

Avançam pelo átrio das partidas, que está cheio de gente, Ariel agarrada a um novo cartão de embarque, para um novo voo de ligação, com uma nova hora de chegada a Nova Iorque, uma nova hora prevista para chegar a casa, ao filho, à mãe, a quem acabou de ligar de uma cabina para lhe dar as notícias em traços gerais. Ariel ainda tem dezassete horas de viagem à sua frente. Se tudo correr bem.

– Quando foi a última vez que viu a sua cunhada? – pergunta Griffiths.

– Já lhe disse – responde Ariel sem abrandar. – Só vi a Lucy uma vez. No nosso casamento.

– Então, não a viu em Lisboa?

Parece que a agente da CIA vai insistir uma última vez. O controlo de segurança encontra-se já a poucos passos.

– Não.

– E não era ela ao volante do carro branco? A fugir com o John?

– Vá lá.

– Sabia que a Lucy Reitwovski voou para Madrid há umas semanas?

– A polícia de Lisboa contou-me.

– O que fazia ela em Espanha?

– Não faço ideia.

– O que faz a senhora em Espanha? Porque é que o seu novo marido a convenceu a vir à Europa? Já pensou nisso?

Ariel abre a boca em desespero. Para de andar. Não tem uma boa resposta e já nem sequer lhe resta energia para lho dizer.

– A senhora não quer ouvir isto, Ms. Pryce, mas o seu marido não é quem a senhora pensa.

Ariel aperta bem os olhos, lutando contra as lágrimas.

– Ainda que isso seja verdade, o que quer que faça agora? A sério? O que quer de mim?

Griffiths estende-lhe a mão, e Ariel olha para baixo. Um cartão de visita.

– Quero que me ligue quando tiver notícias dele. *Se* tiver notícias dele.

Ariel não vai telefonar àquela mulher, nunca na vida, mas não faz mal ficar com o cartão.

– O que quis dizer quando falou em tudo ter um preço?

Ariel responde com um olhar vazio.

– No outro dia, quando se referia ao seu anterior casamento. Parecia estar a dizer, a certa altura, que já não estava disposta a pagar o preço exigido pela vida que tinha. Qual era esse preço?

Ariel sente um impulso irresistível de dizer a verdade, de deixar sair tudo numa enorme torrente que arrasará o que estiver no caminho, como o maremoto que varreu Lisboa no século XVII, destruindo a velha cidade medieval, deixando atrás de si o espaço perfeito para se construir algo moderno, algo intencional, algo belo.

Mas não pode.

– Logo verá – diz ela. E vai-se embora.

* * *

– Desculpe, pode repetir o seu nome?

– Pete Wagstaff.

– E pergunta se sei alguma coisa sobre o fim do casamento da Laurel e do Bucky?

– Isso mesmo.

– Isso é tão estranho. Acabei de a ver. Ao fim de uma eternidade. Não via a Laurel desde que ela se foi embora de Nova Iorque há... hum... quinze anos? Depois, assim do nada, bum! Encontrei-a numa livraria onde, ao que parece, trabalha! É tão, mas tão estranho.

– Sim, é uma coincidência, sem dúvida. Então, e o casamento dela com o Mr. Turner?

– Pois, bem, para começar, não eram exatamente um par perfeito. A Laurel era, na verdade, um pouco desdenhosa com ele.

– Como assim?

– Bem, ela tinha sido atriz; depois, fez não sei o quê na edição de livros e pensava que era tão culta, e que o Bucky era tão das finanças. Talvez ele pensasse que ela era demasiado artística e ela, que ele era demasiado rude. Ainda que não lhe custasse nada gastar o dinheiro rude dele.

Talvez custasse, pensa Wagstaff, mas não telefonou para discutir com Tory Wasserman.

– Seja como for, a última vez que os vi juntos foi numa grande festa nos Hamptons, no terreno do Charlie Wolfe. Sentámo-nos à mesma mesa. De repente, a Laurel volta sei lá de onde, com um ar meio esverdeado, e ela e o Bucky levantam-se e vão-se embora com outro casal.

– Quem era o outro casal?

– Não me lembro. Depois, de repente, deixei de a ver no ginásio, ela deixou de aparecer nos almoços e jantares, não atendia as chamadas. Uma noite, encontrei o Bucky e ele disse-me que se tinham desentendido, que estavam separados por uns tempos. Esses “tempos” transformam-se em eternidade. A Laurel nunca mais voltou a Nova Iorque, ninguém soube o que lhe aconteceu. E eu dou com ela há uns dias. Tão estranho.

Wagstaff sente o cansaço a instalar-se depois de uma longa noite de cocaína, seguida de uma pequena sesta e agora de um terceiro café. Está agitado, possivelmente estúpido, e pensa que lhe pode estar a escapar a teoria abrangente de Tory Wasserman.

– Então, por que razão acha que o casamento falhou?

– Bem, houve quem pensasse que tinha acontecido qualquer coisa entre a Laurel e o Charlie.

Wagstaff sente o coração a acelerar, mais uma vez.

– Acontecido qualquer coisa? Como terem um caso?

– Hum... não era bem isso.

– O quê, então?

Silêncio.

– Estou? – O jornalista teme que a chamada tenha caído.

– Sim, estou aqui. Mas ouça, isto tem de ser confidencial.

– Claro – replica ele. – Pode surgir apenas em contexto.

– O que quer isso dizer? Ao certo?

– Quer dizer que posso usar as suas palavras sem lhas atribuir a si. Posso referi-la como uma fonte que conhecia o casal na altura.

– Quanto a isso, não sei – diz ela. – Não, acho que não. Não quero que me cite, de maneira nenhuma.

– Está bem. Aceito. Então?

– Então, o Charlie costumava ter fama de ser um pouco... uh...

– Atiradiço? – sugere Wagstaff.

– Não. Insistente.

Caramba!

– Um pouco insistente?

– Não, acho que não era só um pouco. Era insistente.

Wagstaff sente-se a entrar em combustão espontânea.

– Está a dizer-me que ele tinha fama de agressor sexual?

– Não, não era fama. – A objeção não parece muito vigorosa. Nem sincera. – São só rumores. É o que dizem algumas pessoas.

Algumas pessoas. Wagstaff tem de avançar cuidadosamente. Não quer assustar a mulher. Tem de deixá-la conduzi-lo para o próximo passo.

– Alguém em especial?

Tory não responde.

– Não usarei o seu nome. Prometo.

Ela continua a não responder.

– Este é um homem que está prestes a tornar-se vice-presidente e que será,

talvez, o próximo presidente dos Estados Unidos.

– Então, espere aí: você já sabia, antes de ligar? Que o Charlie estava envolvido?

– A senhora não é a minha única fonte – diz Wagstaff, o que é e não é, ao mesmo tempo, sincero. – Mas toda a corroboração é pouca. Este tipo de acusação, está a ver, não cola facilmente. A homem algum, muito menos a alguém como o Charlie Wolfe.

Wagstaff calcula que Tory Wasserman tenha muito a perder, ao envolver-se assim. Toda a gente teria. Mas talvez ela tenha mais.

– Se este homem é um violador em série – continua Wagstaff –, não será isso uma coisa que o povo americano tem de descobrir antes que ele se torne vice-presidente?

– Confidencialmente? – pergunta Tory. – Promete?

– Prometo.

– Confidencialmente: o Charlie Wolfe é, sem sombra de dúvida, um violador.

* * *

Só quando o voo de ligação sobe aos céus é que Ariel se sente segura de estar mesmo a voltar para casa. Continua sem telefone, sem computador, sem acesso à Internet. Não quer nada disso. O que quer é dormir. Sabe que aquela provação ainda não acabou; na verdade, grande parte ainda nem começou. Aquele voo longo pode ser a sua única oportunidade para descontrair durante muito tempo.

Descontração. Isto contaria? Seria ela capaz de, alguma vez na vida, voltar a gozar de uma descontração genuína?

* * *

– Chamo-me Pete Wagstaff. Estou a ligar por causa de um antigo incidente que envolveu o Charles Wolfe.

– Oh, diabo! – Ouve-se um suspiro. – Já vos disse a todos: não posso comentar isso.

– Nunca falámos antes, capitão Pulaski. Que quer dizer com “todos”?

– Não posso falar sobre isso.

Wagstaff olha para os apontamentos. Tory Wasserman forneceu-lhe os nomes de outras mulheres, mas, primeiro, Wagstaff quer tentar seguir a pista de um incidente muito relevante, pelo menos para o primeiro artigo que irá escrever. Tem agora a certeza de que será uma série. Aquilo estará na capa dos jornais por uns tempos.

– Ligo para confirmar que, há catorze anos, Laurel Turner se dirigiu à sua esquadra para apresentar queixa de uma agressão sexual cometida contra ela pelo Charlie Wolfe.

Wagstaff desconhece, na verdade, a data da queixa, o local onde foi feita, ou se foi, de facto, feita uma queixa, por Laurel Turner ou qualquer outra pessoa, contra Charlie Wolfe. São tudo palpites que está a lançar para que o polícia confirme, negue ou esclareça.

Mas o polícia nada diz.

– Estou? Capitão Pulaski?

– Não vou comentar.

E a linha cai.

Aquilo não será uma prova, Wagstaff sabe-o. Mas, ao mesmo tempo, é certamente um indício.

* * *

As rodas derrapam, saltam, derrapam outra vez; os reversores roncam; a fuselagem treme, e toda a gente ignora aquela violência tremenda, deitando mão aos telemóveis, a fim de reajustar as definições, olhar para os ecrãs, esperando que a rede seja reestabelecida, impacientes por voltarem a integrar o tecido eletrónico que nos une, a rede gigante que apanha tudo e todos.

Menos Ariel. Está agora há vinte e quatro horas desligada do mundo digital, o período mais longo de que se lembra desde o advento dos *smartphones*. Desde a morte da privacidade.

Nunca pensou que ficaria tão grata por se arrastar pelo aeroporto JFK. Para num restaurante e paga um dólar pelo acesso à Internet, mais cinco por um café manhoso. A página inicial de todos os *sites* de notícias apresenta a mesma história, a única novidade num dia de verão tranquilo de uma semana de férias: dali a três dias, começam as audiências de confirmação do candidato à vice-presidência.

Ariel pesquisa na Internet o seu próprio nome e o de John, mas ainda não há nada, nenhum artigo onde quer que seja. Uma desilusão, mas, ao mesmo tempo, um alívio.

De momento, ainda é notícia do dia seguinte.

* * *

– Fala a Nicole Griffiths.

– Obrigado – diz Jim Farragut ao assistente. —Eu atendo. Feche a porta, se faz favor.

O diretor-adjunto fecha o dossiê de relatórios que tem na secretária e minimiza a janela de *email* no ecrã. Quer prestar toda a atenção àquela chamada de Lisboa, que sítio insólito! Certamente, não a cidade onde esperaria que surgisse uma crise de segurança nacional.

– Griffiths?

– Ligo com um relatório preliminar sobre a história.

– Diga lá.

– Depois da morte dos pais, John Reitwovski e Lucy, a irmã de quinze anos, foram viver para uma parte rural do Ohio, para casa de um tio, um homem que não tinha nascido para a paternidade, sobretudo de uma filha adolescente que não fosse sua. Pouco tempo depois, Lucy fugiu e acabou por se instalar numa cidade universitária próxima. No mesmo ano em que Charlie Wolfe foi para essa mesma cidade universitária, para frequentar o curso de Direito.

Farragut deixa a cabeça exausta cair para trás, sobre o pescoço dorido.
Foda-se!

– Lucy usou um bilhete de identidade falso para arranjar emprego num bar chamado Mulligan's, onde trabalhou durante um ano. Depois, serviu às mesas noutro bar, durante uns meses, após o que deixou a cidade. Ela e Wolfe devem ter estado cerca de dezoito meses numa cidade com perto de cem mil residentes. Até agora, é tudo o que sabemos. Mas mal começámos a investigar esta ligação.

Farragut sabe que aquilo não se revelará uma coincidência.

– Mais alguma coisa?

– Sim. Por favor, veja o seu *email*. Acabei de lhe enviar algo.

Farragut abre a janela, descarrega um anexo.

– O que é isto?

– É uma captura de ecrã do Twitter.

– Sim, isso sei eu.

– É uma fotografia da Ariel Pryce diante da embaixada dos Estados Unidos, em Lisboa, tirada há dois dias e publicada há umas horas.

No texto, lê-se: A #AMANTEDECHARLIEWOLFE É UMA #ESPIARUSSA?

– Deus do Céu! Isto já foi mesmo republicado trezentas vezes? Como é possível?

– Boa pergunta. Só se foi através de *bots*. A este ritmo, daqui a uma semana haverá milhares de partilhas. Ou alguém pagou uma boa soma para garantir que isto chega a toda a gente no Twitter ou não precisam de gastar um tostão porque já controlam os seus próprios *bots*.

– Os russos?

– É essa a aposta sensata.

– Há maneira de ter a certeza?

– Provavelmente, não. Pelo menos, não depressa. A publicação também está nos destaques do Instagram e do Facebook, parecendo ter sido igualmente manipulada. Dentro de dois ou três dias, este boato terá passado diante de todos os olhos da América.

– Jesus Cristo! E há alguma ponta de verdade?

– Ela ser amante dele? Não. Tenho quase a certeza de que a verdade é outra. Uma coisa bem pior.

– Pior do que amante? – Farragut tem um pressentimento estranho.

– Acho que o Wolfe a violou.

Ao longo da viagem desde o parque de estacionamento de longo prazo do aeroporto, Ariel não conseguiu parar de olhar para os retrovisores da carrinha. Quando repara num polícia estadual a aproximar-se depressa, verifica duas vezes o velocímetro, sim, continua com o controlo automático a 110 km/h.

O polícia está cada vez mais perto.

Há poucos automóveis na estrada. Ariel liga o pisca para passar da faixa central para a da direita, saindo ostensivamente da frente do polícia, mas também para garantir que não, que não está a acelerar por aí além. Não se leva uma multa a 110 km/h na via-rápida de Long Island.

O polícia liga as luzes intermitentes.

Ela tem coração dela aos pulos. Carrega no travão para parar a velocidade programada, preparando-se para encostar à berma, preparando os argumentos, preparando as súplicas, preparando-se para ficar aterrada. Se um polícia a faz parar a 110, fá-lo por outra razão, não pelo excesso de velocidade. Os faróis traseiros estão bem, a papelada está em dia, não há mandados, nenhuma razão para a fazerem parar.

Volta a olhar para o retrovisor e, de repente, o carro já nem ali está, com as luzes de feixes coloridos a acelerar, a perseguir outra pessoa qualquer. Solta um soluço de alívio.

* * *

O sol pôs-se. O trânsito reduziu-se a nada. A autoestrada é reta, e Ariel consegue ver o quilómetro e meio à sua frente: nem um só par de luzes traseiras. Atrás de si, um carro segue a cerca de 800 metros, carro esse que a tem seguido a essa mesma distância há já um bom bocado.

Ela vira na saída, para no sinal de STOP ao fundo da descida. E, sim, lá vem o mesmo par de faróis.

Ariel vira à esquerda e acelera o máximo possível naquela velha carrinha, passa a bomba de gasolina e lança-se numa curva, por cima da linha férrea, rumo à paisagem rural que lhe é familiar, os campos, as turbinas eólicas, o lote de equipamento agrícola. Vira para uma estrada mais pequena, uma reta só com extensões de terrenos cultivados de ambos os lados, e os últimos rasgos brilhantes do pôr do sol estival a pairarem no horizonte.

O carro que a perseguia continua atrás dela, ainda que mais longe, tentando, sem sucesso, esconder-se. Ou talvez nem tente. Talvez a CIA queira que ela saiba que a estão a vigiar.

* * *

Vira, por fim, para a estrada que dá acesso à sua casa, na escuridão profunda de uma noite sem luar. Vive para lá da subida seguinte, no declive

suave até aos penhascos altos, a quilómetro e meio de distância, sobre a praia rochosa. O filho, a mãe, os cães, toda a sua vida repousa logo atrás daquele cume.

Agora, tudo será diferente. Durante as muitas horas da viagem de hoje, Ariel tentou imaginar como seria a nova vida, mas não foi capaz de ver claramente o conjunto, só partes, aqui e ali, de ângulos estranhos cuja soma não dá uma unidade coesa. Nenhuma delas incluía entrar na sua garagem a escassos metros de uma escolta da CIA.

Não consegue deixar, uma vez mais, de duvidar das suas escolhas. Parece-lhe que é tudo o que faz, desde sempre.

A porta do alpendre abre-se com um estrondo, e George corre, desengonçado, com os cães a abanarem as caudas de cada lado, e todos a rodeiam.

Disto, pelo menos, não tem dúvidas. Talvez baste.

CAPÍTULO 48

Dia 4. 5h25

Ariel está à mesa da cozinha quando o sol irrompe no horizonte, ao fundo dos seus 30 hectares de milho, com tons vermelhos e dourados, num espetáculo de luz refletido nas hastes verdes.

A noite anterior foi de um sono limitado, interrompido pelos medos, pelas reconsiderações e pelos maus pressentimentos, tanto gerais como específicos. Está a viver novamente com os níveis de privação de sono de quem cuida de um bebé, noite após noite, um acumular de exaustão que pesa mais a cada manhã do que na véspera.

Agora, é ainda mais difícil do que fora treze anos antes, o seu corpo ficou menos resistente, menos tolerante. Está com um aspeto terrível, ela sabe-o. Mas não faz mal, é assim que deve estar num dia como aquele.

* * *

– Ainda nada do John?

A mãe de Ariel nunca conheceu John. Se não tivesse George como testemunha, talvez nem tivesse acreditado na existência de tal pessoa. Elaine não esconde que acha que a filha fez tudo o que era possível para se tornar desagradável – é difícil sentir-se atraído por ela, é difícil lidar com ela, é difícil amá-la. Deve perguntar-se que tipo de homem conseguiu ultrapassar aquilo. E porque se deu ele ao trabalho.

– Ainda não. Está encalhado na Europa.

– Encalhado. Na Europa. Achas que sou assim tão estúpida?

Ariel olha-a. A única forma de fazer Elaine perceber seria contar-lhe a história toda, ao mais ínfimo pormenor. Mas Ariel já passara por isso, e a reação da mãe fora fraca. Não há motivos para esperar uma reação diferente desta vez. As pessoas não mudam, não tanto. Só se tornam mais elas próprias.

Além disso, a verdade é que Ariel não sabe mesmo onde está John, o que não é algo que lhe apeteça reconhecer diante da mãe ou de quem quer que seja. Trata-se de um dos muitos segredos que Ariel está prestes a guardar, para substituir os antigos, que estão prestes a ser revelados.

Em vez de uma explicação, oferece à mãe um abraço.

– Obrigada, mãe. Por tudo.

* * *

– Sabes quem é esta? – Kayla Jefferson estende o *tablet*.

– Por amor de Deus! – exclama Griffiths – Estou tão cansada que mal consigo ver. Não quero brincar às adivinhas contigo.

Griffiths mal dormira nos últimos dois dias. Sabe que aquela sua investigação é uma corrida contra o tempo, que uma bomba vai rebentar. Não tem como a desarmar, mas talvez consiga perceber quem precisa de sair da zona da explosão, para causar o menor dano possível à segurança nacional.

Essa parte da investigação cabe-lhe a si. Mas também há uma parte que vai para além disso. Curiosidade, sem dúvida. E ainda uma simpatia incaracterística que sente por Ariel Pryce, aliada a uma forte suspeita de que o que se passa ali não é o que parece.

– Isto são filmagens de uma câmara de segurança com a Lucy Reitwovski a entrar numa sucursal de um banco na Rue du Rhône, em Genebra, de saco na mão, que já não traz quando sai, cinco minutos depois.

– C’um caras! – Griffiths está outra vez completamente desperta. Aquele caso é, sem dúvida, uma montanha-russa.

– Se fossem diretos de Sevilha, fazendo apenas as paragens necessárias, teriam chegado a Genebra há duas horas, que é a hora a que isto foi filmado.

Há duas horas. Então, podiam ainda estar em Genebra, ainda que Griffiths suspeite do contrário. Também podiam já estar noutro sítio qualquer na Suíça, em França ou em Itália. Poderiam ter seguido em qualquer direção; duas horas é um grande avanço.

Mas não faz mal acautelar as hipóteses mais óbvias:

– Põe algumas pessoas a espreitar à volta dos hotéis de Genebra, do aeroporto, da gare. Algum sinal do Wright ou só desta mulher?

– Só da mulher.

Não é uma surpresa. Griffiths tem quase a certeza de que não vão encontrar John Wright, que é um filho da mãe desonesto, ex-Exército, ex-CIA, de altura e estatura médias e com dois milhões em notas no bolso, que se foi esconder numa parte do mundo onde quase toda a gente se parece com ele. Ninguém vai encontrar aquele tipo, pelo menos até que isso seja já irrelevante, o que, agora, pode acontecer a qualquer momento. Talvez ainda hoje.

Griffiths regressa à sua pesquisa.

* * *

– Nos próximos dias, George, vais ouvir umas coisas sobre mim.

Ariel e o filho encontram-se sentados lado a lado na carrinha.

– Que género de coisas?

– Algumas delas serão verdade. Outras, sei que não.

Ariel vira lentamente para uma rua ladeada por mato alto, onde costuma encontrar perus selvagens ou uma família de veados. Por vezes, um estado de alerta normal não chega; por vezes, é preciso ter-se um cuidado adicional para evitar infligir um mal involuntário.

– Uma das coisas verdadeiras aconteceu há muito tempo. Antes de tu nasceres, um homem agrediu-me sexualmente. Sabes o que isso significa?

– Sim, sei. Lamento muito, mãe.

Ariel percebeu recentemente que a carrinha é o melhor sítio para conversas genuínas com o filho. Um sítio onde nenhum deles pode olhar o outro nos olhos, onde nenhum se pode levantar e ir embora, onde nada parece um confronto direto, mesmo quando o é.

O automóvel fora também onde ela escolhera contar a Bucky esse mesmo acontecimento traumático.

– Esse homem é agora muito poderoso. Na verdade, acaba de ser nomeado vice-presidente.

Pelo canto do olho, Ariel vê o rapaz virar-se para ela e, depois, para a frente.

– Estás a falar do Charlie Wolfe?

– Sabes quem é?

– Claro que sim, mãe.

– Uma das coisas que podes ouvir, e que não é verdade, é que o Charlie Wolfe é o teu pai.

– Não é?

– Não.

– Quer dizer que, afinal, sabes quem é o meu pai?

Ela dissera-lhe outra coisa.

– Sim. O teu pai chama-se Bucky Turner. Foi meu marido durante alguns anos.

Na noite da agressão, o teste de gravidez estava positivo. Ela já estava grávida quando Charlie a violara. Era uma certeza biológica que Bucky era o pai. Por esse motivo, Ariel nunca pedira um teste de paternidade, uma correspondência genética. Não queria provas daquela realidade.

– Mas disseste-me que não conhecias o meu pai. Que era um dador anónimo num banco de esperma.

Ariel sabe que o rapaz nunca teria sido capaz de pronunciar “banco de esperma” à frente da mãe noutra qualquer situação, senão encarando a janela do carro.

– Pois, menti-te. Peço imensa desculpa por isso. Menti-te por várias razões. Uma delas era que não queria que procurasses o teu pai. Preocupava-me que, se soubesses quem ele era, sentisses que tinhas de ter uma relação

com ele.

– O que tem ele de tão horrível?

– Oh, meu querido, não sei. Acho que nada.

Durante sua vida, Ariel tem tido muito cuidado na forma como fala com o filho sobre homens. Nunca quer parecer demasiado negativa, demasiado hostil. Não quer que George cresça a pensar que a mãe detesta todos os homens; não quer que ele se deteste só por ser um deles. Também não quer que o rapaz cresça desconfiado de todas as mulheres, só porque a mãe parece uma doida pouco credível que detesta os homens. Esse aspeto tem sido uma das linhas mais difíceis com que cose o tecido da mente daquele futuro homem. Como ficará aquele retalho em particular? O retalho em que ele acredita, ou não, nas mulheres?

– O Bucky é só um homem que se revelou egoísta e um bocado covarde, e com quem eu percebi que não queria passar a vida. – Ariel sente as lágrimas voltarem. A falta de sono aumentava sempre as oscilações emocionais, o mesmo se passando com aquele assunto. – Casar com a pessoa errada é um erro que muita gente comete. Estou grata por ter percebido isso enquanto ainda podia fazer alguma coisa. Mas também estou grata por ter partilhado esses anos com o Bucky, porque foi assim que te tive.

O rapaz nunca responde a nada assim.

– E ainda que o Bucky não seja horrível, alguns homens são. O Charlie Wolfe é um deles.

– E não é o meu pai, sem sombra de dúvida?

– Não! – Ariel prepara-se para admitir outra coisa difícil: – Mas julga que é.

George está legitimamente baralhado.

– Porque julga ele isso?

– Ele agrediu-me sexualmente, George. Percebes até que ponto isso é terrível, certo? Achei que não seria capaz de o provar em tribunal. E pensei que tentar fazê-lo me daria cabo da vida.

Ariel tinha trinta e três anos na altura, estava desempregada, sem um tostão e prestes a divorciar-se, grávida e a sentir-se extremamente sozinha no mundo. Deu por si a vaguear pelas ruas de Nova Iorque num transe, a imaginar os fios narrativos possíveis, como cada um se desenrolaria a curto e longo prazo, as investigações, o julgamento, as reportagens televisivas, as testemunhas de defesa, as contra-acusações, as difamações. Era inevitável que aquele horror se arrastasse durante anos e, no fim, Charlie provavelmente seria absolvido.

Fazer queixa não daria em nada, seria apenas atirar umas pedrinhas no percurso impecável dele. Depois, Charlie poderia voltar à sua vida. Ariel, não. Ter-se-ia tornado aquilo e sê-lo-ia para sempre: a mulher que acusara um homem poderoso de agressão sexual.

A sua vida ainda não tinha uma história. Ela não queria que fosse essa.

– Em vez disso, fiz a única coisa de que me lembrei para ter justiça: disse-

lhe que estava grávida como consequência da agressão e que podia prová-lo, pelo que ele tinha de me pagar para me calar.

– Então, também lhe mentiste.

Ariel pensa em abafar ou esconder as lágrimas, mas também elas são uma coisa que o rapaz tem de ver. Isto fará parte do tecido dele. As mentiras, as lágrimas, toda esta confusão.

– Sim, também lhe menti.

A sua mentira multimilionária. A sua primeira mentira multimilionária.

CAPÍTULO 49

Dia 5. 9h19

Ariel leva George até à colónia de férias. Depois, dirige-se para o supermercado, atira as compras para o carro, sem pensar. Agradece profusamente à mãe, evita mais perguntas de Elaine e despede-se. Leva os cães à praia, não para de atirar a bola até que os dois desistam, exaustos. Então, enche a carrinha com a areia salgada e o cheiro reconfortante a cão molhado. Está a fazer o que pode para fingir que a vida voltará a ser normal. Mas sabe que não.

* * *

Griffiths devia esquecer o assunto, mas não se consegue obrigar a desistir, nem deixará Jefferson e Antonucci fazê-lo. Recuam os três nos rastros mais antigos de John Wright e Lucy Reitovski, de Ariel Pryce e Charlie Wolfe, remontando há catorze anos, há vinte, há vinte e cinco...

– Sim, lembro-me dela.

Griffiths nota a tensão no tom de voz daquela mulher.

– O que aconteceu a essa pobre rapariga foi horrível.

A agente endireita as costas. Cá estamos, finalmente.

– Pode dizer-me do que se lembra?

– Oh, nunca me esquecerei. Éramos três a fechar nessa noite. Eu estava no bar, por isso fiquei lá em cima a limpar o balcão, a trancar as garrafas, a contar o dinheiro, a levá-lo para o cofre. Havia um ajudante na cozinha, a lavar pratos. A responsabilidade da Lucy era a cave, onde havia um pequeno bar secundário, que também tinha de ser limpo, bem como, a mesa de bilhar e os dardos, que deviam ser arrumados. Cabia-lhe também a ela fechar a porta de incêndio, apagar as luzes.

Griffiths tem a caneta a postos por cima do bloco, mas ainda não escreveu

nada. Lembrar-se-á de tudo aquilo palavra por palavra.

– A Lucy abriu a porta da casa de banho e um homem puxou-a lá para dentro, fechou a porta e violou-a. Depois, pirou-se pela saída da cave. Quando voltei, reparei que a Lucy estava abalada, mas não dizia nada. Uma semana depois, ao que parece, foi à polícia.

– Porque é que ela esperou tanto tempo?

– Não sei. Era menor, estava a trabalhar ilegalmente, com documentos falsos. Talvez tivesse medo de perder o emprego. Ou talvez tivesse medo de tudo aquilo que as mulheres, as raparigas, têm medo quando fazem queixa de uma violação.

– A polícia investigou?

– Sim, interrogaram um fulano. Nunca soube o nome dele. Mas não havia provas periciais nem testemunhas. Ela disse que ele a violou, ele garantiu que foi consensual. O clássico. Por fim, ela retirou a queixa.

– Porquê?

– Porque é que acha? – Solta uma gargalhada triste. – Os pais dele pagaram-lhe. Dez mil dólares em troca da assinatura dela num acordo de confidencialidade.

– Os pais dele. Quer dizer que era estudante?

– Sim. O nosso bar era um poiso dos alunos de Direito.

Alunos de Direito. Bingo!

– Dez mil dólares. Dá para acreditar? Ela tinha dezasseis anos.

* * *

A primeira história a sair, como acontece quase sempre nos dias que correm, não cumpre os mais elevados padrões da integridade jornalística. Aquela peça preliminar, feita às três pancadas, ocupa a página inicial de um dos maiores agregadores, que calha ser a concorrência principal de um *site* de notícias pertencente à empresa de Charlie Wolfe – o que não será coincidência. O *site* não tem exatamente fama exemplar pela sua credibilidade, nem exhibe uma galeria de jornalistas respeitáveis. Dito isto, Ariel sente que a maior parte das reportagens deles dizem a verdade. Tiveram alguns furos, todos na mesma linha: celebridades a portarem-se mal, uma categoria de jornalismo pela qual os americanos mostram um apetite insaciável. Se alguém vagamente famoso faz qualquer coisa vagamente má, alguma vez na vida, os americanos lerão sobre o assunto.

Ariel lê rapidamente O SEGREDINHO (NÃO ASSIM TÃO) INSIGNIFICANTE DE CHARLIE WOLFE, uma obra-prima do sensacionalismo, com alegações infundadas de assédio, rumores de agressões, nenhum comentário do chefe da polícia local, nenhum comentário do Ministério Público, nenhuma prova, nenhuma citação de uma fonte real – o jornalista nem sequer ligou a Ariel a pedir uma reação –, mas imensas fotografias.

É assinado por duas pessoas. Uma jornalista *freelance* hiperativa que

tráfica boatos sobre celebridades em LA, obviamente, a pessoa que conseguiu assegurar a publicação da história. A outra, sem *site* e com pouca presença no mundo, chama-se Kirsten Tabor e é da equipa de redacção de um pequeno jornal local, sem histórias nacionais, nenhuma coluna sobre boatos de celebridades no currículo, nenhuma experiência a escrever sobre política, nenhuma experiência relevante, em geral. Mas foi ela quem se deparou com a história, para começar.

Nas redes sociais, Ariel segue apenas umas dezenas de pessoas, na maior parte, amigos de George; quer saber o que os miúdos andam a fazer *online*, ainda que perceba que só vê aquilo que os miúdos lhe permitem. Não tem acesso às suas contas falsas, aos pseudónimos, às aplicações de que nunca ouviu falar e onde eles partilham os *memes*, as piadas porcas, sabe Deus o quê.

Uma das poucas pessoas que não são pré-adolescentes e que Ariel segue é Persephone_The_Book_Goddess. A conta é também seguida religiosamente pela jornalista local Kirsten Tabor, que gosta de quase cem por cento das publicações de Persephone. Sobretudo as fotografias das duas mulheres juntas, e são muitas, de copos no ar, a exibirem tatuagens novas. Amigas inseparáveis. O tipo de amigas que contam tudo uma à outra e qualquer segredo, mesmo os que não lhes pertencem.

* * *

Wagstaff sabe que será fácil ler um artigo de tabloide assim e não ver senão uma difamação com segundas intenções políticas, o tipo de sensacionalismo inevitável na véspera da audiência de confirmação, partilhado, amplificado e entrelaçado na opinião pública nacional. A maior parte dos consumidores de boatos pueris está-se nas tintas para a ética jornalística. Daí serem boatos pueris. Porém, só porque a primeira cobertura de uma história é irresponsável, não significa que não haja um fundo de verdade. E uma pequena fatia de consumidores de boatos até se interessa pela ética e pelos factos: com jornalistas sérios, que trabalham para plataformas mais consagradas, investigando assuntos mais sérios, segundo padrões mais rigorosos. Pessoas como Pete Wagstaff.

Até os jornalistas sérios investigam, de quando em quando, boatos de celebridades. Não necessariamente os pontos fracos da vida privada de artistas e apresentadores demasiado bem pagos, mas certamente um crime cometido por um funcionário público e as medidas que este está disposto a tomar para o esconder: pagar milhões de dólares, em segredo, a raptos, tomar decisões políticas para esconder transgressões pessoais, desgastando a confiança nas instituições americanas e comprometendo a segurança nacional.

Wagstaff começou com muito avanço. Mas agora que a história está a vir à tona, não terá muito tempo antes que outros jornalistas o apanhem. Está na altura de uma última chamada.

Ariel fica surpreendida com a emotividade daquele momento, ao ler a prosa medíocre e a narração desmazelada no ecrã manchado do computador portátil, pelo cariz quotidiano daquele ato que está prestes a mudar tudo. Passado tanto tempo como o seu drama pessoal privado, a história ganhou agora vida própria, anda no mundo, fora do controlo dela. É só uma questão de tempo. Mas e depois?

O telefone toca, um número a começar com o indicativo de país 351.

– Estou?

– Olá. Fala o Pete Wagstaff. Estou a falar com a Ariel Pryce?

– Você tem muita lata, a ligar-me.

– Primeiro, lamento imenso aquilo por que passou. Mas também fico muito aliviado por saber que o seu marido foi libertado ileso.

Ariel não o vai deixar safar-se tão facilmente. Fica em silêncio.

– E não queria mesmo chateá-la, mas, sabe... é a minha profissão. Portanto, tenho de lhe perguntar: qual é a sua relação com o secretário do Tesouro?

Ela não responde.

– As provas sugerem que o Charlie Wolfe lhe forneceu o dinheiro do resgate.

– Provas? – Ariel não pode dar informações àquele jornalista, mas pode obter algumas. – Quais provas?

– É verdade?

– Respeito a sua profissão, Pete, mas o que me fez foi horrível. Sabe isso, não sabe?

– Pelo que percebi, depois de falar com várias testemunhas, alguma coisa aconteceu entre si e o Charlie Wolfe há catorze anos, que resultou numa gravidez. Aceitou um acordo fora dos tribunais; dinheiro pelo seu silêncio. Depois, o seu marido foi raptado em Lisboa e a senhora ameaçou revelar tudo de forma a coagir o Mr. Wolfe a pagar o resgate.

– Ariel não responde.

– Se é possível extorquir dinheiro a um secretário do Gabinete, neste momento de escrutínio intenso de cada aspeto da vida dele, que razão haverá para crer que esta vulnerabilidade não continuará a existir, ou até piorar, se ele se tornar vice-presidente?

Wagstaff espera novamente que Ariel intervenha, mas ela, claro, não o faz.

– Ou presidente.

Wagstaff tem de perceber que Ariel não participará na sua conjectura. Mas ela presume que ele precisa de lhe dar uma ocasião para comentar, negar, explicar, protestar. Mesmo que saiba que ela não o pode fazer e porquê. É óbvio que sabe.

– O povo americano pode confiar que uma pessoa assim agirá nos

melhores interesses da nação, e não segundo os seus interesses privados?

Não, pensa ela, não podemos, não.

– Percebe, certamente, Ms. Pryce, que este é um assunto da maior relevância a nível nacional. Tem até ramificações mundiais. As audiências de confirmação começam amanhã, o que torna isto tão urgente quanto importante. E a senhora é capaz de ser a única pessoa no mundo que pode esclarecer definitivamente a situação. Vai fazê-lo? Oficialmente?

Ariel sabe que esta chamada está a ser gravada. Por Wagstaff, claro, do seu lado, mas também pela CIA, pelo FBI, pelos dois.

– Algum comentário?

Estão a ser criadas provas naquele momento. A ré pode acabar a ser ela. Os crimes seriam quebra de contrato e calúnia, além de qualquer outra coisa que pudesse ser inventada. Acusá-la de traição não seria inconcebível.

– Ms. Pryce, é verdade que, há catorze anos, Charlie Wolfe a agrediu sexualmente?

Ena!, pensa ela. Bom trabalho, Pete. Não demorou muito tempo.

– Desculpe – diz ela e desliga.

Bem vistas as coisas, demorou uma eternidade.

CAPÍTULO 50

Dia 5. 13h11

O telefone fixo de Ariel toca, acontecimento raro. A única razão pela qual mantém aquela esta linha tem a ver com o facto de, sabe-se lá como, o serviço em geral ser mais caro sem ela, uma situação que revela nitidamente que alguém ganha à custa dela. As empresas de telecomunicações já nem tentam escondê-lo.

A chamada vem de um número desconhecido, com o indicativo 201: Washington, DC.

– Olá. Daqui fala Steph Barton, do gabinete do senador Alan Brown. Estou a falar com a Ariel Pryce?

– Sim.

– Ms. Pryce, por acaso, também é conhecida, ou foi, em tempos, pelo nome de Laurel Turner?

– Em que posso ajudá-lo?

– Bem, Ms. Pryce... Ou é Turner?

– Pryce.

– Ligo por causa do senhor secretário Wolfe, que, como saberá, foi nomeado para o cargo de vice-presidente, uma nomeação sujeita à confirmação do Congresso. E o meu patrão, o senador Brown, tem um cargo relevante no processo de confirmação.

– Ah-hã.

– Portanto, Ms. Pryce, ligo-lhe para lhe perguntar: conhece o Charlie Wolfe?

Ariel não responde.

– Há quanto tempo é que o conhece?

Ariel continua a não responder.

– Ms. Pryce? Qual é a sua relação com o senhor secretário Wolfe?

Relação. Que raio de palavra.

– Quando foi a última vez que o viu? Que falou com ele?

Ariel olha fixamente pela janela, ouvindo aquela mulher.

– Percebe que pode ser intimada? Obrigada a testemunhar perante o Congresso?

Sim, pensa Ariel, *percebo*. E desliga.

* * *

Ariel envia um *email* a John, só para experimentar. E – porque não? – também lhe liga para o telemóvel. O marido já não tem o aparelho que levou para a Europa. Mas Ariel comprou um telemóvel novo e usa o mesmo número, talvez ele também tenha feito o mesmo. E, caso não o tenha feito, John ainda deverá poder aceder às mensagens de voz.

– Olá – diz ela. – Sou eu. Começo a ficar muito preocupada. Podes ligarme?

* * *

– Isto pode ser abafado?

Jim Farragut faz uma pausa antes de responder; não quer parecer desdenhoso. Sabe que ele próprio se encontra numa posição precária. Não o preocupa a sua segurança física, mas a carreira pode, sem dúvida, acabar ali.

Desde que os rumores rebentaram pela Internet, Charlie Wolfe não tem ajudado a própria causa. “Sem comentários” é a sua única resposta quando é questionado em relação a uma possível amante. Farragut sabe que Wolfe não pode comentar porque, como Ariel Pryce, também ele está limitado por um acordo de confidencialidade. Porém, para quem não o saiba, ou seja, toda a gente, passa por mentiroso. E dos maus.

O próprio acordo de confidencialidade de Wolfe virou-se contra ele. Não só porque tem de se calar, mas porque um advogado do Congresso também identificou a Ltd. das Caimão que procedeu ao pagamento clandestino a Pryce, transformando a própria existência desses pagamentos secretos em provas contundentes. E tornou-se claro que Pryce não terá sido a única mulher a receber grandes somas através da mesma Ltd, o que torna muito difícil para Charlie Wolfe fingir que não há ali nada.

Fica mal ao nomeado, e isso nem é o pior. Há dez minutos, Farragut acabou de falar ao telefone com a chefe de estação em Lisboa, que ligou com notícias de uma prova irrefutável. Uma rapariga de dezasseis anos, por amor de Deus! Wolfe não sobreviverá àquilo, nem por sombras.

Foi na sequência disso que Farragut pediu aquela reunião.

– Lamento – diz Farragut ao patrão. – Temo que seja demasiado tarde para isso.

– Lamenta? Duvido.

Farragut não responde à provocação do diretor.

– Você nunca gostou do presidente. Isso é óbvio.

É? Farragut discorda. Trata-se só de mais paranoia, que infeta toda a gente que entra em contacto com ela. E, naturalmente, o diretor da CIA sofreria do acesso mais grave.

– Lamento, mas não creio que seja verdade. Estou a encarar isto de forma profissional e imparcial, e o que vejo é que a posição do secretário é indefensável. Ele não vai, pura e simplesmente, ser o próximo vice-presidente, e quanto mais cedo o presidente se afastar do Wolfe, melhor. Para o próprio presidente, para todo o governo, para a nação. Não há mesmo outra escolha.

– Tretas. Não há escolha. Há sempre escolha.

– Os factos passaram já para a atmosfera geral. A polícia portuguesa e os serviços secretos portugueses já os conhecem e não têm obrigação nenhuma de guardar segredo. Dada a forma como tratámos o mundo ultimamente, não esperaria um grande esforço da parte deles para nos fazerem um favor.

O diretor fulmina-o com o olhar.

– Esta mulher não pode ser detida?

Farragut lembra-se de que tem de manter a cabeça fria, mas aquele é o tipo de merdas que o preocupavam quando entrou no gabinete: que lhe pedissem que alinhasse em atividades irracionais, fúteis, dramáticas e ilegais.

– Está a dizer que quer prender a mulher que o Wolfe violou?

– Que alegadamente violou.

Farragut anui, tentando parecer razoável face à irrazoabilidade.

– Penso que mandar o FBI prender esta mulher seria uma catástrofe de relações públicas do mais alto nível.

– Pois, talvez. Mas não falei no FBI.

Farragut ergue o sobrolho, perguntando-se o que diabos sugere o diretor da Agência.

– Também não falei em prisão – continua o diretor. – Nem no público.

* * *

Ariel vai buscar George no último dia da colónia de férias. Alguns dos participantes vão-se embora, para outras atividades, na segunda metade das férias, pelo que hoje tiveram jogos com cores, troféus, despedidas chorosas. Olha para o grupo de George, para as miúdas de treze anos com borbulhas, aparelhos nos dentes e sutiãs de treino, com mais um palmo de altura do que os rapazes. E para as aprendizes de formadoras, de dezasseis anos, com os seus bronzeados estivais, sardas e rabos de cavalo descolorados pela água do mar. Parecem todas tão novas, tão ingénuas, tão inocentes, tão a salvo. Antes fosse.

* * *

A notícia da existência de Ariel espalha-se como uma epidemia – veloz, incontrolável, letal. Ela recebeu um número esmagador de mensagens de voz,

emails e mensagens de texto, de amigos, de colegas, de meia dúzia de jornalistas, de dois assessores do Congresso e de alguém que diz ser do FBI. Toda a gente tem alguma pergunta, por favor, ligue quanto antes, é importante, é urgente, é tudo.

Ariel percebe agora que isto é o que se passa nos bastidores, todo este segundo plano antes de as notícias chegarem a notícias, antes que o público em geral as conheça, mas no qual muita gente já está ao corrente.

Não vai devolver nenhuma dessas chamadas, as pessoas terão de se esforçar mais. Precisa desta segurança, deste escudo: poder dizer, sinceramente, limitei-me a atender o telefone.

Enquanto ainda está a ouvir as mensagens antigas, chegam outras novas. Tem os dois telefones sitiados. No fixo, encontra-se outro jornalista, de outro jornal, a investigar informações novas.

– Tenho falado com um empregado de bar chamado Dan Shannon, que a viu a si e ao Mr. Wolfe a conversar, há catorze anos, no local de trabalho dele, no Upper East Side de Nova Iorque.

É impressionante o que os jornalistas desenterram, e com que rapidez, quando se dedicam.

– Segundo o Mr. Shannon, a senhora e o Mr. Wolfe trocaram palavras tensas e com uma coreografia estranha, o que tornou a ocasião memorável. Qual era o assunto da conversa?

Ariel não responde.

– Depois, há uns dias – continua o jornalista –, o Mr. Wolfe parece ter intervindo no rapto do seu marido, ao que se diz, providenciando-lhe os cinco milhões de dólares do resgate.

Cinco milhões? De onde raio vinha aquele número? Ariel contraria o impulso de corrigir o jornalista, de lhe dizer que eram dois milhões e que foi em euros. Mas, de todos os factos desta história, a soma era o menos importante. De todas as responsabilidades de Ariel, corrigir os dados de um jornalista profissional não é uma delas.

Por vezes, é mais importante ficar em silêncio do que estar certo.

– Ms. Pryce, falei com variadas fontes que sugeriram que o Charlie Wolfe a agrediu há catorze anos. Que, após um acordo extrajudicial, a senhora não apresentou queixa. E que, passados todos estes anos, se aproveitou dessa ameaça para coagir o Mr. Wolfe a intervir no rapto do seu marido.

E pronto! Cá está. Quando lhes cheira a sangue, os tubarões trabalham depressa.

– Ms. Pryce? Confirma ou não esta sequência dos acontecimentos?

Ariel decidiu que não vai responder a nada; nem sequer tem a certeza se “sem comentários” é um comentário aceitável. Não há forma de saber, ao telefone, quem não tem escrúpulos, mente sobre a sua boa-fé, inventa citações, adultera conversas. Ariel está numa situação precária. Não pode arriscar. Nem precisa. Pelo sim, pelo não, grava todas as chamadas. Vai criando as suas próprias provas que a ilibem.

Os meios de comunicação social terão de fazer as suas reportagens sem Ariel como fonte; as autoridades terão de investigar sem o depoimento dela. Jornais, programas de televisão, o Congresso, o que for. Todos terão de passar por um advogado que ela ainda terá de contratar, e as intimações, depoimentos e testemunhos em tribunal terão de enfrentar a insistência inflexível de Ariel na sua incapacidade de comentar.

Volta a desligar.

* * *

A tarde já vai no fim quando aparece a primeira fotografia. Trata-se de outra história *online* cheia de especulações, mas nenhuma certeza nem confirmação. Depois, a mesma imagem está na CNN. Mais tarde, em todo o lado.

Ariel lembra-se daquela fotografia. Foi tirada no mesmo sábado à tarde, antes do pôr do sol. Apareceu nas páginas de sociedade no fim de semana seguinte. Seis pessoas numa festa, bronzeados de verão e roupas de verão, o oceano ao fundo. Ela é uma dessas pessoas. Charlie Wolfe também.

Sabia que a fotografia seria inevitável. Mas, mesmo quando nos preparamos, sentimos o murro. Ainda sabemos que esse golpe inicial não será o fim do sofrimento.

* * *

Ariel fica pouco surpresa ao descobrir uma carrinha das notícias estacionada à frente da sua casa. Pondera refugiar-se de novo no interior, mas, em vez disso, tranca a porta atrás de si.

– Ms. Pryce, há quanto tempo conhece o senhor secretário Wolfe?

Ela tenta caminhar calmamente até à carrinha, evitando o contacto visual com o jornalista, postado do lado oposto da cerca de madeira que separa o terreno de Ariel do resto do condado.

– Quando foi a última vez que falou com o Mr. Wolfe?

O jornalista segura um microfone. Atrás dele, um operador tenta apontar uma câmara enorme; atrás desse segundo, encontra-se a carrinha do canal de televisão, com uma grande antena espetada.

– É verdade que o seu marido foi raptado em Portugal?

Se Ariel disser alguma coisa agora, estará na televisão nacional daí a minutos. Tão simples quanto isso. Como desviar-se em contramão para evitar um carro que se aproxima de frente.

– Ms. Pryce? O senhor secretário Wolfe interveio no rapto do seu marido? Sobe à carrinha e bate com a porta.

– Ms. Pryce?

* * *

Nicole Griffiths não ficou surpreendida com a rapidez com que os jornalistas se atiraram à história, como deveriam. Mas pergunta-se se algum deles juntara as peças todas do *puzzle*. Talvez nunca ninguém o faça. Talvez fosse preciso estar dentro, desde o início, para poder dar um passo atrás e apreciar toda a imagem. Talvez, se Griffiths não tivesse estado na viagem sinuosa da investigação, também não tivesse podido perceber aonde chegara. Talvez tenha sido o facto de ter investigado por outro ângulo que lhe permitiu ver este.

Contempla as imagens do noticiário, onde se vê Ariel Pryce a correr para a carrinha, velha e ferrugenta, tal como ela dissera. Recusa-se a comentar e faz muito bem. Uma mulher a tentar viver uma vida privada tranquila, que não é uma ativista, nem uma provocadora das redes sociais, que não está a gritar o que quer eu seja contra ninguém. Não pede crédito. Nem o aceita.

Isso é que é genial.

* * *

Ariel entra na sua loja pela primeira vez em mais de uma semana, o período mais longo de ausência desde que a comprou.

– Ariel, meu Deus! – Persephone dá-lhe um grande e caloroso abraço. – Como estás?

– Estou bem, obrigada. Como andam as coisas por aqui?

Persephone franze o sobrolho.

– Tem sido... estranho? Há muitos jornalistas a telefonarem, a pedirem para falar especificamente contigo. Também vieram aqui alguns cidadãos normais. Mais ou menos normais. Alguns não parecem lá muito amigáveis.

– O que tens dito às pessoas?

– Nada, na verdade. Só que não estás na loja de momento.

Ariel não pode deixar de reparar que Persephone não largou o telemóvel; o aparelho continua na mão dela, sempre ali, com o polegar a passar por cima do ecrã, engatilhado, pronto a premir, rolar, deslizar, avançar.

A geração dela nunca teve hipótese. O currículo escolar deveria ter incluído treino específico sobre como pousar o telemóvel, exercícios sobre como se concentrar e falar com pessoas reais, cara a cara. Mas ninguém sabia que seria assim tão mau.

– Está bem, P. Isso é bom. Continua a responder assim.

– Também te devo avisar: recebi umas chamadas um pouco desagradáveis.

Ariel acena. Também ela as recebeu. Aquele lugarejo tem umas listras feias por baixo de uma linda pelagem estival. No mundo moderno, o ódio manifesta-se rapidamente e em todo o seu esplendor. As repercussões podem ser ainda mais violentas.

– Estou a fazer um registo com os números e o que dizem as pessoas que ligaram. Caso precisemos de envolver a polícia.

- Boa ideia. Ouve, P, preciso da minha papelada. E do resto.
- Oh! Claro! Voltei a pôr tudo no buraco da parede, coberto pelo cartaz.
- Boa ideia. Obrigada.
- Precisas de mais alguma coisa?
- Não. Estás a fazer um ótimo trabalho. – Persephone tem estado a gerir a loja há uma semana sem grandes problemas, num período agitado.
- Obrigada. Agora percebo porque é que aquela mulher te chamou Laurel Turner na semana passada.

Ariel esboça um pequeno sorriso, mas nada diz. Quer deixar claro que manterá o silêncio.

Depois de muita introspeção, Ariel tinha decidido que não iria confrontar Persephone em relação à partilha de informação sobre o acordo de confidencialidade com Kirsten Tabor. Se Ariel reconhecesse sequer o que se passara, teria de despedir a rapariga; o comportamento de Persephone era uma quebra de confiança indefensável. Talvez Ariel devesse até chamar a polícia, fazer queixa, a fim de mostrar a sua própria inocência naquela fuga.

Porém, seria demasiado e injusto. Seria como bater num cão por comer uma salsicha que se deixou na mesa da sala. Persephone é bisbilhoteira e indiscreta, de forma consistente, segura e inevitavelmente. Mas foi Ariel quem pousou a salsicha na mesa.

* * *

Os cães são os primeiros a reparar, com as orelhas espetadas, o focinho a estremecer, a cauda para baixo, um roncar surdo das profundezas da garganta de *Mallomar*. O seu comportamento é invulgar, mas não inédito. Por vezes, raposas passeiam pelo jardim, guaxinins e doninhas bambolear-se, veados saltam a cerca, toupeiras, ratazanas e coelhos – imensas causas naturais para os cães se alarmarem.

Mas Ariel sente-o nas entranhas. Não é nenhum desses casos. Apaga a luz da sala de jantar.

– George – pede –, apaga isso.

Ele está sentado no chão da sala a jogar computador, com uns auscultadores que o fazem parecer um piloto de helicóptero.

– Vá – diz ela –, já.

– O quê? Porquê?

– Não discutas! – Ariel desliga um dos candeeiros de mesa, depois o outro. A velha casa quase não tem luzes no teto, pelo que ela anda sempre a ligar e desligar candeeiros.

Quando a luz da televisão se apaga, não resta nada. Escuridão total.

– Lá para cima – sussurra ela –, vá!

Ambos os cães ladram agora muito alto.

– O que se passa? – George começou a chorar. Não sabe o que é, mas percebe que é mau, e Ariel marca um número no telemóvel enquanto correm

escadas acima, apesar da regra de todos os países sobre não se correr numa escada. No escuro!

– 911, qual é a emergência?

Os cães estão a dar em doidos. Mesmo os cães que não são de guarda, no fundo, são-no.

– A minha casa está a ser invadida! Vivo na...

E é então que se instala o caos.

CAPÍTULO 51

Dia 5. 21h09

George sobe as escadas a correr à frente dela e chega ao topo no instante em que as luzes intensas entram pelas janelas, os homens gritam, ouve-se o barulho dos passos pesados, os cães ladram ante a sucessão de pancadas secas de membros ou corpos inteiros a caírem no alpendre de madeira. Ariel continua a fugir escada acima, empurrando o filho pelo corredor, para o quarto, onde tranca a porta; atravessa o espaço até à janela, que está aberta para deixar entrar a brisa, e dá um soco na rede. Encolhe-se para a transpor, puxando George atrás de si e saltando para os ramos do cedro, que abanam sobre o telhado pouco inclinado da extensão da sala de jantar, extensão essa que se projeta da casa original rumo ao milho resplandecente sob o luar prateado e no limiar da qual ela se ajoelha, descendo, pendurada, numa queda de um metro, para a relva orvalhada, a poucos passos de uma barraca cheia de equipamento desportivo. Ariel tranca-se ali dentro com o filho.

– Ms. Pryce! Está tudo bem!

Não sabe quem é aquele homem que lhe grita do lado oposto da casa, alegando que já não correm perigo.

– Está a salvo! – Eis o que dizem os homens quando a verdade é o oposto.

Pega num taco de baseball. Atrás de si, George treme como varas verdes.

– Espera aqui – sussurra ela.

– Não te vás embora! Por favor.

– Tenho de ir ver. Não me afasto muito, prometo.

Ariel atravessa o pequeno relvado que separa a parte residencial da quinta das traseiras. Ajoelha-se atrás do buxo e espreita por entre as folhas. Vê um homem estendido de barriga para baixo no alpendre; um outro homem, vestido de preto, prende os pulsos do primeiro atrás das costas com um atilho de plástico. Um terceiro homem, também de preto, vigia a cena. É ele quem grita:

– São só os *paparazzi*!

Sim, Ariel repara agora na câmara com a teleobjetiva, no saco de lentes. Sim, consegue entender. Consegue acreditar.

Já foi muitos tipos de mulher na vida. Agora, ao que parece, tornou-se do tipo que é perseguida por *paparazzi*, que têm de ser travados por seguranças da CIA diante de casa.

Por essa é que não esperava. Mas não é, no fim de contas, uma surpresa assim tão grande. Nada daquilo é.

CAPÍTULO 52

Dia 6. 10h08

Na manhã seguinte, Ariel está sentada diante da televisão, à espera de que comecem as audiências, quando os pivôs são interrompidos por um jornalista plantado diante do Capitólio. Ariel aumenta o som.

– O presidente da comissão, o senador Alan Brown, acaba de divulgar o seguinte comunicado: “Devido a complicações imprevistas, as audiências de confirmação do vice-presidente dos Estados Unidos, agendadas para esta manhã, às dez horas, serão suspensas até ordem contrária, dependendo de investigações adicionais.”

– Sabemos quais são esses problemas imprevistos?

– Uma estranha série de acontecimentos recentes, que teve início esta semana, em Lisboa, quando uma mulher americana chamada Ariel Pryce viajava com o marido, John Wright, e este foi raptado. A Ms. Pryce contactou o senhor secretário Wolfe, que era, ao que parece, a única pessoa que conhecia com liquidez suficiente para pagar o resgate. A Ms. Pryce terá ameaçado revelar um segredo prejudicial, caso ele não ajudasse. Dada a natureza sensível e complicada desta situação, o rapto no estrangeiro de um cidadão americano e o envolvimento de um membro de alta patente da administração a quem foi extorquido dinheiro, o assunto foi investigado em tempo real pelas autoridades nacionais e estrangeiras, bem como pelos serviços secretos.

– Foi um jornalista que expôs a intriga?

– Está correto. O correspondente em Lisboa de um jornal, Pete Wagstaff, foi quem reuniu as peças num artigo publicado ontem à noite, apresentando a tese de que o segredo há muito escondido residirá numa agressão levada a cabo por Mr. Wolfe a Ms. Pryce há catorze anos. Estas revelações terão encorajado duas outras mulheres a apresentarem as suas próprias alegações de agressão sexual.

– E a Ms. Pryce? O que diz de tudo isto?

- Recusa-se a comentar.
- Sabemos o motivo deste silêncio?
- Deve-se, quase de certeza, a um acordo de confidencialidade que assinou como parte de uma resolução extrajudicial com o Mr. Wolfe, que incluía a retirada da queixa contra ele, a troco de dinheiro. A Ms. Pryce tem afirmado firmemente que não pode nem irá comentar nada disto.

* * *

Passadas poucas horas, a imprensa chega em massa, uma dúzia de carrinhas com antenas a apontarem para o céu azul, elevando-se sobre os campos planos, carros alugados, com o chão já coberto de invólucros de sanduíches e copos de café descartáveis e grupos de homens e mulheres desgrehados à espera, naquela normalmente tranquila estrada rural, que Ariel apareça para uma fotografia, à espera de um comentário dela.

Ela não vem.

Depois de um dia inteiro ali a rondar em vão, os jornalistas começam a arrumar os seus brinquedos e a passar para outra. Porém, mesmo sem quaisquer imagens convincentes, ao vivo, seja da vítima, seja do agressor – Charlie Wolfe também se tem esquivado –, a cobertura tem sido incessante na televisão, rádio e Internet.

Quando a notícia saiu, Ariel percebeu que teria de limitar o seu consumo. Não poderia ouvir a mesma coisa, vezes sem conta, durante um dia inteiro sem dar em louca. Mas agora liga o rádio, esperando ouvir algo novo:

- ...perfazendo um total de quatro mulheres que acusam o secretário de assédio sexual, desenhando um padrão de comportamento criminoso ao longo de décadas, que Charlie Wolfe e a família abafaram repetidamente com pagamentos e acordos de confidencialidade, de modo a forçar estas mulheres a vidas inteiras de silêncio. O apoio às acusadoras tem sido abundante nas redes sociais e nos editoriais da imprensa.

- Como reage o secretário?
- Um porta-voz publicou uma declaração a dizer que estas acusações são categoricamente demeritórias.
- Só para esclarecer, as acusações de quê, ao certo?
- De agressão sexual violenta. Várias mulheres acusam Charlie Wolfe de violação.

* * *

Mais um dia, mais uma humilhação:

- Sucumbindo à pressão crescente, Charlie Wolfe demitiu-se do cargo de secretário do Tesouro, após o anúncio de ontem de que o procurador de Nova Iorque abriu múltiplas investigações às acusações de que foi alvo no passado. Esta é uma reviravolta inacreditável para um homem que, apenas há uns dias,

era dado como o favorito para a vice-presidência. Há ainda um coro cada vez mais ruidoso a erguer-se para exigir o fim dos acordos de confidencialidade punitivos nos casos de agressão sexual, um recurso há muito utilizado por homens ricos para evitarem as consequências de comportamentos criminosos e para garantirem que quem os acusa se cala para sempre.

O preço das ações da empresa de capital aberto de Charlie Wolfe cai a pique e o seu património líquido perde 250 milhões. A mulher deixa-o e leva consigo os filhos. A vida dele desmorona-se a uma velocidade estonteante, como pode acontecer nos dias que correm – sem uma prisão, um indiciamento, um processo ou recursos, sem qualquer esperança de redenção. Só um julgamento instantâneo, imediato, e um cancelamento total.

* * *

Ariel estaciona a velha carrinha amassada no parque atrás das lojas e dobra a esquina a pé, para a rua principal, movimentada naquela noite de verão, com jovens casais a namorarem e famílias a comerem gelados. As raparigas de uma festa de despedida de solteira saem de um bar vestidas com *tops* de alças a condizerem e sorrisos radiantes. Ariel identifica-se logo com a que está sóbria, escoltando uma amiga pelo braço, olhando para os dois lados antes de atravessar a rua, virando-se para garantir que o grupo continua junto, a salvo. Pergunta-se se aquilo será só uma cautela normal ou uma vigilância mais específica.

Dois casais de meia-idade encontram-se de pé, diante de uma espelunca de hambúrgueres, a bloquear o passeio, com as suas havaianas, as tatuagens desbotadas e flácidas e bandeiras americanas nas *T-shirts* e nos bonés. Uma das mulheres olha duas vezes quando vê Ariel aproximar-se e diz algo aos companheiros.

– Desculpe – pede Ariel, apertando-se entre esse grupo e uma carrinha gigante. É como se aquelas coisas andassem por aí a engolir todos os outros veículos.

A mulher que olhou duas vezes murmura qualquer coisa a que Ariel não presta atenção e que não consegue bem ouvir, mas que lhe deixa a impressão distinta de que lhe é dirigida.

– Desculpe?

– Vai-te foder – diz a mulher –, sua puta mentirosa!

Ariel fica estupefacta, não só pelo sentimento – a vida agora é assim, não é? – mas pela acrimónia e por aquela pessoa se achar no direito de cuspir o fel a uma estranha. Uma mulher, ainda para mais! Afasta-se.

* * *

António Moniz suspira diante da mulher sentada à sua secretária. É obviamente uma agarrada, está pedrada naquele preciso momento e veio à

esquadra com uma história estapafúrdia sobre ter sido roubada. Diz que sabe exatamente quem cometeu o crime, onde encontrar o culpado, naquele preciso momento, e que sim, concorda que podia identificá-lo pelas fotografias, mas não era mais fácil ir lá prendê-lo e pronto? Naquele instante?

Moniz mal tem forças para tomar notas.

– E diz que não tem qualquer relação com esse homem? – pergunta Carolina Santos.

A agarrada abana a cabeça. Não confia em si o suficiente para ousar pronunciar essa mentira descarada em voz alta.

Não há nada de credível na sua história. É óbvio que veio ali para fazer prender um homem, pura e simplesmente. Vingança por uma coisa qualquer, talvez até uma vingança por um roubo, tal como alega. Mas não o roubo de que fala agora. E o culpado não é um estranho.

Moniz deixa a atenção perder-se pela sala, onde Tomás e Érico olham para a televisão, boquiabertos. É a história espetacular sobre como um rapto e um resgate levaram à queda de um muitíssimo poderoso homem americano. E tudo começou assim, com uma mulher a entrar por ali e a contar uma história que Moniz tivera relutância em acreditar.

– Como sabe da espingarda? – pergunta Santos.

– Ele trazia-a consigo.

– Nas ruas? À vista de todos?

– Debaixo do casaco. Levava a arma debaixo do casaco.

– Casaco? – É uma das noites mais quentes do ano.

Não, esta agarrada não está só a tentar que prendam um homem, está a tentar que o matem. Como não vê ela que as suas mentiras são transparentes? Quão estúpidos acha ela que...

Moniz dá por si de pé e a afastar-se...

– António?

...até ao outro lado da sala, em direção à televisão, às imagens da americana.

– António? O que foi?

Ariel Pryce estava preparada para que não acreditassem nela. Claro que sim. Sabia que a sua história pareceria suspeita, mas também sabia que a polícia teria de investigá-la, o mesmo se passando com a embaixada e o jornalista, e que todos teriam de respeitar os procedimentos, acabando por descobrir coisas que ela não queria que descobrissem...

Ou queria?

– António?

O inspetor olha para Santos, que o seguiu pela sala, deixando a agarrada a marinar nas próprias mentiras.

Deveria Moniz contar a Santos? Acreditaria ela? Será que alguém acreditaria? Ou fá-lo-ia passar por mais um mentiroso, a reconstruir uma história para se adequar à sua versão preferida dos factos?

É esse o problema dos dias de hoje. Já ninguém acredita em ninguém.

Ariel encontra Jerry no banco de bar onde esperava encontrá-lo, junto da grande janela aberta.

– Quem é toda esta gente? – pergunta ele, apontando para a sala de jantar atulhada do Sprit, para a rua movimentada lá fora. As pessoas estão aperaltadas com as suas roupas de verão: o homem magricelas com a uma *T-shirt* PROVINCETOWN muito justa e bigode de guiador, a dona de casa do Connecticut, com a gola de barco de riscas horizontais, a sair de uma carrinha *Mercedes*, toda a gente fiel à sua personagem. E ali está Jerry, a desempenhar o papel de advogado alcoólico de província. E Ariel a desempenhar o seu.

Todos parecemos exatamente quem somos, exceto se fingirmos. E é quando fingimos que podemos ser ainda mais convincentes. Se nos prepararmos de forma diligente, treinarmos com afinco e assumirmos completamente o papel.

Eis a habilidade mais útil que Ariel guardou da sua aprendizagem como atriz: como entrar e ficar na personagem, mesmo quando ninguém está a olhar. Mesmo quando se está sozinha num quarto de hotel, a remoer as preocupações ao longo do bufete do pequeno-almoço ou a vaguear pelas ruas bizantinas de uma cidade estrangeira. Todas as ações, todas as interações, todos os instantes acordados e, se possível, a dormir também. Não só para parecer autêntica, mas para ser capaz de contar a história mais tarde, sem precisar de inventar mentiras. Basta contar a verdade.

– Obrigada por vires ter comigo – diz Jerry. – Deve ser difícil, neste momento. Não é?

– Bem, os jornalistas andam a azucrinar-me, às dúzias. Os funcionários do Congresso também. Os *paparazzi* são imobilizados pela CIA contra o chão do meu alpendre. Oh, e há um minuto fui insultada, aqui na rua principal.

– Ai! Lamento – afirma ele. – Consequências indesejadas, hem?

Ariel sente um arrepio descer-lhe pela espinha. Jerry bebe mais um gole, não chegando a esvaziar o copo.

– Suze? – Ariel faz sinal para outra rodada, pouisa duas notas de vinte no balcão. Com Jerry, é sempre ela a pagar.

– Como vai o John?

– Vai bem, obrigada por perguntares.

Ariel não faz ideia de como está John. Enviou-lhe *emails* que nunca tiveram resposta, tentou deixar-lhe mensagens de voz que não chegaram ao destino. Convince-se de que ele a contactará quando puder, quando quiser. Se puder.

Se quiser.

– Obrigado. – Jerry acena diante do novo copo. – Que coisa, não é? Todo este circo devido à tua tua confidencialidade ter sido revelada.

O medo de Ariel aumenta.

– E nem sequer foi por ti. Para onde quer que me vire, é sempre a mesma

coisa: a Ms. Pryce não pode ser contactada para um comentário. A Ms. Pryce não estava disponível. A Ms. Pryce recusou-se a dizer a ponta de um corno.

Esta sensação no estômago faz Ariel pensar no aparecimento de um veado no meio da estrada, agoirando vários tipos de desastres, alguns caros, alguns letais.

– Estás a ser muito cuidadosa quanto a não dizer nada, de uma maneira ou de outra.

– É a minha obrigação legal.

– É. – Jerry bebe outro gole. – Tu não bebes lá muito, pois não?

Ariel não fica muito surpreendida com aquela mudança abrupta de assunto. Jerry adora um bom *non sequitur* aparente, que, afinal, se revele não o ser.

– Não.

– Reparei nisso ao longo dos anos. Às vezes, permites que te ponham um segundo copo à frente, mas bebes um gole e não lhe tocas mais. Alguma vez tiveste problemas com bebida?

Ela abana a cabeça.

– Se bebestes dois copos, é provável que te batesse. Talvez ficasses tocada. Bêbada, até?

Ariel não sabe exatamente aonde aquilo vai dar, mas Jerry tem sempre um rumo em mente. Seria um grande advogado, caso fosse um ser humano um pouco mais funcional.

A empregada traz o troco a Ariel, um pequeno leque de notas pequenas.

– Olhas para mim e deves pensar: aquele tipo anda a beber quatro, cinco, seis copos por noite. Às vezes, mais. Se consumisses essa quantidade de álcool, estarias de rastos. Então, pensas, o Jerry deve andar sempre entornado, claro que nem se lembra das conversas que teve quando já bebeu uns quantos.

Ariel sente vontade de fugir, mas sabe que não pode.

– Mas peso muito mais do que tu, portanto, a mesma quantidade de álcool afeta-nos de forma muito diferente. Além disso, com a bebida, como com tudo, trata-se de ir ganhando tolerância. Sentei-me aqui contigo, o quê? Duas dúzias de vezes? Mais?

Ariel encolhe os ombros e esboça um sorriso débil.

– Sei que tenho um problema e sei que não devo conduzir um veículo a motor muitas das noites. E não o faço. Sabes isso, não sabes?

– Sei.

– Mas lembro-me de todas as conversas que já tivemos, Ariel. Todinhas. Agora, Ariel destrinça o rumo, só falta um gole...

– Depois de o Cyrus morrer, discutimos a transferência da posse do bode. Como se chama ele?

Ariel sente a garganta apertar-se. Engole.

– *Fletcher*.

– Isso mesmo! *Fletcher*.

Ariel tem a certeza de que Jerry se lembra perfeitamente do nome do

bode.

– Lembro-me de reparar quando disse uma coisa que parecia ser uma revelação para ti. Uma iluminação.

Ariel não precisa de perguntar o que foi. Olha para a esquerda, depois para a direita, para garantir que ninguém os ouve. Mais uma conversa clandestina, com mais um homem, em mais um banco de bar. Mais uma interação decisiva.

– Ariel, conheces a expressão latina *cui bono*? Significa “quem beneficia”. É quase sempre um princípio orientador. – Jerry bebe outro gole e pousa o copo. – Mas, por vezes, é igualmente importante considerar *cui plagalis*. Sabes o que significa?

Ariel pode adivinhar, mas não tenta.

– Quem é penalizado – diz Jerry. – Quem sai prejudicado.

Fita-a por uns segundos.

– Não vou insultar a tua inteligência, nem a minha, já agora, com perguntas sobre os pormenores. A verdade é que, para bem dos dois, é melhor que eu não saiba. Muito melhor.

Ariel sente que desviar o olhar será uma admissão de algo que não quer admitir. Força-se, então, a suster o olhar de Jerry.

– Percebes que conseguiste enfurecer não só o teu... hum... alvo pretendido, mas também o homem mais poderoso do mundo?

Ariel não profere uma única palavra. Nos últimos dias, tem-se habituado muito a não responder. Ainda que Jerry tenha sido, no passado, o seu advogado, não tem a certeza se pode confiar nele completamente, caso fosse empurrado à parede. Se o seu ganha-pão fosse ameaçado ou até a sua vida. Mas tem quase a certeza de que ele será, de facto, empurrado contra a parede. Talvez já tenha sido. Daí aquela conversa, talvez. Talvez Jerry traga uma escuta.

O único nível de confiança aceitável aqui é de cem por cento, e Ariel aprendeu que cem por cento não é realista. Escolhe não dizer nada.

Jerry pega numa das notas de dólar de Ariel do balcão.

– Posso?

– Força.

– Esta não é a minha especialidade, Ariel. Mas estou a gozar com quem? Não tenho uma especialidade. Por isso, vais, sem dúvida, querer despedir-me em breve e contratar um advogado que saiba do que raio fala. Mas, entretanto, acabaste de me contratar para te representar neste assunto. – Jerry dobra a nota ao meio e guarda-a no bolso. – Eis o teu conselho no valor de um dólar.

Jerry vira-se para ela.

– Tem muito, muito cuidado, Ariel. Com tudo.

Aquilo não é novidade para ela. Não é um aviso de que precise. Ariel tem sido muito cautelosa; há décadas que tem cautela. Mas a cautela não tem sido suficiente. A cautela é defensiva.

– Hoje e amanhã – diz Jerry.

Por vezes, aprendeu ela, é preciso passar à ofensiva.

– Para sempre.

EPÍLOGO

TRÊS MESES DEPOIS

Ariel acorda, momentaneamente confusa sobre onde está...

Isso mesmo: num avião. Encontra-se entalada em mais um banco do meio no fundo de um avião, com os pés apertados contra a bagagem. Quando o bilhete lhe permitiu, por fim, embarcar, já não havia espaço nos compartimentos superiores. No rígido sistema de castas das companhias aéreas, Ariel é uma pessoa que viaja no desconforto.

– Só preciso mesmo de fugir – explicou aos amigos, aos empregados, à mãe. – Fugir da imprensa, de casa, de tudo.

George está a adaptar-se lindamente ao seu primeiro ano de internato, no mesmo colégio em que Ariel andara três décadas antes. Quando mencionara a ideia de ele ir para longe, para a escola, esperava que George recusasse sem hesitar. Mas o rapaz mostrara-se recetivo, o que fora, ao mesmo tempo, uma alegria e um desconsolo para ela, uma combinação que começara a crer ser a definição de maternidade.

A secretaria das admissões abrira uma exceção para a candidatura de George a meio do verão, dado tudo aquilo por que Ariel passara, o impacto negativo que estava a ter no rapaz, o excesso de atenção, o perigo físico.

Ariel passara o último ano a perguntar-se o que seria a sua vida quando George fosse embora. O comportamento cada vez mais distante do rapaz era uma lembrança constante de que este período da vida dela chegava ao fim, que, em breve, o filho estaria longe, na faculdade, que apenas viria a casa uns dias de cada vez. Não havia nada para ele naquele lugarejo. Tinha sido por isso mesmo que ela se mudara para lá. Mas ele, provavelmente, sentia que a pequena vila se estreitava à sua volta, a pequena turma na pequena escola, as pequenas equipas, o pequeno mundo.

Talvez aquele sítio tenha servido o seu propósito também para Ariel. Quando George se for embora, ela será uma mulher de cinquenta anos a viver sozinha numa pequena quinta, com alguns animais, um pequeno negócio em dificuldades e um pequeno grupo de amigos. Uma vida pequena.

Ariel espreita pela janela para ver o nascer do sol europeu no horizonte. Esperava confrontar-se com a nova realidade apenas uns anos mais tarde. Mas

eis esse futuro, aqui e agora.

* * *

O motorista segura na pequena tabuleta com o nome dela. A viagem leva uma hora. Ela faz o *check-in* no hotel à beira-mar, veste um fato de banho e vai dar umas braçadas tonificantes no Adriático, com as montanhas a erguerem-se ao fundo, a costa decorada com as fachadas de pedra e os telhados cor de tijolo de uma aldeia antiga, a ilha fortificada, as cadeiras da praia e os guarda-sóis.

Ela embrulha-se numa toalha felpuda, reclinase numa espreguiçadeira mole e olha em volta para toda aquela aparente perfeição. Dá muito trabalho manter todas aquelas cadeiras alinhadas, as fileiras de mesas tão direitas, a areia tão limpa, a equipa de limpezas tão afável, a bebida dela fresca, as toalhas limpas em pilhas altas. Ariel suspeita que há muita infelicidade do outro lado de toda aquela perfeição.

A estância está quase vazia, a estação já terminara há muito tempo. Isto faz com que seja fácil reconhecer todos os outros hóspedes, só um punhado deles, nenhum vagamente suspeito. Ainda assim, por excesso de zelo, Ariel pede uma mudança de quarto.

– Tem alguma coisa com uma varanda para o mar?

– Claro, minha senhora. Vamos transferir as suas malas imediatamente.

* * *

A pancada na porta sobressalta Ariel, ainda que não seja uma surpresa. É por essa pancada que aqui está.

Vê-se ao espelho. Alisa o vestido. Volta a olhar-se noutro espelho da casa de banho. Então, abre a porta, e lá está ele, com aquele sorriso deslumbrante, aquele brilho nos olhos. Mas ela também repara que ele tem muito menos vigor. Ela também tem menos vigor.

Afinal, conseguiram. Tudo correu exatamente como tinham planeado.

Tudo, exceto o rescaldo. Ela não esperara que a fama chegasse tão depressa e de forma tão esmagadora; não tinha esperado a crueldade das reações, a persistência do assédio; não tinha esperado enviar o filho para um colégio interno, para acelerar o início do fim dessa etapa da vida dela. Nenhuma destas consequências fazia parte do plano, não especificamente. Mas ela e John sabiam que haveria sempre danos colaterais.

Ele abre os braços, e Ariel deixa-se enlaçar, um abraço apertado, um estreitar amigável dos ombros. Mas não há um beijo apaixonado. Eles não têm mesmo esse tipo de relação.

Ou, pelo menos, não tinham, não até àquela noite em Lisboa. Mas não se viram desde então, nem falaram, e Ariel não sabe que tipo de relação têm agora. É possível que não tenham nenhuma. É possível que tenham tudo.

– Meu Deus – diz ela –, olha só para ti!

Ele ostenta um bronzeado marcado, barba curta, cabelo comprido. Como se pertencesse ali. Mas o que sabe ela sobre onde ele pertence? Mal conhece aquele homem.

* * *

A única verdade na história é que se haviam conhecido mesmo na livraria.

– São só cinco minutos – dissera ele ao balcão. – Deixe-me oferecer-lhe um café.

Já lhe tinha ligado duas vezes, aquele John Wright. Depois de Ariel lhe ter desligado o telefone à segunda tentativa, presumira que ele desistira. Mas, uma semana mais tarde, lá estava ele, em pessoa, a oferecer-lhe café numa pastelaria no fundo da rua. Parecia indelicado deixá-lo oferecer-lhe um café na loja dela.

– Obrigado pelo seu tempo – afirmara ele. – Vou direito ao assunto. Quando a minha irmã Lucy tinha dezasseis anos, foi violada pelo Charlie Wolfe.

Ariel engasgara-se.

– Ela tinha fugido de casa, estava a trabalhar num bar. Extremamente vulnerável. Quando os pais desse predador lhe ofereceram dinheiro para retirar a queixa e calar a boca, não teve escolha. Assinou o acordo de confidencialidade e levantou o cheque de dez mil dólares. Usou parte do dinheiro para pagar o aborto.

– Meu Deus!

– Nunca encontrou paz e, de longe, viu-o tornar-se cada vez mais rico, cada vez mais famoso, cada vez mais poderoso, até ser nomeado secretário do Tesouro e, de repente, toda a gente se pôr a falar sobre andarem a preparar o cabrão para ser o próximo presidente dos Estados Unidos.

Era verdade: um dia, Charlie Wolfe era um elemento menor nas páginas de negócios. No dia seguinte, estava em todas as capas e parecia invencível, inevitável.

– Este monstro – John mal se conseguia conter – tem de ser travado.

Ariel reconhecia a raiva. Sentira exatamente o mesmo. Pensava em Charlie nos mesmo termos: como um monstro.

– A Lucy não pode fazer nada. Vive em Marrocos, onde, desconfio, faz qualquer coisa duvidosa para sobreviver. Não sei o quê, ao certo, e, para ser franco, não quero saber. Ela é minha irmã e adoro-a, mas há coisas de que não falamos. E sei ver que a Lucy não é uma acusação suficientemente credível, nem uma testemunha convincente. Certamente, não na política, nem contra um fulano destes, com todo o tipo de recursos para atirar contra ela. Não está fora de questão que ele a pudesse mandar matar.

Não, pensara Ariel. Sem dúvida que não.

– Um traste como ele, alguém que exhibe um desprezo tão profundo por

uma rapariga nova, não pararia, como sabemos, a sua carreira na agressão sexual só com ela. E não enfrenta qualquer consequência! Por que razão pararia?

Ariel sentira-se a ferver, ainda que soubesse que estava a ser influenciada pela raiva daquele homem.

– Então, comecei a procurar, a perguntar por aí. Contratei um detetive privado e ele sugeriu uns quantos nomes. A seguir, contratei um segundo detetive para investigar de outro ângulo, como numa experiência científica, para ver se as conclusões seriam as mesmas. Queria ter a certeza absoluta antes de me intrometer na vida de alguém. Estes dois detetives apresentaram-me duas listas ligeiramente diferentes de possíveis vítimas. Mas um nome vinha nas duas. Na verdade, o mesmo nome encabeçava as duas.

Ariel sabia aonde aquilo ia dar.

Ao longo dos anos, a raiva de Ariel tinha ido e vindo, seguindo, depois, em *crescendo* a trajetória dos triunfos monumentais de Charlie Wolfe em todas as esferas. Voltava a enfurecer-se todos os dias. Como podia um homem tão vil, entre todos os homens vis do mundo, receber recompensas tão abundantes?

– Ele violou-a. E você também assinou um acordo de confidencialidade, sob coação.

Ariel não dissera nada, claro. Não podia.

– Estou errado?

Ela continuara a não responder.

– Dez mil dólares. – Ele abanara a cabeça. – Era o que valia a vida da minha irmã, para ele.

Ariel sentira-se envergonhada: extraíra três milhões de dólares, dinheiro que usara para comprar a quinta, a livraria, o melhor seguro de saúde para si e para o seu filho frágil, para abrir uma conta-poupança para os estudos dele, para criar um fundo para George, para financiar a sua própria reforma. Mas a irmã de dezasseis anos daquele tipo?

– Não podemos deixar este predador permanecer impune, pois não?

John parecia tão magoado, tão sério, tão desesperado. Ariel reconhecia esse desespero, sentira-o durante quase quinze anos: uma vontade de fazer o que quer que fosse, mesmo se parecesse que nada valeria a pena.

Ariel quase tivera de se perguntar se o desespero de John seria encenado, se a estariam a tramar, a armadilhar, para que a ameaça da sua existência pudesse ser removida de uma vez por todas. Teve de se questionar se poderia ser presa apenas por admitir a verdade àquele estranho.

– É injusto que o fardo pese todo sobre os ombros das vítimas. Não devia caber só às acusadoras arriscar tudo. Não devia ser quem já sofre a ter de sofrer mais. As outras pessoas têm de tomar medidas reais. Não é só mostrar solidariedade, publicar no Instagram, pôr uma faixa ou doar cinquenta dólares. – John olhara Ariel firmemente nos olhos e inclinara-se para a frente. – Estou disposto a fazer *qualquer coisa*. E sei fazer muita coisa.

O que sugeria aquele tipo? Homicídio?

– Lamento – dissera Ariel e lamentava mesmo. – Gostaria de poder ajudar. – Gostaria mesmo.

Mas, em vez disso, deixara John Wright ali sentado com um café por tocar, que ele tinha percorrido 160 quilómetros para não beber. Ariel precipitara-se para a rua, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara, e voltara ao sossego da sua pequena loja, da sua pequena vida, esperando sinceramente nunca mais ver John Wright.

* * *

– Tens andado bem? – pergunta ele.

Estão sentados na varanda sobre o Adriático, onde ninguém os pode observar ou ouvir a sua conversa com microfones direcionais.

– As coisas têm sido difíceis – replica ela. Ariel trocou de quartos para garantir que o novo não teria escutas. Decidiram encontrar-se numa estância, fora da época alta, para garantir uma população possível de gerir, fácil de contravigiar. Estão no Montenegro porque não há um tratado de extradição com os Estados Unidos e porque é aí que John vive agora, o que não é uma coincidência.

– Viste parte disso nas notícias, certamente – continua ela. – De certa forma, a difamação em direto tem sido o mal menor. Posso desligar a televisão, ignorar as redes sociais. Sabes que já o fiz. Mas as coisas ao vivo têm sido complicadas. Pessoas agressivas a virem à loja, lá a casa, a incomodarem o George na escola, a insultarem-me no supermercado. Há muitos malucos na América, e não são precisos muitos para te dar cabo da vida.

– Lamento imenso.

– Como está a Lucy? – pergunta Ariel.

– Isto trouxe-lhe consolação, sem dúvida. E o dinheiro faz uma diferença enorme na vida dela. E agora há uma hipótese real de o Wolfe ser preso.

Ariel bufa, duvidosa. Os prazos de prescrição são chocantemente curtos para agressão sexual. Ou talvez não seja assim tão chocante. No caso dela, bastavam cinco anos para já não ser possível levar a tribunal. Independentemente do que se soubesse depois, independentemente de quantas mais agressões ele levasse a cabo, independentemente de quantas leis mudassem entretanto. Ele nunca poderia ser julgado por violar Ariel.

Do ponto de vista dela, a prisão nunca fora uma opção realista. Mas John tinha sido, de forma consistente, o irrealista entre eles. O tempo todo, coubera a Ariel gerir as expectativas, concentrar-se em alcançar objetivos finitos e realistas. Garantir, primeiro que tudo, que não seriam apanhados.

Ariel era quem se concentrara no panorama geral. Fora ela que tivera a ideia de todo este plano complexo.

Deixara Jerry no bar com o seu quarto ou quinto uísque e entrara na carrinha, roncando pela estrada esburacada rumo à sua quinta na escuridão, o novo lar de *Fletcher*, o bode órfão, e de dois cães resgatados, sem esquecer um número indeterminado de gatos de rua e o seu filho carrancudo, trancado no quarto a fazer sabe lá Deus o quê.

Os comentários de Jerry acerca do acordo de confidencialidade ressoavam na sua mente: se alguém descobrir os factos completamente por si? O acordo não pode fazer nada quanto a isso.

Quando entrara pela porta da cozinha, já estava convencida de que seria possível. Folheara o seu caderno, cada página recuando mais no tempo, semanas e meses, até que encontrara o nome e o número de telefone do homem com quem não bebera café.

Como é que se planeia as conversas mais importantes de uma vida? Faz-se um esboço, constrói-se um cenário, estabelecem-se expectativas? Ou deixa-se que aconteçam – puxa-se um fio, aproveita-se o balanço e a coisa acontecerá por si?

Na escola, ensinam-nos trigonometria, a reprodução da mosca-da-fruta, a tabela periódica, Shakespeare, tudo porcarias sem utilidade. Cálculo, por amor de Deus! Mas ninguém nos ensina como fazer aquilo que importa realmente.

– Olá, John, é a Ariel Pryce. Lembra-se de mim?

– Claro.

– Tive uma ideia.

* * *

Haviam-se casado, coisa que fora bastante simples; também seria muito simples serem apanhados por não o fazerem. Tinham inventado a história juntos – a conversa que supostamente haviam tido no supermercado, o namoro estranho e inexperiente, a primeira dança, o primeiro beijo, o primeiro contacto sexual, um romance arrebatador e as prendas, o noivado e a lua de mel, pormenores mais significativos e ínfimos, cruciais e irrelevantes. São estes últimos que tornam tudo real. Tinham ensaiado a história uma e outra vez, até lhes sair naturalmente, tal qual a vida real. Ainda mais real do que isso.

John já sabia andar de mota, mas havia anos que não montava uma. Portanto, haviam comprado uma usada a um mecânico local e praticado dias a fio, com todo o tipo de condições atmosféricas, em ruas tranquilas perto de casa de Ariel. Ele levava o veículo para a cidade e conduzia por ruas congestionadas, para cima e para baixo nas colinas íngremes do Bronx, pelas faixas estreitas, curvas apertadas e multidões compactas de Wall Street.

Entretanto, Lucy fizera trabalho de campo. A sua vida como pequena criminosa em Marraquexe conferia-lhe uma experiência relevante. Passara

semanas a fio a estudar localizações perto de Lisboa, assinalando as câmaras de vigilância, a quantidade de multidões nas atrações turísticas, a localização de funiculares, táxis e elétricos, as portas traseiras de restaurantes e bares, as ruas de sentido único e os becos sem saída, os locais sem vigilância na garagem do aeroporto de Sevilha. Comprara o carro, roubara velhas matrículas, encontrara uma casa abandonada e segura junto ao Tejo, onde ela e John se poderiam esconder por uns dias durante o suposto rapto. Comprara todos aqueles adornos dos *hippies*, um artigo de cada vez, incluindo a peruca com as rastas loiras.

Chegada a hora, fora Lucy quem aparecera às quatro da manhã na praça para desativar várias câmaras de segurança; conduziu o carro do rapto; tirara a fotografia de Ariel na embaixada; engendrara o seu surgimento nas redes sociais. Lucy coreografara cada pormenor: o rapto matutino, o percurso de Ariel da polícia até à embaixada e desta última de volta à esquadra, a entrega que John fizera de mota do telemóvel pré-pago, a rota de evasão de Ariel e a entrega do dinheiro do resgate num beco por detrás de um bar. Lucy era a mulher naquele beco, a recolher o dinheiro, saindo do bar com a mochila repleta de euros, fundindo-se na multidão enquanto os polícias a procuravam freneticamente.

A única vez que as duas mulheres se tinham encontrado tinha sido naquele beco, além do casamento e do chamado fim de semana de lua de mel, eventos que tinham sido passados, em grande parte, a planear tudo.

Ariel e John, é claro, trocaram um único beijo, à frente do juiz. Tinham de o fazer, estavam a casar-se. Mas fora apenas um beijinho, bocas fechadas, lábios franzidos. Olhos bem abertos.

* * *

O pior desafio era George. O rapaz nunca conhecera o pai; vivera apenas com a mãe; nem sequer chegara a conviver com algum dos anteriores namorados dela, relações sempre tidas a alguma distância, com expectativas limitadas, aspirações previsíveis.

– Nos próximos tempos, vais ver mais o John. Ele vai cá passar umas temporadas.

George tentara, momentaneamente, fingir que não se importava, mas não conseguira.

– O John é teu namorado?

Ariel não sabia o que George compreendia sobre namorados, namoradas, sexo ou casamento. A sua mente tornara-se-lhe inescrutável precisamente no momento em que as ideias começavam a ganhar forma. Aquilo talvez não fosse fortuito.

– Não, querido. Não temos qualquer tipo de relação.

John visitara-os algumas vezes para almoçar, jantar, passar uma tarde sentado à mesa de teca, à sombra de um velho carvalho para discutirem o

plano. Nunca passara a noite. Nem sequer conhecia o piso superior da casa.

– Eu não amo o John, e ele não me ama a mim, mas vamos casar, temporariamente, apenas por questões legais.

Ariel precisava de contar a verdade a George, mas não tinha de a revelar na íntegra. Apenas o suficiente para que não se sentisse traído, para que aceitasse aquilo que ela precisava que ele aceitasse.

– Vai dormir cá em casa umas quantas noites por semana, no quarto de hóspedes, mas é importante que as pessoas pensem que o nosso casamento é real. Compreendes?

George continuara a olhar para lá do para-brisas do carro.

– Sim. Queres que eu minta.

– Um pouco. E só se te perguntarem, coisa que, provavelmente, ninguém fará. Está bem?

Ele encolhera os ombros.

– Mas ele não se vai tornar meu padrasto?

– Não. Como te disse, é temporário.

– Por motivos legais.

– Exato.

Se a isso se visse obrigada, Ariel estava disposta a contar tudo ao filho. Porém, aquela era uma das raras ocasiões em que a taciturnidade adolescente e a distância gelada que impunha dos pais constituíam um trunfo.

– Como queiras – replicara ele, voltando a atenção de novo para o telemóvel.

* * *

Ariel e John haviam contado tudo um ao outro acerca de si: gostos cinéfilos, literários, em matéria de vinho, a série de televisão favorita, os restaurantes e posições sexuais prediletas. Era impossível prever a que tipo de interrogatório poderiam vir a ser sujeitados, de que força da autoridade, em que circunstância, correndo que perigos. É verdade que se revelava altamente improvável que alguém os questionasse em separado acerca da sua vida sexual. Porém, se tal interrogatório improvável acontecesse, teriam muito em jogo. Aquilo era um pouco como treinar para ejetar um banco de piloto de um caça. Se se entra no *cockpit*, há que saber fazê-lo.

Por fim, chegara a véspera do rapto. O jato supersónico estava prestes a levantar voo.

– Como é que estás? – pergantara ele. Aquele era um traço que aprendera a adorar no John real: queria sempre saber como ela se sentia. Perguntava-o sempre; ouvia sempre a resposta.

Dirigiam-se para o hotel, saídos de um restaurante onde haviam sido vistos por inúmeras testemunhas a desfrutar de um jantar romântico, de mãos dadas, a partilhar a sobremesa, com todo o ar de quem em breve se vai enfiar na cama. Se fingirmos com toda a energia e foco, é possível esquecermo-nos

de que estamos a fingir. O casal protagonista acaba amiúde na cama. Por vezes, até se casa, tem filhos, o pacote completo.

– Sinto-me entusiasmada – replicara ela. O que sentia era uma bola imensa de nervos, pulsando de energia, hormonas, antecipação. Sentia-se excitada.

– Eu também.

Ela não planeara beber; queria manter-se alerta. No entanto, quando se haviam sentado no restaurante, tinham concordado que precisavam de um copo ou explodiriam. Portanto, tinham partilhado uma garrafa de vinho e Ariel sentira-se solta. Não o suficiente para ser perigoso, mas para ter uma sensação de descompressão.

Haviam caminhado com uma bela vista para os velhos edifícios, o rio, a Lua. A dado momento, pararam para absorver aquilo.

– Olha-me para isto – dissera ele. – Espetacular.

– Pois é.

Depois, Ariel sentira os olhos dele a pousarem nela e olhara-o.

– Tu também – continuara ele.

Por breves instantes, antes que algo acontecesse, a sua mente foi atravessada por uma série de perguntas: estará ele a ser honesto? Será isto real? Quero isto? Que é isto?

Talvez não fosse real. Talvez fosse só o vinho, a situação, o entusiasmo inegável da véspera do assalto que poderia mudar o curso dos acontecimentos, tudo nas suas mãos. Por isso, talvez nem tivesse que ver com Ariel e John enquanto pessoas reais a viverem uma vida real. Talvez aquilo fizesse parte do teatro que haviam montado.

A última pergunta que lhe passou pela mente: e isso importa?

* * *

Ele já sabia que ela não gostava de ar condicionado nem de *chardonnay*, nem de nada no reino do sadomasoquismo, porque Ariel lho contara. Também estava a par do que lhe agradava, que sequência, que posições; partilhara com ele essas informações. A única coisa em que discordavam era no ar condicionado.

Ariel nunca acreditara na ideia do superlativo do melhor-sexo-da-sua-vida. Nunca tivera essa experiência. Tivera sexo memorável, encontros que não o haviam sido e alguns até mesmo terríveis. Mas o sexo nunca fora transcendente. Até àquele sábado à noite em Lisboa.

* * *

John pega num pequeno envelope e mostra-lhe o que contém: duas chaves de bronze e um cartão de visita de uma sucursal bancária na Rue du Rhône, em Genebra, com um número carimbado na parte de trás.

– Não – replica Ariel. – Já te disse que não quero esse dinheiro.

Para ela, nada daquilo tivera que ver com dinheiro. Aquela fora uma batalha na guerra; sobreviver era a prioridade de Ariel, seguida da vitória. Porém, beneficiar daquilo financeiramente parecia-lhe mesquinho, como enriquecer com a guerra. Logo, haviam concordado inicialmente que todo o dinheiro seria de Lucy.

Ariel estava prestes a receber uma boa maquia com a venda da livraria à mulher de Brooklyn, que estava desejosa de se instalar no campo e recomeçar a vida na companhia do marido, um artista conceptual, e o filho de sete anos, cujo cabelo parece nunca ter sido cortado. Provavelmente, ficará encantada por comprar o bode também.

– É só uma lembrança. Em caso de emergência.

– Emergência? Se alguma vez me vir numa enquanto passeio pela Suíça?

John sorri.

– Nunca se sabe.

O sol mergulhou no horizonte algures sobre Itália. Mais uma vista espetacular diante deles.

– Ouve – diz ela, reunindo forças. – Acerca daquela noite em Lisboa.

Eis algo que aprendeu: a importância de se ser transparente e inequívoco. Não só em relação ao que pretende, mas também ao que faz. Isso é verdadeiramente importante.

– Sim? – John olha-a com aquele brilho nos olhos, aquele sorriso nos lábios. Sabe que ela fez uma escolha e consegue perceber qual foi quando observa o seu sorriso.

A raiva e a rejeição só a haviam levado até um certo ponto, o mesmo se aplicando a dizer não a isto e àquilo, a meter todos os homens no mesmo saco, juntamente com o cabelo que cortara e as calças de ganga justas; a raiva e a rejeição haviam-na conduzido até àquela epifania, uma visão de um caminho distinto não só na sua vida, mas na de homens poderosos, que poderiam finalmente ser responsabilizados. Isso não se consegue a agitar no ar provas de sofrimento, contando a nossa história só a quem a quer ouvir – uma história que pode ser sempre descartada, disputada, posta em causa por uma razão ou outra, alvo de contra-acusações, de agendas políticas ou de ânimos pessoais. Ariel vira um caminho limpo para usar a riqueza daquele homem muito poderoso contra si próprio, fizera uso de ferramentas que eram dele para revelar as profundezas da sua depravação, usara o facto de ter sido sempre desacreditada como arma, levando outras pessoas a investigarem a sua história de um prisma exterior, tornando-a credível precisamente por não ser ela a gritá-la ao mundo, porque um facto é um facto e não há alternativa.

AGRADECIMENTOS

Enquanto escrevo isto no final de 2021, encontro-me no meu trigésimo segundo ano de trabalho em edição. Já fui um estagiário no departamento de *marketing* e fui assistente editorial, trabalhei como *copy*, editor, *ghostwriter* e, mais recentemente, como escritor. Durante vinte e sete desses trinta e dois anos, trabalhei com funções profundamente distintas para a mesma empresa. A edição é como uma aldeia, e o espaço que hoje se chama Penguin Random House foi onde cresci, repleto de gente que conheço há décadas, em Triple Sixes e na 201 East 50th Street, na 1540 e 1745, em salas de conferência, refeitórios e lançamentos, a trabalhar em provas e em intermináveis revisões de incontáveis de planos de negócios.

Mais cedo ou mais tarde, quase toda a gente abandona a casa onde cresceu e, para este livro, finalmente levantei arraiais da Penguin Random House e mudei-me para a FSG, onde estou grato por encontrar rostos conhecidos e entusiasmado por conhecer novos. É essa a contrapartida de mudarmos: sacrificarmos a segurança de casa pela adrenalina da aventura.

Daphne Durham foi a editora que me convidou a vir viver para este novo lar, e não poderia ter pedido melhor apresentação à família na Farrar, Straus e Giroux. Editar um livro, como ser pai, é uma empreitada complexa que inclui inúmeras atividades aparentemente desconexas, e Daphne é muitíssimo competente em todas elas. Obrigado a Gretchen Achilles pelo belíssimo *design* gráfico, a Alex Merto, pela magnífica capa, a Musa Gurnis, pela última leitura crítica, a Chandra Wohleber, pelo trabalho de edição de texto, a Janet Renard e a Elizabeth Schraft pela revisão de provas, a Lydia Zoells por tudo todos os dias e a January LaVoy por ter aceitado o desafio de narrar o audiolivro.

Também na FSG e Macmillan, obrigado a Mitzi Angel, a Madeline Day, a Daniel Del Valle, a Nina Frieman, a Jonathan Galassi, a Brian Gittis, a Jennifer Gonzalez, a Debra Helfand, a Sean McDonald, a Caitlin O'Beirne, a Guy Oldfield, a Shelia O'Shea, a Brianna Panzica, a Hillary Tisman, a Claire Tobin, a Don Weisberg e a Amber Williams.

Quando era miúdo na Doubleday, no início dos anos 90, o diretor literário

parecia um pai (uma espécie), e ainda é assim que penso em David Gernert ao longo da década em que tem sido meu agente. David trabalhou pacientemente no decurso de todas as revisões deste manuscrito, ajudou-me em inúmeras sessões de reflexão e procurou uma nova casa para o livro, tendo-me dado a mão ao longo da mudança.

Muito obrigado às outras pessoas que leram as primeiras versões deste livro: Lily Burnes-Heath, Hannah Griffiths, Katie Lundstrom, Paula McLain, Sarah McNally, Jennifer Wallace e Anna Worrall, que foram extremamente generosas na reação sábia e impagável que se reflete em cada página. Este livro não existiria sem tudo o que me ensinaram.

E, por fim, obrigado, como sempre, à minha mulher, Madeline McIntosh, que tem estado comigo nesta mesma vila há um quarto de século.

Estou muitíssimo grato a todos vós.